

# Mulheres camponesas

semeando agroecologia  
colhendo saúde e autonomia



**Organizadoras: Vanderléia Laodete Pulga, Michela Calaça, Catiane Cinelli, Iridiani Graciele Seibert e Justina Inês Cima**

**MULHERES CAMPONESAS**  
semeando agroecologia,  
colhendo saúde e autonomia





**EDITORA REDE UNIDA**  
**Coordenador Nacional da Rede UNIDA**

Júlio César Schweickardt  
**Coordenação Editorial**

Editor-Chefe: Alcindo Antônio Ferla  
Editores Associados: Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano  
Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes  
**Conselho Editorial**  
**Adriane Pires Batiston** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil  
**Alcindo Antônio Ferla** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Àngel Martínez-Hernández** – Universitat Rovira i Virgili, Espanha  
**Angelo Stefanini** – Università di Bologna, Itália  
**Ardigó Martino** – Università di Bologna, Itália  
**Berta Paz Lorido** – Universitat de les Illes Balears, Espanha  
**Celia Beatriz Iriart** – University of New Mexico, Estados Unidos da América  
**Denise Bueno** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Emerson Elias Merhy** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Francisca Valda Silva de Oliveira** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
**Izabella Barison Matos** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil  
**Hêider Aurélio Pinto** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil  
**João Henrique Lara do Amaral** – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
**Júlio César Schweickardt** – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil  
**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** – Universidade de São Paulo, Brasil  
**Laura Serrant-Green** – University of Wolverhampton, Inglaterra  
**Leonardo Federico** – Universidad Nacional de Lanús, Argentina  
**Lisiane Böer Possa** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Liliana Santos** – Universidade Federal da Bahia, Brasil  
**Luciano Bezerra Gomes** – Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
**Mara Lisiane dos Santos** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil  
**Márcia Regina Cardoso Torres** – Secretária Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil  
**Marco Akerman** – Universidade de São Paulo, Brasil  
**Maria Luíza Jaeger** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil  
**Maria Rocineide Ferreira da Silva** – Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** – Universidade Federal do Pará, Brasil  
**Renan Albuquerque Rodrigues** – Universidade Federal do Amazonas/Parintins, Brasil  
**Ricardo Burg Ceccim** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Rodrigo Tobias de Sousa Lima** – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil  
**Rossana Staevie Baduy** – Universidade Estadual de Londrina, Brasil  
**Simone Edi Chaves** – Ideia e Método, Brasil  
**Sueli Terezinha Goi Barrios** – Ministério da Saúde, Brasil  
**Túlio Batista Franco** – Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**Vanderléia Laodete Pulga** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil  
**Vera Lucia Kodjaoglanian** – Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil  
**Vera Maria Rocha** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL — UFERSA**

**Reitor**  
Jaime Giolo  
**Vice-Reitor**  
Antônio Inácio Andrioli  
**Chefe do Gabinete do Reitor**  
Stefani Daiana Kruetz  
**Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura**  
Péricles Luiz Brustolin  
**Pró-Reitor de Assuntos Estudantis**  
Darlan Christiano Kroth  
**Pró-Reitor de Gestão de Pessoas**  
Marcelo Recktenwald  
**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**  
Emerson Neves da Silva  
**Pró-Reitor de Graduação**  
João Alfredo Braidá  
**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**  
Joviles Vítório Trevisol  
**Pró-Reitor de Planejamento**  
Charles Albino Schutz  
**Secretária Especial de Laboratórios**  
Cladis Juliana Lutinski  
**Secretário Especial de Obras**  
Rodrigo Emmer  
**Secretário Especial de Tecnologia e Informação**  
Claunir Pavan  
**Procurador-Chefe em exercício**  
Douglas Alexandre Goergen  
**Diretor do Campus Cerro Largo**  
Ivann Carlos Lago  
**Diretora do Campus Chapecó**  
Lísia Regina Ferreira Michels  
**Diretor do Campus Erechim**  
Anderson André Genro Alves Ribeiro  
**Diretora do Campus Laranjeiras do Sul**  
Janete Stoffel  
**Diretor do Campus Realeza**  
Antônio Marcos Myskiw  
**Diretor do Campus Passo Fundo**  
Vanderleí de Oliveira Farias  
**Coordenador Acadêmico Campus Passo Fundo**  
Rafael Kremer  
**Coordenador do Curso de Medicina**  
Júlio Cesar Stobbe  
**Coordenador Adjunto do Curso de Medicina**  
Leandro Tuzzin  
**Coordenador Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação**  
Gustavo Acrani  
**Coordenação Adjunto de Extensão e Cultura**  
Adelmir Fiabani  
**Coordenadora do Projeto Autonomia e Saúde das Mulheres a partir da Prática Agroecológica**  
Vanderléia Laodete Pulga



*Catiane Cinelli*  
*Iridiani Graciele Seibert*  
*Justina Inês Cima*  
*Michela Calaça*  
*Vanderléia Laodete Pulga*  
(Organizadoras)

**MULHERES CAMPONESAS**  
semeando agroecologia,  
colhendo saúde e autonomia

editora



redeunida

Porto Alegre  
2018



**Comissão Executiva Editorial**

Gabriel Calazans Baptista  
Leticia Stanczyk

**Projeto Gráfico, Capa e Miolo**  
Editora Rede UNIDA

**Diagramação**

Passografic Indústria Gráfica e Editora

**Arte da Capa**

Eliane Barros

**Revisão**

Itamara Patrícia de Souza Almeida

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP**

M956 Mulheres camponesas : semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia  
/ organizadoras Vanderléia Laodete Pulga ... [et al.] –  
Porto Alegre : Rede UNIDA, 2018.  
269 p. : il.

ISBN: 978-85-54329-05-1

DOI: 10.18310/9788554329051

1. Mulheres camponesas. 2. Promoção da saúde. 3. Saúde da mulher. 4. Saúde da população rural. 5. Agroecologia. 6. Movimento de Mulheres Camponesas. 7. Autonomia. I. Pulga, Vanderléia Laodete. II. Calaça, Michela. III. Cinelli, Catiane. IV. Seibert, Iridiane Graciele. IV. Cima, Justina Inês.

CDU: 316.346.2

NLM: WA390

Biblioteca responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Copyright © 2018 by Vanderléia Laodete Pulga, Michela Calaça, Catiane Cinelli, Iridiani Graciele Seibert e Justina Inês Cima.



Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS  
Fone: (051) 3391-1252  
[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)





## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	7
<b>Prefácio</b> .....	9
<i>Noeli Taborda</i>	
<b>Promoção da autonomia e saúde das mulheres camponesas a partir da prática agroecológica</b> .....	13
<i>Vanderléia Laodete Pulga, Adriana Maria Mezdri</i>	
<b>A produção de saúde e adoecimento das mulheres camponesas no Brasil</b> .....	19
<i>Vanderléia Laodete Pulga</i>	
<b>Agroecologia e sua materialidade na vida das mulheres camponesas</b> .....	35
<i>Sandra Marli da Rocha Rodrigues</i>	
<b>Organização das camponesas no nordeste e sudeste: produção agroecológica, auto-organização e luta por autonomia</b> .....	53
<i>Michela Calaça, Itamara Almeida, Márcia Cordeiro, Edcleide da Rocha Silva, Déborah Murielle de Sousa, Guiomar Souza Santana, Adriana Dantas</i>	



<b>Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) na luta pela autonomia das mulheres camponesas em Alagoas.....</b>	<b>81</b>
<i>Edcleide da Rocha Silva, Crísea Cristina Nascimento de Cristo, Yasmin Alcantara Galvão Pereira, Maria José Cavalcante</i>	
<b>A prática da produção agroecológica em Mato Grosso do Sul: perspectiva feminista e camponesa .....</b>	<b>97</b>
<i>Viviane Mallmann, Mariza Madalena Dahmer, Antônia Maria dos Santos Costa, Odete Maria Ferronato, Olga Manosso, Glaciene Varreiro Pereira, Sederli Tudo Bombarda Sobrinho</i>	
<b>Quintais produtivos: a experiência do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina.....</b>	<b>113</b>
<i>Geneci Ribeiro dos Santos, Justina Ines Cima, Valdete Boni</i>	
<b>Mulheres camponesas do Rio Grande do Sul: identidade, conhecimentos populares e garantia de autonomia na preservação, recuperação e multiplicação de sementes crioulas.....</b>	<b>133</b>
<i>Carmen Lorenzoni, Elisiane de Fátima Jahn</i>	
<b>Práticas feministas do movimento de mulheres camponesas do Acre relacionadas à agricultura agroecológica e saúde da floresta .....</b>	<b>157</b>
<i>Geovana Castelo Branco, Maria Rosângela Saraiva, Teresa Almeida Cruz</i>	
<b>Mulheres camponesas na luta por seguridade social: saúde, previdência e assistência social.....</b>	<b>177</b>
<i>Rosângela Piovizani Cordeiro</i>	
<b>A construção da autonomia a partir da organização e formação: uma experiência no Pará.....</b>	<b>205</b>
<i>Catiane Cinelli, Antônia Tomé de Freitas, Thaise de Freitas Damasceno</i>	
<b>Mulheres camponesas e o direito à terra: histórias de vida, de luta e resistência .....</b>	<b>229</b>
<i>Iridiani Graciele Seibert</i>	
<b>Autoras.....</b>	<b>257</b>





## APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado de um trabalho intenso e coletivo, parte de um dos processos vivenciados por mulheres camponesas do Brasil e de outros países, na parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e outras instituições, através da realização do Projeto “Promoção da Autonomia e Saúde das Mulheres Rurais e a Prática Agroecológica” com o objetivo de apoiar e fortalecer processos de promoção da autonomia e saúde das mulheres rurais por meio da organização produtiva e da agroecologia.

Assim, buscou-se qualificar as mulheres camponesas através de seminários internacionais e oficinas nacionais sobre a produção agroecológica e a promoção de saúde das mulheres rurais, com a socialização de suas experiências elucidando a construção de autonomia e saúde na vida das camponesas a partir das práticas agroecológicas e sua interação com outras abordagens teóricas para o aprofundamento dessa temática.

Esses momentos coletivos foram essenciais para o aprofundamento das bases para a elaboração das reflexões que esta obra traz.

Escrito por muitas mãos de mulheres camponesas e pesquisadoras de diversas regiões do Brasil, essa obra chega até você para compartilhar estudos, experiências, saberes e sabores construídos no cotidiano de vida



no campo, revelando aspectos da diversidade destas práticas e fenômenos.

O projeto referência dessas reflexões foi desenvolvido por mulheres camponesas e pesquisadoras da UFFS e de diversas organizações, junto com a Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (FAPEU), com apoio financeiro da Coordenação Geral de Políticas para Mulheres Rurais, Juventude, Povos e Comunidades Tradicionais da Subsecretaria de Desenvolvimento Rural, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário do Governo Federal.

A forma como o processo foi construído revela a interação dialógica de construção compartilhada do conhecimento, dos saberes e práticas entre a Universidade Federal da Fronteira Sul, outras instituições de ensino superior e as organizações de mulheres camponesas.

Assim, nasce a obra **Mulheres camponesas semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia!**

Esperamos que vocês façam um bom proveito desta leitura e que os textos auxiliem na reflexão sobre as mulheres camponesas, a agroecologia, a autonomia e a saúde. Uma boa leitura a todas e todos!





## PREFÁCIO

*Noeli Tabora*

Estimadas leitoras e estimado leitores! Este livro traz estudos realizados por mulheres de diferentes regiões do Brasil, abordando temas relacionados a vida das camponesas. É um trabalho conjunto onde diversas mulheres se desafiaram a escrever sobre vidas, histórias, organização produtiva e de luta das mulheres camponesas no Brasil, a construção da autonomia e saúde a partir das experiências de agroecologia.

Inicialmente, há uma contextualização do desenvolvimento do Projeto de Extensão que deu origem a este livro, na reflexão sobre *Promoção da Autonomia e Saúde das Mulheres Rurais e a Prática Agroecológica*.

Em seguida, na reflexão *A Produção da Saúde e do Adoecimento das Mulheres Camponesas no Brasil*, a autora evidencia os determinantes e condicionantes da saúde no meio rural, a potência do trabalho das mulheres camponesas no cuidado integral à saúde e os desafios para o Sistema Único de Saúde no campo, nas florestas e nas águas.

Na sequência, *Agroecologia e sua Materialidade na Vida das Mulheres Camponesas*, a autora alerta para a necessidade de avançar com a



agroecologia e a construção de novas relações entre homens e mulheres, partindo do pressuposto que o ambiente é o espaço onde se estabelecem relações sociais e que as relações de poder ainda são patriarcais. As mulheres afirmam a agroecologia como um modo de vida, que possibilita, a partir da prática e da teoria, construir uma ferramenta de resistência das camponesas e camponeses no campo, a produção de alimentos saudáveis, o consumo consciente, o uso de técnicas que protegem o ambiente, a geração de renda e autonomia.

Em seguida, na reflexão sobre *Organização das Camponesas no Nordeste e Sudeste: Produção Agroecológica, Auto-Organização e Luta por Autonomia*, as autoras trazem elementos de como foi se constituindo o modelo de exploração agrícola no Brasil e América Latina, baseado em grandes extensões de terras, a exploração dos bens naturais e saberes culturais, assim como a escravidão. Neste contexto, a realidade da classe trabalhadora apresenta-se de forma muito cruel, porém para as mulheres sempre foi muito pior, pois não tinham poder de decisão, além de serem extremamente excluídas na questão do acesso à terra. Com a construção do Movimento de Mulheres Camponesas, a luta e organização, sua forma de viver e produzir agroecologicamente no campo, fundamenta o Feminismo Camponês Popular que esta organização constrói diariamente construindo a autonomia, e a saúde das mulheres.

Com o texto *O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) na Luta pela Autonomia das Mulheres Camponesas em Alagoas* as autoras retratam a luta das mulheres camponesas organizadas no MMC que, ao conquistarem a terra, fazem dela espaço de produção agroecológica. As camponesas entendem a agroecologia como um modo de vida e, ao mesmo tempo, de resistência ao modelo do agronegócio que agride os ecossistemas, gera concentração de terra e renda, marginaliza e massacra a identidade do campesinato.

As camponesas organizadas no MMC têm um amor profundo pela agroecologia, entendem-na como possibilidade e continuidade de vida no planeta, alertam para a necessidade da alimentação saudável, e a busca de equilíbrio entre os seres humanos e as outras formas de vida. O MMC luta e constrói diariamente o Feminismo Camponês e Popular, reafirma a luta pela construção da nova sociedade, suas ações e trabalho de base são pautadas na luta pela emancipação e autonomia da mulher e o enfrentamento do sistema capitalista, patriarcal e racista enraizado culturalmente na sociedade.



O texto *A Prática da Produção Agroecológica em Mato Grosso do Sul: perspectiva Feminista e Camponesa* retrata a conquista da terra como uma possibilidade de construir experiências de agroecologia superando os desafios em que a terra, muitas vezes destruída, torna-se um solo fértil a partir da sabedoria e a prática das mulheres e faz brotar alimentos saudáveis, plantas medicinais, geração de renda, autonomia e emancipação das mulheres. Esses espaços são também locais de muita solidariedade, de formação e estudos que contribuem no protagonismo das mulheres, na luta pelo combate à violência contra as mulheres, na construção de novas relações de gênero e de poder, com identidade feminista, camponesa, popular e de classe.

Na sequência, a reflexão sobre *Quintais Produtivos: a Experiência do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina* que consiste em uma prática de produção articulada com o projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista que expressa um espaço pedagógico que está intimamente relacionado com a prática das mulheres, com a construção de novas relações entre homens e mulheres.

A reflexão *Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul: Identidade, Conhecimentos Populares e Garantia de Autonomia na Preservação, Recuperação e Multiplicação de Sementes Crioulas*, busca na história a constituição da agricultura onde as mulheres tiveram papel fundamental na produção e reprodução da vida. A partir de estudos e elementos teóricos as camponesas ressignificaram a produção de sementes e mudas crioulas, processo esse baseado na educação popular e na prática das mulheres camponesas integrando o saber popular e técnico. As iniciativas de recuperação de sementes crioulas, produção de alimentos saudáveis, aliado ao conhecimento e a prática potencializa o que já desenvolvem em favor da saúde, do ambiente e a construção de novas relações humanas.

Já o texto *Práticas Feministas do Movimento de Mulheres Camponesas do Acre relacionadas à Agricultura Agroecológica e Saúde da Floresta*, mostra como as práticas das camponesas se afirmam na luta feminista e como a agricultura agroecológica e o uso das plantas medicinais, dos bens da natureza servem para a cura das pessoas, possibilidade de melhorar a vida. As mulheres buscam na agroecologia as formas de produzir seus alimentos, utilizar dos bens da natureza para cuidar da saúde, melhorar a produção e a comercialização em feiras agroecológicas.



No texto *Mulheres Camponesas na Luta por Seguridade Social: saúde, previdência e assistência social*, a autora traz a presença e relevância da luta das mulheres camponesas no processo de redemocratização do país e pela Seguridade Social no Brasil, que persiste até os dias atuais.

A *Construção da Autonomia a partir da Organização e formação: Uma Experiência no Pará*, traz a reflexão de que no enfrentamento ao sistema capitalista, patriarcal, racista da “sociedade competitiva” constroem-se novas relações de igualdade que são possíveis quando articuladas com a organização, formação, lutas e a participação política das mulheres nos espaços de decisão. Historicamente as mulheres participaram das lutas dos povos, porém, pouco são reconhecidas. A construção de Movimentos autônomos de mulheres no campo foi baseada num processo de organização e luta, sendo que a formação direcionada desencadeou na luta de gênero e classe. A consolidação do Movimento de Mulheres Camponesas durante o I Congresso Nacional em 2004 possibilitou às camponesas do Pará se somarem na luta pela autonomia das mulheres e a formação para a compreensão da realidade e construção de formas de intervir nela.

A reflexão sobre *Mulheres camponesas e o Direito a Terra: Histórias de vida, de luta e resistência* traz presente a luta das mulheres camponesas pelo direito à terra no Distrito Federal (DF) e entorno, apresenta uma análise histórica dessa região de grande concentração de terras e como esse processo produziu desigualdades históricas, matando e expulsando os povos originários de seus locais. Essa “modernização capitalista” da agricultura teve muita resistência e luta, diversas ocupações com a presença de protagonismo das mulheres que, com sua capacidade de resistência, luta e trabalho diário, mantinham os acampamentos. Sua profunda relação com a terra e a possibilidade de produzir o auto-sustento e melhorar a qualidade de saúde das famílias, as mulheres fortaleceram a resistência e luta com a organização do Movimento de Mulheres Camponesas.

Por fim, a riqueza de experiências e pesquisas sobre mulheres camponesas trazidas nesse livro expressam a produção de saberes produzidos pelas mulheres que lutam, resistem, se organizam, produzem alimentos saudáveis, novas relações humanas e com a natureza, produzem mais vida e mais saúde no campo, mulheres mais autônomas e felizes, contribuindo na formulação e construção de concepções e práticas que compõe uma das vertentes feministas identificada como Feminismo Camponês e Popular.





## PROMOÇÃO DA AUTONOMIA E SAÚDE DAS MULHERES CAMPONESAS A PARTIR DA PRÁTICA AGROECOLÓGICA

*Vanderléia Laodete Pulga  
Adriana Maria Mezdri*

O projeto de Extensão “*Promoção da Autonomia e Saúde das Mulheres Rurais e a Prática Agroecológica*” é uma iniciativa da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Passo Fundo - articulada com as mulheres camponesas dos diversos estados do Brasil, de alguns países, a articulação entre universidades e organizações que atuam com mulheres camponesas.

Esse Projeto surgiu da necessidade das mulheres camponesas de incidir sobre o cotidiano de vida onde as marcas de uma formação colonial de tipo patriarcal são ainda mais intensas no campo. Por isso, a histórica desigualdade de gênero atinge de forma particular as mulheres rurais, provocando uma série de consequências no que se refere ao sofrimento e adoecimento dessas mulheres. O reconhecimento tardio das mulheres rurais como trabalhadoras produtivas é um dos exemplos.



É por meio da auto-organização para a conquista da autonomia financeira e política, que as mulheres se reconhecem como sujeitos de direitos, rompendo com o anonimato, a desvalorização e a invisibilidade.

Assim, buscou-se contribuir no fortalecimento de grupos de trabalhadoras rurais que realizam ações voltadas à promoção da autonomia e da saúde que fortalecem o protagonismo político e produtivo das mulheres, tais como: valorização do trabalho das mulheres na transição agroecológica, promoção de igualdade de gênero e etnia, auto-organização, promoção da saúde, enfrentamento à violência contra mulheres no campo e desnaturalização da divisão sexual do trabalho. A proposta do projeto se insere no conjunto de diretrizes do Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais e vem atuando no eixo da formação e capacitação das mulheres assim como, no eixo da socialização de experiências.

Esse Projeto internacional de extensão que promove autonomia e saúde de mulheres latino-americanas e africanas com ações integradas em dois eixos estruturantes, a saber: a) Atividades de formação/capacitação sobre autonomia, saúde e agroecologia para as mulheres trabalhadoras rurais, através da realização de seminários internacionais, com a participação de mulheres camponesas brasileiras, da América Latina e África, sobre práticas inovadoras na construção da autonomia das mulheres e promoção da transição agroecológica na América Latina e África e pelo intermédio da realização de oficinas sobre organização autônoma, agroecologia, saúde, gênero e economia feminista; b) Socialização de experiências de fortalecimento da autonomia de mulheres rurais, por meio da produção agroecológica, através da sistematização e elaboração deste livro.

Iniciou em dezembro de 2016 através da realização da oficina nacional que construiu as bases para o I Seminário Internacional com a participação de 40 mulheres camponesas brasileiras, da América Latina e África para aprofundar sobre a organização produtiva, a produção de alimentos saudáveis e a promoção agroecológica que ocorreu em 2017. Na ocasião, as mulheres apresentaram a situação que vivenciam em cada um dos países e também as experiências de auto-organização produtiva, produção de alimentos saudáveis e agroecologia. Após, ocorreram as reuniões da equipe técnica, a segunda oficina nacional, o II Seminário Internacional, a terceira oficina nacional e o processo de elaboração do livro com a sistematização das experiências das mulheres camponesas.



A realização deste Projeto se insere num contexto histórico-actual marcado por grandes transformações mundiais, que vêm se desencadeando desde a década de 1970, com a crise de superprodução que coloca em xeque o padrão produtivo taylorista/fordista, trazendo consequências para o Brasil e, é claro, para as políticas sociais. Em nosso país, os efeitos se fazem sentir desde os anos 1980, porém, mais intensamente a partir de 1990, com o reordenamento econômico no contexto de mercado e com base na ideologia neoliberal.

No caso brasileiro, vem marcado pelo tensionamento entre o aprofundamento desse projeto neoliberal e a construção de bases democráticas e populares de enfrentamento e superação do mesmo na perspectiva do desenvolvimento sustentável com base agroecológica e com justiça social.

Esse processo mundial vem produzindo uma série de consequências e impactos sobre os países em desenvolvimento e sobre as classes populares, de modo peculiar sobre as mulheres e sobre a saúde da população (PETRAS, 1999).

Experiências de resistência e de inovação vem sendo construídas nas últimas décadas como sinais em lutas libertárias e nas conquistas de governos populares, democráticos e de inclusão social. Entretanto, em meio às contradições dessas experiências e o avanço dos interesses internacionais dos setores econômicos e financeiros, o Brasil vive momentos de retrocessos sociais marcantes que poderão produzir muito mais desigualdades das já existentes.

A pobreza e a fome, aliadas à sobrecarga de trabalho, à violência, à opressão e à discriminação, têm sido alguns dos efeitos graves sobre a vida das mulheres (SAFIOTTI, 1995; 1997). As condições de vida a que elas vêm sendo submetidas, historicamente, e, de modo mais intenso, nas últimas três décadas, trouxeram sérias consequências para a sua saúde e também para a saúde das crianças e de pessoas pertencentes às classes populares.

Apesar dos avanços científicos, nos países pobres as pessoas ligadas às classes populares continuam morrendo por doenças que podem ser prevenidas. E, mais do que isso, populações sofrem de doenças típicas da situação de fome e miséria, epidemias e pandemias, crescem as doenças produzidas pelos agrotóxicos utilizados na produção agrícola e de





alimentos, colocando mulheres, crianças e idosos em situações de risco, além das doenças crônico-degenerativas próprias do envelhecimento da população, causadoras da morte de milhões de pessoas.

As mulheres colocam-se como sujeitos políticos instituintes e como construtoras da história, questionando seu papel na trajetória histórica da humanidade e evidenciando a necessidade de transformar as estruturas perversas da sociedade e, com isso, de reconstruir as relações humanas, aliadas a um novo patamar de relação com o conjunto de formas de vida no planeta e no universo.

As populações do campo resistem para sobreviver num contexto de expropriação da biodiversidade, como um todo, submetida aos interesses econômicos de setores e/ou empresas transnacionais, ao mesmo tempo, em que exigem o reconhecimento de suas culturas e saberes, além de políticas de valorização e apoio para melhorar suas condições de vida, de trabalho e de produção agroecológica de alimentos saudáveis.

As potencialidades do cuidado para com a vida e a saúde dessas populações a partir da experiência das mulheres camponesas na produção de alimentos saudáveis e da prática agroecológica é fundamental para as famílias camponesas.

As ações desenvolvidas estão evidenciando que as mulheres camponesas/rurais/agricultoras têm uma sabedoria e uma sensibilidade para identificar as singularidades e as contradições presentes nas famílias que habitam estes territórios. Suas organizações autônomas no Brasil e em outros países, desenvolvem processos nos quais essas mulheres em sofrimento e adoecimento, ressignificam suas vidas a partir deste cotidiano e se constituem enquanto protagonistas autônomas e transformadoras de suas vidas, de suas relações e da sociedade em que vivem.

Os processos de cuidado com a natureza, o alimento, a vida e a saúde realizados essencialmente pelas mulheres camponesas traduzem dimensões da vida desde seu mundo cotidiano até a visão planetária de cuidado em defesa da vida. Trazem consigo as dimensões da agroecologia e do feminismo e apontam desafios novos para o cuidado integral à saúde, para a construção de novas relações familiares, de trabalho rural e de relação com as outras formas de vida existentes.



## Referências

PETRAS, James. *Neoliberalismo: América Latina, Estados Unidos e Europa*. Trad. Ana Maria Ruediger Naumann. Blumenau/SC: Ed. Furb, 1999.

SAFIOTTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. *Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade*. São Paulo: Neils. PUC-SP, 1997.



“Sempre que penso nas mulheres, me vem à imagem de um rio enorme e caudaloso que temos que atravessar. Umás apenas molham os pés e desistem, outras nadam até a metade e voltam, temendo que lhe falem as forças. Mas há aquelas que resolvem alcançar a outra margem custe o que custar. Da travessia, vão largando pedaços de carne, pedaços delas mesmas. E pode parecer aos outros que do lado de lá vai chegar um trapo humano, uma mulher estraçalhada. Mas o que ficou pelo caminho é tão somente a pele velha. Na outra margem chega uma nova mulher...”

*Zuleica Alambert*





## A PRODUÇÃO DE SAÚDE E ADOECIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS NO BRASIL<sup>1</sup>

*Vanderléia Laodete Pulga*

Inicialmente é importante assinalar que o modo de ser e viver no campo, na floresta e nas águas tem a marca da resistência e da luta dos povos que vivem nesses territórios. Desde o período do Brasil colonial, apesar das diversas estratégias de desenvolvimento econômico no campo, esses povos resistem à lógica de exploração das riquezas naturais e dos interesses das grandes corporações nacionais e internacionais associadas ao latifúndio.

Este projeto no campo vem expulsando os trabalhadores (as), expropriando as riquezas naturais, aniquilando as identidades camponesas, destruindo a diversidade de alimentos, comprometendo a soberania alimentar, contaminando alimentos, terra, água e produzindo um conjun-

---

1 Tem por base a pesquisa realizada pela autora junto às mulheres camponesas e a Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da UFRGS em 2014, com ênfase na Saúde.



to de doenças oriundas do uso indiscriminado de agrotóxicos (inclusive alguns já proibidos em outros países), dos processos de trabalho onde há mortes por exaustão.

A vinculação entre o projeto de desenvolvimento, os condicionantes e determinantes sociais, econômicos e culturais com os processos de saúde e/ou de adoecimento é um dos conceitos-chave para a compreensão da produção de saúde e adoecimento das populações, no caso específico, das mulheres camponesas.

Assim, as populações do campo, da floresta e das águas têm modos de vida, produção e reprodução social, relacionados predominantemente com a terra e a natureza e tem uma construção de identidade que as caracteriza, no campo da saúde, conforme se segue:

Populações do campo e da floresta: povos e comunidades que têm seus modos de vida, produção e reprodução social, relacionados predominantemente com o campo, a floresta, os ambientes aquáticos, a agropecuária e o extrativismo, como: camponeses; agricultores familiares; trabalhadores rurais assalariados e temporários que residam ou não no campo; trabalhadores rurais assentados e acampados; comunidades de quilombos; populações que habitam ou usam reservas extrativistas; populações ribeirinhas; populações atingidas por barragens; outras comunidades tradicionais (grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tradicionais, possuem formas próprias de organização social e ocupam e utilizam territórios e recursos naturais como condição para sua produção e reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos e inovações práticas, gerados e transmitidos pela tradição); dentre outros (BRASIL, 2011).

O campo, a floresta e a água são construídos socialmente e com historicidade. Como nos diz o geógrafo Milton Santos (1994, 2000, 2011, 2012), estes são territórios vivos e constituídos por um conjunto de sujeitos sociais que produzem, no seu cotidiano, as formas de ser e viver do/no campo e da/na floresta. São territórios que se constituem por meio das relações que os indivíduos estabelecem entre si, dos afetos, das memórias, da cultura, do exercício de cidadania e do grau de enraizamento que estes indivíduos mantêm com as “forças locais”, provenientes de laços subjetivos e estratégias micropolíticas de sentir, agir, pensar e desejar, que entre tantos modos singulares de vida, de cultura e de enraizamento ou deslocamento por território para habitar, marcados com



as condições básicas de sobrevivência.

Para atuação junto com essas populações é determinante levar em conta as suas singularizações, a potência existente nesses territórios, assim como as fragilidades e as formas de produzir o viver, a saúde e o adoecimento das pessoas.

O campo e a floresta, que incluem as águas, têm sido, historicamente, no Brasil, espaços de conflito e disputa econômica, social e política, em que o silenciamento e a invisibilidade configuram estratégias perversas de exploração, expropriação e opressão. Os conflitos de classe, os massacres perpetrados como luta para a construção do território nacional, a espoliação das condições de vida e trabalho, transfiguradas em empregabilidade e renda precárias, são condições mescladas com as de vida e violência. Por certo, impregnam violências de gênero, raça/etnia, geração e classe social que perpassam e singularizam o cotidiano de vida das mulheres que vivem nesses territórios.

Estas populações têm seus modos de vida próprios e os processos de saúde-doença nestas comunidades e famílias têm suas peculiaridades, pois a determinação do estado de saúde de uma pessoa é um processo complexo que envolve diversos fatores. Essa visão ampliada que articula os fenômenos de saúde e doença como dimensões do humano que têm condicionantes e determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais, os quais incidem nos processos cotidianos do viver das populações, vem conquistando legitimidade para dar conta da compreensão da saúde e adoecimento das populações.

Esse processo vem se constituindo historicamente no Brasil, a partir do Movimento da Reforma Sanitária e, posteriormente acolhido e preconizado na Constituição Federal de 1988, e nas Leis que regem o SUS. Nesta perspectiva, a Constituição Brasileira de 1988, resultado das lutas sociais por direitos, traz para a área da saúde uma visão ampliada, estabelecendo-a como um direito de todos e dever do Estado e definindo-a como resultado de um conjunto de fatores sociais, econômicos e culturais. Para garantia deste direito universal, segundo a Constituição Federal, é necessário a implantação de um conjunto de políticas que visem a redução dos riscos de adoecer e o acesso universal às ações e serviços de saúde (BRASIL, 1988).

A Lei Orgânica da Saúde (Lei 8142\90 e 8080\90) que afirma o



Sistema Único de Saúde e aprofunda esta abordagem afirmando que a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990).

Com essa abordagem para a compreensão dos processos de saúde e doença das populações, na realização da Conferência Mundial dos Determinantes Sociais da Saúde<sup>2</sup>, os participantes reafirmaram uma profunda crítica ao modelo de desenvolvimento social e econômico com base em políticas neoliberais no âmbito de um processo de globalização, pois o mesmo se fundamenta numa lógica de mercado, que privatiza e medicaliza a saúde em detrimento do direito à saúde e agrava as violações aos direitos humanos e as desigualdades sociais que levam às desigualdades sanitárias que fragilizam e afetam as condições de saúde e de vida que são completamente evitáveis e injustas. Enfatiza que este modelo de desenvolvimento:

[...] agrava as desigualdades e a exclusão social, que se expressam na concentração da riqueza, da terra, da renda e no uso inadequado dos recursos naturais, aprofundando, ao mesmo tempo, as relações desiguais de gênero e as práticas discriminatórias étnico-raciais, religiosas e de orientação sexual e identidade de gênero (LGBT), aumentando todas as formas de violência no setor rural e na cidade, desde o espaço privado ao espaço público (BRASIL, 2007).

Assim, a saúde é um direito humano universal e dever do Estado, cuja realização precisa de um conjunto de determinantes como: a alimentação saudável e segura; o direito ao trabalho digno e a valorização do trabalho reprodutivo; rendas adequadas; acesso à terra, uso da mesma e permanência nela; manejo sustentável dos recursos naturais e renováveis; habitação digna com saneamento ambiental, participação cidadã democrática, acesso universal aos serviços de educação e saúde oportunos, humanizados, de qualidade e pertinentes em termos culturais; políticas públicas sociais inclusivas e relações sociais não sexistas nem racistas, com tolerância cultural e religiosa, o que, por sua vez, ex-

---

2 Conforme a Carta de Brasília, em abril de 2007.



pressa que, tanto os determinantes da saúde quanto o direito à saúde, são indivisíveis e interdependentes.

Neste contexto, torna-se evidente que, para avançar na superação das desigualdades na saúde, é necessário configurar modelos de desenvolvimento social e econômicos sustentáveis, garantir os direitos humanos, civis, políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, sexuais e reprodutivos, o incentivo da soberania e da segurança alimentar, que erradique a fome nos países latino-americanos do Continente, promovendo a reforma agrária que assegure o acesso, o uso e a propriedade da terra, possibilitando e estimulando processos agrícolas sustentáveis, que preservem a propriedade das sementes ancestrais, no âmbito de uma proposta de agricultura familiar e camponesa, adequadas à diversidade climática da região; reforma urbana que promova uma melhor distribuição do solo urbano e da construção de cidades socialmente justas e ambientalmente sustentáveis; democratização do acúmulo de conhecimentos, por meio do acesso universal à educação; respeito à diversidade cultural; concretização da democracia participativa e desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais universais, integrantes, equitativas e participativas.

Estas questões já estavam na pauta mundial da saúde, em 1978, na *Conferência de Alma Ata*, como podemos observar na declaração que segue:

As profundas desigualdades no estado de saúde entre a maioria dos países industrializados e aqueles em desenvolvimento, bem como dentro dos países, são politicamente, socialmente e economicamente inaceitável e um motivo de preocupação comum para todos os países (OMS, Dichiarazione di Alma Ata /URSS 12 Settembre 1978).

E, diante disto, é fundamental trazer para a análise como se dão essas questões no âmbito brasileiro. Assim, tomando o Brasil como base, é preciso ter-se claras as suas características. Nosso país tem uma área de 8,5 milhões de km<sup>2</sup> de extensão territorial, organizado administrativamente pela União, em 26 estados, 5.570 municípios e o Distrito Federal, distribuídos em cinco regiões geopolíticas (Brasil, 2002c).

De acordo com dados do censo populacional de 2010, a população brasileira atingiu 190.732.694 habitantes. Considerando a projeção populacional estimada pelo IBGE, em 2019, a população será de





211.263.638 habitantes<sup>3</sup>.

Com tais características os desafios são imensos para enfrentar na saúde o reflexo das desigualdades econômicas, sociais, políticas e culturais que são históricas e, se intensificaram no ano de 2017.

Assim, no Brasil, mais de 31 milhões de pessoas (16,5%) vivem no meio rural (BRASIL, 2011). As mulheres são a maioria da população brasileira (50,77%) e correspondem a 47,8% da população residente no meio rural (IBGE, 2009). No que se refere à distribuição por sexo e grupo de idade, o total da população feminina maior de 18 anos de idade corresponde a 69.654.455 pessoas. Destas, 87% (60.550.191) estavam concentradas na área urbana e somente 13% (9.104.264), no meio rural (IBGE, 2009).

Segundo dados referidos no Plano Nacional de Saúde, que analisa as condições de saúde da população brasileira onde há a prevalência e incidência das doenças crônicas não transmissíveis, a persistência de doenças transmissíveis que já poderiam ter sido eliminadas, co-existindo com doenças transmissíveis emergentes e re-emergentes e pela alta carga de acidentes e violências.

Atualmente continuam adoecendo e morrendo milhares de pessoas por situações relacionadas às condições de vida e às desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais, questões que poderiam ser superadas. No caso específico das populações do campo, da floresta e das águas, há questões estruturais que incidem sobremaneira sobre as condições de saúde das mesmas. Mesmo com a melhoria das condições de vida nos últimos anos, ainda persistem iniquidades no que se refere à distribuição das riquezas, com amplos setores dessas populações ainda vivendo em condições de extrema pobreza, que se manifesta na falta das mínimas condições de acesso aos direitos básicos de vida, como a alimentação adequada, água potável, rede de esgoto, destino adequado do lixo, acesso à terra e trabalho digno, acesso à educação, à moradia digna, aos serviços de saúde, dentre outros.

Um das maiores marcadores da desigualdade no campo é a estrutura fundiária onde, dos mais de 5 milhões de estabelecimentos agropecuários existentes no Brasil, conforme o Censo Agropecuário do IBGE, de 2006, 47% deles possuem área de até 10 hectares, ou seja, é composta

---

3 Estimativa publicada no Plano Nacional de Saúde (2016-2019).



de pequenos agricultores e ocupa menos de 3% da área total pois, os grandes proprietários de terra, com áreas iguais ou maiores de mil hectares representam cerca de 1% das propriedades e ocupam uma área de 43% do total dos estabelecimentos. Cerca de 29,9 milhões de pessoas residem em localidades rurais e as condições de saúde dessas populações são precárias e com dificuldades de acesso aos serviços de saúde.

O acesso à terra, ou ao território rural para produzir, morar e viver envolve conflitos importantes no cotidiano de vida de trabalhadores sem terra, quilombolas, ribeirinhos, pescadores e indígenas. A falta de acesso à terra tem relevância e incide sobre os processos de saúde dessas populações que se obrigam a trabalhar como bóias frias, empregados sazonais, meeiros, arrendatários ou outras formas de trabalho que produzem adoecimento<sup>4</sup>.

Outro aspecto determinante está relacionado ao saneamento básico que, no meio rural, apresenta um déficit de cobertura, especialmente de água, onde 67,2% capta água de chafarizes ou poços (protegidos ou não), diretamente de cursos de água sem nenhum tratamento ou de outras fontes alternativas insalubres.

Um dos temas de relevância central é dos agrotóxicos, que, apesar de poucos estudos e pesquisas, tem seu uso indiscriminado no Brasil. Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA);

[...] os agrotóxicos são agentes constituídos por uma grande variedade de compostos químicos (principalmente) ou biológicos, desenvolvidos para matar, exterminar, combater, repelir a vida (além de controlarem processos específicos como os reguladores de crescimento). Normalmente, têm ação sobre a constituição física e saúde do ser humano, além de se apresentarem como importantes contaminantes ambientais e das populações de animais a estes ambientes relacionadas (ANVISA, 2002<sup>5</sup>).

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) divulgou,

---

4 Para ilustrar essa situação, vale destacar as condições de vida e saúde da Comunidade Quilombola de Mormaça, em Sertão/RS. Os maiores problemas de saúde dessa população dizem respeito à condição de vida precária, aos processos de trabalho e às formas de exclusão e preconceito que vivenciam.

5 ANVISA. Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos. Relatório Anual 4/06/2001 – 30/06/2002. Brasília/DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2002.



no final de 2012, à sociedade e ao Estado brasileiro, um dossiê, evidenciando a preocupação de pesquisadores, professores e profissionais, com o aumento do uso de agrotóxicos no país, ocasionando a contaminação do ambiente e das pessoas, com severos impactos sobre a saúde pública e a segurança alimentar e nutricional da população. Este é um dos poucos documentos públicos que versam sobre esta problemática que, embora seja relevante e preocupante, ainda permanece oculta e invisível em detrimento de interesses econômicos. Esta entidade científica reforçou também, neste documento;

[...] o compromisso com a saúde da população e o enfrentamento da insegurança alimentar e nutricional, no contexto de afirmação da modernização agrícola conservadora, da monocultura químico-dependente, com o objetivo de alimentar o ciclo dos agrocombustíveis, da celulose ou do ferro-aço, e não as pessoas (ABRASCO, 2012, Parte 1, p. 5).

No Plano Nacional de Saúde destaca-se essa preocupação:

Outro fator importante refere-se ao uso intenso de agrotóxicos na agricultura. De 2002 a 2012, o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%; comparativamente, o mercado brasileiro cresceu 190%. Em 2008, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e assumiu o posto maior mercado mundial de agrotóxicos. Na safra que envolve o 2º semestre de 2010 e o 1º semestre de 2011, o mercado nacional de venda de agrotóxicos movimentou 936 mil toneladas de produtos e cerca de US\$ 7,3 bilhões, o que equivale a 19% do mercado global de agrotóxicos. Em 2013, as vendas de defensivos agrícolas alcançaram US\$ 11,5 bilhões, o que representou um avanço de 18% em relação a 2012 (US\$ 9,7 bilhões) e de 35% em relação a 2011 (US\$ 8,5 bilhões), sendo que as lavouras de soja, milho, algodão e cana-de-açúcar representam 80% do total das vendas do setor (BRASIL, MS, 2016, p. 28).

Os danos à saúde pela exposição aos agrotóxicos incidem sobre trabalhadores das fábricas de agrotóxicos, da agricultura, da saúde pública e outros setores; da população do entorno das fábricas e das áreas agrícolas; além dos consumidores de alimentos contaminados – que representa praticamente toda a sociedade, que tem seu direito humano à alimentação saudável e adequada violado (DOSSIÊ ABRASCO, 2012, Parte 1, p. 05).

Em estudos recentes na área de Saúde Pública e Meio Ambiente da



Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ), pesquisadores observam que grande parte dos agrotóxicos apresenta capacidade de desregulação do sistema endócrino humano, o que altera os níveis de hormônios sexuais, causando efeitos adversos, principalmente sobre o sistema reprodutor. O câncer de mama e do ovário, a desregulação do ciclo menstrual, o câncer de testículo e próstata, a infertilidade, o declínio da qualidade seminal e a malformação de órgãos reprodutivos são alguns dos exemplos dessas complicações.

Registram também que, com o aumento do consumo nacional de agrotóxicos, tanto no agronegócio, como na agricultura familiar, crescem as evidências de que a utilização destas substâncias não está apenas relacionada especificamente à produção agrícola, mas se transforma em um problema de saúde pública (CREMONESE; FREIRE; MEYER; KOIFMAN, 2012).

Segundo o prefácio da Parte 3 do Dossiê da ABRASCO, Boaventura de Souza Santos, assim se manifesta:

Os impactos na saúde pública do uso intensivo de agrotóxicos são amplos porque atingem vastos territórios e envolvem diferentes grupos populacionais, como trabalhadores em diversos ramos de atividades, moradores nos arredores de fábricas e fazendas, além de todos nós, consumidores, que consumimos alimentos contaminados. Em todos os espaços ou setores da cadeia produtiva do agronegócio, estão comprovadas intoxicações humanas, cânceres, malformações, doenças de pele, doenças respiratórias, tudo decorrente da contaminação com agrotóxicos e fertilizantes químicos das águas, do ar, do solo. Dois terços dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros estão contaminados pelos agrotóxicos, segundo a análise de amostras recolhidas em todas as 26 Unidades Federadas do Brasil, realizada pelo Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (SOUZA apud ABRASCO, 2012, Parte 3, p. 13).

Segundo documento da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF), nos dados do IBGE em 2009, mais de 25 mil pessoas declararam estar intoxicadas e 47,5 mil disseram não saber (BRASIL, 2012, p. 15).

Outra questão relevante que incide diretamente sobre a saúde dessas populações e, em especial, sobre as mulheres, é a violência que, ao nos preocuparmos com o desafio de conhecer, a partir de dados ou informa-



ções científico-tecnológicas a presença da violência contra a mulher no campo, na floresta e nas águas, deparamo-nos com um grande silêncio.

Uma engrenagem social de silenciamento parece se expressar na cultura do campo e floresta e na produção científica ou letrada sobre o cotidiano das mulheres, na correlação de suas feminilidades, na violência, no trabalho rural e na floresta, na família rural e de floresta, no campo e na floresta.

Na vivência com as mulheres camponesas e nos poucos estudos que tratam da realidade dessas populações, é possível afirmar que o contexto cotidiano das mulheres do campo e da floresta é marcado pela sobrecarga de trabalho, exploração, opressão, discriminação e violência doméstica. Esta realidade traduz as múltiplas faces da violência como fenômeno presente no território vivo do campo e da floresta, que opera no contexto de suas vidas e se materializa no seu corpo em sofrimento, dor ou adoecimento, cuja relação entre esse fenômeno da violência com a saúde nem sempre é percebida pelos profissionais de saúde.

A implicação direta dessa abordagem é a medicalização das pessoas em sofrimento, dor ou adoecimento, que nem sempre seria o melhor caminho para tratar e resolver as verdadeiras causas dessa situação de saúde, identificadas apenas pelos sintomas, sem analisar o contexto e a produção de vida, saúde e doença ali presente.

Neste processo histórico de naturalização deste padrão de violência encontram-se as influências religiosas, políticas, econômicas, culturais, antropológicas, sociológicas que dão lugar de propriedade a alguém, à terra, ao gado, à máquina, à mulher e que tem suas origens e fundamentos no patriarcado, que se entrelaçaram e/ou se fortaleceram especialmente nas sociedades de classes e de desigualdades sociais.

As mulheres demonstram o quanto essa condição produz medo, ansiedade, angústia, sentimento de culpa e impotência diante da realidade, produzindo sofrimento e adoecimento, muitas vezes aparecendo nos índices de causas mal definidas ou de queixas difusas. Isso se agrava se pensarmos que as formas de cuidado em saúde ainda são insuficientes diante do cuidado fragmentado e centrado na mulher, como reprodutora e não de forma integral, como pessoa.

As mulheres são as que mais consomem remédios; têm dores e sofrimentos próprios do desgaste do seu dia-a-dia, onde ninguém ouve



seus planos, seus desejos, sua sexualidade; o trabalho de casa não é reconhecido; o sofrimento e a dor que vivem não são identificados pelos profissionais de saúde. Estes sintomas, muitas vezes, escondem a violência doméstica, a violência física, o abuso sexual, que permanecem como segredos, por conta do silêncio de quem sabe e da sociedade, que são os cúmplices dessa situação.

A violência precisa ser encarada como problema de saúde pública, garantindo a atenção integral à saúde de todos e das mulheres, com participação popular e controle social, com o respeito às diferenças, o acolhimento às queixas das mulheres, em espaços de escuta e de educação em saúde.

Essa situação de saúde das populações do campo, da floresta e água é bem complexa, tem relação direta com as implicações do modelo de desenvolvimento adotado no campo, com as disputas de território, com os processos de trabalho, de produção, com os modos de vida e de alimentação, com as formas de relações que se estabelecem entre as pessoas e, destas com a natureza.

Todas estas questões estão situadas no campo intersetorial e que incide, sobremaneira, na saúde dessas populações e, ainda, se articula às dificuldades de acesso aos serviços devido à dispersão física dessa população, aos problemas socioeconômicos, à insuficiência e à escassez de serviços e políticas públicas para essas populações e comunidades, bem como à dificuldade de ter profissionais, especialmente médicos para atuarem nessas áreas.

## **As mulheres camponesas e seu modo de produção de vida e saúde**

As práticas cotidianas das mulheres camponesas vinculadas ao Movimento de Mulheres Camponesas desenvolvem um conjunto de ações de promoção, proteção e cuidado à saúde das mulheres e suas famílias. Trazem no cotidiano dessas práticas os princípios da educação popular em saúde como o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação, o compromisso com a construção do projeto democrático e popular.

Esses princípios são norteadores de um processo coletivo e compar-



tilhado de conquista das pessoas e grupos no sentido da superação e libertação de todas as formas de opressão, exploração, discriminação e violência ainda vigentes na sociedade e que produzem a desumanização e a determinação social do adoecimento.

Fortalece o sentido da coletividade na perspectiva de uma sociedade justa e democrática onde as pessoas e grupos, sejam protagonistas, incentivando a reflexão, o diálogo, a expressão da amorosidade, a criatividade e autonomia, afirmando que a libertação somente acontece na relação com outro, contrapondo-se às atitudes autoritárias e prescritivas e radicalizando o conceito da participação nos espaços de construção das políticas da saúde.

As práticas de cuidado em saúde que as mulheres camponesas desenvolvem articulam as ações cotidianas de produção de alimentos saudáveis, a agroecologia, os quintais produtivos e as agroflorestas, a recuperação de sementes e mudas crioulas, o fortalecimento e uso de plantas medicinais, condimentares e aromáticas, as práticas populares e integrativas de cuidado como o reiki, as massagens, a meditação, dentre outras, o fortalecimento da luta em defesa do SUS e os processos de formação das mulheres na perspectiva libertadora, feminista, camponesa e popular.

Essas práticas de cuidado integram as dimensões: a) A dimensão da integralidade do cuidado e da diversidade de práticas: cuidar da saúde e suas faces através das mulheres camponesas parteiras, rezadeiras, do uso de plantas medicinais integradas com outras terapias como da massoterapia, da reflexologia, do reiki, da terapia comunitária, da biodança e as danças circulares sagradas, dentre outras práticas integrativas de cuidado que existem no Brasil; b) A dimensão da arte e da cultura no cuidado com a saúde: concretiza-se em experiências que integram a arte, o teatro, a poesia, a música no cuidado em saúde; c) A dimensão da espiritualidade no cuidado: trazem a perspectiva libertadora e do cuidado integral; d) na dimensão da organização, da participação popular: expressões de luta e organização, de participação e controle social no SUS; e) na dimensão da formação popular em saúde: através dos processos de formação desenvolvidos com as mulheres.



## Considerações gerais e desafios

Essa complexidade requer um olhar à multidimensionalidade dos significados e subjetivações que perpassam os elementos implicados nos processos saúde/adoecimento/cuidado e a pluralidade de contextos de vida e de trabalho dessas populações, em especial das mulheres camponesas.

Para viabilizar o cuidado integral é fundamental a defesa do SUS e seu fortalecimento e qualificação como política pública universal. Para dar conta dessa complexidade, algumas políticas no campo da saúde vêm sendo construídas no Brasil. Cabe salientar aqui a Política Nacional de Saúde da População do Campo e da Floresta, que é a base orientadora para o cuidado integral a essas populações.

Agrega-se a isso, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (que é referência também para o cuidado às Comunidades Quilombolas), a Política Nacional de Saúde Indígena (para as Comunidades e populações indígenas), a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (que é referência para o caso das mulheres), a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, a Política Nacional de Plantas Medicinais, que envolve toda a cadeia produtiva (produção, industrialização, distribuição e utilização, no SUS), a Política de Equidade, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde, que articula a dimensão das práticas populares de cuidado, dentre os princípios e diretrizes constitucionais e legais do SUS, além de normas, protocolos e ações de saúde preconizadas neste Sistema Único de Saúde.

Todas estas políticas que, ao mesmo tempo em que são direcionadas a populações específicas, também são responsáveis pela garantia do acesso universal, integral e equânime à saúde de toda a população. Além disso, merece destaque a ação do Programa Mais Médicos que atingiu mais de 60 milhões de brasileiros em locais onde não existia a presença desse importante profissional de saúde, nos locais mais distantes do meio rural, campo, floresta, águas, e também nas periferias das cidades. Todavia, a isso se acrescenta um componente fundamental para uma política de estruturação de sistemas de saúde, direcionado às áreas rurais e remotas.

Os desafios do cuidado à saúde das populações rurais são hoje preocupações mundiais. Nesse ano de 2014 foi realizada, em Gramado/RS, a 12ª Conferência Mundial de Saúde Rural, com o tema “Saúde Rural:





uma necessidade emergente” reuniu mais de 700 participantes de mais de 20 países, incluindo autoridades mundiais nesse tema, que se expressa no documento intitulado “Declaração de Gramado” o qual propõe recomendações sobre como melhorar a saúde rural, por meio da organização de sistemas de saúde e sobre como estruturar políticas que garantam a fixação de profissionais de saúde nesses locais. As linhas orientadoras produzidas pelo Ministério da Saúde, para o provimento e a fixação de médicos no Brasil, já é a sinalização de um compromisso público para superar a defasagem rural-urbana e propiciar cuidados de saúde de qualidade para a população que mora em áreas rurais e remotas.

Como dito acima, o acesso aos serviços (mesmo básicos) de saúde é, hoje, um desafio em várias partes do mundo e, em especial, para as populações rurais dos países em desenvolvimento, em especial, os da América Latina, em que se inclui o Brasil. Há falta de profissionais qualificados, além da alta rotatividade profissional, filas de espera reais ou virtuais imensas, para procedimentos, infraestrutura deficiente... Estes são alguns dos obstáculos identificados.

Coloca-se a necessidade de políticas sólidas, nessa área, para garantir a formação e a fixação de profissionais de saúde nesses territórios, organizar a rede de atenção integral à saúde para ter a qualidade como prioridade, ou seja, ter profissionais qualificados na porta de entrada do Sistema Único de Saúde para cuidar das pessoas ao longo do tempo, de forma integral e capaz de coordenar os cuidados com os outros pontos da rede de atenção à saúde deste Sistema.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo. Terra. In: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel B. ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 742-743.

ANVISA. *Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos*. Relatório Anual 4/06/2001 – 30/06/2002. Brasília/DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2002.



AUGUSTO, L. G. S.; CARNEIRO, F. F.; PIGNATI, W.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K.; FARIA, N. M. X.; BÚRIGO, A. C.; FREITAS, V. M. T.; GUIDUCCI FILHO. *Dossiê ABRASCO – Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Parte 2 - Agrotóxicos, Saúde, Ambiente e Sustentabilidade*. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília/DF: Gráfica do Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. *Lei 8.142/9, de 28 de dezembro de 1990*. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 31 de dez., 1990.

\_\_\_\_\_. *Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 de set., 1990.

\_\_\_\_\_. *Portaria nº 2.866, de 2 de dezembro de 2011*. Aprova a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa*. 1. ed. 1. reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

\_\_\_\_\_. *Relatório final da 1ª Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Sistemas Universais de Segurança Social / Final Report of I World Conference on the Development of Universal Social Security Systems*. Brasília/DF, Brasil: Ministério da Saúde; 2012.

\_\_\_\_\_. *Conferência Mundial dos Determinantes Sociais da Saúde. Cúpula dos Povos*. Disponível em: <<http://cupuladospovos.org.br>>. Acesso em: 21 out. 2012.

IBGE. *Estudos e pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica Nº 25: Informações Sociodemográficas e de Saúde no Brasil 2009*. Rio de Janeiro. IBGE: 2009.



PULGA, Vanderléia. *Mulheres Camponesas Plantando Saúde, Semeando Sonhos e Tecendo Redes de Cuidado e Educação em Defesa da Vida*, 2015. (Tese de Doutorado em Educação -ênfase na Saúde). Faculdade de Educação. Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

RIGOTTO, Raquel Maria. *Os conflitos entre o agronegócio e os direitos das populações: o papel do campo científico*. Conferência. *Revista Pegada*. Presidente Prudente/SP: Centro de Estudos de Geografia do Trabalho da UNESP, v. 12, nº 1, p. 123-140, junho de 2011.

\_\_\_\_\_. *Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidades, resistência no contexto da modernização agrícola no Baixo Jaguaribe/CE*. Fortaleza/CE: Edições UFC/Expressão Popular, 2011b. 612 p.

SANTOS, Milton. *Território globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton; Silveira Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. São Paulo: Editora Record; 2012.





## AGROECOLOGIA E SUA MATERIALIDADE NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS

*Sandra Marli da Rocha Rodrigues*

As mulheres camponesas vêm construindo no cotidiano das práticas de produção agroecológica novas formas de se relacionar, de promover a saúde e sua autonomia como mulher.

Nesta reflexão busca-se abordar alguns conceitos e a caracterização da agroecologia, no âmbito acadêmico, na formulação teórica do Movimento de Mulheres Camponesas e nas práticas que estão sendo desenvolvidas pelas camponesas inseridas no MMC em diferentes regiões no estado do Paraná, fruto de pesquisa realizada com as camponesas vinculadas ao Movimento de Mulheres Camponesas que foram identificadas por nomes fictícios. A escolha feita foi por colocar nomes de flores, pois na produção agroecológica a beleza das flores é uma presença constante.

A pesquisa traz elementos acerca da produção de alimentos saudáveis realizada pelas mulheres camponesas em várias partes do mundo, e também dar “voz” às camponesas do Movimento de Mulheres Cam-



ponesas do Estado do Paraná, trazendo importantes reflexões sobre a materialidade e os desafios da construção da agroecologia. Essas são algumas, das tantas camponesas que estão “pisando no barro” e construindo agroecologia nas práticas cotidianas pelo Brasil afora. Tecemos considerações sobre a construção da agroecologia feita pelas mãos das mulheres camponesas.

Inicialmente, coloca-se a caracterização e conceituação da agroecologia, seguida da análise sobre a divisão sexual do trabalho no campo, a busca de superação das relações patriarcais e capitalistas e a materialidade da agroecologia vivenciada pelas mulheres camponesas como base de promoção de vida, saúde, autonomia e cidadania.

## **Caracterização e conceituação da Agroecologia**

É importante trazer alguns aportes teóricos sobre a agroecologia, termo esse, tão em voga na atualidade, tanto na academia, quanto nos movimentos sociais do campo. Com a compreensão de que é um conceito em permanente construção e em disputa, por que trata de um elemento indispensável à vida, que é a produção de comida, de alimento saudável. Para tanto, é necessário avançar na compreensão e na construção da agroecologia. Na esfera acadêmica um dos precursores é Altieri (2012, p. 105-106). Para ele:

A Agroecologia emerge como uma disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos sobre como estudar, projetar e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e, ao mesmo tempo, conservem os recursos naturais, assim como sejam culturalmente adaptados e social e economicamente viáveis. [...]. A Agroecologia enfatiza as inter-relações entre seus componentes e dinâmica complexa dos processos ecológicos. [...]. A Agroecologia é o estudo holístico dos agroecossistemas abrangendo todos os elementos ambientais e humanos. Sua atenção é voltada para a forma, a dinâmica e a função de suas inter-relações, bem como para os processos nos quais estão envolvidas.

Nessa perspectiva, a agroecologia é uma ciência e um conjunto de práticas que instrumentalizam e possibilitam uma verdadeira revolução no contexto da produção de alimentos e na preservação ambiental, considerando a complexidade dos contextos locais e culturais.



Ainda no âmbito acadêmico, Guzmán (2001, p. 42) afirma que “[...] o enfoque agroecológico pretende ativar este potencial endógeno, gerando processos que deem lugar à novas respostas e/ou façam surgir as velhas (se estas são sustentáveis)”. Para ele, o conhecimento endógeno, ou seja, “de dentro” das comunidades camponesas é de fundamental importância no enfoque agroecológico, desde que o conhecimento endógeno dialogue com o conhecimento exógeno, “de fora” das comunidades camponesas. Assim sendo, pode-se afirmar que o contexto local é determinante para a agroecologia, porque não há como “impor um receituário” no enfoque agroecológico, a realidade concreta, a cultura alimentar, bem como os demais elementos culturais e o clima são fundamentais e precisam ser considerados. Guzmán (2001, p. 43) salienta ainda que:

A Agroecologia, como enfoque científico que promove o desenvolvimento rural sustentável, está assentada na busca e identificação do local e sua identidade para, a partir daí, recriar a heterogeneidade do meio rural, através de diferentes formas de ação social coletiva de caráter participativo.

Contribuindo no debate conceitual, outras autoras que refletiram sobre essa temática, trazem elementos importantes na compreensão do ambiente, como um todo indivisível, e não apenas como um meio. Evidenciam a compreensão do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC):

O ambiente é entendido como o conjunto, pelo espaço onde se estabelecem relações sociais. É compreendido como um todo, incluindo as pessoas e suas relações sociais, por isso o MMC defende e tenta construir novas relações entre os seres humanos e destes com a Natureza. Por isso, entende que deve ser cuidado, respeitado e preservado, a fim de que se garanta a continuidade de todas as formas de vida. A partir de uma visão agroecossistêmica, é necessário valorizar e multiplicar a biodiversidade local e geral. Também é preciso garantir o uso sustentável dos recursos naturais, de forma justa e equilibrada, bem como, garantir as energias renováveis para o ser humano (CONTE; MARTINS; PULGA-DARON, 2009, p. 126).

Com base na citação acima percebe-se a compreensão do MMC acerca do ambiente, terra fértil onde semeia e permeia o debate em torno da complexidade que a agroecologia precisa abarcar, onde se constroem e



materializam as relações humanas de trabalho e de produção, e se estabelecem as inter-relações com os elementos do ecossistema, com a visão de agroecossistema:

O agroecossistema é definido como o tipo específico de ecossistema, modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É uma unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto à sua extensão), onde se dão complexas relações entre as práticas agrícolas e o ecossistema original (SILIPRANDI, 2015, p. 88).

A partir da compreensão do agroecossistema, as camponesas organizadas no MMC percebem a importância da produção agroecológica, dos conhecimentos e saberes populares em relação à produção de alimentos saudáveis e diversificados, tanto para o consumo, quanto para a geração de renda e autonomia das famílias camponesas:

A produção camponesa deve ser agroecológica, com uso de formas alternativas de energia e com acesso e controle dos meios de produção (terra, equipamentos, tecnologia). Devem ser garantidas a geração de renda e a autonomia das famílias camponesas, fortalecendo a capacidade de criar e recriar formas de sustentabilidade no campo (CONTE; MARTINS; PULGA-DARON, 2009, p. 127).

Nesse sentido, a autonomia se conquista de forma coletiva, ou seja, as mulheres camponesas organizadas coletivamente estudam, compreendem a complexidade da teia de relações construídas histórica e culturalmente e lutam pela sua autonomia, tanto econômica, como autonomia sobre suas próprias vidas. De forma coletiva lutam pela transformação da sociedade.

A agroecologia se constrói na concretude da vida, enfrentando e superando desafios, reconstruindo e ressignificando a cultura e valores, como a entre ajuda e a socialização de conhecimentos e saberes construídos historicamente. Para o MMC:

É fundamental, também, que haja investimento público na pesquisa, na ciência e nas tecnologias a serviço da vida, adequadas às necessidades da agricultura camponesa agroecológica (conhecimento e equipamentos tecnológicos, populares e científicos), que facilitem o trabalho humano (CONTE; MARTINS; PULGA-DARON, 2009, p. 129).



O debate em torno da importância da agroecologia está posto, o desafio é avançar no sentido de viabilizar e garantir a produção de alimentos saudáveis de base agroecológica para o povo tanto do campo, quanto da cidade. Nesse sentido, é preciso que haja decisão política, incentivo econômico e científico para o desenvolvimento de equipamentos e tecnologias acessíveis que viabilizem a produção e diminuam a penosidade do trabalho humano.

A agroecologia tem um grande potencial a ser desenvolvido, é capaz de produzir alimentos em grande quantidade com baixo impacto ambiental, conforme Siliprandi (2015, p. 88):

A agroecologia se propõe a estudar e compreender esses ecossistemas de forma ampla, visando melhorar o seu potencial e eficiência, em termos do conjunto de produtos que poderão ser obtidos, ao mesmo tempo que buscará minimizar os impactos negativos dessa intervenção.

Diante dos dilemas atuais da humanidade, no que se refere à produção e ao consumo de alimentos, bem como a continuidade da vida, é urgente e necessário que se caminhe a passos largos rumo a produção de alimentos saudáveis para a humanidade, aliada a preservação dos bens da Natureza e a agroecologia se apresenta como sendo a alternativa mais viável e segura para responder a essa demanda.

## **A divisão sexual do trabalho e a busca de superação com a agroecologia e trabalho coletivo**

Para compreender como acontece a divisão sexual do trabalho no campo é preciso num primeiro momento analisar a categoria “Trabalho” compreendida como “a relação dialética entre ação e consciência da própria existência humana; de produção de mercadorias, através da forma histórica que assume no capitalismo” (KUENZER, 1998, p. 66). Também, faz-se necessário compreender a origem da chamada família moderna, como nós conhecemos hoje. Segundo Engels (1984, p. 62):

A família moderna contém em germe não apenas a escravidão (*servitus*) como também a servidão, pois, desde o começo, está relacionada aos serviços da agricultura. Ela contém em si, em miniatura, todos os antagonismos que se desenvolverão mais tarde na sociedade e em seu Estado.





As camponesas trabalham na produção e preparo de uma diversidade de alimentos para o consumo da família, fazem trocas com vizinhas/os, e muitas vezes vendendo o excedente. No entanto, essa produção feita pelas mulheres não é considerada trabalho. Decorrência disso, não é contabilizada como renda nem dinheiro e, no senso comum ela é conhecida como “miudeza”, ou seja, não tem valor, é um serviço necessário.

Em pesquisa realizada no ano de 2017, com camponesas inseridas no MMC Paraná, quando questionadas sobre as relações de trabalho nas famílias, elas apontam elementos importantes nas suas falas, aqui transcritas de forma literal:

Ainda estamos caminhando para construção de relações mais igualitárias. Buscando dividir os trabalhos de fora e de dentro de casa. O pai ainda apresenta uma certa resistência em ajudar nos trabalhos domésticos. E a mãe também tem um pouco de dificuldades, pois, sempre se sobrecarregou de trabalho em casa e na roça (Margarida, 2017).

O trabalho no quintal e na horta comercial são desenvolvidos por mim, contando em alguns momentos com ajuda do pai, mãe e irmãos. No plantio de feijão, arroz, mandioca, batata doce, abóbora ocorre uma colaboração maior com parte da família, pois são alimentos destinados para consumo de todos. Meu companheiro trabalha com contrato por CLT, e ainda não consegui despertar nele o modo de vida agroecológico, mas com o tempo, as coisas irão mudando (Rosa, 2017).

Em casa somos eu e minha mãe, e a pouco tempo minha irmã, faço a maior parte do trabalho por que minha mãe ainda trabalha fora, [...] hoje vejo que podemos ter a técnica da agroecologia para não sofrer, essa é uma dificuldade no meio rural, principalmente sendo mulher, crescendo com a “falsa” inferioridade de sermos o sexo frágil e não garantir o trabalho como um todo (Alamanda, 2017).

Embora se perceba avanços significativos na compreensão das mulheres em relação à divisão sexual do trabalho, a leitura que fazem da realidade em que vivem, percebe-se também a sobrecarga de trabalho e as dificuldades enfrentadas na agricultura camponesa, pois alguns membros da família precisam trabalhar fora da unidade de produção camponesa para complementar a renda das famílias, e isso sobrecarrega ainda mais as mulheres.



Em diálogos informais com as camponesas é recorrente ouvir a expressão; “as mulheres são escravas das vacas”. As mulheres são cativas em seus lares, com muitos trabalhos tanto na casa, quanto na produção e nos cuidados com crianças, idosos e doentes. As camponesas são as primeiras a despertar na manhã e as últimas a descansar a noite, o que configura a dupla e, por vezes, até tripla jornada de trabalho. Engels (1984) elucida essa relação de escravidão doméstica que as mulheres vivem, ora evidenciada, ora dissimulada, mas latente, atingindo diretamente as mulheres camponesas.

A família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais. Hoje, na maioria dos casos, é o homem que tem que ganhar os meios de vida, alimentar a família, pelo menos nas classes possuidoras, e isso lhe dá uma posição dominadora, que não exige privilégios legais especiais. Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletário (ENGELS, 1984, p. 80).

Dialogando com essa citação, que é tão atual e evidencia-se na resposta para a questão da divisão sexual de trabalho, na qual uma camponesa diz que:

Existe o machismo. Muitas vezes, enquanto o companheiro sai para sua vida de operário é a mulher que fica na roça, mas o seu trabalho nem ao menos é reconhecido, pelo contrário, é menosprezado, com aquele velho ditado patriarcal, “O CHEFE DE FAMÍLIA” e a “DONA DE CASA” sendo que também somos chefe de família, mas o sistema diz que nós mulheres temos que nos sujeitar a agradar o homem e se submeter a lavar, cozinhar e reproduzir (Hortência, 2017).

Muitas vezes, essas expressões que reproduzem o machismo e cristalizam a inferioridade das mulheres são ditas por mulheres, o que não significa que essas mulheres sejam machistas, as mulheres reproduzem a cultura, são vítimas do sistema, pois estamos todas/os imersas/os na cultura patriarcal e machista que naturaliza a inferioridade das mulheres, como explicitam as autoras:

A exploração das mulheres e, conseqüentemente, a desigualdade de gênero são, em grande medida, naturalizados na sociedade, até porque isso faz parte da engrenagem do capital. São elementos complexos, na medida



em que é difícil serem identificados e refletidos rumo à possibilidade de mudança e superação de uma cultura patriarcal machista, que é tão forte que se faz invisível, a ponto de legitimar, elaborar e romantizar o papel das mulheres na cultura de exploração e super exploração. Por isso as mulheres acabam sendo reprodutoras da cultura patriarcal (CONTE; MARTINS; PULGA-DARON, 2009, p. 123).

É possível perceber mudanças significativas nas famílias e na vida de algumas camponesas que participam há mais tempo no movimento. O que fica explicitado na seguinte afirmação; “O trabalho é distribuído entre os sujeitos que constituem esse núcleo familiar em iguais condições e sem discriminação por gênero” (Orquídea, 2017).

Com isso, percebe-se que não existe uma “ordem natural” dos lugares de homens e mulheres na sociedade. Para as mulheres que vivem cotidianamente essa situação de proletárias é muito pertinente que se dedique grandes esforços e ações concretas para desvelar essa realidade no campo, que, por vezes, se configura em um espaço de relações patriarcais de poder.

As relações de poder determinam igualmente as condições de participação dos homens e mulheres nos espaços de decisão sobre os rumos da sociedade, e, portanto, na construção do desenvolvimento rural sustentável. Parece existir um “vazio de análise” entre o nível micro enfocado pelas teorias agroecológicas (o agroecossistema) e o nível macro (as comunidades rurais, os “camponeses”, os “indígenas”, a “agricultura familiar”), um espaço que merece ser analisado, no qual se encontram as pessoas concretas, homens e mulheres que trabalham na agricultura (SILIPRANDI, 2015, p. 19).

A autora nos mostra a importância de realizar de estudos sobre a relação entre os níveis micro e macro para compreender o conjunto de fatores que determinam as relações de poder no campo, e como essas relações interferem diretamente na vida das mulheres.

Na mesma perspectiva, Kuenzer (1998) salienta a importância de fazer a necessária articulação entre as categorias de análise macro e microeconômicas, compreender que a realidade concreta é parte de um todo indivisível. Vejamos:

A questão que se coloca, portanto, é a da necessária e adequada articulação entre as categorias de análise macro e microeconômicas, entre teoria e



prática, através de um caminho metodológico que permita que o concreto se torne compreensível pela mediação do abstrato, e o todo através da mediação da parte, sem o que nossa produção sempre será parcial e pouco útil para dar suporte as intervenções no sentido da transformação da realidade (KUENZER, 1998, p. 61).

É importante compreender como essas questões se inter-relacionam e como as mesmas influenciam na vida das mulheres camponesas, das famílias, das suas comunidades e até mesmo da forma como se configura o campesinato, e são tão importantes quanto às relações de classe, conforme salienta Pacheco (2005, p. 02):

Essas análises têm demonstrado que as relações entre homens e mulheres no âmbito familiar e a forma como a família é constituída e reproduzida são tão importantes quanto às relações de classe, quando se trata de explicar as diferenças sociais do campesinato, assim como a sua reprodução social.

Estudar, compreender, analisar e debater essas questões relacionadas à divisão sexual do trabalho é um esforço necessário na construção da agroecologia. São as relações cotidianas mescladas e complexas, que dão vida às experiências de produção agroecológicas desenvolvidas pelas camponesas, às quais serão abordadas na sequência.

## **A materialidade da agroecologia no cotidiano das camponesas**

O objetivo aqui não é trazer elementos históricos sobre a “descoberta” da agricultura feita pelas mulheres, mas contribuir com alguns dados sobre a produção de alimentos realizada pelas mulheres e que em função da hegemonia da cultura patriarcal e do sistema capitalista, segue historicamente na invisibilidade.

As camponesas sempre trabalharam e produziram alimentos nos quintais de forma agroecológica, muito embora, desconhecemos o termo agroecologia. Ao analisar a produção de alimentos feita pelas mulheres ao redor do mundo, León (2004) apresenta dados reveladores:

Na África Subsaariana e no Caribe, as mulheres produzem entre 60 e 80% dos alimentos básicos. Na Ásia, as mulheres fazem mais do que 50% do trabalho relacionado com o cultivo do arroz. No sudeste da Ásia, Pacífico



e América Latina, as hortas cultivadas por mulheres estão entre os sistemas agrícolas mais complexos que se tem conhecimento. As mulheres são evidentemente agricultoras e as cultivadoras que tem uma contribuição substancial para a conservação e gestão geral dos recursos fitogenéticos<sup>1</sup> para alimentação e agricultura (LEÓN, 2004, p. 222, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Os dados mostram a importância do trabalho realizado pelas mulheres e como esse trabalho não é valorizado, tampouco é considerado trabalho. As camponesas conhecem e praticam em suas hortas e quintais, técnicas de produção, seleção, cruzamento, melhoramento e armazenamento de sementes crioulas, de cereais, de plantas medicinais, aromáticas e alimentícias, de árvores frutíferas, de flores e de plantas ornamentais. Conhecem técnicas de reconstrução, recuperação, manejo e melhoramento dos solos. Essas hortas são verdadeiros laboratórios a céu aberto. Segundo León (2004):

[...] as hortas que as mulheres mantêm são muitas vezes, verdadeiros laboratórios experimentais informais, dentro do qual elas cuidam, incentivam, experimentando, transferindo, cuidadosamente espécies nativas, e adaptando-as para conseguir produtos específicos e se possível variados, que elas são capazes de produzir. Um estudo recente realizado na Ásia mostrou que 60 hortas de um mesmo povo tinham entorno de 230 espécies de plantas diferentes. A diversidade de cada horta era de 15 a 60 espécies (LEÓN, 2004, p. 225, tradução nossa)<sup>3</sup>.

- 1 Fitogenéticos se definem como material genético de origem vegetal que tem um valor real e potencial, destinados à alimentação e agricultura. Esses recursos têm sido conservados e desenvolvidos pelos agricultores/as de forma tradicional e são a base para desenvolver novas variedades e tecnologias.
- 2 “El África subsahariana y en el Caribe, las mujeres producen entre el 60 y 80% de los productos alimenticios de base. En Asia, las mujeres realizan más de 50% de los trabajos relacionados a los cultivos de arroz. En el sudeste asiático, el Pacífico y América Latina, los huertos cultivados por mujeres figuran entre los sistemas agrícolas más complejos que se hayan conocido. Las mujeres son de toda evidencia agricultoras a parte entera, y las cultivadoras aportan una contribución substancial en la conservación y en la gestión general de los recursos fitogenéticos para alimentación y la agricultura” (LEÓN, 2004, p. 222).
- 3 “[...] los huertos que mantienen las mujeres son, muchas veces, verdaderos laboratorios experimentales informales, al interior de los cuales ellas transfieren, favorecen y cuidan las especies autóctonas, experimentándolas a fondo y adoptándolas para lograr productos específicos y si es posible variados, que ellas están en capacidad de producir. Un estudio reciente realizado en Asia ha mostrado que 60 huertos de un



Ao falar em agroecologia é preciso falar da invisibilidade que as mulheres camponesas têm em todos os âmbitos, inclusive nos movimentos sociais, embora os movimentos sociais do campo tenham buscado desvelar essa realidade vivida pelas mulheres camponesas. É preciso, da mesma forma, falar nas relações de trabalho, na esfera do trabalho produtivo e do trabalho reprodutivo, sendo que o primeiro é considerado dos homens, enquanto o segundo é considerado das mulheres. Aqui está um grande desafio, avançar tanto na valoração econômica do trabalho realizado pelas mulheres e valoração/valorização dos conhecimentos que as mesmas detêm. Nas palavras de León (2004):

Avançar igualmente na valoração dos conhecimentos das mulheres na agricultura e na gestão da vida, ao contrário dos estereótipos gerados pelo patriarcado e o capitalismo, onde sua riqueza de conhecimentos e valores foram usados para confiná-las em opressão. O que deve agora projetar para as áreas rurais, registrando os progressos históricos, para alcançar a igualdade de gênero e autonomia das pessoas, para que as mulheres rurais possam finalmente alcançar, a sua cidadania por inteiro e continuar ampliando e aplicando seus conhecimentos (LEÓN, 2004, p. 228, tradução nossa)<sup>4</sup>.

A sociedade capitalista alicerçada na cultura patriarcal, não reconhece a importância da produção realizada pelas camponesas, produção essa que, em grande medida, viabiliza a vida no campo por que cria as condições para que os homens desempenhem suas funções “produtivas” sem a preocupação com as funções “reprodutivas” que estão a cargo das mulheres.

Nessa perspectiva, na pesquisa realizada com o Movimento de Mulheres Camponesas no Paraná, articulado com as pautas e bandeiras historicamente defendidas pelo MMC/BRASIL, tem-se a compreensão

---

*mismo pueblo contenían unas 230 especies vegetales diferentes. La diversidad de cada huerto era de 15 a 60 especies” (CARVALHO, 2004, p. 225).*

- 4 *“Apura igualmente la valoración de los conocimiento sean de las mujeres en la agricultura y la gestión de la vida, en sentido contrario a los estereotipos generados por el capitalismo y el patriarcado, donde su gran acervo de conocimientos y valores han sido utilizados para confinarlas en la opresión. Lo que cabe ahora es proyectar hacia el mundo rural los avances históricos registrados para lograr la igualdad entre los géneros y la autonomía de las personas, para que las mujeres del campo puedan, al fin, alcanzar su calidad de sujetos, su ciudadanía a parte entera y continuar ampliando y aplicando sus conocimientos” (LEÓN, 2004, p. 228).*



de que lutar por agroecologia é lutar por manter a vida, não só a vida humana, mas todas as formas de vida. Manter viva a memória, a historicidade da produção e do preparo dos alimentos, é manter a identidade das camponesas e dos camponeses. Percebe-se na fala de uma das camponesas participantes da pesquisa quando questionada sobre o que é agroecologia:

Agroecologia é a vida em sua forma mais complexa, de entendimento do nosso papel na terra para soberania alimentar e de harmonia com a natureza, sem a qual não existiríamos, dependemos da Agroecologia para evoluir na terra com respeito e dignidade. Agroecologia abrange todas as ciências, sendo a mais complexa teia de informações e precisando de todos os indivíduos para fazer acontecer esse modo de viver (Alamanda, 2017).

Construir agroecologia considerando e respeitando a diversidade do campesinato, ampliar e fortalecer os laços entre quem produz e quem consome os alimentos, construindo pontes e diminuindo as distâncias entre campo e cidade. Pois, a forma de produção do alimento no campo, reflete na qualidade do alimento que chega às mesas da cidade. Compreendendo que o campo é espaço de vida, de luta pela terra e territórios, de luta por direitos e pela preservação dos bens da natureza, de resistência, de enfrentamento, de cultura e de diversidade. Nesse sentido, o conceito de agroecologia para o MMC abarca uma complexidade:

[...] a agroecologia é um modo de vida. Vai além de uma forma de produção, busca a harmonia nas relações dos seres humanos entre si e com a natureza, produzindo e reproduzindo a vida, preservando e multiplicando a biodiversidade. A agroecologia não se resume simplesmente como “alternativa”, como forma diferente de obter lucro ou ganhar dinheiro, por isso, no campo, continuaria alimentando o sistema capitalista. A agroecologia constitui-se em uma ferramenta estratégica de resistência das camponesas e camponeses de proposição para um projeto de agricultura camponesa agroecológica, incorporando um novo modo de vida, baseado na construção de novas relações de gênero entre homens e mulheres e desses com a natureza, na produção de alimentos saudáveis e diversificados, no consumo consciente, na adoção de técnicas de produção menos agressivas ao meio ambiente e mais sustentáveis. Esse modo de vida significa a decisão pela defesa e continuidade de todas as formas de vida (CINELLI; SANTOS, 2015, p. 67).



Na pesquisa realizada com mulheres do MMC, percebe-se como o conceito de agroecologia, construído no movimento, tem consonância com a compreensão das camponesas, o que se evidencia na resposta de uma das entrevistadas:

A Agroecologia é uma ciência que tem por finalidade a construção do conhecimento voltado para a produção de alimentos saudáveis. Em que o ser humano, homem e mulher, possam tirar da terra o seu sustento, ao mesmo tempo que contribua com a preservação dos bens naturais (a biodiversidade, o solo, a água...). Essa ciência valoriza e resgata os conhecimentos tradicionais de diversos povos e une ao conhecimento científico formando a Agroecologia. Além de ciência, é também um modo de vida, que compreende o modo de ser e viver do camponês e da camponesa (Margarida, 2017).

Para outra camponesa entrevistada a “concepção de Agroecologia é mais do que plantação de orgânicos. Agroecologia é um projeto de sociedade onde respeitamos a vida como todo, onde não há exploração do ser humano em seu trabalho” (Orquídea, 2017). Na mesma perspectiva as autoras destacam a importância do valor econômico, político, social e cultural da produção de alimentos feita pelas camponesas, bem como, a importância da transformação da matriz produtiva:

O trabalho, então, precisa ser valorado política, econômica, social e culturalmente, pois é a forma de produção camponesa, a partir da qual se produzem alimentos saudáveis e organizam os mecanismos de distribuição para a classe trabalhadora. Deve ser, também, valorizada e reconhecida a contribuição histórica do trabalho das mulheres, tanto na família quanto na sociedade. O que se almeja, juntamente com a transformação da matriz produtiva, são novas relações de produção no campo (CONTE; MARTINS; PULGA-DARON, 2009, p. 128).

Corroborando com a teoria citada, outra camponesa apresenta uma visão elucidativa sobre o que é a agroecologia para as camponesas do MMC:

A Agroecologia, como um modo de vida, traz consigo outra ética, outros princípios e formas de olhar e compreender o mundo, no qual a forma como se produz os alimentos não está descolada dos princípios éticos de relacionamento entre seres humanos e entre ser humano e natureza. Ou





seja, é uma lógica do respeito, da cooperação, que guia esse modo de ver e agir no mundo. Dessa forma, ao olhar para a sociedade e natureza como um todo, a visão busca ser integral, pois há a preocupação, o tempo todo, de quais são as consequências das ações que se realiza, para todos os seres (Jasmim, 2017).

Sob a mesma ótica, a pergunta seguinte foi se o MMC contribuiu para que as camponesas compreendessem o que é a agroecologia. Segue as várias respostas:

Sim. Ajudou principalmente a revalorizar nosso modo de vida (Margarida, 2017).

Com certeza, o MMC contribuiu muito e continua me ajudando, principalmente na questão de gênero, e a me ver como camponesa e aprender a valorizar o campo (Flor de Lis, 2017).

O Movimento de Mulheres Camponesas é o principal colaborador para compreensão da Agroecologia. Seus projetos nesta área sempre contribuem gerando, para além da formação, resistência ao sistema capitalista, que tenta, de todas as formas nos envolver em suas teias de dominação. (Orquídea, 2017).

O MMC vem ao encontro da Agroecologia, na verdade o MMC já está dentro da Agroecologia desde que ela nasceu, pois sem a mulher a Agroecologia não existe, e conseqüentemente, a sustentabilidade não aconteceria, a mulher é o pilar principal nas produções agroecológicas (Alamanda, 2017).

As camponesas inseridas nesse movimento conhecem, compreendem e vivenciam a agroecologia, e, ao mesmo tempo, evidenciam os conflitos existentes nas famílias e nas comunidades camponesas. Percebeu-se isso, quando questionadas sobre quais as mudanças que ocorreram e como elas perceberam essas mudanças, tanto nas famílias como no contexto social onde as mesmas estão inseridas. As respostas, mais uma vez, foram muito elucidativas. Vejamos a seguir:

Ainda percebo uma certa resistência de nossos familiares e amigos por conta de minha opção de ser camponesa. As pessoas ainda acham que devemos estudar e sair do campo. Que precisamos trabalhar fora para sermos bem-sucedidas (Margarida, 2017).



Minha família me apoia, mas sinto um certo preconceito da comunidade, lá as pessoas acham que não tem futuro nem querem saber o que é agroecologia e como funciona (Flor de Lis, 2017).

A mudança mais aparente é na sua qualidade de vida, a saúde. E cada ano novas experiências. Te faz forte, suas ideias são embasadas e seu olhar se abre e nas relações com seus vizinhos e comunidade se ampliam, a buscar por novas experiências, trocas de sementes se perpetua (Rosa, 2017).

Trabalho com hortas urbanas. [...]. Tento resgatar com as mulheres e crianças, a importância do papel da mulher, economia solidaria, autonomia, soberania alimentar e os conceitos capitais (do sistema capitalista) que não nos favorecem como comunidade (Alamanda, 2017).

O MMC me deu a força que achei que tinha perdido, trouxe a garra de batalhar pelo que é de direito, me deu alegria de poder partilhar minha vida e história com mulheres tão incríveis e fortes que me ensinam a cada encontro. Sou extremamente grata por estar nesse meio (Alamanda, 2017).

As mulheres, de forma organizada e coletiva, vêm construindo a agroecologia e recuperando sua identidade, a qual foi pisoteada pelos “irmãos siameses” capitalismo e patriarcado, dois grandes responsáveis pela subordinação e subalternização das mulheres. Portanto, como nos lembra Siliprandi (2015, p. 335): “A Agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma teoria e um modelo para a ação emancipatória dos camponeses se não se ocupar também, teórica e praticamente, do enfrentamento as questões de subordinação das mulheres agricultoras”.

É notório que as camponesas do MMC estão construindo práticas e experiências agroecológicas, desconstruindo estereótipos, se fazendo e refazendo dialeticamente enquanto sujeitos de direitos, enfrentando cotidianamente os desafios impostos pela cultura patriarcal e pelo sistema capitalista. Essas mulheres vêm semeando esperança e rebeldia, cultivando sonhos, além da mística camponesa e feminista.





## Considerações finais

Nessa reflexão, foram evidenciados alguns conceitos e a caracterização da agroecologia no âmbito acadêmico, na formulação teórica do Movimento de Mulheres Camponesas e nas práticas que estão sendo desenvolvidas pelas camponesas inseridas no MMC em diferentes regiões no Estado do Paraná.

Buscou-se “dar voz” as mulheres camponesas, trazendo as falas das mulheres através da pesquisa realizada, o que mostra que as camponesas vêm superando desafios com esforço, lágrimas, alegrias, suor e intencionalidade vem construindo a materialidade da agroecologia.

Com a participação no movimento e com o estudo sobre a divisão sexual do trabalho, as mulheres compreendem que a relação que elas têm com a natureza não é algo inerente ao ser mulher, não é natural ou da essência feminina, mas é fruto da construção cultural, histórica e social, e, portanto, se foi construção humana, os seres humanos que construíram esses espaços incorporados como “naturais”, podem ser desconstruídos e reconstruídos sob novos valores, de respeito, entre ajuda, solidariedade e equidade.



Surge a necessidade de dedicar esforços no intuito de mudar a realidade vivenciada pelas mulheres camponesas, pois os dados da produção de alimentos feita pelas mãos calejadas das mulheres comprovam que elas estão dando vida à agroecologia e isso precisa ser valorizado para que seja expressão da maioria das mulheres camponesas.

## Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*, 3. ed. rev. ampl. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

CINELLI, Catiane; SANTOS, Geneci Ribeiro dos. Feminismo Agroecologia e Sustentabilidade. In: BONI, Valdete *et al.* *Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica*. Tubarão/SC: Copiart, 2015.

CONTE, Isaura Isabel; MARTINS, Mariane Denise; PULGADARON, Vanderléia Laodete. Movimento de Mulheres Camponesas: Na Luta a Constituição de Uma Identidade Feminista, Popular e Camponesa. In: PALUDO, Conceição (Org.). *Mulheres resistência e luta em defesa da vida*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. 9ª ed. tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GUZMÁN, Eduardo Servilla. *Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia: Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, jan./mar. 2001.

KUENZER, A. Z. Desafios Teóricos Metodológicos da Relação Trabalho-Educação e o Papel Social da Escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. 3º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.



LEÓN, Irene. De mujeres, vida y semillas. In: CARVALHO, Horacio Martins (Org.) *Semillas: patrimonio del pueblo al servicio de la humanidad*. Quito: Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo - CLOC, de 2004.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Construindo um diálogo: feminismo e agroecologia* (entrevista). Proposta. Rio de Janeiro, v 28/29, n. 103104, dez/mar. 2005.

SILIPRANDI, Emma. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.





**ORGANIZAÇÃO DAS CAMPONESAS  
NO NORDESTE E SUDESTE:**  
produção agroecológica, auto-organização  
e luta por autonomia

*Michela Calaça  
Itamara Almeida  
Márcia Cordeiro  
Edcleide da Rocha Silva  
Déborah Murielle de Sousa  
Guiomar Souza Santana  
Adriana Dantas*

Esta reflexão pretende contribuir para uma análise da condição de vida e de luta das camponesas no Brasil, partindo da realidade de como camponesas no Nordeste e Sudeste constroem a produção e reprodução da vida. Buscamos identificar como através da luta e das respostas do Estado as camponesas constroem sua autonomia e, concomitantemente, constroem a agroecologia, a produção de alimentos saudáveis e o Feminismo Camponês e Popular.



Essa análise tem como elementos constitutivos, a pesquisa de mes-trado realizada por Santos (2012) e entrevistas realizadas com camponesas que participam da coordenação nacional do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) representando os estados do Nordeste e Sudeste, sendo que os nomes são fictícios, no intuito de preservar suas identidades e se fundamenta na identificação de camponesa<sup>1</sup> feita por este movimento junto com a Via Campesina.

## **As camponesas e a questão agrária brasileira: Uma caracterização**

O acesso à terra é no Brasil um fator importante de análise quando buscamos discutir a realidade brasileira, especialmente se estamos falando sobre a vida das camponesas. Dados do Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO, citados por Lopes e Butto (2008), indicam que as mulheres têm apenas cerca de 1% da propriedade mundial. Esse dado reflete a falta de poder das mulheres, pois, se somos aproximadamente 50% da população, como é possível determos apenas 1% da propriedade da terra? Isso ocorre porque são as mulheres destituídas do acesso à herança, do acesso ao crédito e dos meios de produção já que às mulheres, cabe casar e morar em terras dos maridos (DEERE; LEÓN, 2002).

Partimos do entendimento que a vida das camponesas está envolta em uma totalidade de determinações que vão muito além da sua história pessoal, afinal as mulheres

[...] os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado (MARX, 2014, p. 25).

---

1 O termo camponesa aqui utilizado parte do entendimento construído pelo Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/Via campesina, que é: Mulher camponesa é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, a extrativista, arrendatária, meeira, ribeirinha, posseira, boias-fria, diaristas, parceira, sem-terra, acampada e assentada, assalariada rural e indígena (MMC, 2011). Disponível em: <<http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/43>>. Acesso em: 12 ago. 2017.



Passado este, que como já apontamos, negou e nega o acesso à terra, bem como invisibiliza e precariza o trabalho das mulheres camponesas até os dias atuais. Essa reflexão inicial, sobre a realidade das mulheres camponesas, tem por objetivo evidenciar o desenvolvimento capitalista em países considerados periféricos e quais os danos que isto causa à vida camponesa, especialmente das mulheres, já que elas têm na relação direta com a natureza a forma de atendimento de suas necessidades. Além disso, a relação com a natureza é a maneira de construir seu modo de vida. Portanto, situar a questão agrária brasileira e da América Latina, mesmo que de forma breve, nos ajuda a entender o contexto de vida dos sujeitos que buscamos aqui refletir sobre sua realidade e seu papel transformador.

Em estudos mais atuais, especialmente no campo das ciências humanas já foi desmistificado a narrativa de “descoberta” da nossa América, pois como bem definiu Marc Bloch (2001, p. 46) em sua *Apologia da História* “a história não é uma relojoaria ou marcenaria. É um esforço para conhecer melhor: por conseguinte, uma coisa em movimento”. E é neste movimento que hoje se entende que a América Latina, como um todo, teve seu território invadido e suas riquezas roubadas. Vale salientar que essas riquezas não foram apenas materiais, pois o modo de vida, de organização, de produção, conhecimentos científicos sobre a natureza também são riquezas de um povo.

Nesse sentido, podemos dizer que o que caracterizou o processo de “colonização” desenvolvido na América Latina foi que, para espoliar toda a riqueza material (metais preciosos, madeira, produtos alimentícios, etc.), não se utilizou apenas a força dos exércitos, foi usado o poder ideológico, sobretudo da Igreja Católica e, com isso, destruiu-se o modo de vida dos povos desse lugar. A invasão colonial buscou desconstruir todo o modo de vida presente nas colônias para melhor explorar o trabalho dos povos originários, sob a ideologia do desenvolvimento e da civilização. Desenvolvimento e civilização permanecem como termos genéricos que precisam ser desmistificados e problematizados. Civilização e Desenvolvimento para quem? Para quê? A que custo?

Eduardo Galeano (1987), descreve a situação da exploração e assassinato dos povos da América Latina na luta contra a exploração e expropriação das riquezas e dos territórios. Ele demonstra como o processo





colonial foi construindo riqueza em cima da pobreza dos povos das colônias, em sua maioria, indígenas e camponeses. Pensar esse processo a partir da perspectiva da resistência indígena é também voltar seu olhar para as mulheres, muitos países da América Latina têm história de mulheres indígenas que se insurgiram contra os colonizadores. Mas, se em geral os povos originários saíram perdendo, nesta guerra desigual contra os colonizadores é muito certo que as mulheres perderam ainda mais.

No caso específico do Brasil, conta a “história oficial” que os portugueses que aqui chegaram, trouxeram armas e a igreja em busca de “especiarias”. Entretanto, levaram 30 anos para iniciar de fato seu processo de dominação territorial de forma mais abrangente. Assim, trinta anos depois iniciou o processo de divisão das terras brasileiras em capitânicas hereditárias (entregues apenas a homens). Assim, os colonizadores apropriaram terras dos povos originários, buscando escravizá-los no período que o Governo Geral foi implantado e se consolidou. Base dessa consolidação foi a exploração agrícola do Brasil, baseada na produção de açúcar para a metrópole.

Pensar a concentração de terra no Brasil hoje, nos remete a esse período colonial, pois podemos dizer que a partir das capitânicas hereditárias foram muitas as formas territoriais de ampliação do domínio do capital estrangeiro (seja português, inglês ou estadunidense) passando por Sesmarias, depois por ampliação dos produtos de exportação, incluindo café e madeira, até chegar a Lei de Terra (1850) que torna a terra legalmente uma mercadoria. Essa dominação para se consolidar, não apenas no Brasil, mas aqui com maior vigor, trouxe povos do continente africano, continente este igualmente rico como nossa América. Esses povos foram escravizados, tiveram seus costumes silenciados e seus conhecimentos ancestrais negados e criminalizados ao mesmo passo que, ao longo da história, a questão agrária brasileira se mantém entorno da situação de muita terra em poucas mãos. Reflexo disso está nos conflitos existentes ainda hoje, no que se refere à luta pela terra e a defesa do território de indígenas e quilombolas.

A luta dos povos indígenas e a luta do povo negro foram, sem sombra de dúvida a primeira forma de luta e resistência da classe trabalhadora no Brasil. Essas lutas dificultaram a implantação dos interesses da metrópole, mas não a impediu. A classe dominante brasileira tem como



característica a antecipação como forma de agir para não perder seu domínio, ou seja, abrem mão de algo para não perder tudo, assim foi com a falsa “libertação” dos escravos, assim é com a questão da terra.

A partir da Lei de Terras (1850), a terra passa a ser uma mercadoria, ou seja, só é possível acessá-la ou por herança, ou por compra, colocando assim um impedimento legal ao estabelecimento dos negros e negras em uma condição camponesa, após o processo de “libertação”, que só ocorreria anos depois, em 1888. A situação indígena não é diferente, seus territórios foram roubados e as possibilidades de tê-los reconhecido como território indígena diminui à medida que o capital toma posse dessas terras.

De forma resumida é possível dizer que, das capitânicas hereditárias até os dias atuais, a exploração de terra para atender aos interesses estrangeiros não mudou muito, no que se refere à posse da terra e modo de produção, como buscaremos demonstrar mais adiante. Ao povo nativo foi destituído a posse da terra, aos povos escravizados foi vedado o direito à terra e no lugar se estabeleceu o celeiro dos colonizadores.

Quanto ao modelo de exploração agrícola iniciamos com *plantation*, baseado em grandes extensões de terras, escravidão e voltada para atender as demandas da metrópole, passamos pela modernização conservadora (SILVA, 1982) e temos uma agricultura “moderna”, “tecnológica” baseada no latifúndio, no trabalho precário e temporário, voltado para atender as demandas dos países europeus e estadunidense. Nos perguntamos o que mudou?

Galeano (1987) fala que nesse processo de exploração agrícola baseado na *plantation*, o Nordeste brasileiro passou da riqueza à pobreza. Em suas palavras:

O açúcar arrasou o Nordeste. A faixa úmida do litoral, bem regada por chuvas, tinha um solo de grande fertilidade, muito rico em húmus e sais minerais, coberto por matas tropicais da Bahia até o Ceará. Esta região de matas tropicais converteu-se, como diz Josué de Castro, em região de savanas. Naturalmente nascida para produzir alimentos, passou a ser uma região de fome. Onde tudo germinava com exuberante vigor, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixou rochas estéreis, solos lavados, terras erodidas (GALEANO, 1987, p. 44).



Nessa realidade, as mulheres, mesmo as de classes altas, tem pouco espaço de poder, na história do período colonial mencionam-se poucas mulheres que assumiram o governo geral, mas sempre como substitutas de seus maridos, ou na espera dos filhos chegarem a idade de assumir o poder (ANDRADE, 2018), mas se assim era com as mulheres da classe dominante, a situação das camponesas era ainda pior, já que além de não ter poder nas relações domésticas, ainda tinha que lutar pela sobrevivência em situação em que sua força de trabalho era desvalorizada.

No rural brasileiro a camponesa encontra-se com as questões de classe, de raça e de sexo de forma muito dura. É no meio rural que se tem os piores índices de educação, de acesso à saúde, ao transporte, lazer e a cultura, sobre essa situação o comunicado do IPEA (2011, p. 13), diz que: *“as famílias com conexão agrícola são o tipo mais associado à pobreza extrema – na qual a frequência é quatro vezes maior que a esperada”*.

Esta explanação até aqui, de elementos da questão agrária tem por intuito deixar evidente que essa realidade não se dá por acaso, ou por qualquer dificuldade do campesinato de construir melhores condições de vida, mas por essa situação de pobreza ser resultado direto da busca das classes dominantes em se apropriarem da riqueza social de forma privada, de tratar a natureza, a ciência dos povos, seus saberes apenas como forma de produzir mais riqueza.

Nesse sentido, este artigo busca discutir a vida de camponesas de duas regiões do país que parecem tão distintas, uma reconhecida no Brasil pelo progresso, pela riqueza e outra tida como um lugar de pobreza e pouco desenvolvimento, mas o que percebemos é que quando se trata de olhar a vida das camponesas, a realidade não é tão diferente.

Muitas camponesas do Nordeste e do Sudeste brasileiro ainda se encontram distantes do acesso a muitos direitos básicos dos/as cidadãos/as brasileiros, expressos na Constituição Federal de 1988. Reconhecemos que nos últimos 15 anos houve grandes avanços, mas ainda existe um caminho longo a percorrer. E é nesse quadro que a subordinação de sexo, manifesta-se de forma ainda mais cruel.

Como já mencionamos no início desse item, em um mundo regido pela propriedade dos meios de produção, a propriedade da terra é um elemento de poder econômico e político, as mulheres não deter essa propriedade nos anuncia a situação em que elas se encontram. No entanto, sabemos que não ter acesso à propriedade da terra é apenas uma das condições que submetem as camponesas.



A busca em fortalecer a agricultura camponesa não pode nos fazer invisibilizar as contradições vivenciadas nessa realidade. A agricultura camponesa ainda é tratada como uma unidade homogênea, em que os interesses da família são representados pelos do Pai (LOPES; BUTTO, 2008 p. 22). Essa lógica se aplica nas políticas públicas, nas organizações, no agrogênero quando explora a família, pois ela é fruto de uma visão patriarcal e representa as relações de poder estabelecidas, uma vez que mulheres e jovens podem ter olhares e interesses distintos do interesse do marido e do pai, mas esses interesses são, em sua maioria, desconsiderados.

É necessário discutir a própria organização da família camponesa, pois o caráter familiar em si, traz questões que não podem ser invisibilizadas. Vivemos em uma sociedade baseada no sistema de exploração e opressão capitalista, patriarcal<sup>2</sup> e racista, na qual a família é um dos principais meios de manutenção desse sistema. Ao invés desse lugar harmonioso, o que encontramos são famílias cuja estrutura destitui mulheres e jovens do poder não só de decidir, mas até mesmo de opinar. Trazer essa discussão é importante não para destruir a família, mas para que analisando a realidade sem naturalizá-la, as camponesas possam construir outras relações em suas famílias que coloque fim à violência e as desigualdades entre homens e mulheres.

A organização das camponesas em seus diversos movimentos têm contribuído para visibilizar essas diferenças já descritas anteriormente, possibilitando que possam construir outra realidade agrária brasileira com elementos da agroecologia e do Feminismo Camponês e Popular vivenciados, construído e organizado pelas camponesas.

## **Trabalho produtivo e reprodutivo: Necessidades da vida humana**

Pensamos o trabalho produtivo e reprodutivo da sociedade em geral, e, especialmente no mundo rural, como uma unidade, pois nenhuma pessoa pode abrir mão da necessidade de ambos os trabalhos. A vida

---

2 A compreensão de Patriarcado tem como referência: SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004 e; DELPHY, Christine. *PATRIARCADO (teoria do)*. In: HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.



humana depende da realização do trabalho que chamam de produtivo tanto quando do que denominam trabalho reprodutivo, mas a questão que está colocada em relação a essa unidade, é que socialmente o sistema capitalista, patriarcal e racista separa e hierarquiza o que deveria ser uma unidade.

Essa separação atribuiu como dever natural das mulheres o trabalho considerado reprodutivo e de cuidados e aos homens o trabalho considerado produtivo (HIRATA; KERGOAT, 2007; KERGOAT, 2009). Contudo, essa separação não acontece de forma coerente, pois o mesmo trabalho, (plantar para comer) se realizado por homens é considerado produtivo, se realizado por mulheres é considerado reprodutivo.

Nesta mesma lógica podemos usar como exemplo mais nítido os quintais produtivos, lugar de construção de soberania alimentar, manejado majoritariamente por mulheres e que nunca tiveram seu real valor atribuído. Essa separação entre trabalho produtivo e reprodutivo traz mais um elemento de reprodução de desigualdades, que é o fato de colocar um trabalho como importante, gerador de renda e prestígio (o trabalho considerado produtivo e/ou político) e colocar o trabalho das mulheres como algo natural, como parte de uma obrigação que se nasce com ela.

Apesar de nosso foco aqui ser a realidade do Nordeste e do Sudeste, queremos frisar os exemplos vindos do semiárido, pois essa característica da região marca profundamente a forma de ser das camponesas que é importante demarcar que não estamos falando apenas da falta de água<sup>3</sup>, pois, como já é sabido, é a ausência de um Estado com políticas públicas adequadas para atender as demandas da região que faz com que o povo não tenha água em quantidade e qualidade.

O semiárido é um local historicamente marcado pela ausência de políticas públicas para suprir as necessidades básicas de sua população, e, nesse lugar, são as mulheres as maiores atingidas dessa debilidade. Foram elas, por muito tempo, as únicas responsáveis por suprir a necessidade de água<sup>4</sup> de suas famílias (condição fundamental de sobrevi-

3 Até porque com o desenvolvimento do agronegócio no Sudeste a falta de água também já chega a região.

4 Como parte das contradições é importante destacar que a busca de água, também era um espaço de socialização entre as mulheres, uma das poucas oportunidades de encontrar outras mulheres, o mesmo ocorria na lavagem de roupa nos riachos.



vência humana), fato que gerou a conhecida imagem da mulher com a lata d'água na cabeça, cantada em prosa e verso, mas que nunca foi visto como trabalho, menos ainda como algo importante.

Geralmente no campo, se diz que trabalho é o que demanda esforço físico, mas carregar água na cabeça, trabalho este que demanda caminhar por longas distâncias, muito esforço físico é tido como natural da mulher, e que, por muito tempo impediu-a de frequentar a escola e mesmo de brincar quando criança.

Esse trabalho nunca foi tido na região como um trabalho produtivo, da mesma maneira que os quintais só eram e é visto como extensão do trabalho doméstico, e, como na sociedade em geral, pouco valorizado.

Como demonstraremos a partir do estudo de Santos (2012), as camponesas realizam todos os trabalhos existentes no campo, mas a ideologia patriarcal o desconsidera, ou seja, o que queremos de demonstrar é que considerar o trabalho das camponesas apenas como trabalho reprodutivo é não ver a realidade concreta, é fazer uma opção política por invisibilizar o trabalho das mulheres. Visto dessa forma, as tarefas domésticas compreendem os cuidados com a casa, com os filhos, filhas, com o marido, com as pessoas idosas, e ainda com a produção do quintal – considerado no ambiente rural como extensão da casa<sup>5</sup> - com pequenos animais, o beneficiamento de alimentos, em alguns lugares a busca de água, entre outras tarefas.

Nesse sentido, há uma evidente diminuição do valor produtivo do trabalho realizado pelas camponesas, apenas pelo fato de serem elas que realizam esse trabalho. O que torna o trabalho das camponesas desvalorizado, mesmo que hoje a partir da construção da agroecologia, possamos saber do papel dessas estratégias construídas pelas camponesas para a garantia da soberania e segurança alimentar da família, para a geração de renda monetária e não monetária, é que esse trabalho tem dificuldade de se colocar como parte do cálculo da renda da família, como parte passível de investimento, sendo vistas como atividades improdutivas ou como “ajuda” da mulher no sustento da família (PAULILO, 1987; PACHECO, 2005). Novamente é importante frisar que se esse mesmo trabalho for realizado por homens, ganha status de produtivo e passa a ser visto como produtor de valor.

---

5 Ver Costa (2009) sobre a produção e diversidade dos quintais.



Na realidade camponesa que a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo não dá conta de explicar a realidade, não encontramos evidências na vida concreta das mulheres que dê conta de demonstrar a existência dessa divisão. Entendemos que a divisão sexual do trabalho no campo só se expressa na vida dos homens no que se refere ao trabalho de cuidados, pois esse, em sua grande maioria, continua sendo atribuição exclusiva das mulheres. Chegamos a essa conclusão a partir dos dados apresentados por Santos (2012):

A exclusiva responsabilidade da mulher pelo trabalho doméstico revelou-se de forma significativa também em números, pois das, 37 (trinta e sete) entrevistas analisadas para a pesquisa, 29 (vinte e nove) responderam de forma clara sobre o trabalho doméstico, resposta que nos permitissem entender sobre quem realiza esse trabalho. Dessas 29 (vinte e nove) camponesas, 21 (vinte e uma) são responsáveis exclusivas, ou dividem com outras mulheres – algumas vezes crianças – essa responsabilidade. Isso não significa que nessas 21 (vinte e uma) famílias o homem não faça absolutamente nada em casa, mas que a responsabilidade não é dele, ele ajuda quando quer, ou quando elas não estão em casa (SANTOS, 2012, p. 152).

Santos (2012) cita inúmeros relatos das camponesas no sentido de naturalização do trabalho doméstico como sendo das mulheres e a dificuldade de reconhecer a importância econômica do trabalho delas, mesmo quando várias falam de sua produção, da venda de mudas, da farmácia viva, da comercialização de doces entre outros produtos, elas parecem falar de algo menor, com menos importância para o sustento da família. Essa desvalorização das pessoas e do seu trabalho a partir do seu sexo também tem outra expressão concreta: a violência sofrida pelas mulheres, fato que ocorre no campo e na cidade.

O trabalho do professor Parry Scott *et al.* (2010), faz um resgate dos trabalhos que discutem o tema da violência contra a mulher rural. Ele acha que em números ainda são poucos, mas já cumprem um papel teórico-político importantíssimo quando jogam luz a algo que sempre foi mascarado e mantido sob o domínio do privado. O artigo tem como título: “*Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre violência contra a mulher em contextos rurais*”. Esse trecho foi retirado da fala de uma camponesa que no Seminário intitulado: “Violência contra as Mulheres no Meio Rural”, ocorrido em Brasília no ano de 2007, relatou sua expe-



riência que, infelizmente ainda demonstra muito da realidade vivenciada no campo (PARRY; CORDEIRO; MENESES, 2010).

Esse é outro elemento que Santos (2012) traz para reflexão, pois mesmo o trabalho dela tenha tido foco na agroecologia e como esta contribui para autonomia das mulheres, em que o tema violência não era perguntado diretamente, Santos (2012, p. 60) apresenta que 18 das 37 entrevistadas relataram ter vivenciado casos de violência exercida pelo pai ou marido. Na nossa avaliação, a violência pode ser enfrentada pelas mulheres de melhor forma se elas soubessem o valor econômico do seu trabalho, não que esse seja o único elemento para evitar a violência, mas é bastante relevante saber suas possibilidades concretas de sobreviver sem o agressor.

Quando discutimos o trabalho das camponesas, sabe-se da importância da valorização do trabalho doméstico e de cuidado, não apenas para a realidade das mesmas, mas inclusive para economia do país. No entanto, acreditamos que também é importante dar visibilidade que as camponesas estão em todos os espaços de trabalho na sua comunidade ou unidade de produção. Isso desmascara o caráter ideológico da divisão sexual do trabalho quando analisada a realidade camponesa.

Para isso, vamos voltar ao estudo de Santos (2012), ela relata que descobriu, por meio das entrevistas que todas as camponesas realizam todos os trabalhos e que, de modo individual, as camponesas sempre relatavam que um certo trabalho não é possível ser feito por elas, entretanto, quando Santos (2012) compara entre as comunidades diferentes os trabalhos que as mulheres “não conseguem fazer” muda. Vejamos:

Por exemplo, em São Vicente do Seridó, as camponesas da comunidade Santa Cruz disseram fazer todos os trabalhos do roçado, menos cultivar com animal, pois elas têm medo de animal de grande porte. Nas palavras de Carnaúba: “Eu só não faço cultivar, mas tenho vontade de aprender, mas eu tenho medo dos boi, mais de trabalho no roçado eu faço tudo, aranco moita, colho, planto”. Já em Iratânia, do município de Aparecida, diz que só não faz brocar<sup>6</sup>, pois é muito pesado, mas o resto faz tudo. Ainda em Aparecida, em outra comunidade, Baraúna diz: “Eu faço cerca, cavo buraco, faço cerca de arame, tudo isso eu sei fazer, onde tem um negócio desmantelado ali, eu to pegando a roçadeira, uma foice, boto no ombro e vou embora” (SANTOS, 2012, p. 157).

6 Brocar em algumas regiões do Nordeste é abrir uma mata para fazer roça, tirar as árvores de raiz mais pesadas.





Fazendo com que Santos (2012) conclua que enquanto mulheres camponesas, elas realizam todas as atividades em uma propriedade. O que Santos (2012) vai trazer como elemento que diferencia o trabalho das mulheres e dos homens no roçado é o tempo. Pois, tendo em vista que o trabalho doméstico e de cuidados é realizado majoritariamente pelas mulheres, é impossível que elas, sendo responsáveis por prepararem a comida que é levada para roça e realizarem os cuidados com a casa e com os filhos e filhas, com idosos, doentes, etc., consigam estar no mesmo tempo que o homem no roçado, o que se acontecesse (e acontece em algumas realidades) seria ainda maior a situação de exploração do trabalho da mulher.

A análise do trabalho produtivo e reprodutivo das camponesas nos faz encontrar dois significados totalmente distintos para a palavra “ajuda”, mesmo a lógica patriarcal identificando o trabalho da mulher no roçado apenas como uma “ajuda”, essa ajuda não desresponsabiliza a mulher de realizar o trabalho, fazendo com que elas recebam cobranças em relação a esse trabalho, que sofram gritos e agressões quando não conseguem realizá-lo, como demonstrado no estudo de Santos (2012), mas quando o mesmo termo é usado se referindo ao trabalho realizado por homens no âmbito doméstico, esse passa a ser uma atitude benevolente, um favor, uma atitude passível de elogios (SANTOS, 2012).

Essa realidade impacta diretamente na possibilidade de acesso das camponesas ao lazer e/ou a oportunidade de descanso. À medida que elas descrevem sua rotina diária, (seja no trabalho de Santos (2012), seja nas entrevistas realizadas para esse artigo) é possível perceber que sua vida está praticamente restrita ao trabalho, seja ele no doméstico, no roçado, na feira e na política, enquanto outros membros da família têm tempo para descansar e se distrair. Muitas vezes as mulheres encontram no trabalho de comercialização e na organização do movimento uma grande oportunidade de conhecer outras pessoas, sair de casa, de conversar com as amigas, encarando esses momentos como um lazer.

Concordamos com Santos (2012), quando ela conclui que é um desafio posto à agroecologia contribuir para superar essa situação:

Superar os dois significados da palavra ajuda é um desafio posto à Agroecologia, quando entendemos que as práticas baseadas nos seus princípios são altamente demandantes de força de trabalho humana. [...] Dessa forma,



dividir, de fato, todas as atividades produtivas/reprodutivas é construir as relações sociais de forma justa, sem que uma pessoa – homem ou mulher – explore outra, sem que exista sobrecarga de trabalho para nenhum membro da família, muito menos que essa sobrecarga ocorra sobre uma única pessoa, apenas como consequência do sexo desta (SANTOS, 2012, p. 161).

Buscamos até aqui trazer como a realidade camponesa se constitui no Brasil e como as camponesas estão vivenciando esse contexto, para que melhor possamos entender como que mesmo vivenciando contextos tão difíceis, as camponesas têm construído no dia a dia a resistência ao modelo do capital para agricultura, novas formas de produzir baseadas na agroecologia e novas formas de conduzir suas vidas baseadas no Feminismo Camponês e Popular.

Nosso próximo passo nesta reflexão é trazer um pouco dessas lutas e construções que elas têm realizado a partir da auto-organização no Movimento de Mulheres Camponesas.

## **O surgimento do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC**

As camponesas lutam e estão presentes em diversos movimentos, muito antes de se auto-organizarem, elas participaram das grandes lutas dos povos tradicionais e do campesinato brasileiro. Contudo, nosso intuito é discutir a partir do período mais recente, o período da redemocratização do Brasil que ocorreu nos anos de 1980, quando inúmeras organizações e articulações locais de camponesas (mesmo que usando outras terminologias, trabalhadoras rurais, mulheres da roça, agricultoras, etc.) começam a surgir na luta por direitos para as camponesas. Como forma de enfrentar o fato das suas demandas específicas serem vistas como secundárias, mas a partir da auto-organização elas se reconheceram enquanto sujeitos de direito e buscaram ampliar sua articulação.

Assim, unidas e organizadas em articulações estaduais e locais lutaram na constituição de 1988 para garantir direito à seguridade social (previdência, assistência e saúde), buscando que sua condição de trabalhadora fosse reconhecida pelo Estado. Esse foi apenas um primeiro passo, depois muitas outras lutas foram travadas, seja no campo legislativo para regulamentar os direitos, como também no campo da construção de sua própria autonomia econômica e social, fazendo com que



em 1995, unam-se as organizações estaduais na Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR).

O trabalho de auto-organização das camponesas possibilitou que elas dessem visibilidade ao seu trabalho, conseguiu também trazer para junto de sua luta diversos parceiros, como também possibilitou que as mulheres organizadas em movimento misto (com homens e mulheres) descobrissem que a luta de classes é permeada por outros determinantes e que sexo e raça/etnia são condições materiais na vida da classe trabalhadora, seja no campo ou na cidade.

Com o passar dos anos e após muitas lutas travadas no sentido de valorizar o trabalho das mulheres camponesas e na busca por direitos, algumas companheiras passaram a discutir a necessidade de um Movimento Nacional e não mais apenas uma articulação, esse processo de discussão levou aproximadamente de 2 a 3 anos, e, em 2004, alguns movimentos estaduais, articulações se uniram no que hoje chamamos Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

Entendemos que a organização coletiva contribui para superar os desafios impostos às mulheres, os relatos apresentados por Santos (2012) demonstram que as mulheres por ela entrevistadas às que participavam mais ativamente, seja de movimento social, ou sindicatos, ou organizações não governamentais conseguiram refletir criticamente a situação das mulheres, mesmo que nem sempre isso seja suficiente para a realização de uma prática libertadora. Santos (2012), apresenta o relato de Pereiro que é militante de movimento social que percebe com nitidez a situação da mulher. Vejamos o relato:

É isso que eu digo muito, que a mulher é discriminada em todo ambiente que a mulher tiver, tanto faz ser uma mulher rica como ser mulher pobre. Você agora falou num assunto muito importante para eu, porque se a mulher é filha do homem e o homem filho da mulher era pra tirar, ser igual. O tanto de dinheiro que um homem ganhasse a mulher era pra ganhar o mesmo tanto, os trabalhos que a mulher fazia era pro homem dentro de casa ajudar, tudo a mulher a fazer tudo. Ele Faz? Num faz não. Sempre, você uma menina nova já andou muito no mundo e ainda vai andar muito, você observando a mulher pra o homem, a mulher é mandada, se a mulher num fizer o que o homem quiser, ele num quer [ela], ah, quem manda em você sou eu. E a mulher já num vai dizer que manda no homem, porque se ela disser ela num manda. Ai eu fico observando assim, que eu



ando muito e eu fico observando assim as conversas do mundo e as coisas assim. Porque eu vi quando aquela Dilma, que hoje ela é presidente, eu vi o povo botar tanta das coisas nela, palavronas feias, há humilhações e ela num humilha o homem daquele jeito. Eu fiquei observando aquilo dali, porque eu sei que você também viu, porque era através das televisão, das câmaras do mundo todo, saia mundo geral, era no Brasil todo. Eu fiquei observando aquilo porquê aquela discriminação na mulher, somente porque ela era mulher, a pois eu votei com ela com todo prazer e alegria, que botei lá uma mulher que nem eu. Porque os homens num humilha as mulheres, as mulheres tem que humilhar os homens, quando for na hora da precisão, e como foi que nós humilhou eles? votando na mulher, quer dizer que eu votei neu mesma, não? Que eu num sou homem, sou mulher viu (PEREIRO) (SANTOS, 2012, p. 156).

A consciência coletiva de que existe algo errado, que a situação da mulher não é algo natural é um passo importante para que as mulheres, e nesse caso as camponesas, possam superar a condição de subordinação e de invisibilidade do seu trabalho. Como dito anteriormente, as camponesas sempre trabalharam na produção, mas muitas vezes eram impedidas de participar dos processos de comercialização, ou mesmo de organização dos camponeses, devido uma lógica machista que dizia e ainda diz que “*lugar de mulher é em casa*”.

A superação dessas situações é um caminho que, trilhado de forma compartilhada com outras mulheres, permite um avanço maior e tem mais chances de se consolidar.

## O MMC<sup>7</sup>: Uma construção delas e para elas

Vamos nesse item discutir um pouco como o MMC está organizado no Nordeste e no Sudeste, buscando ver as estratégias de enfrentamento das condições vivenciadas por elas na sua região, no seu estado e, muitas vezes, próximo de suas casas.

No Nordeste o MMC está organizado nos seguintes estados; Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. Em alguns acabou de chegar, em outros já existia antes da nacionalização

---

7 Existe o MMC em outros estados do Nordeste, mas não foi possível conseguir as informações de todos os estados para este texto.



em 2004. Quanto ao Sudeste, o MMC de hoje é fruto das organizações de mulheres rurais que já existiam anteriores a 2004 nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Organização que se fortalece e consegue crescer com passos pequenos, mas seguros.

São diversas as formas que as camponesas dessas duas regiões se organizam no MMC, muitas fazem parte de grupos produtivos, grupos de comercialização, grupos de artesanato, cozinhas comunitárias, algumas estão só em grupos de base que são espaços de discussão do movimento, outras participam das várias formas dessas mencionadas, desenvolvem juntas trabalho de produção, outra a produção é com suas famílias, algumas tem sua barraca na feira, outras acessam programas governamentais de compras, como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), outras vendem na própria comunidade, ou seja, não é a forma como as camponesas constroem que diz o que são, mas é o fato de sua auto-organização ser a forma como elas se relacionam com a vida produtiva e também política. O que tem sido importante é que de diversas formas elas buscam se juntar para construir o MMC e fortalecer a luta das mulheres.

Nesse sentido, entendendo a diversidade quanto às formas de organização das mulheres camponesas em seus espaços, as singularidades das duas regiões e os elementos em comum, vamos apresentar uma síntese do que ouvimos sobre cada estado.

Em Minas Gerais a auto-organização data de 1996, se organizam em cerca de 10 municípios e tem conseguido ver as vidas de muitas companheiras mudando a partir da valorização do seu trabalho e dos debates feitos no movimento. Elas relatam que muitas conseguem participar mais regularmente do sindicato, associações e das lutas agora que tem mais autonomia. Elas estão presentes em feiras, fazem comercialização via programas de compras governamentais, tem na agroecologia seu modo de vida. Elas têm construído em Minas Gerais um processo importante de articulação entorno de pautas como a água, produção agroecológica e acesso à comercialização.

O crime ocorrido em Mariana<sup>8</sup>, uma das maiores tragédias ambientais do mundo, em que uma barragem de rejeito de minério estourou

---

8 Sobre a tragédia de Mariana ler: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/tragedia-de-mariana-or-crime-completa-dois-anos-neste-5-de-novembro/>>.



e poluiu água de um dos principais rios de Minas Gerais, o Rio Doce, causou muitos prejuízos às camponesas do MMC da região, mas elas transformaram a dor em luta e tem se mobilizado contra a empresa e pelos seus direitos.

No Espírito Santo o movimento de mulheres na perspectiva feminista já existia desde 1988, com dois nomes: Articulação das Mulheres Trabalhadoras Rurais (AMTR) e Organização das Mulheres do Campo que, como em outras regiões do país passaram alguns anos discutindo a necessidade de um movimento nacional e em 2004, no congresso, as duas organizações se fundiram formando o MMC. Hoje o movimento está presente em três regiões do Estado, são aproximadamente 15 municípios nos quais as camponesas estão organizadas em grupos.

Como já mencionado, sobre a diversidade das camponesas que constroem o MMC, pudemos notar essa diversidade nas descrições vindas dos próprios estados. No Espírito Santo as camponesas são quilombolas, pequenas proprietárias, meeiras, arrendatárias, assentadas. Sobre o trabalho produtivo na região, todas elas têm como tirar um pouco de renda, seja da pimenta, do café ou do gado de leite ou de corte, mas essas seriam a produção mais da família como um todo. O que elas entendem como a plantação da vida das mulheres são os produtos voltados à alimentação da família, produtos que buscam garantir a soberania alimentar das famílias seja a batata, aipim, as frutas, os pequenos animais. No Espírito Santo essas plantações são feitas por elas tanto nos quintais como no meio da lavoura de café, produto ainda entendido como o responsável pela maior parte da renda familiar.

Cada região do Estado tem um clima diferente e isso acarreta em produções distintas, no entanto, seja frio ou quente, para elas, o que caracterizam as camponesas do Espírito Santo é o trabalho na produção de alimentos saudáveis.

Elas lembram que suas lutas são as mesmas do movimento nacional: defesa da previdência pública, universal e solidária, produção de alimentos saudáveis, agroecologia, combate a violência contra as mulheres, e no estado há também a luta contra o agronegócio que se manifesta de modo mais evidente em duas formas e atinge diretamente a qualidade de vida das camponesas. Lá há a plantação de eucalipto, os chamados “desertos verdes” que tem roubado a água do solo e há também plantação



de cana de açúcar que, como já mencionado, historicamente escravizou e ainda escraviza os trabalhadores e as trabalhadoras.

Na Bahia o MMC também tem uma organização de longas datas, são vários grupos de mulheres, está presente majoritariamente na mesorregião do extremo oeste e Vale São Franciscano da Bahia, são mais de 15 municípios. Essa também é uma construção de organização das mulheres que data de 1983. As camponesas do estado dizem que o MMC foi criado com objetivo de resgatar as raízes culturais da região, na busca por transformação, gerando qualidade de vida para as mulheres através dos artesanatos de sementes e fibras do cerrado como princípio da economia solidária, sendo uma organização social que busca independência financeira e política das mulheres.

Ainda na Bahia encontramos regiões nas quais se constrói experiências de resistência aos projetos de ataque ao território como é o caso da mineração em Caitité. Na região Maniaçu na comunidade de Pereira do Caes, as camponesas baianas estão construindo grupos produtivos e acessando políticas públicas que melhoram suas vidas. Já conseguiram formar cooperativas e associações e tem acessado políticas públicas de fomento à produção, e tem como estratégia principal para geração de renda o acesso a programas de compras governamentais e as comercializações em feiras locais, assim dizem construir sua autonomia econômica e conhecer muitos lugares e muita gente.

Nas entrevistas realizadas para esse trabalho, a camponesa Rosa baiana relata:

Obtivemos muitos avanços nos últimos anos, com políticas públicas de acesso ao crédito e de comercialização, através de incentivos ao beneficiamento, nas construções de agroindústrias no estado da Bahia, beneficiando associações e cooperativas, agregando valor aos produtos, gerando renda e soberania alimentar das famílias envolvidas, além do processo de comercialização estadual (PNAE), avanços esses que foram conquistados através de muito diálogo e organização dos movimentos populares (Rosa Baiana, novembro 2017).

Outro exemplo a ser citado dessa realidade de luta e organização das mulheres para produzir alimentos saudáveis é o surgimento da associação fundada em agosto de 2005, com a finalidade de assegurar os



direitos e concretizar a luta das mulheres camponesas por autonomia, além de estimular o associativismo e firmar os interesses das camponesas através da participação na comunidade, com vistas ao desenvolvimento do potencial delas. O grupo que fundou a associação busca a valorização da arte das camponesas, melhores meios de comercialização de seus produtos, à promoção da igualdade de gênero e maiores opções de geração de renda.

A associação, que integra alguns grupos, atualmente conta com 114 camponesas e está presente em 24 comunidades locais onde cada camponesa possui em seu quintal hortas, pomares, cultivo de ervas medicinais entre outros. São utilizados tanto para o consumo da família, como também, no caso das hortaliças, são entregues para 1.500 (mil e quinhentas) famílias e cerca de 3.000 (três mil) pessoas através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o que além de contribuir com a alimentação destas famílias de baixa renda, gera uma renda extra para as camponesas e o excedente desta produção é destinado à feira livre.

No Rio Grande do Norte (RN) em que a chegada do MMC é muito recente, data de 2011, acontece em uma região na qual a vida é muito dura, onde existe pouco histórico de organização dos trabalhadores e trabalhadoras e uma forte dominação política. No RN o MMC se organiza na região central do estado, as bases do MMC estão presentes em sítios isolados, comunidades rurais e assentamentos de reforma agrária e também em uma comunidade quilombola em luta pelo reconhecimento, em uma região em que a fruticultura é um símbolo do poder do agro-negócio. Todos os grupos estão localizados na região semiárida o que traz para elas ainda mais desafios, no que se refere a pensar a produção de alimentos. Esses elementos contribuem para que possamos perceber a diversidade do campesinato no RN e no Brasil.

Contudo, mesmo nessa realidade difícil as camponesas se organizam e encontram formas de acessar as políticas públicas e de construir sua autonomia. É o caso da camponesa Cardeiro Florido, militando no MMC no RN que passou a ampliar seus conhecimentos sobre a importância do seu trabalho e sobre as políticas públicas e junto com sua família já vendia bolos e biscoitos tanto para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), quanto no Programa Aquisição de Alimentos - PAA, mas diz que o MMC a fez entender que seu trabalho





era importante, tornou-se referência na região e agora também busca animar e capacitar outras camponesas do seu grupo para também acessarem os mercados governamentais. Ela relata que hoje conhece o valor do seu trabalho e usufrui melhor dos resultados dele:

Conhecer o MMC foi muito importante para mim. Pois o sempre trabalhei com meu marido, mas até então eu não colocava minhas opiniões em prática e o MMC através de vários momentos de formação foi muito importante para meu desenvolvimento na sociedade e na vida particular. Com as vendas dos meus bolos consegui ter autonomia financeira, não foi fácil conseguir vender para os programas, o PNAE tinha e tem muitas burocracia, mas conhecendo os nossos direitos podemos conquista o que parecia impossível (Cardeiro Florido, janeiro 2018).

No Nordeste o MMC também é uma referência importante em Alagoas, aonde o movimento tem um trabalho muito forte na preservação das sementes crioulas e na construção da agroecologia como modo de vida e já se apresenta como referência no país. Nesse estado encontramos camponesas que dirigem a cooperativa do seu assentamento (uma cooperativa composta por homens e mulheres), mulheres que encorajam a luta pela participação familiar, em que a mulher possa ser reconhecida, assim como seus potenciais no desenvolvimento social e econômico. Outro elemento importante dessa construção é a renovação de lideranças como em Alagoas onde lideranças jovens estão comprometidas com a construção do movimento, a produção de alimentos saudáveis e ainda tendo acesso as universidades.

Nesse sentido, a Cardeiro Florido do RN, fala da felicidade que sente vendo sua filha construir sua vida com mais liberdade: “Vê minha filha, hoje sendo jovem e já sendo feminista. É muito bom e isso é uma semente que o MMC plantou”. Percebemos que a juventude no MMC tem crescido e se colocado com referência nas regiões estudadas.

As camponesas de Alagoas demonstram que, ao mesmo tempo em que lutam pela sua autonomia, constroem o desenvolvimento econômico da região, o exemplo que trazem é o trabalho delas à frente da cooperativa do Assentamento Duas Barras II, que tem desenvolvido os diversos potenciais da área, sendo a experiência objeto de destaque no território. Até mesmo organizações que não são do nosso campo,



reconhecem e dão destaque a experiência como é o caso da Agência SEBRAE de notícias, que em 23/08/16 divulgou uma matéria intitulada: *“Potencial para turismo rural é identificado em assentamento em São Luís do Quitunde”* mostrando a força da organização e reconhecimento das mulheres frente as lutas por melhorias.

Ainda em Alagoas podemos notar a presença das mulheres que lutam pela autonomia e possuem laços na organização do Movimento de Mulheres Camponesas ocupando espaços no cargo de presidente de associação, camponesas que a partir do acesso ao ensino superior vão também formando uma nova história para as camponesas e para o próprio movimento. Neste caso, podemos citar a experiência do Assentamento Zumbi dos Palmares na parceria desenvolvida pela Associação de Mulheres Camponesas com o apoio da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

No Maranhão, o Movimento de Mulheres Camponesas teve início no ano de 1997, ainda como uma articulação local, mas em 2004 a partir da discussão de nacionalização se torna o MMC. Elas se organizam mais fortemente em quatro municípios: Amarantes, Imperatriz, João Lisboa e Campestre. A organização no Maranhão tem como principal pauta organizativa a produção de alimentos saudáveis, onde elas aprendem e ensinam como cuidar da natureza e uma das outras.

As camponesas do Maranhão desenvolvem em maior quantidade a produção de feijão, fava, mandioca para farinha, macaxeira, criam galinhas, criam abelhas para produção de mel e mantém sua tradição também no trabalho com o babaçu. Outro elemento importante da realidade do MMC no Maranhão é a forma como elas enfrentam a realidade de muitas camponesas passarem a residir nas cidades para ter acesso ao estudo dos filhos, ou mesmo acesso à saúde, realidade existente em muitas regiões do país.

No Maranhão essa realidade foi enfrentada criando grupos de mulheres do MMC nas pequenas cidades, existem 3 grupos de mulheres nos municípios para potencializar a organização, formação e fazer lutas. A vida dessas camponesas é semelhante à de muitas outras pelo Brasil, em que camponesas saem do campo por alguma necessidade concreta, (educação, saúde, busca de trabalho devido a perdas agrícolas, dentre outros fatores), mas mantém seus vínculos produtivos, culturais e emocionais com o meio rural.



Em Sergipe as camponesas estavam organizadas em vários grupos de trabalhadoras rurais e articulações, antes de se tornarem MMC, o que ocorreu já no seu congresso de origem em 2004. Elas estão presentes em diversos municípios do estado, como Brejão dos Negros, Santa Cruz, Resina, Brejo Grande, Ilha das Flores, Neópolis, Santana do São Francisco, São Francisco, Pacatuba, Japoatã, Amparo do São Francisco, Canhoba, São Cristóvão, ou seja, o MMC de Sergipe está na Zona Norte, conhecida como baixo São Francisco, essa é a maior concentração de quilombo no estado e estão também na grande Aracaju.

Essa diversidade de municípios também reflete na identidade das camponesas: são mulheres quilombolas, assentadas, marisqueira, pescadoras, extrativistas, artesãs e professoras. Em Sergipe a relação campo e cidade também tem se expressado nos grupos de mulheres organizados no MMC, de modo que já existe uma organicidade em torno da relação entre mulheres camponesas e urbanas, articulação importante na perspectiva da construção de uma força popular de mulheres.

As lutas travadas por essas camponesas não são diferentes dos outros estados. Podemos destacar, dentre outras, a luta no combate a violência contra a mulher, a pauta da seguridade social, soberania alimentar pautada na produção de alimentos saudáveis, na agroecologia, no resgate das plantas medicinais e das sementes crioulas. Assim, elas se organizam e constroem o movimento. Duas são as lutas que mais se expressam no estado de Sergipe: a luta pela preservação do Rio São Francisco, como forma de resistência aos projetos que o agronegócio tem para este reservatório tão importante para a vida camponesa que existe em todo seu percurso e também a organização e resistência quilombola.

No Ceará, o Movimento de Mulheres Camponesas acabou de chegar e, por isso, vem buscando entender, desde 2017, as especificidades da região Sul do Ceará, para iniciar seu trabalho de organizar camponesas no Estado. Desta forma, algumas mulheres ligadas ao curso de agronomia e em conjunto com mulheres do Campo Popular (Levante e Consulta Popular), vêm aos poucos se inserindo no trabalho de base em comunidades rurais, principalmente buscando a partir da organização das camponesas, se fortalecerem enquanto Campo Popular.

O MMC no Ceará inicia sua atuação com um grande desafio, por estar em uma região em que o feminicídio é alarmante e o assistencialismo



local impera, e desta forma trazer o debate do Feminismo Camponês e Popular tem sido também uma forma de ampliar o debate acerca de todas as violências sofridas pelas mulheres, para que seja possível superar todos os meandros desta violência. No Ceará o MMC também já inicia com um diálogo entre mulheres do campo e da cidade.

Exemplos como estes nos ajudam a desmistificar a lógica de que as mulheres não sabem, ou não podem mudar seus próprios destinos, pois a partir da auto-organização as camponesas têm mudado sua história e de suas comunidades.

Em todos os estados, sejam do Nordeste ou do Sudeste ou mesmo em outras regiões do país, as camponesas do MMC têm uma forte ligação com igrejas ou com alguma forma de expressão da espiritualidade, o que nos intrigava, pois, como manter laços fortes com algo que, para algumas das autoras desse artigo, parecia tão conservador e que poderia restringir a liberdade das mulheres? O relato das camponesas se resume na ideia de que na vida delas as duas coisas tem lugar, mas são lugares separados e que a vida e liberdade delas não se resume a religião e, muitas vezes, principalmente as católicas que vivenciaram a teologia da libertação relatam que, foi própria vivência na igreja que contribuiu para se libertarem e entenderem a necessidade da auto-organização.

Os relatos das histórias das camponesas nos levam a perceber que a participação no espaço público, seja na comercialização, seja na reunião do sindicato, ou de grupos de mulheres, até mesmo nas reuniões das pastorais sociais, tem possibilitado que essas camponesas revejam seu lugar na família e contribuam diretamente para a construção de sua autonomia.

Entendemos que é a partir da vivência, da produção e reprodução da vida que as camponesas organizadas coletivamente passam a se descobrir feministas e seu feminismo tem buscado ser construído com uma relação direta à luta da classe trabalhadora e com a identidade camponesa.

A autonomia que elas querem construir nos parece que é uma autonomia que as permitam, de fato estar onde, com quem e como quiserem. Isso inclui a produção, o casamento, a comercialização, a organização, as lutas e também sua espiritualidade.



## O MMC e o Feminismo Camponês e Popular

O conceito de Feminismo Camponês e Popular vem sendo debatido e aprofundado na Coordenação de Organizações do Campo (CLOC/ Via campesina) há cerca de 8 anos e nasce da necessidade que as camponesas, organizadas na CLOC, tiveram de caracterizar o feminismo que constroem quando dizem ser feministas, mas também com a perspectiva de que a diversidade de sujeitos que compõe esse campesinato latino americano pudesse se enxergar.

Para o MMC, a princípio, essa não era uma necessidade posta, pois tinha muita firmeza que as lutas que construíam, a organização de mulheres que conduziam era feminista. Contudo, percebendo que hoje se fala na existência de vários feminismos, é importante evidenciar do que as camponesas falam. Qual feminismo as camponesas de fato constroem quando se afirmam feministas. Para o MMC a campesinidade e a ligação com a luta dos povos e a luta popular são elementos fundamentais nessa construção.

O MMC reconhece a agroecologia, a agricultura camponesa como parte da construção do seu feminismo, a prática histórica de resistência das mulheres dos povos originários do Brasil a escravidão, contra a tomada do seu território e pela preservação da sua cultura, reconhece a luta das mulheres negras escravizadas, seja na criação dos quilombos ou na luta direta com os brancos, reconhece também que as camponesas pobres que migraram da Europa fugindo da fome e das guerras burguesas, também conformam nosso berço histórico e que seus conhecimentos ancestrais contribuíram para que há trinta anos atrás as camponesas de diversos cantos do país se organizassem e pudessem ter forças e elementos para lutar por reconhecimento e direitos.

Reconhece ainda a importância das lutadoras do povo como Clara Zettin, Rosa Luxemburgo, Olga Benário, Margarida Alves, Dandara de Palmares, Zilda Xavier, Loiva, Maria Rosa, entre outras, como portadoras do feminismo que querem e estão construindo. É importante frisar que as lutas das feministas históricas das causas específicas das mulheres, seja na luta pelo voto, seja na luta pelos direitos reprodutivos e pela liberdade também fazem parte do leito histórico do Feminismo Camponês e Popular.



No entanto, cabe destacar que muitas lutas travadas pelas mulheres que não tinham o reconhecimento como luta feminista num primeiro momento, para o MMC é considerada luta feminista. Exemplos disso são as lutas das camponesas sem terra pelo acesso à terra e vida digna, das mulheres atingidas por barragens que tem seus direitos negados por meio de diversos subterfúgios legais, das mulheres urbanas contra a carência que tirava a comida de sua mesa dia após dia, a luta contra o agro-negócio, contra o modelo da “revolução verde”, a luta pela agroecologia, pela preservação das sementes como patrimônio dos povos, dentre outras, são lutas constitutivas do Feminismo Camponês e Popular que o MMC vem construindo e afirmando no seu cotidiano.

Esse conjunto de debates abordados nessa reflexão, em especial a discussão sobre a realidade camponesa, divisão sexual do trabalho no campo e as diversas lutas populares são os elementos que levam o MMC a discutir e assumir o termo Feminismo Camponês e Popular como caracterização do feminismo que constrói.

## Desafios e possibilidades

As camponesas representam no Brasil, um dos segmentos populacionais mais fortemente atingido por antigos e recentes mecanismos de exclusão social. Indicadores sociais apontam o crescimento da feminização da pobreza, especialmente devido a elementos como a divisão sexual do trabalho.

Uma das desigualdades entre homens e mulheres mais marcantes reside no acesso a oportunidades de geração de renda. O pequeno número e a ineficiência de ações afirmativas para a inclusão das mulheres em atividades econômicas são uma característica marcante nas políticas públicas, em especial, de crédito, comercialização e documentação.

Nos últimos anos, mais precisamente entre 2003 e 2015, as mulheres camponesas tiveram avanços nas políticas de comercialização nos mercados institucionais (PAA e PNAE). Contudo, neste último ano há retrocessos de um governo patriarcal, voltado para atender as demandas do capital, que tira direitos conquistados com muita luta e esforços das mulheres camponesas.



Em momentos como esse em que os avanços conquistados em relação à valorização do trabalho das mulheres estão totalmente em risco, é necessário fortalecer a organização das mulheres para que juntas possamos combater o conservadorismo que tem avançado sobre suas vidas. Organizadas coletivamente foi possível, por exemplo, que as camponesas conquistassem o acesso à aposentadoria como segurada especial na Constituição Federal de 1988. Essa mesma força e luta se coloca como necessária para evitar retrocessos.

## Referências

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *Governadoras no Brasil Colônia*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh011b.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. ed. anotada por Étienne Bloch. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DEERE, Carmen Diana; LEÓN, Magdalena (Orgs.). *O empoderamento da mulher: direitos a terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Trad. de Galeano de Freitas. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da divisão sexual do trabalho. *Caderno de Pesquisa*. v. 37, p. 595-609, Set/dez, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah>>. Acesso em: mai. 2011.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Comunicado n 111, mudanças recente na pobreza brasileira*. Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/110915\\_comunicadoipea111.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/110915_comunicadoipea111.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2017.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 67.



LOPES, Adriana; BUTTO, Andrea. *Mulheres na reforma agrária: a experiência recente no Brasil*. NEAD DEBATE. Brasília. MDA, 2008.

MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2014.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Construindo um diálogo: feminismo e agroecologia*. (entrevista). Proposta. Rio de Janeiro, v. 28/29, n. 103104, dez/mar. 2005.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*, n. 28, 1987.

SANTOS, Michela K. C. A. *Rompendo a cerca do isolamento: as relações entre a Agroecologia e as questões de gênero*. 2012. 176 p. (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina, 2010.

SCOTT, Parry *et al.* Onde mal se ouve os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina, 2010.

SILVA, J. F. G. da. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.





Quem não se movimenta não sente as  
correntes que o prendem.”

*Rosa Luxemburgo*





## MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS (MMC) NA LUTA PELA AUTONOMIA DAS MULHERES CAMPONESAS EM ALAGOAS

*Edleide da Rocha Silva  
Crísea Cristina Nascimento de Cristo  
Yasmin Alcantara Galvão Pereira  
Maria José Cavalcante*

Neste artigo, analisaremos a atuação do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) no estado de Alagoas. Pensar a atuação desse movimento é tratar uma complexidade de temas que se misturam e se integram na construção de um processo que deságua no Feminismo Camponês e Popular. Para dar conta desse desejo, pretendemos abordar desde questões de base do movimento, como mobilizações em defesa da agroecologia, luta por direitos, partindo dos debates nacionais até como chegar e se expressa na localidade.

Discutiremos sobre a construção do Feminismo Camponês Popular, a agroecologia e a luta por autonomia das mulheres camponesas, ques-



tões que estão ligadas dentro do processo de formação, organização e lutas deste movimento.

É nosso objetivo é situar algumas questões-chave na luta contra a violência que sofre a mulher camponesa alagoana e pela emancipação social que se busca no MMC. Para isso, faremos alguns apontamentos quanto à questão agrária em Alagoas até chegarmos ao que se refere à reforma agrária onde é possível encontrar as camponesas trabalhando com sementes crioulas como forma de trabalho de base na região, e sua importância para construção de identidade com a terra e em defesa das mais diferentes formas de vida.

Encontramos ainda, as lutas para participação organizativa e política das comunidades, assentamentos, nas associações de produções de alimentos saudáveis dentro do processo construtivo da autonomia que vem sendo realizado nas bases e organizações parceiras do movimento aqui descrito. Direccionamos o foco de nosso olhar para este processo de lutas sociais, desenvolvidas por mulheres que visam autonomia e emancipação na construção de um Feminismo Camponês e Popular.

## A produção agroecológica em Alagoas e a contribuição do MMC

Para compreendermos a realidade agrária de Alagoas, é necessário entender que ainda existe latifúndio, ao mesmo tempo em que as camponesas e os camponeses resistem e constroem a agroecologia. Mesmo o Estatuto da Terra - na Lei N° 4.504/64, Decreto n° 55.891/95 - tendo sido publicado nos anos de 1960 do século passado, seus princípios ainda são apenas letras. Vejamos o artigo segundo do Estatuto da Terra, o qual regulamenta os direitos e obrigações referentes aos imóveis rurais:

Art. 2° É assegurada a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, condicionada pela sua função social, na forma prevista nesta Lei. § 1° A propriedade da terra desempenha integralmente a sua função social quando, simultaneamente: a) favorece o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores que nela labutam, assim como de suas famílias; b) mantém níveis satisfatórios de produtividade; c) assegura a conservação dos recursos naturais; d) observa as disposições legais que regulam as justas relações de trabalho entre os que a possuem e a cultivem (BRASIL, 1964, grifo nosso).



Parece-nos que, o que está preconizado nessa lei não vem sendo realmente tratado como deveria, se pensamos em critérios técnicos, principalmente em relação aos itens grifados. A maior parte do solo rural do estado de Alagoas é utilizado para a produção da cana-de-açúcar, produção essa que, como sabemos, degrada o solo, o meio ambiente, usa altos teores de produtos químicos em sua produção, sem falar na condição de vida dos trabalhadores (as) que, a cada dia se degrada mais, pela penosidade do trabalho e também pelo aumento das metas de toneladas de cana por dia. Estrutura essa, que busca beneficiar o setor industrial em detrimento do meio ambiente e dos trabalhadores e trabalhadoras.

Como podemos perceber na *Dialética da Agroecologia* de Machado e Machado Filho (2014), esta lógica de produção, evidenciada na monocultura, tem por objetivo vender o que é produzido em escala industrial, corroborando com a prática do agronegócio que agride os ecossistemas, gera concentração de terra e renda, marginaliza e massacra a identidade do campesinato.

Embora já exista muita luta pela terra e debates teórico, políticos e éticos, sobre a importância do acesso à terra pelos camponeses/as, os interesses dos latifundiários têm prevalecido até então, mas os camponeses e as camponesas se mantêm em luta e resistência, isto é o que pudemos ver em Alagoas. Por essa razão, nos deteremos neste ponto do texto em tratar da saída que os camponeses/as defendem e praticam em contraponto da cultura sucroalcooleira, que é a agroecologia.

A agroecologia para o MMC de Alagoas é muito mais que a produção, é parte do modo de vida camponês, estratégia de construção de vida no campo. Mas quando pensamos em sua lógica sendo vivenciada no dia a dia, vemos as estratégias produtivas em ação. Quando perguntamos aos camponeses e as camponesas que são beneficiários da reforma agrária no estado, vemos que, em sua maioria, são pessoas que já trabalharam em alguma usina ou são filhos e filhas de quem já trabalhou em usina. Pessoas que, ao ter acesso a seu pedaço de terra, deixaram o trabalho ligado à produção sucroalcooleira, que não produz alimento e, como já dissemos, é prejudicial ao meio ambiente. Essas pessoas passaram a trabalhar de forma agroecológica.

A agroecologia em Alagoas tem ganhado cada vez mais espaço na produção e comercialização dos produtos rurais, o que representa a autonomia dos camponeses/as, a revitalização do solo e a comercialização



de produtos livres de agrotóxicos e de trabalho precarizado e alienante. Percebemos que para o MMC em Alagoas, defender e lutar pela manutenção destas práticas é de extrema importância. Visto que essa produção garante a autonomia das famílias camponesas, atendem o que propõe o Estatuto da Terra, é benéfica ao solo e através de seu exercício, o produto obtido do plantio é livre de agrotóxicos, sejam eles de origem animal ou vegetal.

O papel que as mulheres desenvolvem na agroecologia é muito importante, mesmo as famílias ainda mantendo certa divisão sexual do trabalho no desenvolvimento da agroecologia. As famílias que pesquisamos para este artigo estão todas ligadas à perspectiva agroecológica, geralmente vivem em assentamentos de reforma agrária, mas ainda notamos uma divisão do trabalho que, em nossa avaliação, é preciso melhorar e superar, pois tem atribuído aos homens atividades de trabalho no roçado, mas isso não isenta as mulheres de também trabalhar no roçado, contudo, elas ainda fazem todos os outros trabalhos de ordenação de suas casas, educação e cuidados dos/as seus/as filhos/as.

Ao longo da história dos nossos assentamentos, foi naturalizado que as atividades realizadas pelas mulheres fossem entendidas e denominadas como “ajuda” a seus maridos e que seu papel seja colocado de forma menos importante. Percebemos que as mulheres trabalham em seus lotes de terra, junto aos seus maridos, trabalham em suas casas e nas feiras onde comercializam suas produções, e, praticamente todas essas atividades são consideradas ajuda e não trabalho. Essa cultura patriarcal é tão forte que até mesmo as mulheres, na maioria dos casos estudados, falam que antes de se organizarem não se reconheciam enquanto sujeitos fundamentais de suas casas e da produção que realizam.

Foi a partir da constatação desta realidade que vem se reproduzindo ao longo do tempo e se faz de suma importância, a continuação do trabalho do MMC com estas mulheres com objetivo de mostrar-lhes o quanto seu papel é fundamental no desenvolvimento da agroecologia enquanto forma de defesa da vida e resgate das sementes tradicionais, sejam mulheres líderes em seus assentamentos ou não.

De acordo com informações encontradas no site do MMC de Alagoas<sup>1</sup>, podemos notar que a atuação deste movimento vem sendo desen-

---

1 Disponível em: <<https://mmcal0.wixsite.com/mmcal/historico>>.



volvida e criando uma identidade maior como organização e trabalho de base, a partir da fundação enquanto um movimento nacional em 2004. Elas mencionam que o trabalho de base busca organizar as camponesas e trabalhar a formação. São sempre realizados com as seguintes pautas: Mulher camponesa, agroecologia e saúde; Direitos das mulheres; Violência contra as mulheres; Sementes crioulas e identidade camponesa; Divisão igualitária do trabalho doméstico e da roça e visibilidade do trabalho da mulher; e Feminismo Camponês e Popular.

Deste modo, percebemos a importância do movimento na organização campesina alagoana, onde seus trabalhos de base fortalecem a luta em busca de direito e construção da autonomia para as mulheres, desde as atividades familiares à sua participação em associações e cooperativas, como falaremos no decorrer deste trabalho.

Temos notado que a existência de movimentos sociais tem desempenhado uma função vital nas áreas camponesas e terras advindas da reforma agrária, que é: organizar, formar e lutar por condições melhores para o campo. Quando pensamos, especificamente o Movimento de Mulheres Camponesas, ele traz ainda um elemento a mais que é atuar na organização das lutas, formação e trabalho de base das mulheres, fortalecendo a ideia de que estas são fundamentais para seus lares, para a produção agroecológica, para a saúde familiar e a comercialização de suas produções, ou seja, são fundamentais ao desenvolvimento rural com vida.

Parece-nos que o MMC entende o feminismo como a construção de igualdade entre as pessoas, e embora sejam as mulheres as principais agentes contra a propagação e reprodução do machismo, sendo elas sujeitos de sua transformação, ressaltam que não se desconstrói o machismo excluindo os homens, pois é preciso construir juntos/as outras formas de vida.

Outro elemento trazido pelas camponesas de Alagoas é a importância do 08 de março, Dia Internacional da Mulher, entendido como dia de luta, resistência e compromisso com a mulher, com a classe trabalhadora e com a vida de forma ampla. Já há alguns anos o MMC lançou o lema: “Fortalecer a luta em defesa da vida! Todos os dias!”, como mote da luta das mulheres camponesas que entendem que a defesa da vida é a luta pelo fim da violência contra as mulheres, contra a violência do agronegócio, pela defesa da agroecologia como modo de vida.



No 08 de março o MMC sempre trabalha materiais que buscam trazer debates importantes para as camponesas, a luta das mulheres, discutir a jornada de trabalho das mulheres camponesas, assim como apresenta a história do nosso povo, por entender que o conhecimento da história ajuda para compreender a realidade. São algumas formas que o MMC busca para o fortalecimento das mulheres camponesas.

Terminamos esse item destacando a importância de nos momentos difíceis como o país está vivenciando, acatar ao chamado de luta, cada dia mais necessário, e também apostar no trabalho de base, trabalho esse que o MMC de Alagoas, bem como o nacional vem construindo a partir de temas como: a defesa da agroecologia, contra a revolução verde e suas práticas destrutivas da biodiversidade, consecutivamente contra todo tipo de opressão que este sistema desenvolve em nome do capitalismo, do patriarcado e do racismo. O trabalho com as sementes crioulas, em Alagoas, tem ajudado a desempenhar esse papel.

### **Sementes Crioulas: a luta das mulheres camponesas pela preservação da biodiversidade**

Para que possamos adentrar nesta construção que o MMC em Alagoas tem apostado historicamente, as sementes crioulas, e sua importância dentro do processo de luta e autonomia, faremos um breve apanhado sobre algumas questões que apontam claramente o que fundamenta este Movimento para a articulação em defesa da vida e luta por uma alimentação saudável.

Desde a “revolução verde” as formas de se produzir alimentos vêm passando por uma série de modificações para atender as demandas de mercado, gerando cada vez mais lucro para os poucos que detêm o capital e produzindo desigualdade. Os estudiosos da agroecologia têm denunciado que a “revolução verde”, contraditoriamente ao que prometia, que era acabar com a fome no mundo, causou uma série de problemas ambientais, econômicos e sociais. Sobretudo nos países de 3º mundo, como o Brasil e outros da América Latina.

A “revolução verde” promoveu a concentração fundiária, a degradação do solo, o assoreamento de rios, a contaminação dos alimentos por meio do intensivo uso de agrotóxicos e todos os problemas de saúde



humana que isso acarretou, entre outros reveses, modificando significativamente a vida e a saúde dos camponeses e das camponesas, que forçadamente vêm sofrendo imposições de adaptabilidade ao desenvolvimento capitalista.

Os agroecossistemas tornam-se cada vez mais homogêneos. Como esclarecem Machado e Machado Filho (2014), quinze espécies respondem por 90% dos alimentos vegetais e quatro culturas – trigo, arroz, milho e soja – respondem por 70% da produção e consumo de alimentos no mundo. Entendemos assim, a monocultura como perigosa, pois para nós, a homogeneidade conduz a morte, ao passo que a heterogeneidade, que é o estado dinâmico, leva à vida (*idem*).

Altieri (2002) destaca, inclusive, que o desenvolvimento de plantas transgênicas, que começaram no Brasil na década de 1990, favorecem as monoculturas que levam a homogeneidade genética, conduzindo a uma maior vulnerabilidade dos sistemas agrícolas ante situações de estresse biótico e abiótico. Esses cultivos causam, além disso, poluição genética nas regiões em que são propagados, nas quais a produção de alimentos livres de transgênicos é dificultada, seja em razão da contaminação do solo, seja pela contaminação ocorrida pelo ar (há estudos que demonstram que podem ser encontrados vestígios de transgênicos em locais distantes até cem quilômetros da área em que são produzidos) (ZIMMERMANN, 2009).

Os prejuízos ambientais e à saúde humana são evidenciados pela poluição genética incentivada pelas multinacionais que com o discurso de reparo dos problemas causados por tecnologias agroquímicas anteriores (resistência aos pesticidas, poluição, degradação do solo etc.), contaminam com seus venenos os agroecossistemas camponeses, negando a segurança e soberania alimentar, mercantilizando a agricultura para gerar lucro, causando fome.

Contrapondo-se a esse cenário as sementes crioulas resistem, são aquelas que vêm sendo melhoradas artesanalmente, escolhidas e conservadas por agricultoras e agricultores tradicionais. Essas sementes são adaptadas aos locais nos quais são cultivadas, guardam em si a história dos povos que as selecionaram. Observa-se que os cultivos que delas vêm resistem com maior facilidade às intempéries climáticas que enfrentam as condições de solo e relevo da sua região.





Dessa forma, pode-se entender o motivo das sementes tradicionais estarem intimamente ligadas à pluralidade genética dos cultivos vegetais, a garantia de segurança alimentar e nutricional e a promoção da saúde para os povos do campo, das cidades, águas e florestas. As mãos das camponesas guardam e multiplicam diversidade, por isso, tanto a identidade camponesa, quanto às sementes crioulas necessitam ser resgatadas, mantidas e propagadas.

No Estado de Alagoas, as militantes do Movimento de Mulheres Camponesas protagonizam uma história de amor e luta pelas sementes crioulas. Entendendo a natureza com a complexidade que ela tem, as mulheres camponesas constroem um projeto de agricultura firmado nos valores e princípios da Agroecologia em que a produção de alimentos, tanto para renda, quanto para autossustento curam e não envenenam. Como está expresso na cartilha: *Camponesas promovendo soberania alimentar com a diversidade brasileira* na fala de uma camponesa assentada no município de Branquinha:

[...] hoje, priorizamos a produção agroecológica e a diversidade de alimentos, pois acredito que uma alimentação saudável garante mais saúde e vida para minha família e das pessoas que adquirem nossos produtos na feira. Temos muito ainda a conquistar nas questões de soberania alimentar, na produção diversificada e na campanha contra o uso de agrotóxicos. Minha preocupação é em relação às sementes, nossa região sempre usou muito veneno e hoje, sentimos dificuldade de cultivar [...]. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MULHERES CAMPONESAS, 2011).

Essa relação profunda, entre as mulheres camponesas e as sementes é um compromisso de responsabilidade com a geração de vida e a preservação da natureza que mantém o equilíbrio do meio ambiente e a saúde das espécies. Entendendo que a humanidade é parte dos processos naturais e não dominadora sobre eles.

Sendo assim, apesar de todas as dificuldades e imposições de um sistema agrícola capitalista e patriarcal, a missão do MMC pela libertação das mulheres por meio das lutas, da organização e da autonomia, tem dado resultados. As camponesas desse estado reconhecem-se e são agentes de modificação da sociedade na qual vivem e trabalham.

O Feminismo Camponês e Popular que constroem é, além de tudo, solidário. A relação com as sementes é um reflexo disso. Se alguma tem



uma semente que outra não possui se dão as trocas, que não são unicamente de sementes, mas também de conhecimentos, experiências e força para a luta.

Colocando as sementes crioulas e as mulheres lado a lado, podemos enxergar que: ambas são fundamentais para continuidade da vida em uma perspectiva de liberdade, bandeira que ergue o MMC desde sua constituição. Essa perspectiva é proposta em contraposição as armadilhas da lógica capitalista, estabelecendo mudanças de hábitos e costumes alimentares, de trabalho, de relações das pessoas entre si e delas com a natureza.

São também as duas, as mulheres e as sementes, expressões de resistência e luta. As mulheres que constroem o Feminismo Camponês e Popular reafirmam que no campo há dois sexos que trabalham, elas resistem no meio de relações familiares que muitas vezes as aprisionam, enquanto lutam por emancipação. Já as sementes locais, graças a essas camponesas, estabelecem-se em contraposição aos pacotes de sementes envenenadas do agronegócio que estão dominando os agrossistemas em todo mundo.

Além disso, as sementes que já o fazem por si só, e as mulheres, que fazem por meio da militância, denunciam que a busca desenfreada pelo lucro, na verdade, gera mais mortes, desigualdades e opressões que oportunidades e riquezas. Denunciam as farsas do agronegócio e provam que a sustentabilidade de um agroecossistema só é conquistada com base na biodiversidade.

As sementes crioulas, na zona da mata alagoana, têm permitido o avanço do Feminismo Camponês e Popular, unindo as mulheres em prol do que é benéfico a todos: proteção dos bens da natureza, promoção de vida e diversidade, saúde e unidade da classe camponesa nas lutas. Como falava o lema simbólico do Programa de Recuperação de Sementes Crioulas do MMC: “Filhas da Terra Produzindo Sementes Crioulas, Alimentando Sonhos De Libertação”.

O trabalho de resgate das sementes crioulas é fundamental para o trabalho de base da organização do Movimento de Mulheres Camponesas em Alagoas, se tornando tema gerador, abrindo caminhos para demais discussões, desde a relação de identidade camponesa, como a própria partilha de sementes feita durante os espaços de encontro das



mulheres alagoanas, como à questão da violência, tanto para com a terra quanto com a mulher, são espaços de construção do trabalho organizativo deste movimento.

Mesmo o MMC não tendo um banco de sementes no estado é prática das alagoanas camponesas desta organização serem guardiãs naturais de suas sementes em suas próprias residências. Cada uma com seus segredos e cuidados de preservação desenvolvem maneiras de guardar e armazenar suas sementes. Na região, o modo mais comum é o de armazenamento em garrafas pets, uma forma encontrada de conservar a história de suas sementes e famílias, pois, como é sabido, as sementes contam além da história de resistência contra a cultura do agronegócio a história de quem as guardou, preservando-se assim, nas sementes, história do campesinato e resistência contra o sistema de doutrinação.

Trabalhar o valor das sementes crioulas em Alagoas tem sido uma tarefa de valorização das origens familiar campesina, das miscigenações locais indígenas e quilombolas, dentro do processo de troca e partilha de saberes, nas formações e nas mobilizações enquanto se constrói as lutas sociais, ao mesmo tempo em que constrói fortemente a organização sustentável para o sustento familiar e do campesino.

As sementes, a agroecologia e as lutas contra o agronegócio são alguns dos elementos da construção de autonomia das camponesas em Alagoas.

## **O MMC e a luta pela autonomia das mulheres camponesas Alagoanas**

A organização das mulheres Alagoanas é dada de várias formas, entre elas, está a importante relação delas com as sementes para a construção da autonomia, que se constrói a partir de muitas lutas e organização das mulheres camponesas alagoanas.

Nas articulações realizadas pelo Movimento das Mulheres Camponesas neste estado, estão sempre presentes os debates sobre Feminismo Camponês e Popular, ligado à solidariedade que é uma característica alagoana. Esse feminismo presente nas ações do MMC constrói no processo organizativo uma forma de lutar em combate a opressão, buscando, ao mesmo tempo, construir a autonomia das mulheres.



No artigo de Boni (2013), notamos seu pensar sobre o Feminismo Camponês ser um processo de construção que exige organização e luta das mulheres e nos identificamos com ele. Em outras palavras, podemos descrever este pensar como a construção do MMC nos diferentes estados do Brasil em que o movimento está presente mantendo sua característica central que é a luta pelos valores e identidade camponesa, a luta contra o capitalismo, o patriarcado e o racismo. Deste modo é possível notar a importância desse movimento no processo organizativo na construção da autonomia por meio dos trabalhos de bases e pela construção de um feminismo que valorize a mulher camponesa.

Em Alagoas, notamos esse processo construtivo de lutas e organização do MMC nas participações e nos eventos que levam o nome da agroecologia que vem sendo realizados nos últimos anos no estado, sejam nas bases de atuação com as formações estaduais, ou em articulações com parcerias. Podemos usar como exemplo o caso da Caravana Agroecológica e Cultural de Alagoas, organizada pela Rede Alagoana de Agroecologia, realizada de 10 a 12 de novembro de 2016, que teve como tema: “Mulheres Camponesas e a Construção da Agroecologia na Mata Alagoana”.

A referida caravana teve desde os momentos da organização à escolha de temática, até ao ato concreto dos momentos caravaneiros uma relação íntima com as mulheres do MMC, onde estas apontaram suas lutas, a importância do movimento na região na luta contra a violência e em defesa da vida, na qual as sementes crioulas sempre estiveram presentes como símbolo de resistência e determinação. Sendo fundamental notar a importância da participação política social das mulheres na construção das cooperativas, já que a maioria das cooperativas e associações existentes nessa região são formadas por homens, apontou-se no referido evento, as mulheres como parte importante para o desenvolvimento dos trabalhos realizados pelas famílias camponesas, e que, por muitas vezes, estes trabalhos passam despercebidos devido ao patriarcado.

Durante o trajeto da caravana visitou-se quatro áreas de assentamento em que estão presentes mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas, em cada local visitado estas mulheres demonstravam força e determinação no engajamento organizativo de suas comunidades.



No município de São Luís do Quitunde, a Caravana visitou um assentamento que tem se destacado no processo de participação das mulheres em uma cooperativa familiar. Essa cooperativa garante uma produção com alimentos derivados da macaxeira, cultivadas de forma agroecológica, onde as mulheres são fundamentais neste processo desde a plantação e escolha das sementes até o momento da produção final dos derivados, sendo desse modo que se dá a construção da autonomia das mulheres, um trabalho coletivo, em comunidade no qual o MMC tem forte atuação no trabalho de base.

No que se refere ao município de Messias, a Caravana agroecológica acompanhou mais um assentamento, desta vez, também se destacou a presença forte do movimento e o trabalho das mulheres se fez presente no processo de recuperação de áreas danificadas pela antiga monocultura implantada na região (a cana de açúcar). Neste lugar a mulherada reunida estão recuperando áreas desmatadas com o plantio de espécies nativas da mata atlântica ainda disponível na região.

Já no assentamento visitado na região de Murici, a mulherada mostrou força e garra na luta por educação e na construção de uma escola no campo e do campo, onde se possa trabalhar a luta pela terra, onde as crianças, adolescentes e adultos estão sempre na construção de sua identidade com a terra.

Por fim, a caravana chegou ao município de Branquinha, no qual também se destacaram a militância do movimento nos trabalhos organizativos com as mulheres, que mostraram e demonstraram a importância da luta organizada e força das mulheres no processo organizativo pela autonomia. É nesse assentamento que se localiza uma Associação formada e voltada às mulheres da Zona da Mata alagoana (ou seja, as mulheres que compõem essa associação são tanto do assentamento, quanto de fora, desde que a produção seja agroecológica e respeite a vida e a mãe terra), é uma associação de mulheres que exerce papel fundamental na produção de polpas de frutas orgânicas, resgate de sementes e luta pela autonomia das mulheres.

Podemos, então, destacar a partir da Caravana Agroecológica realizada na zona da mata Alagoana que é de grande importância e contribuição para a Rede de Agroecologia do estado de Alagoas o trabalho que o MMC vem desenvolvendo no estado, no regate aos valores em



defesa da vida, na busca por autonomia trabalhando com os princípios agroecológicos, na conservação das sementes crioulas e no enfrentamento ao patriarcado cultural. A associação mencionada anteriormente nas vivências agroecológica da Caravana é resultado de uma luta conjunta e articulada com parcerias do MMC, comunidade e o *Movimento dei Procolari* (Instituto Mundo Unido de desenvolvimento sócio ambiental solidário), além de outros parceiros na luta das e pelas mulheres e também na parceria com a Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

Além da importância que a Universidade Federal de Alagoas vem visibilizando sobre essas mulheres e do próprio MMC. Em um documento disponibilizado pela *OnCity* notamos a importância do Movimento de Mulheres Camponesas para a construção e solidez do laço entre a organização e suas ações na comunidade: “Entre os habitantes há um grupo de mulheres ativas no Movimento das Mulheres Camponesas - MMC e um grupo de jovens católicos e evangélicos. Pessoas que lutam por dias melhores”. O MMC tem construído solidez em suas ações, tem tido reconhecimento como um movimento de articulação na luta por melhorias sociais e ambientais, reconhecimento interno, ou seja, dentro estado e externo por meio das organizações parceiras internacionais.

Em suma, o MMC tem construído junto com vários parceiros espaços de fortalecimento da agroecologia e da vida das mulheres, assim foi o caso da Caravana Agroecológica e parceria com a UFAL. Além disso, o movimento também participou da construção do ERA (Encontro Regional de Agroecologia) trazendo o debate sobre Feminismo Camponês Popular. O MMC no estado de Alagoas, desse modo, tem mostrado ser um movimento que atua com foco na emancipação e autonomia da mulher que pode ser notado a partir das mudanças na vida das camponesas que se engajam no movimento.

Essas são as diversas formas do movimento estar nas comunidades lutando pelos direitos das mulheres, contudo, nem tudo está resolvido ainda, pois o machismo ainda se faz presente nas regiões alagoanas o que acaba não sendo diferente para as camponesas, muitas sofrem violências físicas e psíquicas de seus “companheiros”.

Tratar de pontos como a violência ainda é um desafio que precisamos enfrentar, pois a exploração/opressão patriarcal em relação a vida das mulheres ainda é muito grande, os números de feminicídios aumentam a cada dia. Por isso, organizar a luta e o Feminismo Camponês



e Popular é uma maneira de enfrentar essa violência que vitimiza as mulheres. Com o lema de luta: “O lugar da mulher é onde ela quiser” e “basta de violência contra a mulher”, o MMC no estado de Alagoas vem desenvolvendo trabalhos para a emancipação da mulher, esses temas são tratados de forma direta e também através da agroecologia, do resgate das sementes crioulas, da participação das mulheres no trabalho e renda.

Na construção do Feminismo Camponês e Popular, entendemos que: “A afirmação de um feminismo diferente, “o nosso feminismo”, é construído tendo como referência às suas condições de mulheres camponesas, que ainda precisam lutar muito contra a opressão de gênero” (BONI, 2013, p. 80). Trazemos como reforço um trecho da música de Zé Pinto<sup>2</sup>: “[...] para mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher [...]”, como um das formas que sentimos a construção da luta feminista, camponesas e popular, pois temos a certeza de que “sem mulher a luta vai pela metade”, motivos mais que suficiente no desenvolvimento da organização das mulheres camponesas.

## Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar a atuação do MMC no estado de Alagoas. O movimento se faz presente na articulação, organização e na luta pela construção de um feminismo com identidade camponesa e popular. Notamos suas ações no trabalho de base, no processo de luta pela emancipação e autonomia da mulher, e no resgate da história de partilha e troca das sementes crioulas.

Deste ponto, faz-se possível perceber a importância desta organização na construção da luta contra o agronegócio, pela agroecologia, nas organizações das cooperativas que visam valorização da mulher nas atividades produtivas, para assim caminharmos contra o machismo enraizado culturalmente na sociedade.

Ao afirmarmos que o movimento luta por uma nova sociedade, afirmamos também a responsabilidade da mulher na construção deste novo campesinato tanto as ações políticas quanto econômicas que visem à autonomia e caminhe para o processo de emancipação social da mulher.

---

2 Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=MX\\_56CQKibc](https://www.youtube.com/watch?v=MX_56CQKibc)>.



Percebe-se então, no percurso que traçamos neste trabalho que o MMC, ao mesmo tempo em que trabalha com o debate da importância da divisão justa e reconhecimento do trabalho realizado pelo homem e pela mulher, torna-se cada vez mais um movimento feminista, que luta contra a propagação do machismo, que defende o reconhecimento da autonomia e importância da mulher nas atividades que elas realizam, desse modo, atua na consolidação do Feminismo Camponês e Popular.

Por fim, compreendemos que para as mulheres do MMC a luta está apenas começando e os desafios do movimento continuarão surgindo, pois, o sistema capitalista, patriarcal e racista ainda é hegemônico e quebrar essas relações sociais não é fácil, mas se o movimento em questão continuar a desempenhar seu papel nas lutas sociais um grande passo será dado neste processo de busca pela autonomia da mulher alagoana e porque não falar da mulher brasileira.

## Referências

ALTIERI, Miguel A. *Biotecnologia agrícola: mitos, riscos ambientais e alternativas*. Trad. de Daiane Soares Caporal, Gibsy Lisiê Soares Caporal e Francisco Roberto Caporal. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MULHERES CAMPONESAS (ANMC). *Camponesas promovendo soberania alimentar com a diversidade brasileira*. Disponível em: <[http://www.mmcbrazil.com.br/site/materiais/download/folder\\_projeto\\_MDS\\_2011\\_web.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/site/materiais/download/folder_projeto_MDS_2011_web.pdf)>. Acesso em: 02 mar. 2018.

BENATTO, Leandro. *Caravana agroecológica e cultural de alagoas*. Disponível em: <<http://renda-ne.blogspot.com.br/2016/11/caravana-agroecologica-e-cultural-de.html>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

BONI, Valdete. Movimento de Mulheres Camponesas: um movimento camponês e feminista. *Revista grifos*, v. 67, n. 34/35, 2013.

BRASIL. *Estatuto da Terra*. LEI Nº 4.504, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1964. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm)>. Acesso em: 04 jul. 2017.





MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. *A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MMC, Movimento de Mulheres Camponesas. *08 de Março dia internacional da mulher*. Dia de luta, resistência e compromisso com a mulher, a classe trabalhadora e a vida.

MMC Alagoas. *Histórias de luta*. Disponível em: <<https://mmcal0.wixsite.com/mmcal/historico>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

MOVIMENTO DEI FOCOLARI. *La terra come città di tutti: dal micro al macro, andata e ritorno*. Disponível em: <<http://unitedworldproject.org/it/italiano/congresso-oncity/sabato/158-4-franc-moura-e-cristina-de-souza-lira-gameleira/file.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PINTO, José. *Sem medo de ser mulher*. Intérprete: Zé Pinto. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=MX\\_56CQKibc](https://www.youtube.com/watch?v=MX_56CQKibc)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

ZIMMERMANN, Cilene Luiza. Monocultura e transgenia: impactos ambientais e insegurança alimentar. *Veredas do Direito*, Belo Horizonte, v. 6 n. 12, p. 79-100, Julho-Dezembro 2009.





## A PRÁTICA DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA EM MATO GROSSO DO SUL: perspectiva feminista e camponesa

*Viviane Mallmann  
Mariza Madalena Dahmer  
Antônia Maria dos Santos Costa  
Odete Maria Ferronato  
Olga Manosso  
Glaciene Varreiro Pereira  
Sederli Tudo Bombarda Sobrinho*

### **Do conhecimento à produção**

O presente artigo pretende mostrar duas experiências de práticas agroecológicas que se deu em dois assentamentos no Mato Grosso do Sul (Itamarti e Nazareth), com grupos do Movimento de Mulheres Camponesas do estado (MMC-MS). Ressalta-se que escrever sobre agroecologia na atual conjuntura e mostrar experiências que estão se for-



talecendo por meio dela é imprescindível. Pois, mostra a possibilidade de vida e organização a partir de práticas integrativas, complexas e interligadas, tendo como resultado o equilíbrio com a natureza e sistematização de informações para sua reprodução em outros lugares do Brasil e do mundo.

Este artigo mostra como, a partir de terras que eram de exploração extensiva e do latifúndio, famílias estão trabalhando em um processo de transição, baseado nos princípios da agroecologia.

Ao longo de mais de dez mil anos a humanidade se relacionou com a natureza, e seu desenvolvimento se deu, em parte, amparado na agricultura. Ao longo desse espaço-tempo o meio ambiente sofreu diferentes intensidades de impactos. Contudo, a partir dos anos de 1950 e 1960 no Brasil, iniciou-se um amplo processo de “modernização” conservadora da agricultura, que causou grandes problemas no que se refere à natureza e a sobrevivência dos camponeses e das camponesas na terra. Sobrevivência essa, que vem sendo ameaçada e agravada pela difusão dos OLMs (Organismos Laboratorialmente Modificados), que implantou o consumo de insumos modernos, e de milhares de litros de agrotóxicos e adubos químicos, expandindo a área e produtividade, em processos degradantes.

Muitas foram as repostas que se buscou aos prejuízos dessa modernização baseada nos ditames da revolução verde. Soluções pensadas pelos próprios capitalistas como as que, nos anos de 1970 e início de 1980 foram promovidas pelo Banco Mundial; Programas de Desenvolvimento em áreas rurais, que passou a tratar de temas como a Inclusão Social e o Manejo dos Solos e da Água, respostas às consequências sociais e ambientais do processo de “modernização” da agricultura (BIANCHINI; MEDAETS, 2013).

No entanto, também veio a reposta do povo, da classe trabalhadora no campo, como a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a implantação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nasce inúmeras articulações de mulheres camponesas, que discutiam de maneira crítica, as transformações que ocorriam no campo e uma proposta para uma agricultura alternativa à revolução verde (BIANCHINI; MEDAETS, 2013).

As organizações sociais, os camponeses e as camponesas resistiram aos problemas vindos da revolução verde, e construíram processos de



agricultura baseados nos conhecimentos tradicionais. Muitas foram as propostas pensadas para evitar que a revolução verde se apropriasse de todas as terras produtivas. Sobre as agriculturas alternativas, Santos (2012) expõe:

[...] a agricultura alternativa como um início do questionamento ao modelo de agricultura da revolução verde. Ela prega a possibilidade de uma produção sem uso de agroquímicos e a substituição desses por produtos feitos à base de plantas e outros produtos naturais. Poderíamos dizer que ela busca diminuir o impacto da agricultura ao meio ambiente e a partir dessa lógica surgiram estratégias diferenciadas em vários cantos do mundo, na busca de fazer uma alternativa ao modelo vigente, mas após alguns anos, torna-se evidente a necessidade de ampliar os questionamentos ao modelo (SANTOS, 2012, p. 63).

Entretanto, as agriculturas alternativas com o tempo se mostraram insuficientes nas soluções dos problemas gerados pela revolução verde, e a partir da observação da produção e do modo de vida de populações tradicionais, pesquisadores propõem a agroecologia como um salto qualitativo no que se refere a superar os prejuízos ambientais, econômicos e sociais vivenciados nessa realidade. Altieri (2009, p. 21) descreve essa situação da seguinte forma: “a agricultura precisa ser ecologicamente correta, socialmente justa e economicamente viável”.

Mas afinal, o que é agroecologia? De acordo com Crivellaro *et al.* (2008), a agroecologia surge da necessidade de adoção de novos estilos de vida, que contribuam para a conservação da biodiversidade e para a geração de trabalho em um sistema econômico mais justo. Vejamos:

[...] a agroecologia engloba junção das disciplinas científicas, de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios camponeses e camponesas, construindo marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas com mais geração de vida, mas também processos de desenvolvimento rural mais humanizados (CRIVELLARO *et al.*, 2008, p. 09).

Para o MMC a agroecologia possui um significado mais amplo, holístico e místico. A agroecologia é perceptível nas relações das mulheres com a terra, água e seres vivos que nela habitam. Essa relação se dá no



trabalho cotidiano, na produção, nas práticas diárias, no diálogo e nas trocas de saberes, ou seja, no modo de vida. Surge também como contrapondo às concepções de que não é possível produzir fora do modelo convencional e nos padrões hegemônicos da ciência cartesiana, contrapõe o modelo da revolução verde, que não é aceito pela agricultura camponesa que o MMC propõe, divulga e realiza.

Como já mencionamos, são vários os impactos negativos observados no modelo da revolução verde, como questões socioeconômicas e ambientais. Contudo, queremos frisar a questão da saúde da população, mas não somente àquela que vive no campo.

No que se trata da saúde da natureza, sabemos que as sementes estão perdendo sua vida, pois além de uma redução drástica da base genética ofertada no mercado, ainda limita-se a capacidade de reprodução das mesmas como forma de aprisionar camponeses e camponesas nas leis do mercado, pois terão que comprar sementes todos os anos, ampliando a dificuldade de acesso.

Neste momento da história, mais do que nunca a agroecologia está para o MMC como proposta de modelo de vida no campo. A partir da agroecologia tem-se uma visão sistêmica de toda a unidade de produção camponesa, trazendo uma lógica integrada entre solo, água, animais e vegetais, não isolando os subsistemas. Porém, ainda temos muitos desafios pela frente em relação a práxis, pois os camponeses e as camponesas foram atraídos (as) e capturados (as) pelo discurso da revolução verde, que mesmo lhes trazendo prejuízos de todas as ordens, existe uma dificuldade real em mudar, por isso, é preciso organização e formação para que possam compreender o processo agroecológico, como resgate da dignidade e de seus saberes.

Entendemos que o MMC tem contribuído para superar este desafio quando defende a agroecologia como modo de vida, quando busca organizar as camponesas para lutar e estudar como enfrentar o modelo capitalista, patriarcal e racista que também atua no campo.

No Brasil, o MMC surgiu após um processo de reflexão, discussão e maturação por parte das mulheres camponesas, que organizadas em inúmeras organizações e articulações estaduais, nos diversos estados brasileiros, se articularam em busca de ampliar suas forças. Assim, em 2002 iniciou-se um debate de que seria mais profícuo; ser um Movimento Social orgânico e nacional, unificando todas as articulações e movimentos estaduais e locais.



Todo esse debate culminou em 2004, quando de 05 a 08 de março, aconteceu o 1º Congresso Nacional do MMC-BRASIL, em Brasília/DF, unificando várias forças das mulheres da roça do Brasil (CONTE *et al.*, 2009) na luta por novas relações de trabalho e poder na agricultura camponesa, apresentando uma identidade de Movimento Social, Popular, de Classe, Feminista e Camponês. Discutindo um novo modelo de vida para o campo, a partir da produção de alimentos saudáveis, baseada nos princípios da agroecologia, difundindo questões fundamentais como a soberania alimentar, a luta contra agrotóxicos e o direito das mulheres viver sem violência.

Essa realidade nacional também se expressou no Mato Grosso do Sul. Nesse artigo, focaremos em como o processo de transição agroecológica aconteceu nessa região. Para o MMC-MS os debates da agroecologia tiveram um grande avanço na discussão dos conceitos e da prática da agroecologia nos anos de 2008 a 2012 quando, em parceria com o hoje extinto, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), logrou-se recurso para executar um projeto abrangendo vários municípios onde as mulheres camponesas estavam organizadas, podendo ressaltar: Rio Brilhante, Nova Alvorada do Sul, Dourados, Juti, Glória de Dourados, Maracaju, Sidrolândia, Anastácio, Nioaque, Itaquiraí, Mundo Novo, Japorã, Campo Grande, Ponta Porã (com o Assentamento Itamaratí) e Ivinhema. É um pouco desses resultados que apresentaremos aqui.

Metodologicamente, este artigo foi escrito a partir de experiências colhidas das várias camponesas entrevistadas nos assentamentos já citados. Nossa busca foi a de saber sobre a forma de trabalho nas parcelas de terra das mulheres, e se havia ou não impacto da organização do MMC no estado no processo de transição agroecológica.

Após as entrevistas percebeu-se que o MMC tem proporcionado, entre outras coisas, a emancipação das mulheres camponesas, ou mesmo das mulheres urbanas, que libertas da opressão, do trabalho escravo, da desvalorização e do preconceito mudaram a realidade de suas famílias e comunidades.

Portanto, este artigo traz duas experiências que ocorreu/ocorre em assentamentos da reforma agrária no Mato Grosso do Sul, na vida de mulheres que a partir de reflexões, estudos e de práticas compreendidas a partir do MMC, conquistaram grandes avanços como podemos perceber na fala desta entrevistada:



[...] não seriam possíveis estas plantas do cerrado enfeitarem nossos jardins se nós não soubéssemos valorizar o meio ambiente e entender que cada planta possui um papel na natureza, assim como nós mulheres na sociedade (Camponesa entrevistada 05-06-2017).

É a partir do conhecimento das camponesas e da consciência que a natureza é importante para sobrevivência humana, que as camponesas no Mato Grosso do Sul conseguem mudar sua realidade e a realidade de suas comunidades.

### **Assentamento Nazareth: da roda de conversa à geração de vida**

Na agricultura camponesa entender como surgem metodologias de trabalho é um papel importante, isto também se aplica quando, aliado à filosofia de vida, se almeja a recuperação de um ecossistema. Este recorte traz o relato dos primeiros momentos de um grupo de mulheres militantes do MMC, assentadas no Assentamento Nazareth, pertencente ao município de Sidrolândia/MS em 2014, que se localiza a aproximadamente 70 km da capital Campo Grande.

Após o processo de implantação do P.A. Nazareth esse grupo de mulheres levantou a discussão de como poderiam ter renda diante das condições de cada um dos seus lotes. Essas mulheres, graças a toda trajetória no MMC, em rodas de chimarrão, pela manhã e fins de tarde, conversavam e traçavam planos a ser executados. Um dos primeiros pontos discutidos foi o de identificar quais eram os recursos naturais existentes e disponíveis, e como utilizá-los para os projetos almejados.

Em uma rápida avaliação, percebeu-se o que mais havia disponível era capim *bracharia sp*, pois aquele lugar foi fazenda de pecuária bovina, conseqüentemente, imaginava-se que os solos estariam bem compactados. Porém, nesse momento foi preciso ter foco, elencar o que havia de positivo para contribuir, através de algum mecanismo com o projeto de restauração do ecossistema e produção.

Com base nos cursos de permacultura, agroecologia e na produção de alimentos saudáveis, após ser feita uma análise visual das propriedades e análises de solo, notou-se grande quantia de capim *brachiaria* em toda sua extensão e um solo arenoso e ácido, então foi necessário fazer



algumas ações. Optou-se por roçar o capim e utilizá-lo como fonte de matéria orgânica e cobertura para o solo. Em seguida, foram inseridas plantas que ofereciam possibilidade de gerar renda e autonomia econômica para as camponesas, com sucessivas roçadas, o capim foi incorporado no solo, trazendo mais vida para as plantas que ali já existiam e a outras que foram sendo introduzidas, como as mudas de uva.

A palhada do capim serviu como base para todos os sistemas de produção desenvolvidos desde pomar até a horta, construída de forma combinando com outras espécies de verduras, flores, frutas e plantas medicinais.

Após essa etapa, todo capim que ocupava o solo deixaria de existir, uma vez que a camada de palha que cobriu o solo asfixiou as mudas de capim abaixo deixando assim, a área pronta para o cultivo. Seguidamente abriam-se sulcos para realizar plantios de várias espécies de plantas, as adubações eram realizadas topicamente nesses locais apenas com a farinha de cascas de ovos, homeopáticas, solução de micro-organismos coletados nas matas ao redor das propriedades e bokaschi.

O segundo momento foi de avaliação do entorno das propriedades e de visita com intuito de identificar quais recursos naturais existiam no entorno. No decorrer dos projetos os problemas foram identificados, elencados e resolvidos, fazia parte de toda cadeia produtiva a recuperação do meio ambiente como parte integrante do processo. Iniciou-se uma busca nas áreas de reserva do entorno e foi possível perceber que existiam grandes bancos de sementes protegidas pela própria natureza e que podiam ser cooptadas e inseridas nos sistemas de produção das parcelas de terra, bem como mudas de árvores nativas, de lei e de frutas, e com o tempo, ao serem inseridas nas áreas também ajudará na recuperação dos ecossistemas.

Em depoimento, uma das mulheres entrevistadas expressa o que sentiu ao ver os resultados das ações dos projetos:

Olha como tudo ficou bonito, agradeço a Deus por ter tido forças pra aguentar esses doze anos que fiquei acampada com o pai\*, hoje vejo que valeu tanto a pena que nossa, nem sei dizer, não podemos perder nem uma palha, temos que amontoar tudo e molhar... em pouco mais que uns dias os bichinhos terão feito ninho ali, daí logo a terra já fica boa pra gente fazer uma cova de pepino ou enterra uma rama de batata ou rama de mandioca,





e não podemos arrancar nenhum matinho, por que aqui no cerrado, onde tinha capim e ele foi tirado arrebenta do chão de tudo quanto e tipo de plantinhas, como a gente não conhece, temos eu ir deixando pra ver o que vai dar, temos que dar um tempo, daí quando você menos esperar tá ai, uma linda flor. Claro né, você logo vai esperando que elas murchem, mas logo nasce outra e o quintal fica colorido dum jeito que olha, parece um paraíso...isso quando a gente num tem a sorte dessa flor virar fruta, em menos de 3 anos cuidando do quintalzinho de flores e plantas que estamos recuperando já tive a oportunidade de ver tantas espécies de frutas, que nunca pensei ver, não tem por aí, nasceu aqui, aqui onde limpamos e cuidamos... Agradeço ao MMC, pois nele aprendi a dar valor e lidar deste jeito com a terra e com a natureza (camponesa entrevistada 05-06-2017).

A consciência do tempo que leva um processo de restauração no ambiente é algo fundamental, e para compreender os mecanismos, necessita-se de observação e de avaliar se as intervenções estão dando resultado positivo ou não. Na fala desta entrevistada fica evidente sua avaliação, ela percebeu que onde houve retirada do capim, a capacidade de emitir brotos para fora do solo ou das próprias sementes germinarem foi muito grande.

Esse projeto de desenvolver o sítio de forma agroecológica, recuperando áreas degradadas de assentamentos foi iniciada por mulheres do MMC e vem influenciando comunidades em todo estado de Mato Grosso do Sul.

Agora o projeto está na última etapa, todos os sistemas desenvolvidos que foram viáveis serão aplicados em outras comunidades de produção camponesa. Por meio da iniciativa das mulheres do movimento hoje existe subsistência. Há plantação e colheita de alimentos para suprir as demandas das famílias e dos animais, mas também já se faz presente alguma renda por meio da venda das geleias, vinhos, licores, vinagres, leite, queijo, mandioca, refrigerante orgânico e frutas da época como melancia, morango e abacaxi. Existe uma renda constante, possibilitando a família aplicar o recurso em outros projetos.

Neste sentido, ressalta-se o papel fundamental que o MMC teve neste grupo de famílias assentadas, partindo do cuidado com a natureza e gerando vida com diálogo, reflexões analíticas e união, fundamentando ações que possibilitou a essas famílias o desenvolvimento de suas parcelas de terra no assentamento.



## Assentamento Itamarati: A construção coletiva do processo emancipatório

O assentamento Itamarati<sup>1</sup>, localizado no município de Ponta Porã/MS é considerado o maior assentamento rural da América Latina. Foi constituído em duas etapas distintas, sendo denominado de assentamento Itamarati I e II. O assentamento Itamarati I foi implantado no ano de 2002, numa área de vinte e cinco mil e cem hectares de terra, em que foram assentadas 1.143 famílias, divididas em quatro subáreas, onde foram organizadas pelos Movimentos Sociais: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com 320 famílias, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), com 280 famílias, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI), com 393 famílias e a Associação dos Moradores e Funcionários da Fazenda Itamarati (AMFFI), com 150 famílias.

O assentamento Itamarati II foi implantado em 2004 em área de vinte e quatro mil, novecentos e quarenta e seis hectares de terra, no total de 1.692 famílias, organizadas pelos seguintes movimentos sociais: 588 famílias pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI), 568 famílias pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), 270 famílias pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), 150 famílias pela Federação da Agricultura Familiar (FAF) e 116 famílias, pela associação Funcionários Associados da Fazenda Itamarati (FAFI), totalizando um universo de 2.835 famílias assentadas. (MATO GROSSO DO SUL, 2003; FUNDAÇÃO CANDIDO RONDON, 2006).

---

1 A área em que se encontra implantado o Assentamento Itamarati I, pertencia ao Grupo Itamarati, que adquiriu a área em 1974. Durante quase 20 anos, o empreendimento destacou-se pela *tecnologia de ponta* empregada na produção de soja e pecuária (bovina). Entretanto, apesar da Fazenda ter sido referência nacional e internacional para a agricultura de larga escala, problemas econômicos, aliados a outros fatores, em meados da década de 1980, esse projeto de Agronegócio, específico, começa a entrar em decadência, culminando no estado de falência, definitivamente em 1995. Diante da falência, a área de 25.100 hectares de terra, foi repassada ao Banco Itaú, como parte do pagamento de dívidas de crédito rural. Portanto, a área em que foi constituído o Assentamento Itamarati I, foi adquirida pelo Governo Federal, através do Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, diretamente do Banco Itaú. Já a área em que se constituiu o Assentamento Itamarati II, foi adquirida do Grupo Itamarati.



As famílias inseridas no assentamento Itamarati, trouxeram o anseio de ter a liberdade para definir o que e como produzir. Entretanto, a infraestrutura produtiva e herdada do *mega símbolo* do monocultivo; a “Fazenda Itamarati” impôs às famílias o manejo agrícola convencional logo, a dependência de insumos externos. Subordinadas às demandas estabelecidas pelo mercado, levou a perda da autonomia e da soberania alimentar uma vez, que o modelo os obrigava permanecer no cultivo das *commodities*<sup>2</sup>: soja e milho nas áreas irrigadas e de exploração coletiva. Ou seja, as famílias ficaram reféns da dinâmica mercadológica do sistema capitalista, principalmente em função da dependência do “pacote tecnológico” imposto pelas empresas, que inclui os agroquímicos, sementes geneticamente modificadas, moto mecanização e o uso intensivo de energias não renováveis.

Neste cenário, que demanda a necessidade de construir um novo paradigma produtivo, as mulheres do assentamento Itamarati têm buscado construir mudanças nas relações de gênero no bojo das próprias famílias e também das organizações como as associações, cooperativas e outros espaços coletivos. As condições de opressão enfrentadas pelas camponesas do assentamento Itamarati, oriundas das relações desiguais de gênero, tem se manifestado de forma material e simbólica nos espaços de produção no contexto familiar e de atuação política.

Assim, as relações tanto familiares quanto às desenvolvidas no âmbito da comunidade são centradas na figura masculina, que “representa” os interesses do conjunto e detém o poder de decisão. Estabelecendo assim, uma hierarquia de gênero e geração pautada no poder dos homens sobre as mulheres. Essa realidade despertou para a necessidade de fortalecer, através da organização coletiva, as discussões no sentido de valorizar e visibilizar o trabalho das mulheres camponesas na agricultura familiar, pois as atividades produtivas desenvolvidas por elas na unidade familiar têm importante significado e peso econômico.

Nesse contexto, marcado pela dominação, opressão e exploração, o Movimento de Mulheres Camponesas - MMC<sup>3</sup>, que está presente no

---

2 São quaisquer produtos em estado bruto, seja de origem agropecuária ou de extração mineral ou vegetal, produzido em larga escala mundial, destinado ao comércio externo, cujo preço é determinado pela oferta e procura internacional. Exemplo: café, açúcar, soja, trigo, petróleo, ouro, etc.

3 “O resgate histórico junto às camponesas veio com a Presença da Irmã Olga



assentamento Itamarati desde o ano de 2002 tem contribuído significativamente com o processo de construção coletiva de formas de resistência frente às desigualdades de gênero, sobretudo, na busca pela emancipação, protagonismo e na luta pelos direitos.

Esse processo de emancipação tem se constituído na prática cotidiana, a partir do trabalho e da organização coletiva que, gradativamente, vem apresentando mudanças significativas na estrutura familiar e no âmbito produtivo, bem como, nos espaços das instituições.

A diversificação, a produção agroecológica, o acesso ao micro crédito<sup>4</sup> espaços de comercialização, as políticas públicas para os camponeses e camponesas tem se configurado em oportunidades para a agricultura como tem se configurado em alternativas sustentáveis para o fortalecimento e libertação das mulheres camponesas, constituindo-se assim, na construção do Feminismo Camponês e Popular, ainda que, não de forma aprofundada nas discussões em torno desta terminologia no campo teórico, contudo, na prática é uma realidade estabelecida, conforme é possível verificar na fala de uma das camponesas do assentamento Itamarati:

---

Manosso, em 2002, quando iniciaram as ações, juntamente com algumas companheiras, ainda quando se encontravam acampadas no entorno da Fazenda Itamarati. A partir dessa articulação, o movimento começa a ganhar visibilidade no Projeto de Assentamento Itamarati I, que se encontrava em fase de implantação [...]”.

- 4 “O Micro crédito no Assentamento Itamarati é viabilizado através do Banco Comunitário Ita, que é um sistema integrado de crédito, produção, comércio e consumo, que promove o desenvolvimento local, através da concessão de recursos de baixo valor a empreendedores informais, que não têm acesso ao sistema financeiro tradicional, promovendo a circulação de riquezas endógenas para o desenvolvimento da própria comunidade beneficiada e consequentemente a melhoria na qualidade de vida e na perspectiva da economia Solidária. E esse sistema ajudou muitas camponesas, que de acordo com o BACEN do Brasil, são atividades adequadas e sustentáveis para a população [...], excluída do sistema financeiro tradicional, com utilização de produtos, processos e gestão diferenciados, concedidos para o atendimento das necessidades financeiras de pessoas físicas e jurídicas empreendedoras de atividades produtivas de pequeno porte, que utiliza metodologias baseada no relacionamento direto com o empreendedor no local onde é executada a atividade econômica (SOARES; SOBRINHO, 2008) [...]”.



Trabalhamos na zona rural toda vida, tínhamos pouco estudo, só tinha o quarto ano e tinha muita vontade de estudar. Quando a gente veio pra cá começamos a trabalhar no lote e eu comecei participar do Movimento de Mulheres Camponesas que ajudava a gente a pensar nos nossos direitos e naquilo que a gente queria fazer. As coisas estavam muito difíceis, por isso meu marido saiu para trabalhar fora, na verdade, sempre tinha um porquê eu não poder estudar, filho pequeno, sempre tinha uma coisa ou outra que impedia. Eu sempre falei da minha vontade de estudar. Meu marido dizia: “- Não! Você não vai estudar, de jeito nenhum.” Eu sempre respondia: “- Eu vou, não sei como e quando, mas vou estudar.” Quando minha filha veio morar com a gente no lote, vi que podia voltar a estudar. Quando falei que ia voltar pra escola. Ele ficou bravo. Foi aí que falei pra ele: “- Ou confia ou não confia, se não confia acabamos agora.” Eu sou uma mulher e exijo confiança e fui estudar. No final, ele me ajudava nos trabalhos, nas tarefas e me levava para escola e eu consegui concluir o ensino o ensino fundamental e o médio. O MMC me ajudou muito nessa vitória, assim como ajudou e ajuda no trabalho que eu e a Ana começamos para melhorar nossa renda. Tivemos muito apoio para a gente começar nossa padaria, começou na cozinha de casa, mas com muita luta e apoio conseguimos nossa padaria e a gente teve o apoio do MMC, das Irmãs de São José, da Cáritas, do Banco Comunitário Ita que deu empréstimo pra gente. Devagar a gente vai vencendo as dificuldades, participando da comunidade, ajudando outras mulheres a vencer a luta (entrevistada 13-07-2017).

A construção coletiva do processo emancipatório contribui, significativamente, para transformar as injustiças e as discriminações vivenciadas pelas camponesas. Esse processo perpassa, necessariamente, pela tríade: educação, trabalho e movimentos sociais:

Eu participo do Movimento de Mulheres Camponesas desde que começou no assentamento Itamarati. A mulher tem que participar de tudo no assentamento. Eu participo de tudo junto com o meu marido e sempre dou minha opinião. A gente vê que os homens torcem o nariz quando a gente fala, eu não ligo, falo mesmo! Para o assentamento dar certo, precisa da nossa participação. O projeto que a mulher participa dá certo. Depois que o MMC começou falando dos direitos e da participação da mulher, mulher camponesa, aumentou a quantidade de mulheres nas feiras, nas associações e reuniões (entrevistada 15-07-2017).



Pode-se entender que a ação das mulheres em iniciar uma mudança partiu de um momento reflexivo das próprias condições de vidas que elas enfrentavam. As mulheres optaram por discutir os problemas, avaliar as condições no assentamento e tomaram decisões importantes. A tomada de decisão, partilhar com a família e com a comunidade as ideias e depois as práticas, mostra que é possível existir espírito de cooperação, fraternidade e desenvolvimento sustentável. Porém, atitudes como estas, vivenciadas pelas mulheres do assentamento Itamarati devem ser encorajadas na sociedade de hoje, dando visibilidade a mulher como protagonista de mudanças.

Finalmente, pode-se dizer frente às entrevistas realizadas com as mulheres do assentamento Itamarati, que o MMC foi de fundamental importância na vida destas famílias. Foi uma semente plantada e cuidada que gerou frutos. Este grupo de mulheres viaja para feiras vendendo seus produtos, difundem e aplicam a agroecologia, estudam e continuam se reunindo para discutir e tomar atitudes frente os problemas de cada uma, da família e da comunidade e dividem também as conquistas.

## Considerações Finais

O artigo mostrou embasado por pesquisa participativa na qual as camponesas são protagonistas, que a partir das experiências locais dessas mulheres e suas famílias é possível construir uma agricultura agroecológica. Entre os relatos das camponesas entrevistadas percebeu-se que as experiências mostram que os caminhos de libertação se dão num processo de transição entre estudo, diálogo, observação e reconstruções diárias a partir dos erros e acertos, trazendo a certeza de que ainda são muitos os desafios a serem vencidos.

Este estudo também serviu para mostrar que só a partir do protagonismo conjunto e consciente é possível existir uma nova forma de fazer, organizar e viver a agricultura camponesa e que é as mulheres que promoveram rearranjos familiares, autonomia econômica e social. Como resultado também cabe avaliar a elevação da autoestima das camponesas, pois encontraram uma nova forma de organizar o local da produção e de gerir vidas.



A partir das entrevistadas notou-se que a formação no MMC foi fundamental na concepção das camponesas sobre como elaborar processos de mudanças a partir de suas realidades locais, mostrando a agroecologia como ferramenta metodológica na construção de ecossistemas integrando a biodiversidade de plantas e animais, independente do ambiente ou condição em que esteja o meio.

Percebeu-se que a promoção da agroecologia acarretou uma maior auto-organização e a autonomia das mulheres camponesas, bem como dos homens, gerando esperanças e vínculos de solidariedade entre o grupo, ao passo que reafirma o modelo de agricultura camponesa na luta pela preservação da terra e da vida.

Ter mulheres participando como protagonistas neste processo é a certeza de que uma semente foi plantada e de que há esperança. Já que, esses conhecimentos estão sempre em pauta nas reuniões e, a partir dessas construções, outras também serão possíveis como a luta ao combate a violência contra a mulher para novas relações de gênero e de poder na identidade feminista, camponesa, popular e de classe que tanto se almeja em uma nova sociedade.

## Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5. ed. Porto Alegre. UFRGS. 2009.

BIANCHINI, Valter; MEDAETS, Jean Pierre Passos. *Da revolução verde à agroecologia: Plano Brasil Agroecológico*. Brasília: MDA, 2013. Disponível em: <[http://www.mda.gov.br/portalmda/sites/default/files/user\\_arquivos\\_195/Brasil%20Agroecol%C3%B3gico%2027-11-13%20Artigo%20Bianchini%20e%20Jean%20Pierre.pdf](http://www.mda.gov.br/portalmda/sites/default/files/user_arquivos_195/Brasil%20Agroecol%C3%B3gico%2027-11-13%20Artigo%20Bianchini%20e%20Jean%20Pierre.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2018.



CONTE, I.I.; MARTINS M. D.; DARON V. P. *Movimento de Mulheres Camponesas: Na luta a construção de uma identidade feminista, popular e camponesa. Mulheres Resistencia e Luta em Defesa da Vida.* Conceição Paludo Org. São Leopoldo: CEBI, 2009.

CRIVELLARO, C. V. L. *et al. Agroecologia: um caminho amigável de conservação da natureza e valorização da vida.* Rio Grande: NEMA, 2008.

FUNDAÇÃO CÂNDIDO RONDON. *Plano de Desenvolvimento de Assentamento.* Projeto de Assentamento Itamarati II. Campo Grande, MS, 2006.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de desenvolvimento agrário (SDA). Instituto de desenvolvimento agrário, assistência técnica e Extensão rural do MS (IDATERRA). *Plano de Desenvolvimento do Assentamento Itamarati: Produção,* 2003.

SANTOS, M. K. A. C. dos. *Rompendo a cerca do isolamento: as relações entre a agroecologia e as questões de gênero.* Dissertação (Mestrado em serviço social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.





“Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras.  
Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento e gente de fogo louco que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam, mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar e quem chegar perto pega fogo”.

*Eduardo Galeano*





## QUINTAIS PRODUTIVOS: a experiência do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina

*Geneci Ribeiro dos Santos  
Justina Ines Cima  
Valdete Boni*

Este artigo pretende discutir os quintais produtivos sob a ótica do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Santa Catarina<sup>1</sup> como uma estratégia de garantir alimentação diversificada e saudável e contribuir no autossustento das famílias camponesas. Sendo o mesmo fruto de pesquisa no referido movimento, através de entrevistas semiestruturadas e observações em atividades formativas.

---

1 Para saber mais sobre a história do MMC em Santa Catarina ver, entre outras, GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth. *As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) trabalho, família e projetos de vida*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2009.



O quintal produtivo é compreendido como o espaço ou terreno, geralmente situado próximo ou mesmo no entorno das casas onde se costuma cultivar e manejar grande diversidade de plantas para vários fins, tais como alimentares, condimentares, medicinais, ornamentais, frutíferas e madeireiras. É um espaço aonde também são criados animais domésticos de pequeno porte como galinhas, patos e perus. É ainda um espaço de lazer, acolhimento e de maior contato das pessoas com a natureza. Para o MMC, o quintal produtivo consiste em uma prática de produção articulada com o projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista, que está intimamente relacionado com a prática das mulheres. Pois esse é um espaço em que historicamente as mulheres conseguiram produzir da forma como elas queriam e o que atende as suas demandas.

A sociedade capitalista, patriarcal e racista enxerga as atividades de produção realizadas pelas mulheres nos quintais como uma extensão do trabalho doméstico, ocupando o espaço privado e, por isso, têm dificuldade de reconhecer e valorizar esse importante trabalho desempenhado historicamente por elas. Assim, o objetivo principal desse artigo é analisar as contribuições que os quintais produtivos agroecológicos desenvolvidos pelas mulheres camponesas em suas unidades de produção desempenham para garantir a soberania alimentar das famílias, o fortalecimento da produção agroecológica e autonomia das mulheres.

Dividimos, pois, esse texto em partes, vamos apresentar o MMC e o projeto de alimentação saudável fazendo um pequeno resgate da história/trajetória do movimento, mostrando que desde o início teve-se a concepção de que a luta era de gênero e classe e, apesar de implícito, sempre foi uma luta feminista e camponesa. Também apresentaremos a concepção de quintais produtivos, como o movimento o compreende e como trabalha esta noção na prática nas unidades de produção das mulheres camponesas.

## **O MMC e o projeto de alimentação saudável: segurança e soberania alimentar**

Quando falamos em alimentação, estamos tratando sobre a segurança alimentar e sobre a soberania alimentar. A segurança alimentar<sup>2</sup>

---

2 Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN, Lei n. 11.346



está mais relacionada à disponibilidade de alimentação em quantidade e qualidade adequada e tanto a academia, quanto o governo priorizam a discussão de segurança alimentar. Mas para o MMC, prevalece a discussão de soberania alimentar, que não se refere somente à problemática da fome, que sem dúvida é a mais preocupante, mas também aos outros problemas que são causados pela falta de comida, excesso de comida ou carência de nutrientes, e também à qualidade dos alimentos em um momento que, além do consumo exagerado de produtos industrializados, refrigerantes, enlatados, entre outros, com muitos corantes e conservantes, temos ainda o alto índice de agrotóxicos e outros insumos utilizados sem o devido acompanhamento na produção alimentar. Nesse sentido, se amplia a discussão para o modelo de produção, denunciando o agronegócio como destruidor da soberania alimentar dos povos.

A soberania alimentar se refere ao controle dos alimentos por parte dos camponeses (as) como forma de garantir o acesso ao seu cultivo e, conseqüentemente, à sua disponibilidade. Este termo foi apresentado pela Via Campesina na Conferência Mundial sobre a Alimentação, realizada em 1996 pela FAO, em Roma, e ressalta a soberania alimentar como “o direito que os povos têm de definir suas próprias políticas agrícolas e alimentares sem *dumping*<sup>3</sup> de outros países”.

---

de 15 de julho de 2006) define a Segurança Alimentar e Nutricional – SAN, “como a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis” (KEPPLE; SEGALL-CORRÊA, 2011, p. 188). Já Maluf e Menezes (2000), defendem que se deve ampliar esse conceito, pois a garantia da segurança alimentar não pode comprometer “o acesso a outras necessidades essenciais, nem sequer o sistema alimentar futuro, devendo se realizar em bases sustentáveis. É responsabilidade dos estados nacionais assegurar este direito e devem fazê-lo em obrigatória articulação com a sociedade civil, dentro das formas possíveis para exercê-lo” (MALUF; MENEZES, 2000, p. 4).

- 3 Conforme Andréa Wolffenbüttel, *dumping*, de uma forma geral, é a comercialização de produtos a preços abaixo do custo de produção. [...] A rigor, o *dumping* diz respeito às vendas ao exterior, mas ele também pode acontecer no mercado interno. Os *dumpings* ocorrem, normalmente, em duas situações. A primeira é quando determinado setor recebe subsídios governamentais e, por isso, consegue exportar seus produtos abaixo do custo de produção. Disponí-



Segundo Stedile e Carvalho (2012), esta iniciativa partiu das delegadas mulheres que participavam do fórum em paralelo a Cúpula Mundial sobre a Alimentação (CMA), realizada em Roma pela FAO.

O debate oficial girava em torno da noção de segurança alimentar. As mulheres foram críticas em relação aos termos utilizados na discussão dos governos, que, em sintonia com a hegemonia do neoliberalismo e com os princípios defendidos pela OMC, ajustaram a definição de segurança alimentar, tentando vincular o direito à alimentação, à liberalização do comércio de alimentos, abrindo caminho para fazer da alimentação um grande e lucrativo negócio para as empresas transnacionais, a indústria química e de *fast-food*, entre outros. [...] Com esse debate feito pelas mulheres, as organizações camponesas contrapuseram então ao conceito de segurança alimentar o conceito de soberania alimentar. Partiram do princípio de que o alimento não é uma mercadoria, é um direito humano, e a produção e distribuição dos alimentos é uma questão de sobrevivência dos seres humanos, sendo, portanto, uma questão de soberania popular e nacional (STEDILE; CARVALHO, 2012, p. 720).

Esse conceito foi ampliado e apresentado no Fórum Mundial Sobre Soberania Alimentar realizado em Havana, Cuba, no ano de 2001<sup>4</sup>. Para Maluf (2009, p. 19), a incorporação da noção de soberania alimentar aos princípios da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) possibilita uma nova visão que difere das ações para a segurança alimentar implementadas pelos governos, porque traz à tona a discussão das grandes corporações e sua influência nas decisões que envolvem a produção de alimentos e o que é concebido como soberania pelos movimentos sociais.

Em diversas partes do mundo são as mulheres as responsáveis por mais da metade da produção dos produtos básicos utilizados na alimentação, como na África Subsaariana e no Caribe, onde se encarregam por 60 a 80% dessa produção e na Ásia, em que realizam mais de 50% do

---

vel em: <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2090:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2090:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 05 março 2018.

4 “[...] o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e diversidade dos modos campeiros, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental”.



trabalho nos cultivos de arroz (LEÓN, 2003). Com o avanço da agricultura em larga escala, há uma diminuição das áreas disponíveis para esses cultivos e o estímulo à substituição dos cultivos tradicionais pelas culturas que supostamente terão maior produtividade e valor comercial. Em Santa Catarina - mas poderíamos estender a todos os espaços onde esse modelo vigora - há um desestímulo por parte da assistência técnica das grandes agroindústrias que tem como modelo a lógica da revolução verde, à permanência de determinados cultivos nas unidades de produção dos camponeses e das camponesas. Com a diminuição da mão de obra disponível no meio rural, grande parte dos esforços devem se voltar às práticas principais da propriedade, ou seja, às integrações (aves, suínos, fumo e leite) ou aos monocultivos (especialmente soja). Dessa maneira, o que antes era produzido, mesmo que de forma invisibilizada pelas mulheres para o consumo da família, deixa de ser cultivado para se dedicarem ao exposto acima.

Ainda segundo Irene de León (2003), estas práticas excluíram ainda mais as mulheres do acesso ao conhecimento, destruindo seus saberes tradicionais sobre o plantio dos alimentos e ocasionado na diminuição da variedade e qualidade alimentar dessas famílias. Hoje, percebemos que espécies de plantas que antes eram consumidas pelos camponeses (as) no Oeste do Estado de Santa Catarina são dificilmente encontradas porque, com a intensa utilização de agrotóxicos nas lavouras e a diminuição de variedades cultivadas, também se perderam.

Estudos feitos por Wagner, Marques e Menasche (2007) no Vale do Taquari (Rio Grande do Sul) mostraram que os agricultores familiares se referiram a uma mudança muito grande da alimentação de 'antigamente' com relação à atual em consequência da diminuição das variedades cultivadas. Parte dessa mudança está relacionada ao tempo que os agricultores alegam não mais possuir para plantar, à saída dos filhos da propriedade e à dedicação a culturas específicas para o mercado que exigem cuidados intensos. As autoras constataram, então, que a produção para o autoconsumo diminuiu nos últimos anos e que há certa dependência das famílias na aquisição dos alimentos (WAGNER; MARQUES; MENASCHE, 2007, p. 75).

Outra pesquisa de Menasche e Zanetti (2007), ainda no vale do Taquari, mostra que a produção de alimentos para o consumo das famílias



é realizada pelas mulheres, ou seja, a soberania alimentar é mais garantida por elas. Quando deixam de produzir determinadas variedades, o consumo destes produtos nas famílias é reduzido. Em muitos casos, as mulheres mantêm a produção de diversos alimentos e outros adotam com mais facilidade o hábito de adquiri-los no supermercado. As razões apontadas em sua pesquisa são praticamente as mesmas destacadas pelas agricultoras entrevistadas por nós na Região Oeste de Santa Catarina.

Na contramão desse processo imposto pelo capitalismo, o MMC – Movimento de Mulheres Camponesas – estimula as camponesas a resgatar as práticas alimentares e de tratamento por meio de uma alimentação mais saudável, que vai desde a maneira de produzir o alimento, a variedade dos alimentos e as formas de preparo até as plantas medicinais que são alternativas aos remédios alopáticos.

O Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina, desde seu surgimento, denuncia o modelo de produção na agricultura que exclui e empobrece os camponeses e as camponesas. É certo que a luta principal no início do movimento, era pelo direito do reconhecimento da profissão de agricultora para as mulheres camponesas. É por isso que o movimento foi uma das principais organizações que reivindicou direitos, como a aposentadoria para as mulheres camponesas aos 55 anos e aos 60 anos para homens, auxílio doença, auxílio acidente de trabalho, aposentadoria por invalidez, auxílio reclusão e pensão por morte, salário maternidade – no valor de um salário mínimo – e o direito à titulação da terra em nome da mulher. Para alcançar estes objetivos, era necessário que as mulheres rurais tivessem documentação como a Carteira de Identidade (RG), Cadastro de Pessoa Física (CPF) e que seu nome constasse no Bloco de notas, Produtor Rural, junto aos nomes de seus cônjuges. Assim, a campanha pela documentação das mulheres rurais “Nenhuma Trabalhadora sem Documentos” foi uma das principais bandeiras do MMC nas décadas de 1980 e 1990.

Costumamos (BONI, 2012) apresentar o movimento com três principais fases, sendo a primeira voltada ao reconhecimento da profissão e à garantia de direitos trabalhistas, a segunda voltada à saúde das mulheres rurais e a terceira ligada ao discurso e à prática da agroecologia e da alimentação saudável.

Nessa trajetória, aparece com muita força o debate do feminismo



camponês, que está sendo aprofundado, junto com a prática e formação dos quintais produtivos das mulheres. Embora possamos visualizar essas fases na trajetória do MMC, nenhuma delas aconteceu de forma pura e isolada das demais. Ao mesmo tempo em que, na década de 1980 até meados de 1990 reivindicava-se direitos trabalhistas, discutia-se o modelo de produção que hoje chamamos de agronegócio *versus* o modelo de agricultura de pequeno porte, a que hoje chamamos de agricultura camponesa<sup>5</sup>. Junto com o debate da saúde, ainda se pautava a necessidade de documentação para as mulheres e, especialmente, a crítica ao modelo de agricultura que impõe restrições na produção da agricultura camponesa. É o acúmulo destes debates no interior do movimento que culmina no momento atual vivenciado pelo MMC, promovendo a recuperação de sementes crioulas, a produção diversificada de alimentos com base na agroecologia e garantindo a soberania alimentar.

A 8ª Assembleia Estadual do Movimento de Mulheres Agricultoras de SC, que ocorreu em Concórdia, em novembro de 2001, foi um marco para esse novo momento do movimento. Naquela ocasião, as mulheres decidem pelo enfrentamento ao modelo de agricultura imposto pelo sistema capitalista e debatem ações concretas para avançar no projeto de agricultura camponesa agroecológica a partir do cotidiano das mu-

---

5 A agricultura camponesa, tratada no âmbito deste artigo, é uma definição própria dos movimentos sociais ligados à Via Campesina e utilizada para diferenciar o modelo de agricultura familiar inserida nas cadeias do agronegócio (especialmente integrações às agroindústrias e monoculturas em que utilizam de insumos químicos e agrotóxicos na sua produção). Ou seja, seria uma agricultura mais voltada à agroecologia. Nesta concepção, toda agricultura camponesa é familiar, mas nem toda agricultura familiar é camponesa. Sabemos que esta é uma definição um tanto simplista e que não dá conta da complexidade destes dois modelos, mas não podemos fazer uma revisão mais ampla neste espaço. Assim, em diversos momentos as categorias “agricultoras”, “agricultoras familiares”, “trabalhadoras rurais” e “camponesas” aparecerão no texto. Cabe aqui uma pequena explicação. A categoria ou termo utilizado pelo MMC é mulheres camponesas. Mas durante sua história (mais de 30 anos), todos estes termos foram utilizados, tanto que o movimento surge em 1983 como OMA (Organização de Mulheres Agricultoras) e logo passa a se chamar MMA (Movimento de Mulheres Agricultoras). Em 2004, o nome do movimento passa a ser Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Essas mudanças referem-se, sobretudo, a concepções políticas do movimento. Para um melhor entendimento ler, entre outros, BOSSETI (2013) e BONI (2012).





lheres. Nesse período, o movimento assume o programa de produção, recuperação e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças.

A história de como começou o programa de recuperação de sementes em Santa Catarina foi contada pelas mulheres camponesas aos representantes africanos num intercâmbio realizado em Chapecó/SC em maio de 2010.

Julgamos pertinentes algumas de suas falas porque mostra a trajetória que culmina no que é hoje o projeto, uma das atividades mais importantes do movimento em SC<sup>6</sup>.

O ano de 2001 foi um momento forte na questão da agricultura porque foi a entrada e a liberação das primeiras sementes transgênicas. Isso é importante para depois entender o Projeto das Sementes Crioulas (Liderança nacional do MMC). O projeto popular de que nós tratamos é o projeto de sociedade que as organizações defendem, de mais igualdade, de distribuição de renda, de reforma agrária. Enfim, um projeto para o povo brasileiro. E nós vimos nesta assembleia, que, enquanto camponesas, nós precisávamos construir o projeto popular de agricultura camponesa. Com soberania alimentar, com sementes, com o cuidado do ambiente, reeducação alimentar, alimentação saudável (Liderança nacional do MMC).

E, em 2002, nós criamos o programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças que é esse projeto de que nós vamos falar mais à tarde. Em 08 de março de 2003, acontece o seminário estadual do movimento de mulheres com o lema: Filhas da Terra, produzindo sementes crioulas, alimentando sonhos de libertação. É o primeiro momento em que a gente socializa o que as mulheres ainda têm de sementes crioulas. E, a partir daí, começa a intensificar (Liderança do MMC).

É importante que de 2001 a 2003 teve todo um trabalho de resgate do que ainda as mulheres tinham de sementes (Liderança nacional do MMC).

É assim, a gente faz cada... cada grupo de oficinas de semente é um grupo de base do movimento. Então ali, nesse grupo de base, eles se reúnem três vezes por ano para trabalhar na questão das oficinas. Porque ela tem que fazer na teoria, questão técnica, tudo, e na prática. E na etapa seguinte ela volta a mostrar para outras, aquela prática que ela fez, trocar essa expe-

---

6 O intercâmbio fazia parte do projeto mais amplo sobre recuperação de sementes. Havia, neste encontro, representantes movimentos sociais e organizações relacionadas à agricultura de três países africanos, a saber: África do Sul, Namíbia e Moçambique.



riência, o que aconteceu... né? Agora, tem uma coisa bem importante na questão de sementes que é o seguinte, por exemplo: uma [...], da família das abóboras, não consegui dizer o nome agora. Mas vamos dizer assim, as abóboras que entram naquela família: os pepinos, melões, melancias, todas essas. Quanto mais variedade, de vários locais, de vários solos, várias regiões, recolher as sementes, mais rica ela vai ficar na característica, no jeito dela e tudo. Mais riqueza no sabor. Então, por exemplo, pega um punhado de semente de abóbora, uma espécie só, distribui para várias mulheres de vários locais, todas vão produzir a mesma espécie. Mas quando elas colhem as sementes de três, quatro abóboras de cada pé lá que elas vão colher sementes. Elas vão trazer tudo no grupo de mulheres, daí mistura tudo as sementes e ali vem o melhoramento. É um dos exemplos, depois tem vários outros. Então, por exemplo, a resposta dela... troca da semente é importante por causa disso (Liderança do MMC)<sup>7</sup>.

Ademais, a edificação de um projeto de agricultura camponesa que defenda os princípios da agroecologia visando o enfrentamento à dependência econômica e ao modelo do agronegócio que destrói a natureza, como também potencializar a produção de alimentos saudáveis e diversificados para autoconsumo e para a geração de renda foi fomentado, também, pelo trabalho realizado pelas mulheres com as sementes crioulas. O mesmo acontece com a preservação e manutenção do solo, da água, das florestas, da biodiversidade, com o cultivo e uso de plantas medicinais e com a criação de animais.

A agroecologia abraçada pelo movimento é um modo de vida e um projeto de sociedade. Na prática cotidiana, por ser mais compreendida por elas e por encontrar barreiras no sistema patriarcal e machista ainda forte, é, na maioria das vezes, assumida pelas mulheres e não pela família, apesar de serem os homens que, frequentemente, administram a unidade de produção e estabelecem os cultivos.

Diante disso, os princípios da produção agroecológica são localizados com maior vigor na produção, gestão e planejamento dos cultivos praticados no quintal e arredores das casas pelas mulheres, características que não se reproduzem, normalmente, em outros espaços gerencia-

---

7 Estas e as demais falas das militantes do MMC aqui apresentadas foram gravadas e transcritas por BONI (2012) e constam em sua tese, tendo sido cedidas para este trabalho.



dos pelas famílias. No entanto, o processo de construção agroecológica visa à ampliação para toda a unidade de produção, compreendendo que é na agroecologia que se constrói a soberania alimentar. Dessa forma, os quintais produtivos são espaços pedagógicos de construção do projeto de agricultura camponesa.

## Quintais Produtivos

Ao remontar à época em que o ser humano deixa de ser nômade (muda-se em busca de alimento) para ser sedentário (passa a cultivar seu alimento), verificaremos que a produção de alimentos e a criação de pequenos animais já era praticada no entorno de sua residência. Percebe-se aí o primeiro uso do quintal como um local de geração de alimento.

A adoção do termo 'quintal' varia nas diversas regiões dos estados e até mesmo do país. No Estado de Santa Catarina, por exemplo, a Região Serrana e Sul o usam comumente, enquanto que em outras regiões a utilização do termo não é tão expressiva. No Brasil, retomando o início do artigo, conforme Brito e Coelho (2000, p. 03):

Quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa, definido, na maioria das vezes, como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais.

Nos quintais, normalmente idealizados e dirigidos pelas mulheres com a contribuição de outros membros da família, onde são cultivadas grandes diversidades de plantas que se destinam à alimentação, à produção de cosméticos e medicamentos, à obtenção de frutos e madeira, à ornamentação do lar, etc. Também é o espaço da criação de animais de pequeno porte, tais quais galinhas, perus e patos. O quintal pode abarcar diferentes formas e técnicas de cultivo: subsistemas de produção (lavoura, horta, horto medicinal, pomar, jardins) ou sistemas agroflorestais. Pode, também, compreender a ambos de forma associada.

O projeto *Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Auto-*



*nomia por meio do Estímulo à Prática Agroecológica*<sup>8</sup>, proposto e financiado pela Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais e Quilombolas (DPMRQ) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e desenvolvido pela Universidade Federal da Fronteira Sul em parceria com o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF), trouxe uma nova perspectiva para o debate sobre os quintais produtivos.

O projeto foi além da sua proposta inicial de capacitação de técnicas e técnicos em extensão rural para trabalhar com mulheres e com agroecologia e se tornou um projeto de formação para suas participantes. A temática dos quintais e sua importância eram regulamente tratada no âmbito do MMC, mas com as trocas de experiências entre mulheres, técnicas e técnicos de extensão rural, novas experiências foram compartilhadas. Para termos uma ideia, esta temática perpassou todo o programa de formação que não foi somente teórico, mas também prático com visitas a diferentes modelos de quintais produtivos que as participantes (ou outras agricultoras e camponesas,) mantêm em suas Unidades de Produção, com tamanhos e produção diferenciada. Conforme Cima (2017, p. 134), “[...] o curso reafirmou a importância de estudar teoricamente, mas também de trocar saberes no campo, vendo as diferentes experiências de quintais produtivos visitados no decorrer da formação”.

Mais que garantir às famílias acesso a uma dieta nutricional de qualidade, os quintais produtivos oportunizam a consolidação dos princípios da produção agroecológica, da soberania alimentar, da produção para autossustento e da geração de renda e autonomia econômica, da biodiversidade, da jardinagem e paisagismo, da manutenção e preservação de espécies animais e plantas e da troca de saberes e habilidades.

O projeto de produção das mulheres camponesas tende a ser menos degradante e agressivo ao meio ambiente, sua proposta de ver a agro-

---

8 Sobre o projeto Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do Estímulo à Prática Agroecológica: BONI *et al.* *Mulheres camponesas e agroecologia*. Curitiba: CRV, 2017; BONI *et al.* *Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do Estímulo à Prática Agroecológica: relatos de uma vivência*. Tubarão: Ed. Copiart, 2017; BONI *et al.* *Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do Estímulo à Prática Agroecológica*. Tubarão: Ed. Copiart, 2015.



colocação como um modo de vida capaz de desenvolver uma agricultura sustentável, é praticado cotidianamente nos quintais produtivos. O solo, compreendido como organismo vivo e não apenas como base para as plantas, recebe cuidados diferenciados no que concerne ao seu manuseio e fertilidade.

Nesta concepção, os solos são fertilizados e fortalecidos com esterco de animais, húmus de minhoca e outros adubos produzidos na unidade de produção. No cultivo, faz-se uso de sementes crioulas de diversas variedades de plantas, sobretudo daquelas que apresentam resistência a determinadas pragas ou doenças, adaptadas localmente, na ocorrência destas, serve-se de repelentes caseiros.

A preservação e manutenção dos recursos naturais e o equilíbrio ambiental e ecológico nos quintais produtivos, e em toda a unidade de produção, de modo geral, são constantes preocupações das mulheres camponesas organizadas no MMC. Para isto, elas buscam manter a produção dos policultivos (diversificação vegetal e animal) para manutenção da área cultivada e para variação dos alimentos produzidos. Estes recursos são notáveis porque viabilizam a autonomia econômica e também a liberdade sobre o plantio, sobre as técnicas de cultivo, os insumos utilizados, normalmente de baixos custos e que, por conseguinte, oportunizam maior agregação de valor e renda para sua produção e, especialmente, a não dependência da indústria produtora de agroquímicos.

O cultivo realizado nos quintais contrapõe-se, assim, ao modelo de agricultura convencional e exerce fundamental papel no que concerne à produção de alimentos saudáveis para a garantia da soberania alimentar das famílias, além de colaborar com a liberdade e autonomia sobre as próprias sementes, sobre a terra e a água consumidas. Por fim, a produção nos quintais, mais que conferir maior poder de decisão em relação ao destino final dos alimentos cultivados, atende aos hábitos e à cultura local de produção.

Uma das principais contribuições dos quintais produtivos agroecológicos é a produção para o autossustento das famílias ou, como é mais tratado na literatura<sup>9</sup> o autoconsumo familiar. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), define o autoconsumo como:

---

9 Sobre a produção para o autoconsumo ver, entre outros, Grisa e Schneider (2008); Grisa (2007) Gazolla (2004).



[...] toda a produção realizada pela família e destinada ao seu próprio consumo, incluindo os produtos de origem animal, os produtos oriundos das lavouras permanentes e temporárias, da silvicultura, da floricultura, da extração vegetal e da agroindústria doméstica. Trata-se, nestes termos, de uma produção que é destinada ao ciclo interno da unidade de produção, que acaba se auto aprovisionando com produtos para a própria alimentação e outros usos do estabelecimento (BRASIL/IPEA, 2013, p. 10).

No Movimento de Mulheres Camponesas o termo mais utilizado é o de autossustento por entenderem que este é mais abrangente. Na concepção das mulheres, a produção nos quintais não é utilizada somente para o consumo das famílias, mas para a venda de excedente, troca entre vizinhos (as), doações. Entende-se por produção para o autossustento toda a gama de alimentos produzidos pelas mulheres na unidade de produção ou no quintal, direcionada ao seu próprio consumo, resultados da diversidade de produção de alimentos saudáveis e diversificados, provenientes da produção vegetal e animal e do processamento artesanal de derivados de leite, sucos, compotas, conservas, doces e os artesanatos. Do mesmo modo, a produção de adubos orgânicos, de sementes crioulas, de palanques e mourões destinada ao consumo interno da unidade de produção camponesa também fazem parte do que consideramos como produção para o autossustento.

Esta produção é de substancial importância para o fornecimento de alimentos básicos e plantas medicinais para as famílias e tem por objetivo melhorar a qualidade de vida e, possivelmente, aumentar a renda total. Para mais, o autoconsumo configura uma garantia de qualidade dos produtos consumidos pela família que, conseqüentemente, tem uma alimentação mais saudável. Conforme Gazolla (2004), a produção para autoconsumo é responsável por maior autonomia das famílias diante de contextos sociais e econômicos diversos que podem impactar na vida dos agricultores e também deixá-los menos dependentes do mercado.

Cátia Grisa (2007) reforça essa importância da produção para o autoconsumo ao apresentar algumas funções que ela desempenha para as famílias. Uma destas funções é diversificação dos meios de vida. Ou seja, as famílias que produzem grande variedade de alimentos para autoconsumo têm menos dependência da mercantilização da alimentação, sendo capazes de suprir suas próprias demandas alimentares com pro-



ditos variados, saudáveis, frescos e de qualidade, possibilitando ainda maior renda nas outras atividades agrícolas. Jan Douwe Van der Ploeg (2006), ao pesquisar diversos países, entre eles o Brasil, o Peru, a Itália e a Holanda, constatou que quanto mais os agricultores se especializam em uma única produção, deixando a produção diversificada, mas se vulnerabilizam frente às oscilações dos mercados.

Diversificar a produção, por vezes, lançando mão da integração pecuária-lavoura, visa a atender à demanda da alimentação doméstica, porém os resíduos de algumas culturas também podem ser utilizados na alimentação dos animais e o excedente da produção compartilhado com a vizinhança e familiares que moram na região. Essa prática realizada pelas famílias propicia ainda a manutenção de uma diversidade genética de plantas e animais que são transmitidas por muitas gerações e, inclusive, podem garantir o domínio das próximas gerações.

Outra função se refere à economia, ou seja, as famílias deixam de gastar com a compra destes produtos. As famílias camponesas compreendem que a produção de alimentos para autoconsumo, frequentemente realizada pelas mulheres, significa economia e, posteriormente, investimento deste montante poupado em outras necessidades da unidade produtora camponesa.

A terceira função concerne à promoção da sociabilidade advinda da produção para o autossustento. As mulheres camponesas têm a prática de trocar alimentos, sementes e mudas vegetais nas atividades e encontros do MMC e nas festas das comunidades. Também costumam doar ou trocar o excedente de produção oriundo dos quintais com vizinhos e familiares residentes nas proximidades.

As famílias camponesas fazem uso de sementes crioulas obtidas na própria unidade de produção, ou nas propriedades vizinhas, para produzirem para o autossustento. Ao se incumbirem da função de produzir os alimentos para seu próprio sustento, as famílias asseguram acesso e disponibilidade da alimentação, além de aderir a outros princípios da soberania alimentar, tais quais garantirem os hábitos alimentares locais e a qualidade e diversidade dos alimentos. Trazemos algumas falas das mulheres do MMC para ilustrar o que escrevemos acima.

A luta pela igualdade, a solidariedade que existe entre nós, o cuidado, o cuidado que a gente tem com a natureza, com as sementes, com a água,



com a nossa própria vida. A produção das sementes, o cuidado com a água e com o solo. A produção de alimentos saudáveis é uma identidade nossa, né? A diversidade de produção... basta olhar o que a gente trouxe (para o encontro), basta olhar a nossa comida, basta olhar nosso dia a dia. A riqueza, a diversidade, o resgate do que muitas vezes foi perdido da produção de alimentos. A produção do autossustento. O cuidado com a horta, com o pomar, com o jardim, a casa, as plantas medicinais, vejam nossa identidade, gente, né companheiras! Isso tudo nos identifica! (Liderança do MMC. Fala de abertura do XX Encontro Estadual do MMC – Xaxim).

Que eu lembre, desde pequena que dá ainda para eu lembrar, a nossa alimentação foi sempre a alimentação natural. Tudo plantado e comido aqui na propriedade mesmo, e tudo quanto coisas assim de verdura. Nós comíamos muita, muita verdura. A mãe sempre teve uma horta muito cheia de verdura, principalmente repolho. Repolho foi uma das alimentações que nunca faltou na nossa mesa. E sempre, também ela... elas nunca compravam as sementes. Ela mesma colhia as sementes e plantava de novo. Guardava num lugar adequado para guardar a semente mesmo e, na hora do plantio, ela semeava de novo as mesmas sementes colhidas que ela mesma colhia (Liderança do MMC no Intercâmbio com africanos, maio de 2010).

As mulheres camponesas consideram como de elementar importância a conciliação entre produção agrícola, e preservação e manutenção da biodiversidade. A conservação das nascentes de água, rios, lagos, banhados, manejo adequado dos solos, conservação da fauna e da flora são exemplos desta postura.

As mulheres são, com total evidência, agricultoras em tempo integral, e as cultivadoras aportam uma contribuição substancial na conservação e na gestão geral dos recursos fitogenéticos para a conservação da agricultura [...]. No Sudoeste Asiático, no Pacífico e na América Latina, as hortas cultivadas por mulheres aparecem entre os sistemas agrícolas mais complexos que se tem conhecido (LEÓN, 2003, p. 218).

Os quintais produtivos contribuem intrinsecamente para a consolidação da agroecologia, para a produção do autossustento, soberania alimentar e biodiversidade. Importante realçar que os quintais produtivos das mulheres camponesas também são espaços didáticos notáveis para a educação e compartilhamento dos conhecimentos e saberes entre as mulheres camponesas, as famílias, os filhos/as netos/as e a comunidade.





## Considerações finais

Buscou-se sublinhar aqui o protagonismo e predominância do trabalho das mulheres no cultivo aos quintais produtivos terrenos localizados, predominantemente, aos arredores das residências destinados à plantação, manejo e criação de plantas frutíferas, vegetais, medicinais, ornamentais e animais domésticos. É ainda um ambiente de lazer, acolhimento e de maior contato do ser humano com a natureza.

Grande parte deste processo de cultivo e manutenção desenvolvido pelas mulheres camponesas é ignorada pela sociedade capitalista e patriarcal. Em sua contramão, buscou-se evidenciar que os quintais produtivos, desenvolvidos pelas mulheres camponesas exercem papel expoente em relação às práticas que permitem avançar no processo de transição e fortalecimento da produção agroecológica, produção para autoconsumo familiar, autossustento, segurança e soberania alimentar, cuidado, preservação e manutenção da biodiversidade, geração de renda e autonomia econômica das famílias camponesas, além de ser espaço importante de resistência e ressignificação da cultura camponesa e construção de novas relações de gênero entre homens e mulheres e desses com a natureza, enfrentando assim o modelo de agricultura convencional e o uso desenfreado de agroquímicos.

As mulheres detêm saberes relativos ao manejo de plantas, cuidado e criação de pequenos animais, processamento de queijos, compotas, conservas, pães, doces, artesanatos, entre outros que, muitas vezes, são desmerecidos. Todavia, para a agroecologia, esses conhecimentos são fundamentais para as atividades camponesas e para as futuras gerações.

Por fim, enfrentar o latifúndio, combater os adubos químicos, agrotóxicos, sementes transgênicas, monocultivos, padronização da alimentação e modelo de agricultura imposto pelo sistema capitalista é a luta constante do projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista, e o quintal é parte dessa estratégia. É a luta constante da cultura popular camponesa e das mulheres, fazendo-o diariamente através dos alimentos saudáveis colhidos dos seus próprios quintais produtivos.



## Referências

BONI, Valdete. *De agricultoras a camponesas: o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina e suas práticas*. Florianópolis. 2012. 253 p. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012.

BOSETTI, Cleber José. *Perspectivas de desenvolvimento rural em disputa no Brasil*. Florianópolis. 2013. 392 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PSOP0466-T.pdf>>.

BRASIL/ IPEA. *A Produção para o Autoconsumo no Brasil uma Análise a partir do Censo Agropecuário de 2006*. Brasília: IPEA, 2013.

BRITO, Márcia Aparecida; COELHO, Maria de Fátima. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. *Agricultura Tropical*, v. 4, n. 1, 2000.

CIMA, Justina Ines; COLLET, Zenaide. Produção de autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa: o papel historicamente desempenhado pelas mulheres. In: BONI, Valdete et al. *Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica*. Tubarão: Ed. Copiart, 2015.

CIMA, Justina Ines. Movimento de Mulheres Camponesas/SC. In: BONI et al. (Org.). *Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do Estímulo à Prática Agroecológica: relatos de uma vivência*. Tubarão: Ed. Copiart, 2017.

GAZOLLA, M. *Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS*. 2004. 287 p. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GRISA, Cátia. Para além da Alimentação: Papéis e Significados da Produção para Autoconsumo na Agricultura Familiar. *Revista Extensão Rural*, DEAER/CPG, UFSM, Ano XIV, Jan-Dez de 2007.



GRISA, Cátia; SCHNEIDER, Sérgio. “Plantar pro gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. *RER*, Piracicaba, SP, v. 46, n. 02, p. 481-515, abr/jun 2008.

KEPPLE, Anne Walleser; SEGALL-CORREA, Ana Maria. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2011, v. 16, n. 1, p. 187-199. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000100022>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

LEÓN, Irene. Mulher, vida e semente. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.). *Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LEÓN, Irene; SENRA, Lidia. Las mujeres gestoras de la soberanía alimentaria. In: SENRA, Lidia et al. *Las mujeres alimentan al mundo: soberanía alimentaria en defensa de la vida y del planeta*. Barcelona: Entrepueblos, 2010.

MALUF, Renato S. J. *Segurança Alimentar e Nutricional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MALUF, Renato S.; MENEZES, Francisco. *Caderno Segurança Alimentar*. 2000. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/alimentacao/tconferencias.html>>. Acesso em: jan. 2018.

MENASCHE, Renata; WAGNER, Saionara Araújo; MARQUES, Flávia Charão. Agricultura familiar à mesa. In: MENASCHE, Renata (Org.). *Agricultura familiar à mesa: saberes e práticas no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

MENASCHE, Renata; ZANETTI, Cândida. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata (Org.). *Agricultura familiar à mesa: saberes e práticas no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

MOVIMENTO MULHERES CAMPONESAS EM SANTA CATARINA (MMC/SC). *Uma História Organização Lutas e Conquistas*. Chapecó, novembro de 2008.



PLOEG, Jan Douwe Van der. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PLOEG, Jan Douwe Van der. "O modo de produção camponês revisitado". In: SCHNEIDER, Sérgio. *A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 13-54.

STEDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins. Soberania Alimentar. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão popular, 2012.



## MULHER AGRICULTORA

Como o verde que brota teimosamente em solo duro.  
Tu desperta, querendo presente, querendo futuro. E na  
busca és povo, és raça, és certeza! Na lavoura, na casa, na  
luta. Mistura de força e coragem A fibra, a dor, a canção.  
Mulher, conheces a enxada, a foice, a semente e do nascer ao  
poente escreves a história da planta. Camponesa, conheces  
o preço, o imposto e a falta de pão. Camponesa, conheces  
a madrugada, a roupa lavada e o sofrimento. Camponesa,  
conheces o choro da fome, o desmatamento da alma, ao  
perder a calma vendo as injustiças aumentarem. O Planeta  
Terra merece cuidado especial pois é o único que temos  
para viver.” Gritas no grito do filho, no desabafo do marido,  
na colheita do feijão e do milho. Gritas denunciando!  
Desconheces tempo de folga. Reconheces que o tempo  
chegou. Tempo de conquista e de derrubada Tempo de  
tirar o joio de plantação Mulher enfrenta esta opressão,  
que te tira o direito de ser livre. De ser mãe, companheira,  
mulher. Reconhece que o tempo é propício. Tempo de  
fertilidade, Tempo de gerar esperança e plantar organização.  
Mulher camponesa! É preciso mais do que nunca gerar tua  
libertação.

*Carmelita Zanella*





**MULHERES CAMPONESAS  
DO RIO GRANDE DO SUL:**  
identidade, conhecimentos populares e garantia  
de autonomia na preservação, recuperação  
e multiplicação de sementes crioulas

*Carmen Lorenzoni  
Elisiane de Fátima Jahn*

**Apresentação**

O presente artigo faz o enlace entre elementos teóricos e uma experiência de trabalho desenvolvida pelo Movimento de Mulheres Camponesas no estado do Rio Grande do Sul (MMC RS), cujo objetivo foi a recuperação e multiplicação de variedades de sementes e mudas crioulas. A prática envolveu mulheres camponesas de dez municípios do Rio Grande do Sul e neles foram recuperadas, prioritariamente, variedades de batatinha, ervilha, amendoim, feijão, pipoca e milho. No entanto, no



decorrer das práticas, muitas outras variedades foram sendo trocadas e cultivadas entre as mulheres, visibilizando práticas que são experimentadas no decorrer dos anos, na agricultura camponesa.

As mulheres estão vinculadas ao universo dos alimentos desde o início das primeiras formas de organização na sociedade. A preservação das sementes e sua multiplicação com a recuperação de variedades fazem parte da resistência camponesa, uma vez que ter sementes garante uma maior autonomia, contemplando elementos como história, identidade, conhecimentos populares e soberania alimentar.

O MMC no RS, ao longo de sua história, vem desenvolvendo ações no campo da preservação e multiplicação de variedades de sementes crioulas. Vivenciou diferentes práticas, sistematizou elementos em cartilhas e agora estamos apresentando aqui, de forma resumida, uma parte desta interessante experiência, na forma de artigo.<sup>1</sup>

Que este artigo, enraizado de vida, sirva de acúmulo teórico. Que fomenta e contribua para fortalecer mais experiências da agricultura camponesa, com práticas agroecológicas, resgate de sementes crioulas, produção de alimentos saudáveis e construção de relações diferenciadas entre as pessoas e com o ambiente.<sup>2</sup>

## **Agricultura, trabalho, mulheres e a agroecologia**

Considera-se, a partir de estudos, que à medida que o ser humano foi se desenvolvendo, aprendia a identificar as plantas, as sementes e os frutos e, a partir da observação os foi domesticando pela própria necessidade de sobrevivência. Nesse aspecto, as mulheres desempenharam um papel fundamental, iniciando as primeiras intervenções enterrando caroços e observando seu processo de crescimento:

- 
- 1 Ele está dividido em quatro partes. A primeira trata dos temas da agricultura, trabalho, mulheres e agroecologia. A segunda apresenta como se deu o processo metodológico e o desenvolvimento da experiência através do projeto de recuperação e multiplicação de variedades de sementes e mudas crioulas, a terceira contém elementos, de como a recuperação das sementes crioulas, fortaleceu a organização e permanência das mulheres no campo. Por último, temos as referências utilizadas neste artigo.
  - 2 Observação: camponesa 1, camponesa 2, camponesa 3, são nomes fictícios das mulheres nos depoimentos.



As mulheres são, com total evidência, agricultoras em tempo integral e as cultivadoras aportam uma contribuição substancial na conservação e na gestão geral dos recursos fitogenéticos para a conservação da agricultura. [...]. No Sudeste Asiático, no Pacífico e na América Latina, as hortas cultivadas por mulheres aparecem entre os sistemas agrícolas mais complexos que se tem conhecido (LEÓN apud MMCRS/NEA-UFRGS, 2012).

Estudos referentes às mulheres na pré-história identificam a presença feminina vinculada às grandes invenções da humanidade e que contribuíram para sua evolução, como a produção de cerâmica, a revolução do barbante (que permitiu uma facilidade maior para a caça) e a construção da linguagem, iniciada com o “maternalês” devido ao vínculo mãe e filho. No entanto, também se atribui às mulheres o fato da “descoberta da agricultura”, que representou “importante mudança do sistema de coleta para a domesticação das plantas e animais” (ADONÁSIO; SOFFER; PAGE, 2009, p. 252).

Estudos apontam para indícios de que a cerca de 3.500 anos atrás foi iniciada a transição da coleta para o cultivo. A antropóloga biológica Marsha Ogilvie procurou estudar e entender quem eram (homens ou mulheres) os (as) horticultores (as) no passado. Assim:

Ela inferiu que a questão poderia ser resolvida pelas características sutis e não sutis dos fêmures das pessoas que viveram antes, durante e depois da passagem para a agricultura. Pessoas que se movimentavam muito desenvolvem uma crista longa no comprimento desse osso; pessoas que não caminham nem correm grandes distâncias não apresentam a crista (OGILVIE apud ADONÁSIO; SOFFER; PAGE, 2009, p. 253).

Segundo sua pesquisa, apenas os fêmures de homens tinham cristas pronunciadas. Para ela: “Os homens continuaram a passar muito de seu tempo perambulando pelas cercanias, caçando (ou vadiando?). Os fêmures das mulheres não tinham a crista e eram menos robustos, resultado claro de uma vida mais sedentária” (OGILVIE apud ADONÁSIO; SOFFER; PAGE, 2009, p. 254). Desse modo, acredita-se que as mulheres permaneciam mais próximas dos assentamentos, cuidando das plantas, domesticando animais e, quem sabe, fixando assentamentos na forma de aldeia e institucionalizando a produção de alimentos e, talvez, ainda organizando o que hoje denominou-se agricultura.





Conforme León (2003), a relação entre as mulheres e as primeiras formas de desenvolvimento da agricultura é bastante estreita, devido ao universo dos alimentos, pelo fato delas serem as primeiras responsáveis por alimentar as crianças devido o aleitamento materno. Na afirmação de León (2003), as mulheres alimentam o mundo e, no caso dos países pobres, essa tarefa segue sendo grandemente delas.

Dando um salto na história, temos a presença das mulheres negras na agricultura, embora seu papel tenha sido invisibilizado e desconsiderado na “história oficial”. Segundo Miriam Moreira Leite (1984, p. 44), “a mulher negra foi a primeira e por muito tempo, a única trabalhadora”, envolvida na mineração, no trabalho doméstico e na agricultura.

Posteriormente temos a figura da mulher colona, que, conforme Silva (2010, p. 554-555), “aparece no Brasil no momento em que a mão de obra escravizada é substituída”. No entanto, apesar de exercerem um papel muito importante no sistema de colonato, as mulheres não existiam enquanto trabalhadoras. Assim:

As mulheres e os jovens de 12 a 16 anos eram considerados *meia enxada*, como se produzissem a metade do que era capaz um homem adulto, embora em muitos casos, pudessem a chegar a produzir tanto quanto os homens. *Enxada* era o trabalhador adulto do sexo masculino, acima dos 17 anos, com plena capacidade física e dedicado integralmente ao trabalho no cafezal e na roça (PRIORE apud SILVA, 2010, p. 557).

Em um primeiro momento, as mulheres colonas cumpriram papéis de produtoras de braços para as lavouras por meio de laços invisíveis na trama das relações de opressão de classe, gênero e etnia que “prendem as mulheres que trabalham no campo, trama que se transforma em drama, em trauma” (SILVA, 2010, p. 574). No entanto (embora fazendo parte do processo de vida e de reprodução da agricultura familiar e campesina) o trabalho das mulheres não era reconhecido e essas não eram visibilizadas enquanto construtoras da agricultura, produtoras e reprodutoras da vida, das relações e dos alimentos.

Para o MMC/RS, o não reconhecimento do papel desempenhado pelas mulheres na agricultura faz parte do machismo presente na sociedade patriarcal, materializada no campo:



As mulheres têm papel fundamental nesse processo, pois, desde o início, garantiram a diversidade de alimentos, construindo as condições necessárias para a manutenção da vida, desenvolvendo um grande conhecimento sobre a produção, maturação, seleção, armazenamento, transformação e manipulação de plantas e animais. No entanto, por estarmos inseridas em um sistema patriarcal e machista, presenciamos a influência desta cultura na agricultura camponesa. Isso fica evidente nos espaços de poder das esferas públicas e privadas, também na desvalorização do trabalho de produção e reprodução realizado pelas mulheres (MMC/RS, 2005).

No entanto, se o olhar for ampliado, é comum perceber nas políticas públicas o não reconhecimento das mulheres como produtoras, sendo consideradas apenas como instrumento de trabalho, cuidado, suporte e manutenção da família. Siliprandi (2003, p. 75) afirma que:

Na formulação de políticas de segurança alimentar, é comum apontar-se para o fato das mulheres não serem reconhecidas como produtoras de alimentos, seja na agricultura, seja na elaboração e preparo dos alimentos consumidos dentro das unidades domésticas e, portanto, acabam não tendo papel ativo como sujeitos dessas políticas. Quando são reconhecidas, tende-se a vê-las apenas como um “instrumento” para atingir a segurança alimentar das famílias.

O papel invisibilizado, relegado às mulheres na produção, pode ser atrelado a uma cultura patriarcal, em que o trabalho doméstico e na lavoura desenvolvido por elas não é reconhecido, valorizado e nem valorado, e a divisão do trabalho por sexo atua como forma disciplinadora e estabilizadora da força de trabalho, cumprindo com a concretização da divisão social do trabalho e do papel de gênero no meio rural.

De acordo com Carrasco (2003), a invisibilização desse trabalho serve aos interesses de uma cultura patriarcal da sociedade:

Os estudos econômicos e sociais costumam esquecer esse componente subjetivo das necessidades humanas, coberto usualmente desde o lar. Esquecimento que pouco inocente, já que oculta um conflito de interesses: os diferentes espaços, trabalhos e atividades que fazem parte dos processos de vida e reprodução não usufruem do mesmo reconhecimento social, mas existe entre eles um componente hierárquico de valores, resultado de uma longa tradição patriarcal e liberal [...]. Mas essas atividades não valorizadas são precisamente as que estão diretamente comprometidas com a sustentabilidade da vida humana (CARRASCO, 2003, p. 16-17).



Desde as reflexões da Sempreviva Organização Feminista, fala-se em trabalho de mulher, sendo entendido como aquele ligado à reprodução, à disponibilidade e, assim, diretamente ao afeto. Numa exemplificação, em se tratando de trabalho no campo, aquilo que é feito por mulher vale a metade, mesmo não diferindo de algo também executado por homem, em troca de dias e mutirões nas comunidades. Quando se trata de trabalho pago, os homens recebem remuneração por hora trabalhada e as mulheres por quantidade do que produzem. Assim, “[...] o que existe não é somente uma diferença entre o que os homens e as mulheres fazem. Existe uma hierarquia, uma desigualdade na forma como aquilo que homens e mulheres fazem e isso é reconhecido pela sociedade” (SOF, 2006, p. 55).

O trabalho de mulher ainda “está também ligado à quantidade de dinheiro que o trabalho gera e se ele é reconhecido ou não como fonte de riqueza para a família” (SOF, 2006, p. 54), e decorrente disso, em boa medida, o trabalho das mulheres é invisível. Melo e Di Sabbato (2009) ao analisarem os dados do IBGE de 2006 no que tange ao trabalho das mulheres na agropecuária brasileira, afirmam que 80% do que é realizado por elas não é pago e, se feita a vinculação com a valorização do trabalho e da pessoa que a realiza pelo dinheiro gerado, a situação é mais complexa. Assim, parece que as mulheres não trabalham. Na própria pesquisa que foi realizada por ocasião da execução do projeto que deu origem a este artigo, quando perguntado sobre as horas trabalhadas na agricultura, as mulheres diziam trabalhar somente de cinco a dez horas semanais. O que fariam elas no restante do tempo? De fato, não trabalham? Por que o trabalho da mulher no campo, embora trabalhe mais tempo em horas por dia, aparece como ajuda? Elas ajudam e não trabalham? Por que isso acontece?

Dados do Dieese (2011) mostram numericamente, que as mulheres correspondem a 46,7% ao passo que os homens são 14,0% dedicados a produção de autoconsumo e, por outro lado, o número de mulheres é 30,7% e os homens são 11,1% em trabalhos agrícolas não remunerados. Os mesmos dados apontam ainda que, as mulheres são 5,1% empregadas permanentes na agricultura, 6,1% no trabalho temporário, 10,6% dizem trabalhar por conta própria e, 0,8% são empregadoras. O que não fica nítido é a separação feita entre trabalho na produção de autoconsumo e trabalho não remunerado, visto que ambas as coisas podem



ser confundidas, ou no caso, podem ser uma só. De qualquer forma se olhado para a quantidade de trabalho não remunerado e também para o exercido para manter o autoconsumo das famílias, o número é elevado. Se somando esses dois fatores, pode-se perguntar novamente, será mesmo que as mulheres não trabalham?

Podemos afirmar que há invisibilidade forçada exercida sobre as mulheres, com algum consentimento delas, segundo Gebara (2002) não é somente do ponto de vista do trabalho, mas como ser e sujeito em si. Desse modo, se são invisíveis ou realizam trabalho que não possui valor de trabalho, ou vale a metade, como poderiam ou podem ser sujeitos do desenvolvimento, especialmente daquele entendido como o que tem a ver com geração de riqueza?

Identifica-se que, mesmo com os avanços na condição das mulheres no meio rural, a maioria delas ainda opina somente no território ao redor de sua casa, onde se localiza a horta, o pomar e a plantação das miudezas (por exemplo, mandioca, feijão etc.). Por isso, é importante superar as relações desiguais e considerar as mulheres como parte da agricultura, reconhecendo o papel que essas desempenharam, historicamente, no desenvolvimento da humanidade e da agricultura. Por isso, do trabalho prático de afirmação com as sementes crioulas e de posterior escrita desta prática.

Todos os fatores mencionados apontam para a necessidade de ampliação da compreensão da agricultura camponesa, respeitadas as suas diversidades de expressão, englobando – para além da produção e da relação de trabalho – também elementos de reconhecimento da reprodução da vida, essenciais para a continuidade de sua existência.

Desse modo, fica evidente que a construção e a reprodução do campesinato brasileiro, assim como da agricultura familiar, mesmo em um contexto adverso de dependência, marginalização e privação, têm como desafio não perder elementos de sua cultura, mas avançar de modo a superar o machismo presente nas suas relações e construções. Assim, provoca-se a necessidade de se pensar sobre a ambivalência entre a importância do grupo familiar para a existência da agricultura familiar e camponesa e sobre a opressão que a instituição família exerceu e exerce, historicamente, sobre a vida das mulheres ocasionando opressão, violência e invisibilidade de suas ações e de seu protagonismo.



Assim é perceptível que além de resistir é preciso ressignificar, mesmo em dias atuais, a cultura e as formas de produção incluindo – na prática e no discurso, de fato – camponeses e camponesas de forma horizontal e igualitária, uma vez que, pela prática observada no MMC RS são as mulheres que tendem a vivenciar a reprodução de sementes crioulas, garantem a produção diversificada de alimentos e tendem a produzir a partir dos pressupostos da agroecologia. Os alimentos fazem parte da (pré) ocupação direta do cotidiano da grande maioria das mulheres camponesas, indígenas, de matriz africana e quilombolas (principalmente), pois a relação entre alimento, saúde, ancestralidade e vida está diretamente relacionada com elas, com seus filhos/as e cônjuges. Ou seja, o alimento faz parte de suas relações de cuidado, afeto, agrado, partilha... O que não significa uma relação romântica, pois depende trabalho e tempo de dedicação.

Henn (2013) argumenta que a agroecologia possibilita a reorganização dos espaços de cultivo, bem como, a reestruturação da unidade de produção, permitindo que as mulheres possam participar de forma sistemática da geração de renda, sendo reconhecidas no grupo familiar. A mesma autora destaca ainda, que a agroecologia exige que se pense e se estabeleçam outras formas de relações entre as pessoas, nas famílias, implicando em outra forma de relação com a sociedade, que acaba sendo, por assim dizer, outro projeto de vida.

Por isso, falar de agroecologia remete a falar de dar-se conta desse trabalho, de tempo dedicado, de consciência de o porquê fazer o trabalho dessa forma e não de outra. Em um olhar mais alargado, remete a se dar conta de analisar além do quintal e enxergar um projeto de agricultura, neste caso de agricultura camponesa.

É perceptível que as mulheres camponesas, que possuem um acúmulo político e organizativo ligado ao tema das mulheres e da agricultura, entendem a natureza como um bem público compartilhado em que a alimentação tem a ver com trabalho de cuidado da vida e se relaciona com escolhas políticas, não somente domésticas.

Sendo a agricultura camponesa um espaço delimitado, composto por um território, pelas pessoas e por relações sociais, pode-se chegar à compreensão de que, para as mulheres camponesas ligadas ao MMC RS, este espaço não é apenas para fins econômicos, mas de reprodução da vida. Como diz Cristina Carrasco (1999, p. 44), “as mulheres olham



para a agricultura camponesa a partir da premissa da reprodução e sustentabilidade da vida”.

Para finalizar este primeiro exercício, pode-se dizer que, discutir agroecologia, agricultura camponesa, trabalho e mulheres, implica numa ampliação da compreensão da produção da vida no campo, englobando - para além da produção, da relação de trabalho - também elementos de reconhecimento da reprodução da vida, essenciais para a continuidade da existência da vida camponesa no Brasil.

### **Recuperação e multiplicação de sementes crioulas: um pouco do processo metodológico da prática exercitada pelas mulheres camponesas**

O processo desenvolvido, na recuperação e multiplicação de variedades de sementes crioulas e mudas, foi construído com base na educação popular e na experiência concreta de atuação do MMC RS junto às mulheres camponesas. Assim, o processo de ensino aprendizagem perpassou por momentos de construção coletiva do conhecimento, somando saber técnico com saber popular e primando por espaços coletivos e presenciais de formação, de trocas de saber, visitas técnicas e de experimentação da ação.

A escolha das variedades, que através do projeto, as camponesas propuseram para recuperar não foi por mero acaso. As alfaces, abóboras, batatas-doce, mandioca e feijões, são variedades muito presentes na mesa de camponeses e camponesas e fazem parte do seu cardápio diário. São variedades que facilmente podem ser processadas, transformadas em novos alimentos e comercializadas. Segundo relatos das próprias mulheres, a mandioca, as abóboras e as morangas, estão cada vez mais escassas no cardápio diário e sua recuperação tem como premissa a garantia dessa diversidade para as futuras gerações.

Sendo assim, a partir do entendimento da importância da geração de renda, através da comercialização e da possibilidade de autonomia na produção de alimentos, as camponesas vivenciaram as ações do projeto realizado por meio de um convênio com o governo do Estado do RS, através da Secretaria de Desenvolvimento Rural Pesca e Apicultura. Este convênio foi a base para a pesquisa e posterior elaboração deste artigo.



Deste modo, segundo registros do MMC RS, para dar conta de potencializar a soberania a partir de uma agricultura de base ecológica e feminista, recuperar e multiplicar sementes e variedades crioulas para a autonomia das famílias camponesas e comunidades, efetuar trocas entre vizinhos (as) e posteriormente entre as regiões de atuação do MMC, para a manutenção de biodiversidade e potencializar e organizar a produção para as camponesas se inserirem em Programas Institucionais, para fins de geração de renda, foram desenvolvidas de forma processual, refletida e encadeada as seguintes atividades:

a) **Mapeamento coletivo:** realizado em reunião estadual, de 30 unidades de produção agroecológica em 10 municípios do Rio Grande do Sul. A escolha dos municípios respeitou a regionalidade e a organicidade do Movimento, foram os seguintes: Camaquã, Lajeado do Bugre, Rondinha, Liberato Salzano, Cacique Doble, Torres, Cerro Largo, Mato Queimado, São Pedro do Butiá e Maximiliano de Almeida. Nestas unidades camponesas foram recuperadas variedades de alface, abóboras, morangas, mandiocas, batatas doces e feijões. Cada mulher e ou família tiveram a liberdade de escolher qual espécie e variedade queriam recuperar.

Os municípios de abrangência desta experiência do MMC/RS estão inseridos em seis regiões distintas do Rio Grande do Sul e que na organicidade do Movimento são denominadas de: Região Altos da Serra, Região Palmeira das Missões, Região Litorânea, Região Missões II, Região Planalto e Região dos Vales. Foi elaborado um questionário para as mulheres e ou famílias responderem que trouxe informações importantes sobre a organização da unidade de produção e sobre a comercialização, bem como, sobre a participação das mulheres.<sup>3</sup>

Na região denominada de Altos da Serra, foram mapeadas três propriedades no município de Cacique Doble, que recuperaram variedades de batata inglesa ou batatinha. No município de Maximiliano de Almeida, foram duas propriedades mapeadas e foi feito a recuperação de batata doce de horta e alface preta.

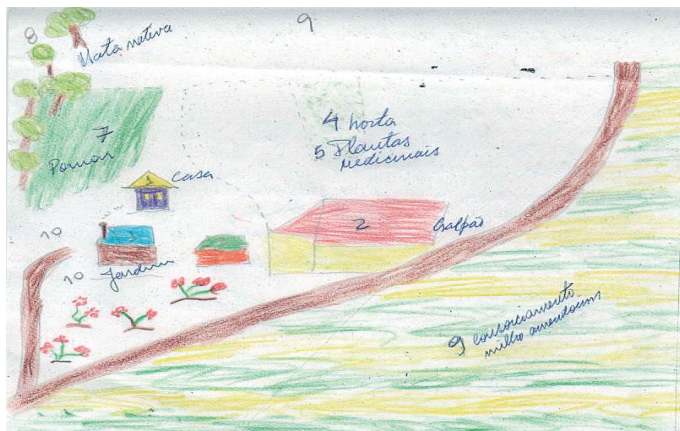
---

3 As mulheres também confeccionaram alguns croquis que serão apresentados ao longo do artigo. Os croquis foram desenhados pelas próprias mulheres das propriedades onde foram recuperadas variedades de sementes e mudas crioulas.

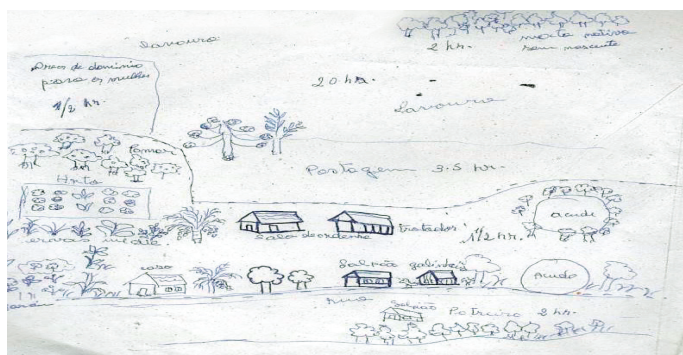


Na Região de Palmeira das Missões, no município de Lajeado do Bugre, foram mapeadas três propriedades, sendo feita a recuperação das sementes de feijão de vagem, batata inglesa/batatinha e amendoim.

Já na Região Planalto foram mapeadas propriedades no município de Rondinha e de Liberato Salzano, que recuperaram diversas variedades de feijões e feijão de vagem.



Exemplo de Croqui, elaborado por camponesa de Cacique Doble.



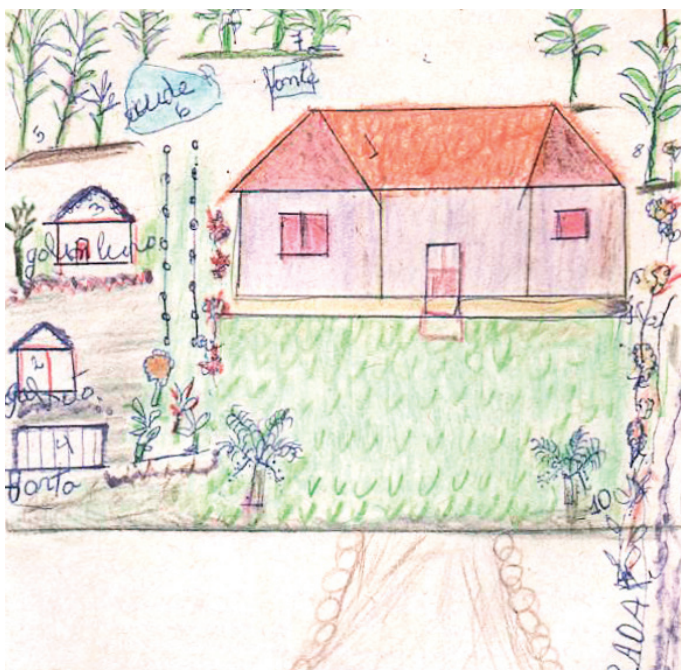
Exemplo de Croqui da propriedade, elaborado por mulher camponesa de Rondinha.







Exemplo de Croqui da propriedade, elaborado por mulher camponesa de Rondinha.



Exemplo de Croqui da propriedade, elaborado por mulher camponesa de Cerro Largo.



Na Região Litorânea, foram mapeadas três propriedades no município de Torres, que recuperaram as sementes de ervilha, feijão de vagem e milho.

Na Região Missões II, foram mapeadas três propriedades no município de Cerro Largo, São Pedro do Butiá e Mato Queimado, as militantes se dispuseram a recuperar variedades de batatinha, amendoim e feijão de vagem.

Na Região dos Vales, foi indicado o município de Camaquã e as mulheres, por ser um grupo recente, não fizeram experiências de recuperação de sementes no momento de realização do projeto, mas realizaram oficinas e iniciaram algumas experiências de plantio de várias espécies de sementes compartilhadas pelas mulheres de outras regiões.

**b) Realização de três oficinas em cada um dos dez municípios:** Trabalhou-se teoria e algumas práticas de manejo a serem utilizadas nos cultivos. Aqui se entrelaçaram a técnica/teoria e a prática das mulheres, ambas ancoradas em pressupostos da educação popular e respeito aos conhecimentos populares.

**c) Realização de três viagens técnicas para as mulheres conhecerem outras experiências de organização de outras camponesas.** As experiências foram identificadas a partir do interesse das camponesas envolvidas nas unidades de produção, bem como, de sugestões do MMC. Nestas viagens foram visitadas experiências em agroindustrialização, do trabalho com plantas medicinais, do trabalho com diversas espécies de animais de pequeno porte, de visitação a uma cachoeira que continha um espaço para meditação, construção de casas em forma de condomínio e experiências de cultivo de sementes crioulas em grande escala para comercialização.

**d) Encontro final:** Foram apresentadas as experiências realizadas, as sementes, as variedades crioulas que foram recuperadas e distribuídas entre as quarenta mulheres que participaram do encontro.<sup>4</sup>

## **A experiência das mulheres camponesas fortalecida pela recuperação das sementes crioulas**

Desde o surgimento do MMC no estado do Rio Grande do Sul, em meados dos anos 1980, ainda sob a sigla de Organização da Mu-

---

4 Todo esse processo foi vivenciado entre os anos de 2014 e 2015.



lher da Roça (OMR) e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), várias foram as ações realizadas para a construção do empoderamento e da autonomia das mulheres. As primeiras conquistas foram os direitos da seguridade social (aposentadoria 55 anos, salário maternidade, auxílio acidente de trabalho), que asseguraram às mulheres do campo autonomia financeira, pelo tempo dedicado ao trabalho rural. Mas as conquistas destes direitos não foram suficientes, pois não garantiram outros direitos fundamentais para a manutenção da vida, como o direito a saúde, educação, alimentação saudável.

De um ponto de vista, a sociedade parece evoluir sempre, inclusive no que se refere ao aumento de tecnologias disponíveis. De outra maneira seguem as desigualdades sociais e o não acesso à terra e aos demais recursos naturais a milhares de famílias que precisam e gostariam de produzir. Nesse sentido, entra a ação dos movimentos populares que denunciam essa situação e reivindicam melhores condições de vida para todas as pessoas. O MMC em especial, desde seu surgimento apostou e ainda aposta na agroecologia. Nos últimos anos vem reafirmando esse modo de produção como um modo de vida, capaz de garantir alimentação para a população mundial sem ocasionar doenças às pessoas e malefícios ao ambiente, podendo reverter ações danosas do desenvolvimento da agricultura convencional como o desgaste dos recursos naturais, poluição das águas e do solo pelo uso de agrotóxicos.

Devido a este histórico de atuação, a proposta do projeto de recuperação e multiplicação de variedades de sementes crioulas, foi muito bem aceita pelas mulheres militantes, pois há muitos anos elas têm feito trocas de sementes e mudas crioulas em reuniões, encontros e entre vizinhas, embora não existisse um projeto com recurso financeiro para tal ação. De forma geral, as mulheres camponesas vêm trabalhando a temática da produção de alimentos saudáveis, e a partir desse entendimento almejam ampliar sempre mais, um sistema de produção saudável e não agressor ao ambiente, de si mesmas e das futuras gerações.

Assim, se reafirma a importância do trabalho que as mulheres desempenham na produção de alimentos saudáveis e com o desenvolvimento do projeto, se constata que é pelo trabalho das mulheres que a biodiversidade se mantém. São as mulheres que tem se mantido guardiãs das sementes, responsáveis por ações de proteção das nascentes, da fauna e flora. Acredita-se que, ao desenvolver o trabalho de recuperação



das sementes e variedades crioulas, muito se aprende e se percebe que aquilo que é tratado como “miudeza” na verdade é grandeza, pois além de garantir soberania e segurança alimentar para as famílias, gera renda e mantém o ambiente equilibrado.

Constata-se ainda, que as iniciativas de recuperação de sementes crioulas, produção de alimentos saudáveis, propostas de novas técnicas experimentadas em cada local no dia a dia, passa cada vez mais pelas mãos das mulheres, pelo seu trabalho que, aliado ao conhecimento e a prática potencializa o que já desenvolvem em favor da saúde e do ambiente. No desenvolvimento dos estudos nas oficinas, se percebeu que, em geral, a agroecologia nas famílias começa pela teimosia das mulheres, que não se conformam com o que parece dado. Elas insistem no diferente, mesmo que no início, sozinhas, até convencer os demais com os resultados de sua prática. Outra constatação é que aquelas que permanecem em processos formativos e na luta, vivenciam relações de muito mais equidade com seus companheiros e na família como um todo.

A seguir, se descreve alguns depoimentos recolhidos dos processos realizados nas oficinas, por ocasião da experiência do MMC-RS e que ilustram bem a descrição acima.

É muito importante recuperar as sementes crioulas, pois muitas estão em extinção. Nossa propriedade é pequena, pouca terra. Recuperando as sementes limpas, sabemos que estamos recuperando e protegendo a vida. Também estamos garantindo alimentação saudável (Camponesa 1 - Comunidade Tunas – Rondinha/RS).

Tivemos a possibilidade de ir conhecer o funcionamento de um PAES (sistema de permacultura em forma de Mandala), uma forma muito interessante de produzir ecologicamente. Além de ter um visual muito bonito, é uma forma muito gostosa de trabalhar, produzir de forma sustentável. Voltamos muito animadas e conscientes da importância de resgatar cada vez mais variedades (Camponesa 2 - Comunidade Linha Onze – Rondinha/RS).

Vivemos em tempos muito difíceis. Tá muito complicado até para garantir as sementes que temos ainda crioulas. São muitos venenos, muitas doenças por conta disso. As mulheres têm um amor maior pelas sementes, mais cuidados para não perder. A gente procura sempre guardar. A gente se preocupa com a vida do planeta, com a vida das crianças e com alimentação. É uma pena que o modelo convencional está excluindo os jovens da roça (Camponesa 3 - Linha Dinoca – Liberato Salzano/RS).



Durante o processo desenvolvido, foi aplicado um questionário, respondido pelas mulheres camponesas e, em alguns casos por suas famílias. Nele se apontou que os principais produtos cultivados costumeiramente nas unidades de produção são:

**Município de Rondinha** - Abóboras, alfaces, alho, amendoim, batata doce, batata inglesa/batatinhas, cana-de-açúcar, cebola de cabeça, cenoura, feijão, hortaliças diversas, mandioca, milho, moranga, pipoca, radichi, soja, tubérculos, vagem, leite, queijo, frango e suínos.

**Município de Mato Queimado** - Açúcar mascavo, batata, feijão, mandioca, milho, morangas, laranja, verduras e frutas, queijo e ovos.

**Município de Camaquã** - Abóboras, arroz, batata, feijão, frutas, legumes, mandioca, milho, moranga, soja, verduras e leite.

**Município de Cacique Doble** - Abóbora, arroz, alho, batata, canola, cebola, chuchu, feijão, mandioca, mel, melancia, melão, milho, moranga, própolis, pipoca, soja, caqui, cereja, goiaba, guabirova, guabiju, kiwi, laranja, lima, limão, marmelo, moranguinho, alface, beterraba, cenoura, chicória, couve, nabo, rabanete, radichi, repolho, alecrim, bálsamo, bardana, camomila, cavalinha, chá de bugre, fortuna, marcela, pronto alívio, sabugueiro, tansagem, tarumã, leite, queijo, carne e ovos.

**Município de Liberato Salzano** - Alface, abóbora, aipim, alho, banana, brócolis, cana-de-açúcar, feijão, hortaliças, caqui, goiaba, araticum, legumes, milho, morangas, pimentão, pepino, sálvia, abacate, acerola, ameixas, caqui, carambola, goiaba, citros, jabuticaba, lichia, maracujá.

**Município de Maximiliano de Almeida** - Alho, batata doce, batatinhas, cebola, chuchu, feijão, hortaliças, pipoca, soja, frutas.

**Município de Lajeado do Bugre** - Alface, batatas, cebola, feijão, frutas, mandioca, milho, moranga, soja, trigo, plantas medicinais, leite, uva, laranja, pipoca, feijão de vagem, alho, cenoura, beterraba, ervas aromáticas, abóbora, ervilha.

**Município de Cerro Largo** - Abóbora, abobrinha de tronco, agrião da terra, almeirão, amendoim, batata doce, beterraba, brócolis, cenoura, cebolinha, chuchu, couve, couve-flor, espinafre, feijão, mandioca, manjerona, moranga, manjeriço, milho, moranga, pepino, repolho, rúcula, salsa, sálvia, tomate e vagem, abacate, ameixa, amora, araçá, araticum, banana, bergamota, caqui, cereja, figo, gabirova, ingá, jabuticaba, laranja, maçã, mamão, manga, marmelo, pêra, pêssego, pitanga, phisafis e

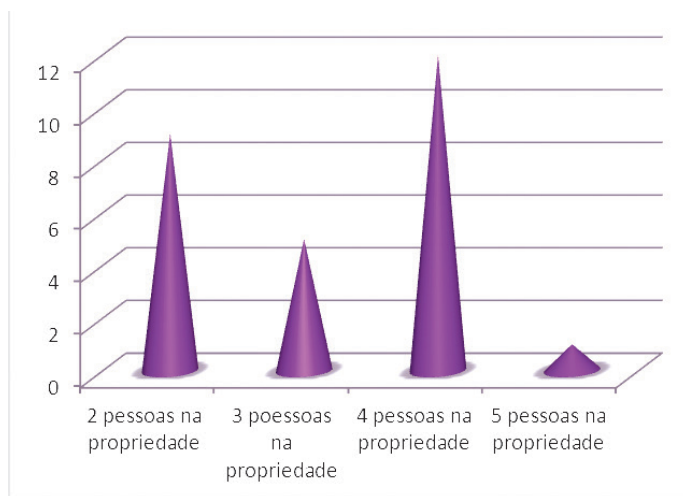


uva, alecrim, alcachofra, anador, bálsamo, bardana, boldo, calêndula, camomila, cânfora, cidreira, confrei, espinheira santa, hortelã, losna, malva, marcela, penicilina, pulmonária, quebra-pedra, tansagem e terramicina. Carnes, peixes, ovos, leite e derivados.

**Município de Torres** - Abóbora, aipim, alho, alface, açai jussara, açafraão, ameixa amarela, amendoim, banana, bergamota, batata doce, batatinha, batata yacon, beterraba, café, cana-de-açúcar, caqui, cebola, cenoura, couve, ervilhas, feijão, flores, hortaliças, inhame, laranja, lima, limão, maracujá, mel, moranga, moranguinho, milho, phisafis, pepino, quiabo, taioba, tomate, tempero verde, uva. Alguns agroindustrializados: açúcar mascavo, balas de mel com gengibre, farinha de mandioca, molho de tomate, doces em geral e passas de banana. Alecrim, alcachofra, boldo, cavalinha, losna, infalivina, confrei, catinga de mulata, citronela, cidreira, espinheira santa, losna, maracujina, mil em ramas, mussurum, rosmarinus, rosa branca, pulmonária, cipó-são-João, terramicina, entre outras.

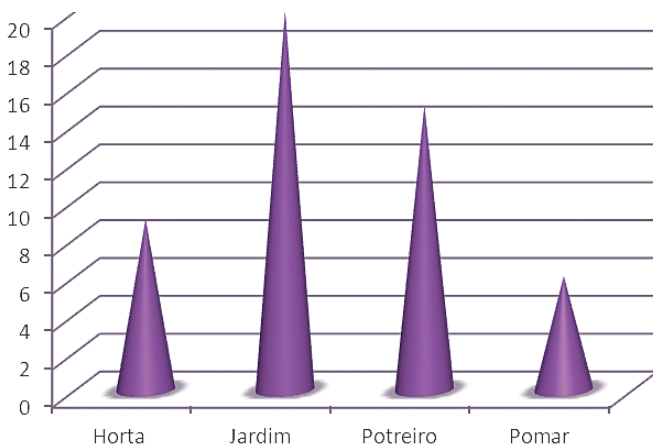
A partir deste breve levantamento, percebe-se a grande diversidade ainda presente nas unidades camponesas, cuja produção e trabalho vem sendo desenvolvido diretamente pelas mulheres. Abaixo, alguns dados coletados durante o processo desenvolvido:

**Gráfico 1** – Número de pessoas nas propriedades



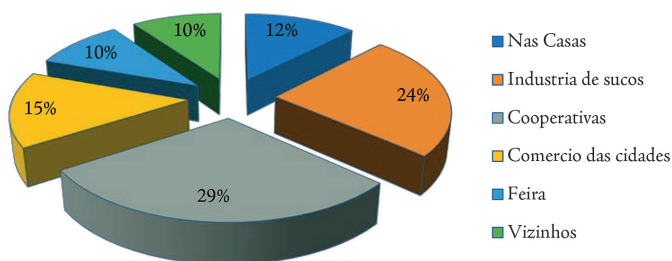
Aqui podemos ver, que nas unidades produtivas, dos 10 municípios onde as práticas foram desenvolvidas, a maioria das famílias é composta por 04 pessoas na propriedade, seguida de 2 pessoas. Assim, podemos ir dialogando sobre situações como dificuldades de mão-de-obra para a produção de alimentos e mesmo com o problema da sucessão rural. Estas situações nos remetem a pensar na necessidade prática de repensar as formas de viver e ser no meio rural.

**Gráfico 2 – Áreas de domínio das mulheres na propriedade**



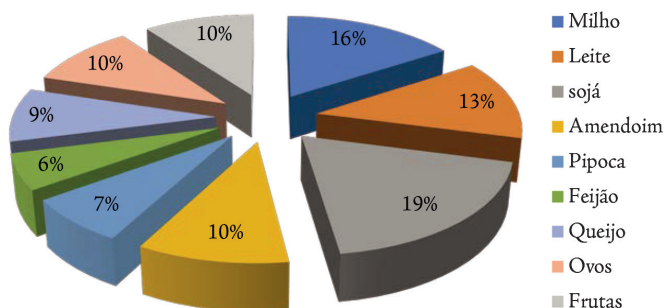
O gráfico acima materializa a constatação teórica de que as mulheres ainda atuam em espaços que cercam suas casas, como o jardim, o potreiro, a horta e o pomar. Não apareceu nas respostas o fato de trabalharem em áreas maiores da propriedade, muito embora o façam, mas isso é considerado uma ajuda e não um trabalho.

**Gráfico 3 – Locais onde os produtos são comercializados**



Com relação aos locais onde são comercializados os produtos, as mulheres ainda não romperam com espaços próximos de suas residências e mesmo com a intermediação desta ação. Assim, o que chama atenção é que a maioria das famílias camponesas vendem seus produtos via cooperativas, via agroindústrias e no comércio nas pequenas cidades. Ainda apareceram como locais de venda nas feiras, para vizinhos e nas casas. Estas informações revelam não só o território de atuação das famílias camponesas, como também, que muitas delas nem cheguem a comercializar via políticas públicas institucionalizadas, e permanecem comercializando em espaços previamente construídos por eles/as.

**Gráfico 4** – Produtos mais vendidos



Conforme se percebe, há diversidade dentre os produtos mais vendidos por estas famílias camponesas. Isso remete a pensar no fato de que não são as *commodities* o carro chefe das propriedades camponesas, dado as percentagens próximas dos demais produtos comercializados. Como exemplo, a soja apresenta o maior índice de comercialização (19%) com toda a estrutura até então organizada com silos e cooperativas. No entanto, o amendoim, as frutas e os ovos chegam a 10% do comercializado.

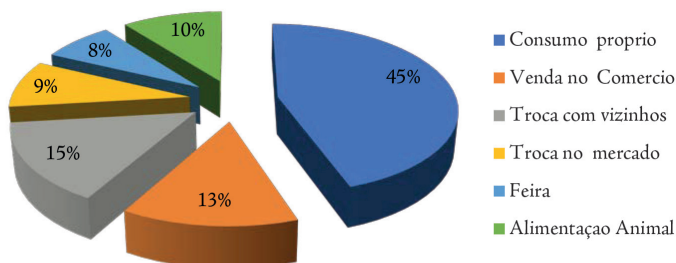
Com relação ao restante da produção, 45% são para o consumo próprio, seguido da troca com vizinhos e da venda no comércio. Estas informações colaboram com o fato de que, na agricultura de base familiar e camponesa, a produção dos alimentos se destina para, primeiramente, o consumo das famílias, tão logo a reprodução daquela forma de produzir e viver está dentre a primeira demanda que se apresenta. Depois se



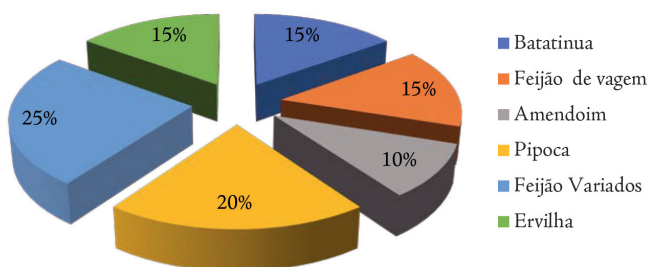


troca com os vizinhos, numa relação de interconhecimento comunitário para somente depois, se vender no comércio.

**Gráfico 5 – Destino do restante da produção**



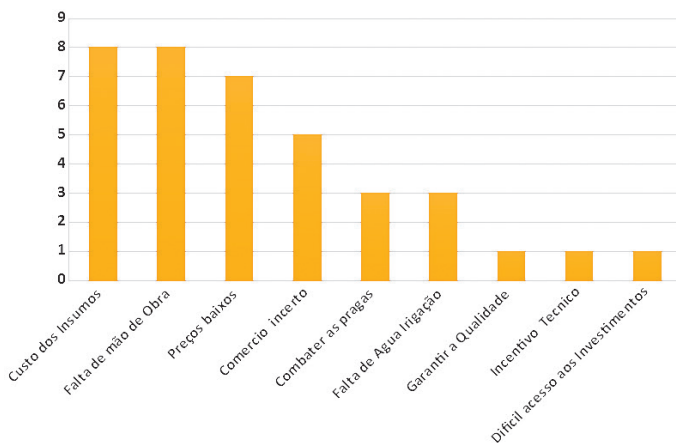
**Gráfico 6 – Dados sobre as variedades recuperadas**



Este gráfico nos chama atenção pelo fato de que, a maioria das culturas recuperadas são sementes de feijões, ervilhas, amendoim e pipoca. O destaque é para o resgate de batatinha (25% da ação produtiva realizada), até então uma cultura que estava sendo perdida pela ação do uso intenso de agrotóxicos nas propriedades vizinhas. Assim, a recuperação destas diversas espécies possibilita a continuidade das culturas alimentares locais, da soberania alimentar e da resistência camponesa às investidas de tornar a alimentação mundial padronizada em apenas sete (7) tipos de cereais.



**Gráfico 7** – Indica as principais dificuldades para produzir e comercializar



Aqui se percebe que a dificuldade em produzir e comercializar dialoga diretamente com as informações apresentadas nos gráficos anteriores. O preço de insumos vem ao lado da falta de mão-de-obra, tendo em vista que as famílias camponesas que ainda vivem no campo estão com 02 a 04 pessoas nas unidades produtivas. Afora isso, preços baixos, comércio incerto, combate às pragas, a falta de água e o incentivo técnico aparecem na sequência. Isso parece demonstrar a precariedade nas políticas públicas até então construídas para o segmento, e o papel de exclusão que foi sendo relegada a agricultura camponesa.

Deste modo, conforme se apontam acima, há desafios relacionados às questões da continuidade da agricultura camponesa, da produção e da comercialização de alimentos saudáveis. Esses desafios foram identificados a partir deste estudo, mas podem ser ampliados para o conjunto da agricultura camponesa, tendo em vista as investidas contra esta forma de viver, produzir e reproduzir a vida.

O primeiro desafio colocado é o da necessidade de intensificar, difundir e ampliar a proposta da agricultura camponesa como forma de vida e de resistência, que baseia suas práticas em conhecimentos populares, de tecnologias construídas por famílias camponesas e respeito aos pressupostos da agroecologia e de relação diferenciada com as pessoas e a natureza.



Um segundo desafio se coloca na necessidade de retomar o trabalho com as plantas medicinais e de resgatar o saber popular sobre o conhecimento de técnicas de cultivo e manejo, que embora tenha avanços de reconhecimento, ainda hoje são tidas como ultrapassadas.

Outro desafio é a desconstrução, de maneira geral, da visão machista ainda presente no meio rural, de que o trabalho das mulheres é uma ajuda, buscando meios e mecanismos de inserção das mulheres nas decisões sobre a produção, espaços de decisão e os meios de produção.

Para finalizar, se faz de comum importância avançar na luta por construção de políticas públicas que apoiem e desenvolvam a agricultura camponesa e fortaleçam a organização produtiva destas mulheres, tendo em vista o papel histórico que vem desenvolvendo na preservação e multiplicação de sementes e variedades crioulas e no desenvolvimento da agricultura e da humanidade.

## Referências

ADONÁSIO, J. M.; SOFFER, Olga; PAGE, Jake. *Sexo Invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org.). *A produção do viver*. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2003.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIECONÔMICOS. *Estatísticas do meio rural*. 4. ed. Brasília: DIEESE/MDA, 2011.

GEBARA, Ivone. *Cultura e Relações de Gênero*. São Paulo: CEPIS, 2002.

HENN, Iara Aquino. Agroecologia e relações de gênero em projeto societário. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo (Org.). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013. p. 65-88.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Políticas sociais: acompanhamento e análise*. Brasília: IPEA, 2011.



- LEITE, Miriam Moreira. *A Condição Feminina no Rio de Janeiro: Século XIX*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1984.
- LEÓN, Irene. Mulher, vida e sementes. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.). *Sementes: patrimônio dos povos a serviço da humanidade*. São Paulo: Expressão popular, 2003. p. 209-228.
- MELO, Hildete Pereira; SABBATO, Alberto Di. Gênero e trabalho rural. In: BUTTO, Andrea (Org.). *Estatísticas rurais e a economia feminista. Um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA, 2009. p. 32-121.
- MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS - MMC.  
*Resoluções da VI Assembleia do MMCRS*. 2005.
- MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO RIO GRANDE DO SUL - MMCRS. *Economia (in) visível das mulheres camponesas*. Passo Fundo: Passografic, 2012.
- SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. Agricultura na sociedade de mercado. *As mulheres dizem não à tirania do comércio*. São Paulo: SOF, 2006.
- SILIPRANDI, Emma C. Políticas de alimentação e papéis de gênero: desafios para uma maior equidade. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.). *A produção do viver*. São Paulo: Sempreviva Organização feminista, 2003.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a bóia-fria. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.



## SEMEIA SEMPRE

No campo tu és uma semeadora. Não podes fugir à responsabilidade de semear. Não digas que o solo é árido, que não chove freqüentemente, que o sol queima, que a semente não serve. Não é tua função julgar a terra e o tempo. Tua missão é semear e cuidar. A semente é abundante! Um pensamento, um sorriso, um olhar de alento, uma palavra suave, um gesto de compreensão, um copo de água são mentes que germinam facilmente. Não semeies descuidadamente como quem cumpre uma missão superficial ou forçada. Semeia com interesse, com amor, com atenção, como quem encontrou nisso o motivo central de sua felicidade. E, ao semear, não penses, quanto receberei em troca? Quanto demorará a colheita? Recorda que não semeias para envaidecer-te, para receberes agradecimentos. Tu semeias, porque não podes viver sem dar, sem doar-te, porque não podes servir a Deus sem servir a todos(as)! És dona de ti mesma, da vida e do universo! Tua semente, pois, não cairá no vazio, sem encontrar o solo fértil da organização, da luta daqueles que acreditam na vida. Sem esperar recompensa, tu a receberás sem esperar riquezas, enriquecer-te-ás, sem contar com a colheita, tudo se multiplicará! E com isso, porque tu semeias no Reino onde dar é receber, onde perder a vida é encontrá-la, onde gastar servindo é aumentar. Semeia, semeia sempre, em todo o terreno, em todo o lugar a boa semente, com amor e interesse como se estivesses semeando o próprio coração.





## PRÁTICAS FEMINISTAS DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO ACRE RELACIONADAS À AGRICULTURA AGROECOLÓGICA E SAÚDE DA FLORESTA

*Geovana Castelo Branco  
Maria Rosângela Saraiva  
Teresa Almeida Cruz*

Este artigo visa discutir as práticas feministas do Movimento de Mulheres Camponesas do Acre, vinculadas ao desenvolvimento de uma agricultura camponesa e agroecológica e à saúde que brota da natureza, bem como, as ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Desde o início da história da humanidade, as mulheres reagiram contra o domínio masculino de diversas formas. Elas não foram passivas, foram rebeldes e criaram resistências invisíveis. Nesse sentido, conforme analisa Ana de Miguel (1995), o feminismo sempre existiu, no sentido mais amplo do termo, sempre que as mulheres, individual ou coletivamente, reclamam de seu injusto e amargo destino sob o patriarcado e reivindica uma situação diferente, uma vida melhor.



Há também o feminismo de uma forma mais específica, que se constituiu em diferentes momentos históricos em que as mulheres chegaram a articular, tanto na teoria como na prática, um conjunto coerente de reivindicações e se organizaram para consegui-las. Embora o sistema patriarcal ainda esteja vivo no mundo contemporâneo, é importante lembrar que as mulheres sempre reagiram e se contrapuseram a este domínio de diferentes modos (MIGUEL, 1995, p. 217).

O feminismo deve ser pensado no plural, pois ele se manifesta de muitas formas, de acordo com o momento histórico e social, sendo as mais variadas às posturas teóricas. Por isso, fala-se em feminismos.

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Brasil se identifica como um movimento classista, socialista e feminista. Entretanto, é um feminismo que brota das lutas cotidianas das mulheres nos campos e nas florestas, definido por elas como um **Feminismo Camponês e Popular**.

Portanto, este artigo retrata as práticas feministas do Movimento de Mulheres Camponesas no Acre, relacionadas ao desenvolvimento de uma agricultura camponesa agroecológica, na produção de alimentos saudáveis e no resgate do cultivo e uso das plantas medicinais, prevenindo doenças e melhorando a saúde das famílias das mulheres camponesas.

## Construindo a agricultura camponesa e agroecológica

Dentre as bandeiras de luta do MMC, destacam-se o projeto de agricultura camponesa agroecológica e a produção de alimentos saudáveis. Em 2007, foi lançada a Campanha de Produção de Alimentos Saudáveis a nível nacional e no Estado do Acre esta campanha foi lançada em vários municípios, tendo o apoio da população urbana.

Essa proposta da agroecologia e junto com ela a defesa das sementes crioulas como patrimônio da humanidade (uma luta da Via Campesina, do qual o MMC faz parte), entra em confronto com o modelo do agronegócio, das sementes transgênicas. Mesmo encontrando resistências, às vezes até na própria família, as camponesas do Acre vão tecendo esta prática agroecológica que é uma retomada das práticas indígenas e camponesas tradicionais, que leva em consideração o meio ambiente e a





Lançamento da campanha de alimentação saudável, Bujari, 2007.

saúde das pessoas que trabalham no campo e nas florestas. A coordenadora do MMC do Bujari, G. N. C. B<sup>1</sup>, 44 anos, fala um pouco desta sua experiência no MMC:

Para mim o MMC é tudo. É de fundamental importância neste movimento. Aprendi a valorizar mais a mãe terra, nossa água, nossa semente crioula e especialmente a vida estar inserida em todas estas necessidades: terra, água, semente. Sem elas não existe futuro, não existe planeta terra. O MMC nestes 25 anos vem lutando por esses e outros direitos das mulheres do campo. E como já diz o nosso lema: “Fortalecer a luta em defesa da vida. Quando? Todos os dias” (B. 2014. Entrevista).

A luta do MMC no Acre em defesa da vida é a sua marca maior desde a sua criação em 1988. Em 2013, o MMC realizou o I Encontro de Mulheres Camponesas do Acre para celebrar os seus 25 anos de história com a presença de cerca de 150 mulheres, contando com a participação de representantes do Governo do Estado. O Jornal da TV Acre destacou a participação e a fala da secretária de Mulheres do Estado, Concita Maia:

---

1 Para não identificar as entrevistadas, utilizamos apenas as iniciais das mulheres entrevistadas.





Estamos juntas para reafirmar a importância que essa categoria tem para a sociedade. Para outras mulheres e toda a população urbana. São elas que nos nutrem. São elas que cuidam da produção ambientalmente correta. Com toda a preocupação na qualidade dos alimentos que consumimos<sup>2</sup>.



I Encontro Estadual de Mulheres Camponesas do Acre, Rio Branco, 25 de novembro de 2013.

2 Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/11/movimento-de-mulheres-camponesas-comemora-25-anos-no-acre.html>>. Acesso em: 02 nov. 2014.



Neste sentido, a coordenadora do MMC do município de Plácido de Castro, T. J. A., 66 anos, amazonense, que foi seringueira e está na caminhada de luta das mulheres desde 1996, destaca a prática agroecológica na região de Campinas, no referido município:

Porque a mulher camponesa ela já é uma guardiã da floresta. O que que a gente faz? Nós cuidamos muito bem dos nossos mananciais de água, a nossa plantação de horta. Quando a gente trabalha com a horta, não só com a horta, mas com as frutas assim no caso da horticultura, a gente luta com essas coisas sem ter agrotóxico, é um alimento saudável que a gente tem. Porque é assim, para não agredir a natureza você tem que fazer tudo saudável, sem agrotóxico, sem ter aqueles produtos químicos. Então, a gente cuida assim das nossas plantações com muito cuidado (A. 2017. Entrevista).

A T. J. A, que nasceu no Lago Idá, no município de Tefé, Amazonas, e que cortou muita seringa na mata, lembrou muito bem que as camponesas já são “guardiãs da floresta”. Por isso, conhecem muito bem a mata e tudo o que ela oferece para a alimentação e saúde, cuidando bem dela. Assim, produzem alimentos sem o uso de agrotóxico e de outros insumos químicos. Elas mesmas produzem o adubo orgânico e têm o maior cuidado com os mananciais de água, como a T. J. A. continua narrando:

A gente está usando só aqueles estrumes naturais mesmo da madeira e das folhas das madeiras, como lá na minha chácara mesmo que eu planto. Eu deixo amontoar o calcário, aquelas folhas das árvores, penero. Aqueles mais fino eu coloco nas plantas assim como couve, o caso da cebola, alface, essas plantas mais miudinhas; e aqueles outros eu coloco na pimenteira, naquelas plantas maior. Até porque eu tenho dificuldade de carregar de longe e eu já uso o que eu tenho da natureza. Também eu faço o calcário do capim, das folhas, resto de fruto e é isso. E com isso, essa alimentação saudável tanto é bom para gente prevenir a natureza como para o organismo da gente, porque a gente come um produto que não tem agrotóxico. Então, tanto é bom para a saúde da gente e a gente não agride a natureza lá da nossa comunidade com os nossos produtos. Ninguém usa lá. Antigamente, as pessoas usavam muito veneno. Não tão usando mais veneno. E as palestras que a gente tem com as famílias. Eu acompanho agora por último, dez famílias, ajudando a fazer as hortas mandalas, acompanhando como eles plantarem, como eles colherem, como fazer as leras. Isso a gente ensina, é saber, é troca de saber. [...]. A gente usa a troca de saberes, os



produtos naturais que a gente usa lá. Como no caso da terra, a gente ensina em que lugar você tem que colher o barro, como tirar o barro e como fazer os remédios com o barro. E a água, porque ninguém pode deixar a água. A gente ensina para as pessoas que tem que tomar muita água, a água bem cuidada, tem que ter muito cuidado com a água que bebe. Lá onde nós mora não tem água encanada. A água que a gente bebe é dos mananciais de água que tem lá, mas é muito gostosa, saborosa e sadia, graças a Deus, a nossa água (A. 2017. Entrevista).

É importante registrar esta troca de saberes que fala a T. J. A também no que diz respeito às hortas mandalas, pois foi com a valiosa colaboração de uma companheira do Movimento de Mulheres Camponesas de Alagoas que passou três meses no Acre, no ano de 2014, ensinando a fazer as hortas mandalas, um sistema feito com garrafa pet, bambu, madeira ou outros materiais recicláveis para evitar erosão, deixando abertura para o vazamento de água sem levar os nutrientes das hortaliças.

Graças à troca de saberes que esta companheira proporcionou, foram formadas muitas hortas mandalas nos municípios de Bujari, Plácido de Castro, Rio Branco e Sena Madureira, aumentando consideravelmente a produção de hortaliças para o consumo, melhorando a alimentação da família, bem como para a comercialização. Assim, várias mulheres do MMC começaram a participar de feiras em Rio Branco, Bujari e Plácido de Castro, vendendo suas hortaliças, frutas e outros produtos, aumentando significativamente a renda familiar e promovendo autonomia como mulheres camponesas.

Atualmente, existem diversos grupos que vendem em feiras e um grupo que é especialmente do MMC. Dona J. M. M., 76 anos, militante do MMC, sempre disposta a participar das lutas, além de ainda cultivar a sua horta orgânica, também é uma cliente de suas companheiras camponesas, comenta a disposição delas que expõem seus produtos na Feira do Bujari:

Eu acho que a camponesa de verdade, ela não esmorece fácil não. Tem as camponesas assentadas todas. E todo mês eu vou para a feirinha delas, todas elas. E todo sábado eu compro pé de moleque, eu compro a goma, eu não tenho como plantar macaxeira. Sábado mesmo eu comprei três quilos e compro pé de moleque, se eu ver um jerimum bom que o meu não dá bem



para o consumo eu compro. E é assim, todo sábado eu visito elas, mas com prazer de ver a disposição delas sábado e domingo nas feiras, minha filha! E é um monte de verduras que elas trazem. E é isso aí, camponesa é mulher que luta e luta com vontade (M. 2017. Entrevista).

Uma dessas camponesas lutadoras que produz alimentos saudáveis e comercializa na feira do Bujari e na do bairro Rui Lino, em Rio Branco, é M. J. I., moradora do Projeto de Assentamento Antônio Holanda, no município de Bujari. Ela destaca a importância do MMC em sua vida:

No meu ponto de vista, o MMC é um movimento muito bom, porque ele dá oportunidade às mulheres tanto no ponto de vista da produção, da nossa produção, nos ajuda muito. Nos ensina como nós devemos produzir, porque antes a gente usava muito veneno e outros tipos de coisas para a gente evitar pragas na nossa produção. E assim, hoje a gente já aprendeu muita coisa, porque a gente já trabalha com o estrume orgânico mesmo. A gente mesmo produz. Eu, por exemplo, eu trabalho na minha horta, é pequena, mas eu uso capim para fazer o estrume, as folhas das árvores, algum pouco de esterco de galinha, é o que eu uso. Para mim, para o pulgão não mexer na minha horta nem o grilo, eu coloco água de sabão em pó com tabaco; não coloco veneno (I. 2017. Entrevista).

Outra parceria importante no desenvolvimento de uma agricultura camponesa agroecológica, se dá por meio da parceria com a área de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Acre – UFAC, através do professor Sebastião Elviro de Araújo Neto, que desde 2015 presta uma importante assessoria ao MMC, juntamente com a professora Regina Lúcia Félix Ferreira e seus alunos bolsistas, tanto em palestras, em encontros e seminários do MMC, quanto no trabalho de campo, inclusive, promovendo um intercâmbio com sua própria experiência como camponês que produz de forma agroecológica em seu sítio no município de Rio Branco. Através de sua colaboração, as mulheres do movimento também conseguiram espaço para vender suas hortaliças e outros produtos na Feira do Rui Lino, em Rio Branco, no qual participam 12 mulheres do movimento.

As camponesas de Bujari iniciaram as suas lutas no movimento em 1997 através do Grupo de Mulheres do Assentamento Espinhara, para esse início, teve o apoio da Rede Acreana de Mulheres e Homens, na



época, representada pela Roseli Scalabrin. A participação dessas mulheres em fóruns, oficinas, seminários, palestras e também em outros grupos organizados, fez com que começassem a perceber que a luta das mulheres era a luta delas também.

Desde então, partiram para o enfrentamento, aumentando o número de mulheres no Estado do Acre que lutam contra as desigualdades sociais, machismo, patriarcado, pelos direitos previdenciários, SUS, e entre outras lutas. O maior entrave enfrentado, que ainda hoje é muito forte é o machismo/patriarcado e a falta de conhecimento sobre os seus direitos. Mesmo com esses problemas as mulheres aos poucos estão se libertando. Muitas já possuem sua própria produção, e no trabalho com seus companheiros exigem os seus direitos, mas há muitas que ainda vivem sob o jugo de seus esposos. Portanto, a luta continua.

Desde 1988, o Setor de Mulher da Comissão Pastoral da Terra (CPT), incentivou a organização de Grupos de Mulheres trabalhadoras rurais na BR 317, sentido Rio Branco – Boca do Acre, chegando a serem formados 12 grupos nos ramais da região. Atualmente, ainda há dois grupos organizados na região. Um deles é o coordenado por Maria Clemilde de Souza Costa, 63 anos, que mora no Projeto de Assentamento Baixa Verde e participa do MMC desde 1997. Desde o início da formação destes grupos, uma das preocupações foi o trabalho com o cultivo de hortas e a manipulação de ervas medicinais. M. C. S. C., que também faz parte da coordenação estadual do MMC, destaca:

A questão de plantar hortas, fazer canteiros, hortas no nosso quintal com uso orgânico, porque nós não usamos o veneno, nós camponesas não usamos o tóxico. E também trabalhamos com plantas medicinais, que é nosso tema de hoje, plantas medicinais que servem para a nossa saúde. Em vez de usar remédio da farmácia a gente usa a planta medicinal. O que eu faço quando tá com gripe, com tosse, alguma dor, eu utilizo muito remédio das ervas medicinais (C. 2017. Entrevista).

Esta prática de utilização das ervas medicinais é muito recorrente nos grupos de mulheres camponesas, aproveitando os recursos que a natureza na região oferece tão abundantemente e que tem salvado muitas vidas no seio da floresta. Essa questão será discutida no item seguinte.



## A saúde que brota da natureza

Desde os tempos mais remotos os povos indígenas e os africanos utilizam folhas, raízes e cascas de árvores, além de outros produtos advindos da floresta para produzirem remédios naturais a fim de prevenir e combater doenças. Partindo desta tradição afro-indígena as camponesas também aprenderam a utilizar os recursos da natureza para melhorar a saúde de suas famílias e da comunidade.

No interior da floresta, nas colônias e margens de rios, distante dos recursos de assistência médica, muitas vezes, são as práticas desta medicina natural que salva muitas vidas.

O MMC no Acre vem fazendo o debate acerca da retomada do uso das plantas medicinais através da parceria com a UFAC, especificamente através de Teresa Almeida Cruz que tem possibilitado o acesso aos professores desta instituição que vem ajudando o MMC, não só com cursos e oficinas sobre plantas medicinais, mas em diversas outras lutas como o combate ao agrotóxico – como já comentado acima através do apoio do professor Sebastião Elviro – combate à Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação florestal (REDD) com a colaboração do professor Élder Andrade de Paula, pois o MMC tece duras críticas à REDD por comercializar a natureza e fazer sérias restrições às utilizações do território e da floresta.

A retomada do uso das plantas medicinais é uma luta constante das mulheres camponesas, sabendo que muitas ainda fazem uso do remédio caseiro, mas esta tradição vem diminuindo com os avanços tecnológicos e a melhoria no acesso à cidade. Por isso, estão reforçando essa luta. Nesse sentido, Terezinha de Jesus Araújo, que também é poetisa narra através de seus versos, como iniciou um trabalho a partir da saúde da natureza na região de Campinas, no município de Plácido de Castro:

Uma viagem no passado,  
Como andou e praticou a gente  
Na minha aldeia tão luzente  
Que hoje é o trono da beleza,  
Realeza da gente.

Onde hoje o sol falta  
Queimar nossa pele



De tão ardente.  
Foi em 1997 que resolvi  
Cuidar desta comunidade carente  
Que sofria tanta malária,  
Lestimaniosa, diarreia,  
Pressão alta, diabéticos,  
E mulher doente, crianças magras,  
Que me comoviam tanto,  
Que eu não sabia o que fizesse  
Com tanta gente doente.

A malária derrubava o povo  
Igual motor-serra derruba  
As florestas do Brasil.  
Tinha tanto mosquito,  
Que zinia igual bala de fuzil,  
Era calamidade que na cidade  
O povo nunca viu!

Meu coração chorava  
Meu coração tremia  
Vocês não sabem o  
Como este povo vivia!

Foi aí que resolvi fazer  
Tudo o que sabia.  
Para combater doenças,  
E como quadro mudaria?  
Prevenir as doenças  
Era tudo o que devia.  
Usar os remédios da floresta,  
E usar no dia-a-dia,  
É uma farmácia encantada,  
Cheia de magia!



Foi quando se uniu  
As mulheres: A Tereza, Marinalva,  
Amância, Amélia, Fátima,  
E as Marias.

Foi a Pastoral da Criança  
Que arrumei como parceria,  
Foi também quando conheci,  
A enfermeira Meres que é uma  
Joia de valia

Que nos combatia doenças:  
Lumbrigoides e disenteria,  
Crianças ganhavam peso,  
E suas mães pulavam de alegria.

Era tão fácil os remédios,  
Eu de nada sabia!  
Que a mãe floresta,  
É uma farmácia que todos remédios teriam.  
Aprendi higiene para cuidar dos meus filhos  
Coisas que eu não fazia.

No dia da pesagem parecia romaria.  
As crianças de barrigas cheias,  
Da sopa que bebia.  
E as crianças aumentavam o peso  
Que as mães quase não podia.

A mãe dizia, esta sopa  
E a multi-mistura engorda tanto,  
Mais do que aquele remédio,  
Que aquele homem vendia!  
E eu não sabia que o remédio  
Era comida que a gente comia!  
(Terezinha de Jesus Araújo<sup>3</sup>)

---

3 Cedido pela autora.





É importante ressaltar que, como descobriu Terezinha, “a mãe floresta é uma farmácia que todos remédios teriam”, pois ela oferece muitos recursos para produzir os remédios que necessitam, tanto para prevenir como para tratar as doenças. Ela aprendeu a manipulação de ervas e plantas na floresta com os índios e com seus pais, principalmente sua mãe que sabia fazer muitos remédios. A multi-mistura, como a própria Terezinha conta, “era a casca da banana, era a massa da banana, era folha de batata, era gergelim, era a semente do brede de galo, era o farelo de arroz, aquele farelo a folha de roça - não era outra coisa – a semente da abóbora que a gente colocava”. Esta parceria com a Pastoral da Criança salvou muitas crianças nos ramais e projetos de assentamentos do Estado do Acre.

M. J. S. I., 52 anos, camponesa do Bujari, também descobriu o valor das ervas medicinais, passando a se tratar e tratar os seus familiares com os recursos naturais. Ela relata sua experiência:

Eu, na verdade, não uso remédio de farmácia [...]. Porque, eu vejo assim, eu sou exemplo vivo. Passei dois anos usando remédio da farmácia com um problema de gordura no fígado que se chama esteatose hepática e o que me curou foi ervas medicinais. Eu gastava em torno de quatrocentos, quatrocentos e cinquenta reais, quinhentos reais por mês de remédio na farmácia. E, passei a gastar, depois que eu conheci os remédios naturais, as plantas naturais, comecei a usar as plantas naturais. Então, eu passei a gastar oitenta, sessenta reais por mês. Eu economizei bastante, graças a Deus! Antes eu não podia comer feijão, farinha, uma carne de porco eu não podia nem pensar. Hoje eu como até pedra se for necessário. Tomando remédio natural de plantas medicinais (I. 2017. Entrevista).

Outra parceria, no desenvolvimento da saúde da floresta, é com a área de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Acre, através do professor Paulo Klein que, há décadas promove palestras e treinamentos de saúde, utilizando os recursos naturais em vários municípios que as mulheres camponesas venham a solicitar, ampliando os seus saberes e fazeres para melhorar a saúde a partir dos recursos que a floresta lhes oferece.



## Enfrentamento e combate à violência praticada contra as mulheres

O MMC Acre, em sintonia com o MMC nacional também vem desenvolvendo uma das suas maiores bandeiras de luta que é a libertação das mulheres de todo e qualquer tipo de violência relacionado às práticas patriarcais, machistas, racistas e capitalistas.

No Acre, apesar de ter um movimento de mulheres ativo, uma Secretaria de Política para as Mulheres atuante (no qual, dos 22 municípios apenas dois não tem coordenação de política para mulheres), uma secretaria municipal e 03 núcleos estaduais de enfrentamento à violência contra a mulher, mesmo assim, o índice de violência contra as mulheres ainda é muito alto.

E no campo, infelizmente, essa realidade não é diferente. A violência contra a mulher camponesa é difícil de combater, pois as casas ficam distantes umas das outras. Por mais que se grite por socorro é difícil de se ouvir. O homem do campo, por sua cultura de macho provedor da casa e da família, muitas vezes se torna violento por não aceitar que as camponesas têm seus direitos.

E foi no sentido de enfrentar e combater a violência que o MMC Acre começou em 2013 uma campanha de autonomia econômica dessas mulheres, com o fortalecimento de suas produções de hortaliças, frutas e outros produtos, no sentido de comercializar nas feiras do movimento, em sintonia com as ações nacionais do MMC.

Outra forma de enfrentar a violência, como práticas de uma política de formação, foi a realização de oficinas, seminários e palestras em parceria com a Secretaria de Política para as Mulheres com o tema: “Lei Maria da Penha e direitos das mulheres”. Nessa parceria foi possível obter um resultado bastante satisfatório, no qual, camponesas que sofriam violência há mais de 20 anos, com essas oficinas tiveram a coragem de denunciar.

Outro instrumento de fundamental importância para enfrentar a violência foram os dois ônibus de combate à violência no campo, floresta e águas conquistados no Governo da Presidenta Dilma Rousseff. Eles viajam para todo o Estado levando diferentes tipos de atendimento com uma equipe multidisciplinar: uma psicóloga, uma assistente social



e uma advogada, levando informações sobre direitos aos lugares mais distantes do Acre.

Nesta luta constante do MMC, percebemos que a violência contra as camponesas tem várias faces, que vai desde a violência física, psicológica e patrimonial. E com as formações de base, palestras, oficinas e seminários essas camponesas, que antes eram vítimas de violência criaram coragem, denunciaram e hoje servem de exemplo para outras mulheres. Mostrando que a mulher camponesa é conhecedora de seus direitos, como nos lembrou, anteriormente a entrevistada G. N. C. B, quando trouxe à tona um grito entoado por todas as mulheres do MMC: “Na sociedade que a gente quer, basta de violência contra a mulher”. Essa mesma mulher, fez uma poesia denunciando a violência e apontando alternativas de enfrentamento:

A violência contra a mulher  
É um mal que não tem fim  
Brotou na terra igual semente boa  
Por mais que se combata  
Sempre haverá uma mulher sendo maltratada

Vivemos em uma cidade machista e patriarcal  
Onde uma mulher vítima de violência  
Seja ela física ou sexual  
A sociedade sempre vai dar um jeito de dizer  
Que a culpa é da vítima e não do marginal

Contra esse mal  
Levantou-se mulheres de todo o Brasil  
Negras, brancas, indígenas, do campo ou da cidade  
E disseram basta não é essa a sociedade que queremos

Queremos uma sociedade onde respeite os nossos direitos  
De viver sem violência  
De estar onde quiser  
De vestir o que quiser  
De fazer do meu corpo o que quiser  
(B. 2017. Entrevista)



No que se refere à formação, iniciou-se um debate sobre a construção do Feminismo Camponês e Popular, sendo também um grande desafio. O feminismo ainda é visto de uma forma muito equivocada, desafiando as mulheres do MMC a levar discussões aos grupos de base, alertando as camponesas que cada uma possui a sua própria identidade e que isso as diferencia das demais companheiras que não se identificam com o movimento.

Apesar da vida no campo ser de muito trabalho, que, infelizmente, ainda não é muito valorizado, aumenta a garra dessas mulheres e a vontade delas de lutar cada vez mais pela sua emancipação e compreendem que a principal ferramenta é através do Feminismo Camponês e Popular, desenvolvendo a agricultura camponesa agroecológica e construindo novas relações entre os seres humanos e destes com a natureza.



Ato em frente à Assembleia Legislativa de Rio Branco - Dia 08 de Março de 2007.

Sintetizando essas lutas, a companheira M. R. S. Q., 50 anos, natural de Rio Branco, que viveu sua infância no Barro Vermelho, migrou para Rondônia aos 12 anos, voltando para a zona rural do Acre aos 27 anos, onde reside até hoje no Assentamento Espinhara do INCRA, da coordenação estadual do MMC, escreveu um cordel:

Somos mulheres camponesas  
Numa luta sem cessar  
Sendo sujeitas da própria história



Por um projeto camponês, agroecológico e popular  
Em busca de uma nova sociedade  
Sem temer, sem cair, sem recuar

É um movimento autônomo  
De classe, camponês e feminista  
Buscando melhores dias  
Em uma ação coletiva  
É um espaço de luta  
Em defesa da vida

Descendente de uma cultura  
Construída machista e patriarcal  
Temos o dever de desconstruir  
O que não é natural  
Por uma sociedade justa  
Onde o ser humano é igual

No combate à violência  
Contra a mulher praticada  
Onde muitas de nossas crianças  
Estão sendo violentadas  
No Acre, o índice é muito alto  
Em pesquisa constatada

Estamos denunciando  
O que vem acontecendo  
Exigindo que a saúde  
Denuncie o que está vendo  
Menor fazendo pré-natal  
E a justiça nada fazendo

O agronegócio crescendo  
E o governo a apoiar  
Está deixando de lado  
Agricultura familiar  
Na nossa produção agroecológica  
Investimento quase não há



Vemos muitas propagandas  
Bonitas como elas só  
Mas a nossa realidade  
De perto chega dá dó  
Mas o camponês não desiste  
Porque os males do agronegócio conhece de cor

A alimentação saudável  
É a única saída  
A cura através das plantas  
É a melhor pedida  
É as camponesas do Acre  
Lutando em defesa da vida

A discussão sobre o feminismo  
Camponês e popular  
Travamos há pouco tempo  
Lutando para libertar  
Nossas mulheres dos opressores  
Que vivem a lhes dominar

Somos seres livres  
Conforme o Senhor nos criou  
Temos direitos, desejos e sonhos  
Tiremos de quem nos roubou  
No Acre tem feministas  
Que o MMC confiou

Avante, companheiras, vamos  
Esta sociedade construir  
O nosso país merece  
O que propomos aqui  
Um novo projeto de vida  
Para a geração que vem aí.  
(M. R. S. Q.<sup>4</sup>)

---

4 Cedido pela autora.



## Considerações finais

Ao longo desses 30 anos de história, as mulheres camponesas do Acre criaram suas organizações específicas na luta pelos direitos em defesa da vida, culminando na criação do MMC em 2004. Tornaram-se reconhecidas na sociedade acreana como sujeito social que luta por uma nova sociedade baseada em novas relações entre mulheres e homens e destes com a natureza, construindo o Feminismo Camponês e Popular.

Este feminismo que nasce da base, como analisamos neste texto, se concretiza em práticas de agricultura camponesa e agroecológica, produzindo alimentos saudáveis e comercializando-os em feiras agroecológicas, aumentando a renda das camponesas nas experiências de utilização dos recursos da natureza para produção de remédios naturais, melhorando a qualidade da saúde, e, por fim, nas ações de combate e enfrentamento à violência contra as mulheres, pois: “na sociedade que a gente quer, basta de violência contra as mulheres”.

## Referências

CRUZ, Tereza Almeida. *Mulheres trabalhadoras rurais em movimento: uma história de resistência*. Vales do Acre e Médio Purus – 1988-1999. Rio Branco: EDUFAC, 2010.

\_\_\_\_\_. Movimento de Mulheres Camponesas do Acre: 25 anos de organização e lutas In: OLIVEIRA, Ramos de (Org.). *Anais do XII Encontro da Associação Brasileira de História Oral*, 6, 7, 8 e 9 de maio de História Oral. Teresina, UFPI, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398902318\\_ARQUIVO\\_Textocompleto.25anosdeMMCAC.pdf](http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398902318_ARQUIVO_Textocompleto.25anosdeMMCAC.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2017.

MIGUEL, Ana de. Feminismos. In: *10 palavras clave sobre mujer*. Navarra: EVD, 1995. p. 217.

## Fontes Orais

A., T. J. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Ufac, Rio Branco, 13 de julho de 2017.



B., G. N. C. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, 2013.

C., M. C. S. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, Ufac, 16 de agosto de 2017.

I., M. J. S. Entrevista concedida a Geovana Nascimento Castelo Branco. Bujari, 02 de agosto de 2017.

M., J. M. Entrevista concedida a Geovana Nascimento Castelo Branco. Bujari, 02 de agosto de 2017.





FALANDO DE NÓS MESMAS

Onde pisa uma mulher há sentimento  
Onde pisam duas mulheres há determinação,  
Onde pisam três mulheres, a organização nasce.  
Mas quando mais mulheres se juntam e pisam na terra  
firme, germina a esperança, já é possível planejar a colheita  
da safra de um mundo novo

*Sandor Sanches*





## MULHERES CAMPONESAS NA LUTA POR SEGURIDADE SOCIAL: saúde, previdência e assistência social

*Rosângela Piovizani Cordeiro*

Nesta reflexão, pretendemos demonstrar o papel da luta e organização das mulheres camponesas ao longo da história em favor dos direitos das mulheres do campo e de toda a classe camponesa. Uma das grandes lutas políticas das mulheres camponesas foi a demanda junto ao Estado, do reconhecimento da profissão de trabalhadora rural, tirando da invisibilidade, inferiorização e exclusão o importante trabalho realizado pelas mulheres do campo brasileiro.

Inicialmente, trataremos do contexto histórico do campo, das lutas políticas, sociais e econômicas, e da resistência e atuação das mulheres do campo dentro desta realidade até os anos de 1980. Em seguida, abordaremos os elementos históricos que estão relacionados à mobilização, à organização e à luta das mulheres camponesas pela conquista e inclusão das/os trabalhadoras/es rurais no sistema de seguridade social no Brasil



nas décadas de 1980 e 1990. Ou seja, da constituição de articulações nacionais de mulheres trabalhadoras do campo para forjar a luta de forma organizada e unitária em favor de seus direitos até a conformação de um movimento nacional de mulheres camponesas. E concluiremos apresentando os riscos atuais envolvendo a ameaça de retirada dos direitos conquistados, como a proposta de reforma da previdência, que significa o fim da previdência social para as trabalhadoras/es do campo.

## **Antecedentes históricos das lutas e organização das mulheres camponesas no Brasil**

Historicamente, as mulheres são parte e protagonistas dos processos de resistência e de luta por direitos, por igualdade, pelo fim de formas de exclusão, discriminação e exploração. As mulheres indígenas e negras lutaram contra a escravidão, a dominação e a exploração da colonização que foram submetidas, e teceram múltiplas formas de resistência, mantendo vivas suas culturas, seus idiomas, seus saberes e as formas de vida de seus povos, lutando contra o colonialismo, o patriarcado, o capitalismo, o racismo e todas as formas de violência que foram cometidas contra elas.

Estas histórias de resistências que foram tecidas pelas mulheres em luta, no campo e na cidade, foram silenciadas pela história oficial, contadas por vozes de homens da classe dominante, a partir da lógica da sociedade patriarcal, racista e capitalista, vozes que constroem suas próprias narrativas dominantes, as quais são adotadas como versões “verdadeiras” da história, onde as mulheres não aparecem, não existem como sujeitos de ação e transformação de seus contextos e da vida de seus povos e da história do Brasil. Mas há muitas histórias que devem ser recuperadas, ouvidas, e contadas a partir das memórias destas mulheres lutadoras para trazer à tona os fatos e processos de luta, a partir de uma perspectiva que traga o olhar e voz destas mulheres, ou seja, uma perspectiva feminista da história deste país. Neste sentido é que este artigo se propõe a contar a história da conquista dos direitos previdenciários pelas suas protagonistas, as mulheres camponesas do Brasil.

Em termos de lutas populares, nas décadas de 1950 e 1960 emergem importantes levantes populares e movimentos camponeses no Brasil. Nascem, por exemplo, as Ligas Camponesas que protagonizaram os



maiores levantes populares e “[...] mobilizações sociais no campo, contra a ordem até então vigente no país e, principalmente na região Nordeste, contra grandes latifundiários, contra as opressões sofridas pelos camponeses” (ARAÚJO, p. 01). As ligas camponesas tiveram grande influência dos ideais socialistas, a partir da relação com o Partido Comunista do Brasileiro, à época PCB, trazendo perspectivas de políticas emancipatórias e desalinhadas com o poder dos latifundiários.

A experiência de resistência e luta das Ligas Camponesas contou com forte participação das mulheres, como mostram os casos de Alexina Crêspo, que “participou ativamente das Ligas Camponesas de Pernambuco entre 1955 e 1964 que se espalharam para todo o Brasil” (MMC, 2013)<sup>1</sup>, de Elizabeth Teixeira, que “Junto ao marido, João Pedro Teixeira, fundou, no município de Sapé (PB), o maior sindicato de trabalhadores agrários do país até então. E assumiu a liderança do movimento depois do assassinato dele, em 1962”<sup>2</sup>, e de Dirce Machado, da resistência de Trombas e Formoso no estado do Goiás nos anos 1950 e 1960, onde liderou:

Um dos acampamentos da região, cuidando da segurança de todas aquelas pessoas que usaram lutar. Ajudou na formação do Conselho de Mulheres, um conselho que se destacou por dar assistência às casas dos posseiros que estavam no piquete, levar comunicados da direção, administrar os mutirões, auxiliar mulheres grávidas, com filhos pequenos ou que não podiam trabalhar e, inclusive, guardar a entrada de Trombas, o centro da revolta.<sup>3</sup>

E tantas outras mulheres camponesas, que doaram a vida na luta pela Terra e cujas histórias precisam ser registradas e reconhecidas pela sociedade.

Foi com muita pressão popular, ocasionada com a organização dos camponeses, que se iniciam políticas de assistência a esses trabalhadores. Como demonstra Collet (2018, p. 01): “As trabalhadoras e traba-

---

1 Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/158>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

2 Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2015/02/12/elizabeth-teixeira-90-anos-de-luta/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

3 Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal2/9998/mulheres-revolucionarias-dirce-machado-e-a-luta-camponesa-em-goias>>. Acesso em: 12 fev. 2018.



lhadores do campo começam a ser mencionados na Previdência Social somente com a criação do Estatuto do Trabalhador Rural, criado pela Lei nº 4.214 de 2 de março de 1963”. Lei que será regulamentada apenas na década de 1970, quando os trabalhadores rurais foram incluídos em novo sistema de Previdência rural, por meio da Lei Complementar nº 11, editada aos 25 de maio de 1971, que institui o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural (PRORURAL) e prevê sua execução pelo Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL)<sup>4</sup>. Mesmo essas conquistas sendo fruto de muita luta dos camponeses e camponesas, ela ainda se dá na forma de benefício, ou seja, dentro de um marco de assistência ao trabalhador rural e não como um direito a proteção social garantida pelo Estado.

O PRORURAL previu os seguintes benefícios: aposentadoria por velhice, aposentadoria por invalidez, pensão, auxílio-funeral, serviço de saúde e serviço social (artigo 2º da LC n.11, de 1971). Ainda, previu como beneficiário do programa “o trabalhador rural e seus dependentes” (artigo 3º, *caput*). Esses benefícios se concretizavam da seguinte maneira:

A aposentadoria por velhice beneficiava apenas o homem quando completava 65 anos de idade. Tanto a aposentadoria por velhice como a aposentadoria por invalidez, o valor era equivalente a meio salário mínimo. A pensão por morte do trabalhador rural era de 30% do salário mínimo (COLLET, 2018, p. 02).

Desse modo, as mulheres estavam excluídas como trabalhadoras, pois o programa estava dentro de um desenho normativo em que o benefício só contemplava o “chefe de família”, ou seja, o homem. Deixando claro que a lei não reconhecia a mulher trabalhadora rural, não reconhecia o trabalho que ela desempenhava na economia familiar, tanto no desempenho do trabalho doméstico, que garante a sobrevivência e capacidade de trabalho de toda a família, quanto no seu trabalho na roça, no quintal, ou seja, na produção da família.

As camponesas não eram reconhecidas como produtoras de riqueza, não a reconheciam como uma trabalhadora, naquele período, o que se expressa na lei, que se limita a beneficiar o homem, concedendo somente a

---

4 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/Lcp11.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp11.htm)>. Acesso em: 11 fev. 2018.



este o direito de se aposentar. Mas tamanho é o preconceito com os povos do campo, que este “benefício” não estava vinculado ao salário mínimo, sendo determinado um valor que correspondia a meio salário mínimo.

O trabalho da mulher e da juventude era invisível, reforçando o sistema patriarcal e machista no campo. A mulher só teria direito a um benefício após ficar viúva, em evidente visão limitada do trabalho no campo, que só enxergava o homem como trabalhador rural, colocando a mulher como dependente, trazendo para a roça uma divisão sexual do trabalho que nunca existiu, pois na roça homens e mulheres garantem a produção e economia familiar. A lei criava uma situação imaginária em que na roça só o homem era trabalhador, gerando a ideia de que a mulher rural ficava completamente sujeita à dependência econômica do “chefe da família”, reforçando junto à sociedade um imaginário das mulheres como incapazes, que não trabalham, apenas “ajudam”, sendo dignas apenas de assistência quando não existisse um homem em casa, ou seja, tendo direito apenas a pensão de viuvez.

Nesse sentido, estudos recentes apontam que “[...] mesmo neste novo marco jurídico e conceitual a condição subordinada das mulheres rurais não desaparece”. Isso por que:

A modernização conservadora do campo brasileiro nos anos 70, por exemplo, se fez com a intensificação do uso de máquinas agrícolas e insumo, não incluiu equipamentos e infraestrutura para facilitar o trabalho doméstico, contribuindo, mais uma vez, para a segregação e divisão sexual do trabalho. [...]. Nos assentamentos criados e nas unidades familiares já constituídas manteve-se a subordinação das mulheres. Subentendidas no grupo familiar e na unidade de produção não existiram políticas específicas que lhes garantissem o acesso à terra e a autonomia produtiva. [...]. No Brasil, os direitos das mulheres à terra e ao desenvolvimento rural só entram na agenda pública com a redemocratização no final dos anos 80 e em decorrência das lutas das mulheres rurais pela igualdade (BUTTO; HORA, 2008, p. 24).

Mesmo com o conservadorismo das ditaduras militares e seus apelos por famílias heteronormativas e com mulheres “responsabilizadas” pela garantia da “moral e dos bons costumes”, há no Brasil um fortalecimento do movimento de mulheres e feministas em repúdio a esta ordem dominante. No Brasil, o pensamento socialista teve grande influência no movimento feminista, pois



[...] uma importante camada de feministas procedia dos movimentos revolucionários que haviam surgido na década de 1960 como resposta à desigualdade econômica e às intervenções imperialistas dos Estados Unidos, tendo na Revolução Cubana, sem dúvida, uma inspiração fundamental (SCHILD, 2017, p. 102).

A década de 1970 é indicada como sendo um momento de estruturação do movimento feminista brasileiro, porque as mulheres nele organizadas apresentam algo novo no seio do movimento, que é a afirmação de que “superar a subordinação das mulheres requeria transformar radicalmente as estruturas profundas da totalidade social” (FRASER, 2009, p. 19).

Nesta perspectiva, o movimento atuou intensamente na resistência e oposição contra a ditadura civil-militar que se instaura em 1964. A luta por direitos e pela democracia profunda marca a história de mobilização e organização das mulheres no Brasil.

De fato, direitos e democracia, constituem estratégias que se fortaleceram no decorrer do tempo, na luta contra os regimes ditatoriais na América Latina, sistemas opressores, autoritários, violadores dos direitos humanos e negadores da liberdade e da vida instaurados naquele contexto. Nos referimos a mulheres e homens, exploradas e explorados pelo capital e que travam uma luta histórica pela liberdade, pela democracia e pela emancipação.

Também tiveram influência no pensamento e ação política da esquerda e nos movimentos populares no Brasil neste período, e não foi diferente sobre o movimento de mulheres e feminista, as ideias da Teologia da Libertação<sup>5</sup>, que falava em uma “[...] educação popular como ferramenta para a mudança e da ‘conscientização’ como meio de libertação e pediam ‘o despertar e a organização dos setores populares da sociedade para exigir projetos sociais’” (SCHILD, 2017, p. 103).

---

5 É uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e especifica que a teologia, para concretar essa opção, deve usar também as ciências humanas e sociais. É considerada como um movimento supradenominacional, apartidário e inclusivista de teologia política, que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais.



Assim, se fortaleceu um trabalho nas chamadas comunidades eclesiais de base, nos bairros e comunidades rurais pobres, a partir de padres, freiras e leigos e leigas que se identificavam com a Teologia da Libertação e impulsionaram a organização de grupos de mulheres católicas que, além das desigualdades sociais como mulheres pobres e trabalhadoras, começam a questionar as condições de opressão e discriminação que elas vivenciavam pela sua condição de mulheres, como a violência doméstica e a divisão sexual do trabalho. Estas feministas católicas tiveram grande relevância no trabalho com os movimentos de mulheres das massas e na luta contra as ditaduras no continente.

As mulheres camponesas sempre estiveram presentes nos processos de luta, que ocorreram em todos os momentos da história do Brasil. Inicialmente, as mulheres camponesas participaram autonomamente da luta por dignidade de vida, e a partir da década de 1980 passaram a participar ativamente de espaços de atuação política, através de diferentes formas organizativas de movimentos de mulheres trabalhadoras rurais e de agricultoras, sejam eles ligados aos sindicatos de trabalhadores rurais, ao Movimento Sem Terra, à Comissão Pastoral da Terra, ou a grupos autônomos de mulheres. Sua agenda era ampla e englobava a luta pelos direitos previdenciários.

No que se refere ao reconhecimento do trabalho e da cidadania da mulher camponesa, é possível estabelecer um diálogo com a análise de Nalu Faria sobre a agenda de luta das mulheres no meio rural:

Há que se destacar a luta para ser aceita como sindicalizada nos sindicatos dos trabalhadores rurais, a luta pelo acesso à previdência e à licença-maternidade nos anos 1980. Essas questões são centrais para a discussão acerca da divisão sexual do trabalho e da visão de que as mulheres são destinadas apenas ao trabalho reprodutivo (FARIA, 2009, p. 24).

As lutas das camponesas se intensificaram a partir do processo de redemocratização do Estado brasileiro que ocorreu na década de 1980, e com a construção da nova carta magna, a Constituição Federal, que foi promulgada no dia 05 de outubro de 1988, e que garantiu a construção de políticas públicas e a garantia de direitos no Brasil. Contudo, este processo se deu com muitos embates entre a classe trabalhadora e a burguesia brasileira.





A população pobre do país, organizada ou não, tinha, naquele contexto, anseios de uma vida melhor. Tomando consciência de seus direitos de cidadania, a população lutava por uma vida digna, reivindicando direitos básicos, tais como: alimentação, moradia, saúde, educação e proteção social. As ruas, os bairros, as comunidades, as associações e os sindicatos, naquele momento de abertura política, se constituíram como importantes ferramentas de amparo à organização, às manifestações e aos atos reivindicatórios que, então, foram sendo forjados. Com o tempo, esse processo de reivindicação foi se tornando cada vez mais crescente e, com isto, contribuiu para criar uma consciência sobre a necessidade de lutar, cada vez mais, por seus direitos e cidadania. Consciência de que o clamor e o sofrimento dos pobres só eram vistos e sentidos pelos mesmos.

Merece destaque o importante papel desempenhado pelas mulheres nesse processo de mobilizações populares para a garantia de direitos básicos do ser humano. Nesse período dos anos 1980 foram desenvolvidas muitas articulações e construções de movimentos, de entidades de direitos humanos, e as mulheres avançaram não só nos debates, mas, sobretudo, construíram ferramentas políticas para avançar nas pautas e demandas das mulheres da classe trabalhadora, para a qual convergem as atuações de camponeses, indígenas, quilombolas e trabalhadores urbanos. Apresentaremos essa história de luta das mulheres camponesas no seguinte tópico deste artigo.

## **Da luta das mulheres camponesas à conquista dos Direito a Seguridade Social**

Nesse contexto de amplas mobilizações sociais e populares aconteceu, em 1986, o “I Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brasil que aconteceu [...], em Barueri/SP, com a presença de 36 participantes, representando 16 Estados” (CRUZ, 2013, p. 02), com o objetivo de construir um espaço de articulação e discussão das mulheres trabalhadoras rurais, que prosseguiram realizando encontros nacionais até que no ano de 1995, durante o I Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, consolidou-se a criação da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR). Este encontro foi reali-



zado no Instituto Cajamar em Jundiá/SP e contou com 51 participantes, representando 18 Estados, com o lema “Mulher trabalhadora uma amante da igualdade, é preciso ter força, garra... sempre” (ANMTR, 1997). Esta organização articulava as mulheres camponesas, com as suas diversas identidades: mulheres sem terra, atingidas por barragens, das pastorais, trabalhadoras rurais sindicalizadas e pequenas agricultoras.

Os movimentos de mulheres autônomos e as mulheres trabalhadoras rurais que se encontraram em 1986 atuaram fortemente nas lutas pelo reconhecimento da profissão como trabalhadora rural para as mulheres do campo e todos os direitos que advêm deste reconhecimento pelo Estado.

Para isso, naquele mesmo ano, as mulheres participaram e promoveram “as discussões das emendas populares para garantir os direitos das trabalhadoras rurais na Constituição Federal” (MMC, 2004, p. 13), e, como resultado deste processo, elas organizaram coletas de assinaturas em abaixo-assinados, que percorreram na maioria dos estados brasileiros, nos quais foram coletadas mais de 100 mil assinaturas e que foram entregues por meio de “Caravanas das Mulheres Trabalhadoras Rurais a Brasília para entrega de abaixo-assinado, com as propostas do movimento para incluir na nova Constituição Brasileira os direitos das trabalhadoras e trabalhadores rurais” (ANMTR, 2000 apud CRUZ, 2013, p. 02). Os abaixo-assinados foram entregues ao então presidente da câmara de deputados, o deputado federal por SP, Michel Temer. Neste abaixo-assinado as mulheres camponesas reivindicavam:

Aposentadoria para a mulher trabalhadora rural aos 45 anos e, para os homens, 55 anos. [...] Também reivindicaram reforma agrária, melhorias nas escolas rurais, preço justo dos produtos, justiça nos casos de violência contra a mulher, como o assassinato de Margarida Alves (MMA/SC apud COLLET, 2018, p. 03).

Logo após a conquista dos direitos da seguridade social, que abrangia os direitos à saúde, assistência e previdência social, na Constituição de 1988, passou-se à fase de garantir sua existência real, ou seja, a regulamentação destes direitos, sendo a Lei 8.212, que “Dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências.”, e a Lei 8.213, que “Dispõe sobre os Planos de Benefícios



da Previdência Social e dá outras providências”<sup>6</sup> para os segurados/as especiais, regulamentadas em julho de 1991. Assim, os movimentos autônomos de mulheres trabalhadoras rurais intensificaram as mobilizações e ações para estes processos de regulamentação e implementação dos direitos constitucionais. Para isso, em 1992 “Houve uma mobilização nacional em março com a participação de 18 Estados, contando com aproximadamente 1.800 mulheres trabalhadoras rurais na luta pela regulamentação dos direitos previdenciários”, com o objetivo de determinar quem são as mulheres que têm direito ao acesso aos benefícios de segurados/as especiais, que ficou assim definido:

São as trabalhadoras e trabalhadores rurais que Trabalham e Produzem em Regime de Economia Familiar. Inclui-se o produtor, o parceiro, o meeiro, o arrendatário rural, o pescador artesanal, o indígena que desempenham atividade rural e seus assemelhados, essas atividades são exercidas individualmente ou em regime de economia familiar, com ou sem auxílio eventual de terceiros, bem como seus respectivos cônjuges ou companheiros e filhos maiores de 16 anos de idade ou a eles equiparados, desde que trabalhem comprovadamente com o grupo familiar (COLLET, 2018, p. 04).

Também foram debatidas e definidas pelas mulheres camponesas, junto aos constituintes, e regulamentadas nas leis acima citadas, a forma de financiamento dos recursos para a garantia destes benefícios e as formas e tempo de comprovação da atividade rural, e também foram estabelecidas a idade mínima para a aposentadoria rural, que ficou fixada em 55 anos de idade para as mulheres e 60 anos para os homens.

As mulheres reivindicaram um diferencial na idade mínima para a aposentadoria, tanto no meio rural quanto urbano, por entender e demandar ao Estado um reconhecimento de que as mulheres sofrem com uma dupla jornada de trabalho, em que recai sobre elas a “responsabilidade” de todo o trabalho doméstico, do cuidado e educação dos filhos e doentes, em uma divisão injusta e desigual do trabalho, a partir do sexo de quem a realiza, como fruto de uma sociedade machista e patriarcal. Existir essa diferença nas idades foi uma conquista histórica no sentido de

---

6 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8213compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213compilado.htm)>. Acesso em: 11 fev. 2018.



o Estado reconhecer, por meio de uma política de direitos previdenciários, uma desigualdade vivenciada pelas mulheres no âmbito doméstico.

Nos anos de 1993 a 1995 a prioridade da luta das mulheres trabalhadoras rurais foi a busca da equiparação de direitos entre urbanas e rurais, no intuito de quebrar com a lógica de que os camponeses e camponesas eram cidadãos periféricos ou que seus direitos eram benefícios assistenciais. Essa luta se deu na busca da garantia na Constituição do direito ao Salário Maternidade para as trabalhadoras rurais, visto que até então este benefício só era garantido às trabalhadoras urbanas. Essa conquista ocorreu no ano de 1993, após uma mobilização nacional que ocorreu em agosto, com a presença de mulheres de 19 Estados. A Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991 trouxe a conquista para as camponesas do direito do Salário Maternidade, no valor de um salário mínimo, durante 04 meses logo após o parto, sendo que a regulamentação e implementação do salário maternidade se deu no ano de 1995.

Este processo traz perspectivas de reparação de uma dívida histórica para com as camponesas, as quais tinham negado seu trabalho na produção e reprodução da vida, processos do trabalho que formam parte de uma unidade dialética de todo o sistema produtivo, e que só podem ser entendidos como totalidade, ou seja, não existe um sem o outro.

Tal negação existe compreendendo que nas unidades camponesas há uma divisão sexual do trabalho construída e reproduzida socialmente, que, mesmo não sendo real, permanece no discurso.

Assim, só são consideradas trabalho aquelas atividades relacionadas à produção dirigida para a comercialização e infraestrutura da propriedade, as quais se compreendem como renda, como geração de valor, atividades essas também realizada pelas mulheres, mas entendidas como ajuda; por outro lado, também os trabalhos relacionados com a produção de alimentos, a produção da horta, dos hortos medicinais, da criação de pequenos animais, da produção de queijos, bolos, biscoitos, pães e doces, sendo a maioria dessa produção destinada ao consumo interno da família, mas que também são direcionados para o comércio, mesmo que não prioritariamente, não são considerados trabalho, não são valorizados, ficando na invisibilidade.

Essa forma de organizar e dividir o trabalho é fruto das estruturas do sistema patriarcal, machista e capitalista, pois só se valoriza o que



é tido como trabalho de homem e se for destinado ao mercado, desconsiderando a produção realizada pelas mulheres, e principalmente invisibilizando totalmente a importância do trabalho de cuidados, que garante a unidade dialética entre produção e reprodução.

O não reconhecimento do trabalho produtivo da mulher contribui para a precarização de sua condição de sujeito de direito, pois fica à margem dos direitos reconhecidos e garantidos, e, dentre eles, dos direitos sociais, de que são expressão a Saúde, a Assistência Social e a Previdência Social.

Para não ficar à margem desses direitos e ser excluídas da cidadania, as mulheres têm lutado bravamente e resistido contra as investidas do Estado, do Capital e do Patriarcado. Nesse movimento de resistência, algumas vitórias foram alcançadas, como demonstramos acima: a ampliação dos benefícios da Seguridade Social: o que antes era uma aposentadoria somente ao homem passa a ser direito também da mulher; ampliação para outros benefícios como a pensão por morte, o auxílio reclusão, o auxílio doença, o salário maternidade.

Esses direitos conquistados trouxeram grandes conquistas às mulheres e à classe trabalhadora. As mulheres passam a se sentir valorizadas, reconhecidas, sentem orgulho de sua profissão como camponesas, ganham mais dignidade, mais cidadania, e a certeza de que a participação das mulheres constrói políticas com um olhar de igualdade e de liberdade.

Há uma transformação nas relações sociais das mulheres, no âmbito familiar, quando elas ganham autonomia financeira, liberdade de decisão sobre os rumos produtivos da unidade de produção familiar, independência econômica com o acesso aos benefícios da seguridade social, tendo também reflexos nas relações no seio das comunidades e municípios onde estas mulheres vivem.

Esta batalha pela conquista dos direitos das mulheres camponesas foi um processo longo, de persistência, de enfrentamento e conflitos contra as entranhas do patriarcado presentes no Estado, nas instituições, no parlamento, nos sindicatos e movimentos populares e até nas famílias, essas instituições que não viam a necessidade das mulheres de ter direito à aposentadoria, um salário maternidade e os demais direitos.

É importante salientar que esse não foi um processo fácil também para as camponesas envolvidas nas lutas. Foi um processo de doação, de



sacrifício de muitas mulheres que abriram mão de estar com seus filhos e filhas, de estar em suas comunidades e do lazer, para que todas as mulheres e os trabalhadores do campo pudessem hoje ter o direito de se aposentar, como também acesso a todos os direitos que outros trabalhadores já tinham conquistado. Mas a luta das mulheres era também pelo direito real de estudar, de enfrentar a violência no âmbito doméstico e na sociedade.

Outras lutas foram travadas após a conquista do Direito de Seguradas Especiais das mulheres camponesas, pois a ANMTR se deparou com uma realidade em que a invisibilidade das mulheres camponesas era tão profunda, que muitas não possuíam documentos de identificação própria, não possuíam certidão de nascimento, RG, CPF, certidão de casamento, dentre outros. Com isso, elas seguiam sem poder acessar aos direitos conquistados.

Nesse sentido, no ano de 1994 foi lançada “a primeira Campanha de Documentação Nenhuma Trabalhadora Rural sem Documentos” (MMC, 2004), a qual foi lançada nacionalmente em agosto de 1997 no Congresso Nacional.



Foto do lançamento da Campanha Nacional de Nenhuma Trabalhadora Rural sem documento, de 06 de Ago. de 1997. Foto: Francisca P. Montejo.

No contexto da campanha de documentação da mulher trabalhadora rural, a ANMTR realizou trabalhos de formação e de conscientização



com o objetivo de que “Todas as trabalhadoras devem ter seus documentos pessoais e profissionais para fins de reconhecimento individual, profissional e também para encaminhamento de seus benefícios” (MMC, 2004, p. 18), demonstrando para as mulheres do campo a importância dos documentos para a cidadania e para a busca dos direitos, e também colocando para o Estado e a sociedade a situação de exclusão e discriminação que vivem as mulheres do campo, pois muitos diziam não ser necessária uma campanha de documentação das mulheres do campo.

A luta pela documentação das camponesas foi assumida como programa de governo por Lula em 2004, que instituiu “O Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR), no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário, com o intuito de garantir a emissão gratuita de documentos civis e trabalhistas, assegurando às mulheres atendidas o exercício de seus direitos básicos”<sup>7</sup>.

Do início até o ano de 2010, o programa garantiu “a emissão de mais de 1,22 milhão de documentos, que beneficiaram em torno de 550 mil mulheres trabalhadoras rurais”<sup>8</sup>.

Desta forma, de luta em luta e de conquista em conquista, as mulheres vão sendo protagonistas da história, conquistando a cidadania para si e também para o conjunto da classe. Como analisa Rosângela Carvalho Amorim: “Possuir documento é um aspecto importante para a afirmação da identidade da mulher trabalhadora rural enquanto cidadã, sujeito de um novo processo social, mas é também uma exigência do Estado para concessão dos benefícios garantidos pela Constituição” (AMORIM, 1998, p. 48).

É visível a mudança na vida das mulheres e nas melhorias dentro de casa quando, por meio do acesso aos direitos previdenciários elas têm autonomia para adquirir eletrodomésticos, máquinas e equipamentos para facilitar e contribuir nas tarefas da casa e diminuir a penosidade do trabalho da casa e da roça.

---

7 Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria/subsecretaria-de-articulacao-institucional-e-aco-es-tematicas/area-rural/programa-nacional-de-documentacao-da-trabalhadora-rural>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

8 Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria/subsecretaria-de-articulacao-institucional-e-aco-es-tematicas/area-rural/programa-nacional-de-documentacao-da-trabalhadora-rural>>. Acesso em: 12 fev. 2018.



Após todo este processo de luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais e de fortalecimento da organização das mulheres por meio da articulação dos movimentos autônomos e de mulheres organizadas em movimentos mistos e sindicatos, a ANMTR avança em uma decisão política e estratégica na luta das mulheres do campo, construindo uma organização própria, que se consolidou em 2004, em Brasília, como o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). O MMC é um movimento autônomo, popular, feminista, camponês e socialista, características afirmadas por elas no trecho abaixo:

A luta central do MMC é contra o modelo capitalista e patriarcal e pela construção de uma nova sociedade com igualdade de direitos. Nesse sentido, assumimos como principal bandeira de luta o Projeto de Agricultura Camponesa Ecológico, com uma prática feminista, fundamentado na defesa da vida, na mudança das relações humanas e sociais e na conquista de direitos (MMC, 2004)<sup>9</sup>.

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) ganha destaque, nesse contexto, ao adotar como sendo suas bandeiras de luta a defesa de um projeto popular de agricultura camponesa, de um projeto popular para o Brasil, da participação política da mulher na sociedade e da ampliação dos direitos sociais. É sobre estes últimos que dedicaremos maior atenção, defendendo a garantia dos direitos à Previdência Pública e Universal, à Saúde Pública, integral, de qualidade e humanizada e à Assistência Social. A respeito da ampliação dos direitos sociais, o MMC apresenta as seguintes reivindicações (MMC, 2004)<sup>10</sup>:

Garantia do direito à Previdência Pública e Universal;

Garantia do direito à Saúde Pública, integral;

Garantia de Documentação, para que não exista “Nenhuma mulher trabalhadora rural sem documentos”;

Direito e acesso à educação pública, de qualidade, libertadora, emancipatória e não sexista;

---

9 Disponível em: <<http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/47>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

10 Disponível em: <<http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/47>>. Acesso em: 10 fev. 2018.





Garantia de acesso aos direitos conquistados na Lei Orgânica da Assistência Social;

Garantia de moradia digna, saneamento, luz e estradas para facilitar as condições de vida no campo, e lazer;

Investimento público na pesquisa, ciência e tecnologias a serviço da vida, adequadas às necessidades da agricultura camponesa agroecológica;

Garantia de políticas públicas de combate à violência e proteção de mulheres e crianças;

Política de comercialização e aquisição direta de alimentos e produtos da agricultura camponesa, para os trabalhadores da cidade e entidades públicas (escolas, creches, hospitais...).

É importante chamar atenção para a utilização e o significado do termo “camponesa”, que caracteriza o nome e a luta do MMC, pois foi a partir da organização e demanda das mulheres camponesas que as mesmas obtiveram o reconhecimento do Estado brasileiro e da sociedade da sua condição de trabalhadoras rurais. Como já relatado anteriormente, o homem trabalhador rural é quem era, em boa medida, reconhecido como sujeito de direito.

Contudo, no processo de organização da luta social, foi necessário e importante utilizar a categoria “mulher camponesa”, pois isso ajudou a dar visibilidade a dois elementos centrais na luta das mulheres, um recorte de gênero, do ser “mulher” no campo, e o ser “camponesa” na sociedade brasileira. Assim, segundo o Dicionário da Educação no Campo, podemos ver a definição de família camponesa:

Camponesas são aquelas famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos – suas necessidades imediatas de consumo e o encaminhamento de projetos que permitam cumprir adequadamente um ciclo de vida da família – mediante a produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação (COSTA; CARVALHO, 2012, p. 115).

A escolha e utilização do nome “camponesas” para o movimento de mulheres do campo foi uma estratégia e sabedoria daquelas mulheres, no sentido de demarcar seu lugar e sua consciência de classe no cam-



po brasileiro, de afirmar sua oposição ao modelo de desenvolvimento e exploração das terras e dos bens naturais que o capital implantou no campo e que ganhou força na década de 1960, 1970 e 1980, indo na contramão das formas de produção, organização e cultura das populações rurais, no sentido de fragmentar e descaracterizar o campesinato brasileiro que se organizou, resistiu e lutou por suas terras e territórios contra a implantação da Revolução Verde<sup>11</sup>, como as Ligas Camponesas, as guerrilhas Camponesas e outras tantas revoltas e lutas de resistência.

Foram sendo constituídas outras denominações para políticas públicas de Estado para as populações do campo, como lavradores, pequeno agricultor, agricultores familiares, e atualmente, empreendedores rurais ou empresários do meio rural. Todos em um sentido de criar um ideário de convivência entre o modelo de produção e de vida das camponesas e dos camponeses com o modelo de morte do agronegócio e/ou de inserção dos mesmos neste modelo de produção. Algo de que as mulheres do MMC têm certeza é que não é possível esta convivência. O modelo do agronegócio é o modelo de destruição da natureza e da exploração do trabalho, e nesse sentido traz a extinção da classe camponesa como método de ação.

Afirmar-se camponesa é um ato de resgate da cultura e da memória histórica de resistência e luta de um povo, e de dar unidade de classe às trabalhadoras e trabalhadores do campo, classe essa discriminada e negada por grande parte da sociedade brasileira. Assim, a camponesa e o camponês constituem a classe trabalhadora do campo e estão em unidade com a classe trabalhadora da cidade. São fundamentais para a economia do país, pois produzem 70% do alimento que vai à mesa dos/as brasileiros/as, segundo o censo agropecuário do IBGE, 2006:

A agricultura familiar mostrou seu peso na cesta básica do brasileiro, pois era responsável por 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo e,

---

11 Com esta expressão nos referimos ao processo de modernização agrícola, que, por meio da tecnologia controlada por empresas transnacionais, promoveu o desenvolvimento de sementes híbridas e transgênicas, o uso de fertilização artificial dos solos, uso de agrotóxicos para insetos e ervas daninhas, a utilização de máquinas no campo em áreas de monocultivo e em grandes extensões de terra, com a justificativa de aumentar a produção.



na pecuária, 58% do leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves e 30% dos bovinos (IBGE, 2006)<sup>12</sup>.

Ainda garante 74,4% do pessoal ocupado no total dos estabelecimentos agropecuários. A camponesa e o camponês possuem seu jeito próprio de vida e cultura. Produzem sua alimentação, saudável, diversificada, de qualidade, e vendem seus produtos e excedentes com as mesmas características para os/as trabalhadores/as urbanas, de tal forma que também promovem preservação do meio ambiente e promovem saúde por meio de seu trabalho e produção de alimentos saudáveis. Essa relação entre campesinato e trabalhadores urbanos é a união necessária para garantir a transformação.

Segundo analisa Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2013), existe uma apropriação do capital do trabalho e da renda da terra no campo, seja por meio da concentração da terra, os monocultivos de commodities<sup>13</sup>, extrativismo dos bens naturais (água, minérios, madeira, biodiversidade) ou colocando as/os camponesas/es na condição de reprodutores deste modelo em pequena escala, ele afirma:

[...] o próprio capital pode lançar mão de relações de trabalho e de produção não capitalistas (parceria, familiar) para produzir o capital. [...]. Como isso foi possível? Foi possível através da transferência da renda da terra em produto, quando da parceria, ou em dinheiro, quando o pagamento é feito em dinheiro e/ou em trabalho [...]. Portanto, o que podemos concluir desse processo de desenvolvimento desigual e contraditório do capitalismo, particularmente no campo, é que estamos diante da sujeição da renda da terra ao capital. O que significa dizer que o capital não expande de forma absoluta o trabalho assalariado, sua relação de trabalho típica, por todo canto e lugar, destruindo de forma total e absoluta o trabalho familiar camponês. Ao contrário, ele, o capital, cria e recria para que a sua produção seja possível, e com ela possa haver também o aumento, a criação de mais capitalistas (OLIVEIRA, 2013, p. 57-58).

---

12 Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/13721-asi-agricultura-familiar-ocupava-844-dos-estabelecimentos-agropecuarios.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

13 O termo é usado, sobretudo com referência aos produtos de base em estado bruto (matérias-primas) ou com pequeno grau de industrialização, de qualidade quase uniforme, produzidos em grandes quantidades e por diferentes produtores. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Commodity>>. Acesso em: 12 fev. 2018.



Essa lógica de apropriação da renda da terra pelo capital é uma lógica que a Revolução Verde implantou no Brasil, e que conseqüentemente promove a negação do campesinato. Este processo de implantação e ampliação do capital no campo levou à expulsão de camponesas/es de suas terras e territórios, um processo de êxodo rural crescente nestas décadas, e de migração destes para os centros urbanos, o que implica noutra conseqüência, milhares de camponesas/es sem terra e em situação de miséria e exclusão, condição extrema que abre caminho à organização e luta destes/as camponeses/as por reforma agrária e direito à terra.

É importante notar que esse processo de negação acontece através da desqualificação do camponês e da camponesa, assumindo um viés ideológico de desconstrução, de desvalorização e invisibilidade desta classe e de seu papel e importância para o país. Nesse movimento, observamos, conforme analisa Guilherme Delgado, a reestruturação da economia do agronegócio nos anos 2000 e, mais do que nunca, a mobilização e organização dos movimentos sociais do campo se faz presente, resistindo aos processos desmobilizadores e deslegitimadores da ação popular por direitos e cidadania (2013).

Uma luta importante travada pelo MMC conjuntamente com as mulheres de outras organizações do campo foi pela inclusão do nome da mulher nos documentos de posse e titularidade da terra. Este se constituiu em um importante passo para o reconhecimento do papel desempenhado pelas mulheres nas unidades de produção. Sem seus nomes nesses documentos, as mulheres não acessavam políticas de infraestrutura/financiamentos para melhorar as hortas, a criação dos pequenos animais, as agroindústrias, etc.

Todas essas lutas e conquistas de direitos se constituíram em formas de libertação das mulheres camponesas e de enfrentamento à discriminação e ao preconceito, como analisa J. C., do MMC:

Mas aí da aposentadoria, do salário maternidade e veio muito o debate dessa questão da libertação das mulheres. Acho que aqui entendeu o termo libertação ele é associado a essa leitura mais da igreja. E nessa libertação então vinha toda uma discussão da questão da discriminação, a discriminação por ser pobre, por ser mulher, por ser trabalhadora rural, por não ter tido acesso à escola. Então vinha o debate das mais diferentes discriminações. Então assim bem forte esse debate da importância de superar a



discriminação contra as mulheres. A outra questão que veio bastante forte então era porque que a maioria das mulheres continuavam a sombra do marido. Então, se fosse solteira tava na sombra do pai, se casasse na sombra do marido, se ficasse viúva os depoimentos eram tava de novo na sombra do filho mais velho. Mas porque essa cadeia, essa sequência de sempre a mulher estar na sombra de um homem. Então, ultrapassava um pouco esse debate e aí veio muito forte essa questão, junto com a campanha de conseguir o salário maternidade, a aposentadoria, a pensão às viúvas, aos viúvos, o auxílio doença e por aí as outras. Ele veio muito somado a essa questão da identidade da mulher trabalhadora rural. Então foi ali que se consolidou a campanha da documentação “Nenhuma trabalhadora rural sem documentos” (J. C., 2013. Entrevista).

Por outro lado, foram se dando pequenos passos na conquista de ações afirmativas de gênero, como o reconhecimento de uma política de agroecologia para as mulheres, de recuperação de sementes crioulas feitas pelas mulheres camponesas.

Aliás, o tema da agroecologia foi um debate iniciado e protagonizado pelas mulheres no meio rural. Elas afirmavam que para além de ter um pedaço de terra era necessário realizar outra forma de agricultura que não fosse a reprodução do modelo do “agronegócio” em pequena escala, mas desenvolvimento de experiências de produção com sementes crioulas, com adubação e controle natural de insumos e insetos, trazendo um debate importante com a responsabilidade com os cursos de água, com a preservação do ambiente e com as futuras gerações.

Neste sentido, as mulheres camponesas desenvolvem, como aborda Costa, uma “ciência da produção agrícola e da conservação socioambiental” (2006, p. 108). Este autor destaca, ainda, o que as camponesas afirmam historicamente e praticam cotidianamente em suas unidades produtivas, quando explica que a agroecologia surge como um novo desafio para os rumos que a humanidade vai tomar e como um caminho viável para o desenvolvimento rural (2006, p. 109).

Todas essas práticas de luta do MMC se situam como práticas feministas, pois entendemos o feminismo como a libertação das mulheres, mas sendo camponesas temos de fato uma relação muito grande com a terra, com a agroecologia, com as sementes, e com o modo de vida do campo, fazendo com que a nossa liberdade perpassa pela liberdade da natureza.



O Feminismo das mulheres camponesas propõe a construção de um projeto de vida a partir do campo e de transformação da sociedade, na construção de novas relações, no cuidado e na preservação das sementes. É um feminismo relacionado com a vida das mulheres do campo, com a produção, com a reprodução da vida como um todo.

## Desafios para manutenção dos Direitos da Seguridade Social

Ao longo do tempo após a conquista dos direitos constitucionalmente garantidos e regulamentados, a ANMTR e depois o MMC sempre estiveram atentos a tentativas de modificação nas leis e constituição em relação aos direitos da seguridade social, modificações que sempre previam a perda ou retirada destes direitos, em especial para as/os camponesas/es.

Neste sentido, houve nos anos de 2007 e 2008 uma pressão de setores neoliberais da sociedade brasileira interessados em diminuir direitos e ampliar os lucros do setor bancário com previdências privadas, que instigou a constituição, pelo governo então do Presidente Lula, de um Fórum Nacional de Reforma da Previdência Social - FNPS. Este Fórum debatia uma proposta de reforma da previdência e era composto por representantes de governo, do empresariado e dos trabalhadores. Contudo, os movimentos e entidades de mulheres foram excluídos deste processo de diálogo oficial.

Diante de uma ameaça iminente de perda de direitos da classe trabalhadora, e mais ainda para as mulheres, o MMC em articulação com organizações feministas do campo e da cidade, “Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), Articulação de Organizações de Mulheres Negras (AMNB), Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), Marcha Mundial de Mulheres (MMM), Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Nordeste (MMTR-NE), Campanha Nacional Donas de Casa”<sup>14</sup>, organizaram o Fórum Itinerante e Paralelo dos movimentos de mulheres sobre Previdência Social, como resposta à ausência de representantes dos movimentos de mulheres no Fórum

---

14 Disponível em: <<https://goo.gl/BEJ4Wv>>. Acesso em: 14 fev. 2018.



oficial e “pela ampliação de direitos que enfrentasse as desigualdades do mundo do trabalho e superasse a visão patriarcal, tecnicista e individualista hegemônica nos debates do FNPS”.

Essa articulação permitiu uma ampliação deste debate dos direitos da seguridade social para além do MMC, a outros movimentos e setores da sociedade e essa articulação demonstrou a força organizada das mulheres, não permitindo o avanço das propostas de reforma da previdência.

Em continuação à luta por ampliação de direitos, o MMC em seu I Encontro Nacional em 2013 apresentou, com uma das bandeiras centrais de luta daquele ano, a luta contra a violência contra a mulher e a ampliação do salário maternidade das mulheres camponesas de 04 para 06 meses, como uma reinvidicação de equiparação de direitos entre as trabalhadoras rurais e as servidoras públicas.

Desde 2015, e aprofundando-se no governo neoliberal e ilegítimo do presidente Michel Temer, há nova investida do capital financeiro e especulador impondo ao Brasil medidas de retirada de direitos, por parte de uma classe dominante cada vez mais comprometida com o lucro e a concentração de riqueza. Por isso, nos tem sido imposto o congelamento dos investimentos sociais, as reformas trabalhistas, já aprovados, e a reforma da previdência que eles buscam realizar a qualquer custo, e que levará a retrocessos irreparáveis para a classe trabalhadora, desrespeitando acordos e convenções internacionais assinados pelo Brasil de proteção e defesa dos direitos humanos, mas que principalmente é uma afronta à constituição cidadã, que parece não existir mais.

Os prejuízos trazidos não são apenas individuais, de quem trabalhou a vida inteira e não poderá descansar. Muitos dos/as beneficiários/as da seguridade social são provedores/as de suas famílias, garantem os estudos das filhas, filhos, netas e netos, ou seja, garantem a permanência da juventude e de muitas famílias no campo.

A previdência é importante inclusive para segurar a economia das pequenas cidades brasileiras, segundo aponta estudo realizado pela Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil – ANFIP:

[...] em 2010, 3.875 cidades contaram com pagamentos da Previdência superiores ao do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), ou seja, quase 70% do total. Portanto, grosso modo, de cada três cidades brasileiras,



em duas os benefícios do INSS superam as transferências do FPM. Em 4.589 municípios (82% do total), os pagamentos da Previdência superam a arrecadação (FRANÇA, 2011, p. 15).

Assim, fica comprovado estatisticamente que 70% dos municípios hoje dependem dos benefícios da previdência social para movimentar a renda interna, o que garante proteção social e dignidade para os/as beneficiários/as, mas também para todos/as aqueles/as que indiretamente têm acesso aos recursos que circulam nestes municípios.

O grande interessado na reforma da previdência é o mercado financeiro, e a partir do incentivo dele há uma pressão pela mídia em formar junto à opinião pública a ideia de que o sistema de seguridade social gera déficit nos cofres públicos, e que as seguradas e segurados especiais são um peso ao sistema. São feitas cotidianamente propagandas em formato de matérias jornalísticas, que buscam ganhar os trabalhadores para uma proposta que os prejudicará.

É preciso esclarecer que as/os camponesas/es contribuem com a previdência social no momento da comercialização de sua produção, com o desconto direto de uma alíquota de 2,3% em relação àquele determinado produto comercializado, e que mesmo contribuindo com altos valores ao longo de sua vida, irão receber apenas um salário mínimo ao se aposentar. Outra questão importante é que o trabalho realizado no campo conta com um investimento que é responsabilidade do/a camponês/a, e que sua compra gera impostos, seja a compra das ferramentas de trabalho, seja a aquisição de insumos produtivos, entre outros.

Com isso, a conquista histórica da luta das camponesas está em risco. A Proposta de Emenda Constitucional número 287 (PEC 287), apresentada oficialmente pelo governo em dezembro de 2016, altera diversas regras no que se refere à previdência e assistência social, em que o sistema tem um tratamento diferenciado aos/às segurados/as especiais. Tal proposta demonstra total desconhecimento (ou desrespeito) à realidade vivida no campo. Por exemplo, na atualidade, os/as trabalhadores/as rurais devem comprovar 15 anos de atividade rural para se aposentar, mas a nova proposta muda para que comprovem a contribuição por 15 anos e não mais a atividade rural. Essa mudança não é pouca coisa. Ela pode inviabilizar a aposentadoria rural, e principalmente das camponesas.





O que os políticos defensores dessa proposta não consideram é que é preciso levar em conta a especificidade do trabalho no campo e a dificuldade de comprovar horário trabalhado, já que na roça não tem horário para a realização das atividades, e as jornadas de trabalho são intermitentes, demandando atenção diária ao longo do ano, não permitindo que as/os camponesas/es deixem a unidade produtiva por nenhum dia, exigindo jornadas de trabalho diárias, longas e extenuantes, pelas características próprias que o trabalho no campo apresenta tradicionalmente. Durante os períodos de plantio e colheita, o dia de trabalho sempre começa muito cedo e termina muito tarde, além do risco de perda da produção pelas condições climáticas ou de ataque de insetos ou doenças na plantação.

É difícil comprovar a contribuição do/a trabalhador/a rural, visto que em apenas 07 estados da federação há um documento de comprovação de contribuição, o bloco de notas do/a agricultor/a rural<sup>15</sup>. Muitas atividades produtivas não têm comercialização anual, senão bianual ou até em períodos maiores, sendo possível apenas obter o retorno desta contribuição nos anos de comercialização. Condições de intempéries climáticas e ambientais também afetam a produção agrícola e podem não permitir a produção das safras e, portanto, levar à não comercialização da produção, e assim não haverá comprovação de contribuição naquele determinado ano. E mesmo que as/os camponesas/es tenham documentação de recolhimento de notas e comprovação da contribuição no ato da comercialização, isso não assegura que o comprador de sua produção declara o recebimento deste valor e o faz chegar aos cofres públicos, ou seja, no fundo de previdência Pública do Estado.

Quando pensamos especificamente na mulher camponesa, sabe-se que em uma família pobre, na qual a contribuição pode pesar no orçamento, serão as mulheres excluídas da possibilidade de contribuir, colocando-as novamente em situação de dependência e dificuldades.

Se tal reforma se concretizar como está sendo trabalhada no âmbito do congresso nacional, teremos um grande número de pessoas que não acessaram os benefícios do sistema de seguridade social, e em sua maio-

---

15 É um dos documentos mais importantes para comprovar a profissão de trabalhadora rural. É fundamental que o nome da mulher conste no carimbo do Bloco de Notas (MMC, 2004, p. 21).



ria serão mulheres. Podemos sofrer mais esvaziamento do campo, migrando para os grandes centros urbanos, aumentando assim o desemprego, a marginalidade e pobreza em todo o país. Percebe-se claramente na proposta que há uma intencionalidade de privatização do sistema público e de proteção social. O compromisso desse governo é com o sistema financeiro, com os bancos grandes beneficiários desta reforma, que já inundam a sociedade com os sistemas privados de previdência, buscando apenas a acumulação de lucros e exploração das/os trabalhadoras/es, em detrimento da proteção e dos direitos sociais da população brasileira.

Já mencionamos anteriormente neste artigo, mas vale ressaltar, em forma de conclusão, a importância da organização e mobilização das mulheres camponesas, e em especial o papel do MMC, na direção deste processo ao longo da história de levantar a bandeira em defesa do direito das mulheres, e não será diferente no momento histórico de ataques e retrocessos às políticas sociais e de seguridade social, quando faz-se necessário provocar debates, discutir com as mulheres da classe trabalhadora, intensificar/articular as organizações populares e todas as entidades para a luta, atos, manifestações, para não permitir a retirada deste direito.

Esta luta é de todas as mulheres e da classe trabalhadora em geral. Muitas/os já lutaram por ela ao longo da história deste país. Cabe manter essa chama viva e forte, na conjuntura atual de ataque e ameaças aos direitos das/os camponesas/es e de todas as mulheres e da classe trabalhadora. Essa reforma ainda não passou, devido à luta que mais unificou os trabalhadores e trabalhadoras no último período, mas nos manteremos alerta.

## Referências

AMORIM, Rosângela Carvalho. *Mulheres trabalhadoras rurais e transformações socioculturais recentes: os casos de Barras e Esperantina*. Teresina/PI. Setembro, 1998.

ANMTR. *1º Encontro Nacional: Mulher trabalhadora rural amante da liberdade, é preciso ter força, garra... sempre*. Passo Fundo/RS: ANMTR, 1997.



ARAÚJO, George Pedro Barbalho, *Ligas camponesas: formação, luta e enfraquecimento*. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa-PB. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNAPI2010/paper/viewFile/1808/1067>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

BUTTO, Andrea; HORA, Karla Emmanuela R. Mulheres e Reforma Agrária no Brasil. In: LOPES, Adriana; BUTTO, Andrea (Org.). *Mulheres na reforma agrária a experiência recente no Brasil*. Brasília: NEAD/MDA, 2008. v. 14, p. 17-38.

COLLET, Zenaide. *A luta da seguridade social contada pelas camponesas*. Chapecó, 2018.

COSTA, F. A; CARVALHO, H. M. de. *Campesinato*, Dicionário de Educação do Campo, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 115-122.

COSTA, Gilson da Silva. *Desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da agroecologia*. Belém: UFPA/NAEA, 2006.

CRUZ, Teresa Almeida. A caminhada de organização do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil na luta em defesa da vida. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <[http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373238894\\_ARQUIVO\\_TextocompletoFG10.pdf](http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373238894_ARQUIVO_TextocompletoFG10.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2018.

DELGADO, Guilherme. A reestruturação da economia do agronegócio – anos 2000. In: STEDILE, João Pedro (Org.). *A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 57-88.

DOSSIÊ FORUM ITINERANTE E PARALELO DOS MOVIMENTOS DE MULHERES SOBRE PREVIDENCIA SOCIAL. Brasília, Mar. de 2008.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: DI SABBATO, Alberto *et al.* (Org.). *Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das Mulheres*. Brasília: MDA, 2009. p. 11-30.



FRANÇA, Álvaro Sólón de. *A Previdência Social e a Economia dos Municípios*. Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (ANFIP). 6. ed. Brasília, 2011.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, dez. 2009. ISSN 2176-6665. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505>>. Acesso em: 17 fev. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p11>.

MMC, Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil. *Nenhuma trabalhadora rural sem documentos*. Passo Fundo, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. O campo brasileiro no final dos anos 1980. In: STEDILE, João Pedro (Org.). *A questão agrária no Brasil: o debate na década de 1990*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCHILD, Verónica. *Feminismo e neoliberalismo na América Latina*. Nueva Sociedad especial em português, 2017, p. 98-113.

#### **Fontes:**

J. C. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz e Maria Teresa Muraca. Quilombo, SC, 02 de maio de 2013.



NADA É IMPOSSÍVEL DE MUDAR  
Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente, não aceiteis o que é de hábito  
como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de  
humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada  
deve parecer impossível de mudar.

*Bertold Brecht*





**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA A PARTIR  
DA ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO:**  
uma experiência no Pará<sup>1</sup>

*Catiane Cinelli  
Antônia Tomé de Freitas  
Thaise de Freitas Damasceno*

MARIA PEREIRA  
MÃE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS  
(no estado do Pará)

*Autor: Anilson Pereira de Souza  
Conceição do Araguaia – PA, 15/09/06.*

Neste momento único  
Tristonho, cheio de dores,

---

1 A pesquisa inicial se deu para a elaboração de trabalho acadêmico de conclusão de curso de licenciatura em Educação do Campo Ciências Humanas e Sociais, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Msc. Maria Suely Ferreira Gomes. E-mail: [mariasuelygomes@yahoo.com.br](mailto:mariasuelygomes@yahoo.com.br).



Lideranças sociais mostram  
Os verdadeiros defensores;

Defensores da vida digna  
Com autêntica fiel carreira  
Pois, é dela que vamos falar,  
De dona Maria Pereira;

Em 1985  
No movimento sindical,  
Teve uma postura de cristã  
Na defesa do bem contra o mal;

A retomada do sindicato  
Para as mãos dos trabalhadores,  
Estava lá, dona Maria Pereira,  
Junto com outras/outros defensores;

Lutou pela reforma agrária  
Sem ter o medo de morrer,  
Pois, ver seus irmãos e irmãs – produzir na terra  
Ela lutou pra isso acontecer;

Também uma grande conquista  
Desta forte e humilde mulher,  
Na direção do sindicato  
Uma das primeiras a fincar o pé;

Dona Maria Pereira e Isaura  
Foram as primeiras a participar,  
Da direção deste sindicato  
Onde mulher, não se via entrar;  
Entrou e conquistou espaço  
Sem temer a nada sequer,  
E tratou logo de criar  
A secretaria da mulher;



Foi uma grande camponesa  
A lutar pela igualdade,  
Se tornando referência  
No interior e na cidade;

Criou grupos de mulheres  
Que até então não se via,  
Formando outras companheiras  
Para as lutas do dia-a-dia;

Considerada mãe dos movimentos  
Com muita humildade e sabedoria,  
Lutou incansavelmente  
Para se vê no campo, a paz e a alegria;

Com seu jeito sincero de evangelizar  
Fazendo isso de muitas maneiras,  
Repassou coragem e força  
A todos que conheceram  
Dona Maria Pereira;

Portanto, hoje, dizemos assim:  
Descanse em paz, nossa mãe Maria.  
Porque por onde você trajetou,  
Do que você pregou, buscou e espalhou sementes,  
Pois elas todas, todas, todas, todas,  
Uma a uma germinou!

Agradecemos a deus pelos seus 75 anos  
E as datas de aniversário não param por aqui,  
Pois sua luta e resistência  
Em nosso dia-a-dia, sempre vão se refletir.

Maria Pereira  
*Presente! Presente! Presente!*  
Maria Pereira  
*Renasce! Renasce! Renasce!*





O presente texto visa discutir questões relacionadas à formação do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) no estado do Pará, fruto de pesquisa no Projeto de Assentamento (P.A) Reino Encantado, no município de Tucuruí, região Sudeste do estado, no período de setembro de 2014 a agosto de 2015. O objetivo da pesquisa foi analisar essa formação, em especial no que se refere à construção da autonomia das mulheres e a produção agroecológica. As entrevistadas foram mulheres que fazem parte do MMC desde o surgimento na região, trazendo assim as formas de organização e o processo de construção.

Para alcançar nosso objetivo, discutimos a partir da realidade das envolvidas, já que o referido movimento tem como princípio lutar pela libertação das mulheres, valorizando-as e construindo um projeto de vida. No enfrentamento ao sistema capitalista, patriarcal e racista, constroem-se novas relações de igualdade. Focalizamos nossa pesquisa na organização do MMC, como sujeito político coletivo (RIBEIRO, 2010) que aponta possibilidades de superação da sociedade injusta na qual estamos inseridas.

Refletir sobre o processo de formação das mulheres camponesas da região Sudeste do Pará, em um cenário de pouca visibilidade das camponesas nos espaços públicos, bem como nas esferas de decisão sobre a gestão das unidades de produção, é trazer para a discussão a necessidade de capacitação das mulheres junto com a organização produtiva, possibilitando que elas se tornem sujeitos na produção, social e culturalmente.

## **A situação e a luta das mulheres**

Historicamente, as mulheres enfrentaram e enfrentam muitos desafios para sair do silenciamento da “História Oficial”. Em diferentes tempos e realidades, elas resistem a um sistema patriarcal, racista e capitalista (MURARO, 2003; 2002), que Saffioti (2013) caracteriza como sociedades competitivas.

Dessa forma, afirmamos ser uma realidade injusta, no entanto, acreditamos na possibilidade real de superação da mesma, com a busca da construção de novas formas de viver nesse mundo, novos valores

Essa nova forma de ser e viver, percebemos que vem sendo vivenciado através da organização em movimentos sociais populares, como no



caso do movimento estudado, o MMC, que contribui com suas lutas, organização e formação para a emancipação humana.

Constata-se que o fato das mulheres, historicamente, terem ficado relegadas ao espaço privado da casa e da família, dificultou a sua participação nos espaços de discussão e de formulação, como por exemplo, na elaboração das políticas públicas.

Em geral, estas questões foram assumidas pelos homens que estão, majoritariamente, presentes nos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Associações, Conselhos, Movimentos Sociais e outras Organizações, ou seja, em espaços públicos, espaços de debates e proposições políticas.

Neste caso, “[...] a falta de políticas voltadas para as mulheres, que vivem a dupla ou tripla jornada de trabalho, pautada pela desigualdade social, é resultado dessa construção social, histórica, política e cultural” (GASPARETO, 2009, p. 4). Essa falta fortalece ainda mais a desigualdade social entre os gêneros e sobrecarrega as mulheres nas jornadas de trabalho.

A discussão das políticas públicas para mulheres no campo traz à tona a importância do trabalho da mulher camponesa na produção de alimentos saudáveis, na preservação da natureza, na geração de renda, na educação, produção, reprodução e o cuidado. Vejamos o que diz o MMC (2011, p. 31):

Visto que a ação e o trabalho das mulheres camponesas são ainda tidos e definidos como “ajuda”. Esse conceito encerra uma carga histórica e social de discriminação muito forte, devido à reprodução de relações desiguais entre os gêneros no conjunto da sociedade, e em especial no campo. A desvalorização da mulher e do seu trabalho é uma constante, tanto nas relações familiares, como nos espaços públicos.

As camponesas trabalham nas atividades agrícolas, no roçado e em inúmeras outras atividades, juntamente com seus companheiros, com os filhos e filhas ou sozinhas. A discussão do Movimento de Mulheres Camponesas dá visibilidade a esse trabalho e os seus resultados, buscando desconstruir a ideia de que o trabalho das mulheres camponesas seja apenas uma “ajuda”, mas, parte importante da renda, da construção da soberania alimentar da família e da preservação da natureza.

A reflexão sobre a dupla jornada de trabalho precisa dar conta de demonstrar o valor das atividades cotidianas, seja no roçado, seja no lar.



Em sociedades competitivas como nos mostrou Saffioti (2013), a desvalorização das mulheres e dos seus trabalhos é algo constante, tanto nas relações familiares, como nos espaços públicos. Mas para isso, ocorre uma mistificação da realidade quando desvalorizam a contribuição das camponesas na esfera econômica, devido ao fato de que o resultado do seu trabalho, na maioria das vezes, está intrinsecamente ligado à reprodução social.

Lopes e Butto (2008, p. 34), afirmam que no meio rural a população de mulheres representa 47,8% da população residente, são quase 15 milhões de mulheres, muitas delas sem acesso a cidadania, por longos anos não tiveram acesso aos documentos pessoais, e seguem sem reconhecimento da condição de trabalhadoras, que mesmo constando na lei, pouco se expressa em suas vidas.

Esse processo de construção da desigualdade entre homens e mulheres é aprofundado pelo sistema capitalista, racista e patriarcal, que com o intuito de superexplorar o trabalho das mulheres, o desvaloriza, desconsiderando suas vivências nos diferentes espaços.

De acordo com o MMC (2008), a história de luta e organização das mulheres trabalhadoras vem se construindo e se fortalecendo ao longo da história da humanidade. Elas sempre participaram das lutas dos povos, basta olharmos para as grandes lutas contra a colonização, pelos direitos, ou mesmo as lutas sindicais, as mulheres sempre participaram de forma expressiva, mas mesmo assim eram/são pouco reconhecidas. Daí a necessidade delas pensarem espaços auto-organizados, de forma que elas pudessem se fortalecer e fortalecer suas lutas.

As lutas das mulheres ocorriam por pautas coletivas da classe trabalhadora, contudo, também muitas iniciativas buscavam quebrar preconceitos, denunciar as violências no espaço privado e espaço público, buscar direitos específicos. Essas lutas deram origem a movimentos que hoje chamamos de feministas, movimentos que representaram uma grande contribuição para o avanço da emancipação e autonomia das mulheres.

Essas lutas também se dão no campo, e, uma importante expressão da mesma é a organização das mulheres camponesas no Brasil, que se dá nos anos de 1980 em um ascenso da organização das lutas populares, que teve como resultado a constituição dos movimentos sociais populares. Como afirma Paludo (2001), teve papel importante nesse processo a Teologia da Libertação, os Centros de Educação Popular, a teoria de



base socialista e os inúmeros ativistas e militantes sociais, que procurando realizar no Brasil um novo processo de abertura democrática, buscavam ampliar os direitos da classe trabalhadora.

Nesse contexto, também as mulheres camponesas se organizaram em movimentos autônomos. As lutas das mulheres organizadas, no que viria a ser o MMC, se deram na busca de ser entendidas como trabalhadoras, com direitos e, nesse sentido, a luta pelos direitos previdenciários tinha grande importância concreta (material) e simbólica. Mas as camponesas também lutavam por saúde pública, um projeto popular de agricultura, o combate às várias formas de violência contra as mulheres, pela reforma agrária e pelos direitos.

Nesse processo de luta e organização, a formação política foi direcionada aos diferentes níveis da militância e da base, tanto das mulheres que participavam apenas no grupo local em atividades esporádicas, quanto para quem já tinha um maior tempo de envolvimento, nos momentos de luta e mobilização e nos momentos de estudos. Toda bagagem trazida pelos movimentos autônomos de mulheres, associada aos demais movimentos, reafirmou a luta das mulheres em dois eixos: Gênero e Classe, mulheres que lutam pela igualdade nas relações sociais entre homens e mulheres e pertencem à classe trabalhadora, lutando assim por igualdade entre todos.

Nessa trajetória das mulheres camponesas foi sendo construída uma mística feminina, feminista e libertadora, expressa no projeto que o Movimento de Mulheres Camponesas está comprometido, que articula a transformação das relações sociais de classe com a mudança nas relações com a natureza e a construção de novas relações sociais de gênero. Essa mística se expressa em símbolos do movimento e, ao mesmo tempo na práxis coletiva das mulheres camponesas inseridas nele (MMC<sup>2</sup>).

Os caminhos trilhados em nível nacional foram concomitantemente construídos nos Estados. No Pará, a organização das mulheres camponesas teve início na década de 1980, no município de Conceição do Araguaia, na região Sul do estado, surgiu a partir das lutas sindicais, com a criação da Secretaria da Mulher dentro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquele município.

---

2 MMC. *Nossa história*. Disponível em: <<http://www.mmcbrasil.com.br>>. Acesso em: 07 mar. 2018.



Na região Sudeste do estado, a auto-organização data a partir do I Encontro de Mulheres Sindicalistas do Sudeste do Estado, em 1989, no município de Parauapebas/PA. Assim, percebemos que o Movimento de Mulheres Camponesas no Pará surgiu ao mesmo tempo com as lutas sindicais, foram sendo construídas pautas específicas das mulheres no referido Sindicato e realizou-se o II (1990) e o III (1992) encontros das mulheres sindicalistas (PINTO, 2010).

De acordo com Pinto (2010), na perspectiva de ampliar o debate no ano de 1993, aconteceu intercâmbio de experiências de grupos e associações de quebradeira de coco babaçu no município de Palestina do Pará. Em 1994 o IV Encontro de Mulheres do Sudeste do Estado, em Marabá, com duração de três dias. As temáticas trabalhadas no encontro se deram em torno dos impactos dos Grandes Projetos na Região e extrativismo. Em 1998, aconteceu o V Encontro de Mulheres no Sudeste do Pará, com tema “Mulher: Terra e Trabalho”. Nesse seminário foi criado um Fórum que veio a realizar grandes atividades como a organização do 08 de março e a realização de três grandes seminários sobre Gênero e Meio Ambiente.

As discussões e formação das mulheres sindicalistas contribuíram para que se pensasse a organização autônoma. De acordo com Freitas e Damasceno (2015), o Movimento de Mulheres Camponesas se organizou nos grupos de mulheres em 1995, em Conceição do Araguaia e no estado. As autoras afirmam que a partir daí o movimento foi se fortalecendo, com muitas atividades e lutas. Segundo as entrevistadas, as mulheres de Conceição do Araguaia/PA participaram da articulação a nível nacional, no ano de 2000, em Luziânia/GO, e voltaram com o desafio da articulação das mulheres camponesas no Brasil, fortalecendo assim as lutas das mulheres na região Sul do Pará. Buscando esse fortalecimento, afirmam que ainda no ano de 2000, foi criada uma Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais, e no ano de 2004, foi fundada outra Associação no estado.

Em entrevista uma camponesa de Tucuruí, conta que houve várias discussões e tentativas que deram início ao processo de implantação do movimento nesse município, a partir de um encontro regional do MMC, quando já estava consolidado como movimento nacional, ao final de 2005. Sendo no mesmo período da construção do P.A Reino Encantado,



luta travada por que observou-se que a maioria das famílias não tinham onde plantar, e com o seu “pedaço de terra” como diz a entrevistada, poderiam trabalhar em sua própria unidade de produção, melhorando a condição material da vida.

Hoje, residem 18 famílias no assentamento, das quais 12 mulheres participam do MMC, e, trazendo para hoje, quando acontece alguma atividade, elas têm a tarefa de fazer a articulação de outras mulheres para participarem.

Dessa forma, vemos que a organização local e estadual, esteve ligada a uma organização nacional, com os diferentes movimentos de mulheres dos estados e articulação nacional. As mulheres do Pará estiveram articuladas às organizações nacionais e participaram da construção e consolidação do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil – MMC em 2004.

A partir da leitura de fortalecer a luta em defesa da vida, essas várias organizações começaram a potencializar e unificar o movimento autônomo para ter expressão e caráter nacional. Após várias atividades nos grupos de base, municípios e estados e com a realização do Curso Nacional em 2003, que contou com a presença de 50 mulheres, de 14 estados, representando os Movimentos Autônomos, apontou-se os rumos concretos da consolidação do movimento como também a decisão do nome de *Movimento de Mulheres Camponesas* (MMC, 2008).

De acordo com Freitas e Damasceno (2015), a participação no I Congresso Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas em 2004, foi importante na formação e na identificação das mulheres camponesas do estado do Pará.

Após esse momento fortaleceram a ideia de que não se pode lutar sozinho contra esse modelo capitalista, patriarcal e racista posto na sociedade, e que segundo as autoras, as participantes vivenciaram o desejo de lutar por uma sociedade mais justa, igualitária na qual as camponesas pudessem ser donas de sua própria história, assim, neste I Congresso Nacional as mulheres constroem o pertencimento e se reconhecem enquanto movimento.

No processo de consolidação do Movimento nacional, foram realizados debates: sobre a *categoria camponesa*, sobre como se compreende a unidade produtiva camponesa, sobre ser feminista, sobre a luta de gênero e classe.



Assim, no que se refere a ser uma agricultura camponesa, entendemos as mulheres como centrada no núcleo familiar, na qual, por um lado se dedica a uma produção agrícola autônoma com o objetivo de satisfazer as necessidades de autossustento, comercializando parte de sua produção para garantir recursos necessários à compra de produtos e serviços que não produz. Mantendo laços de integração, numa sociedade englobada, como demonstra Wanderley (2004, p. 4):

Pela sua própria natureza, o campesinato tradicional não constitui um mundo à parte, isolado do conjunto da sociedade. Pelo contrário, as sociedades camponesas se definem, precisamente, pelo fato de manterem com a chamada “sociedade englobante” laços de integração, dentre os quais são fundamentais os vínculos mercantis.

Chegamos ainda à síntese que *mulher camponesa*, a partir da compreensão do MMC é:

[...] aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento para garantia do autossustento da família, é a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, parceiras, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas. A soma e a unificação destas experiências camponesas e a participação política da mulher, legítima e confirma no Brasil, o nome de Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)<sup>3</sup>.

Com o processo de consolidação do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil, discutindo o *ser camponesa*, as mulheres que ouviram durante toda a sua vida diversos nomes para dizer o que elas eram (pequena agricultora, agricultora de baixa renda, trabalhadora rural, agricultora de subsistência e etc.), encontraram na categoria camponesa uma identidade de classe.

Assim passam a se identificar como camponesas, uma categoria política e de classe, que afirma a luta dos povos do campo, nesse caso, das mulheres do campo, que constroem diariamente um projeto de campo e de sociedade, com agroecologia e feminismo (CINELLI, 2012). Esse processo acontece de forma articulada na luta, organização e formação.

3 MMC. *Quem Somos*. Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/47>>.



Desse modo, percebe-se que o processo de formação está ligado a constituição histórica do MMC no Brasil e também no estado do Pará.

### **A formação como contribuição para construir autonomia**

O processo de formação para o MMC se dá em todos os espaços, que podem ser de salas de reuniões ou mesmo de aula, mas também que acontece fortemente nas lutas, a formação no MMC é processo de compreensão da realidade e forma de intervir nela. É conhecer para transformar e, nesse sentido, a formação será pensada em todos os níveis da organização camponesa, seja na produção, seja nas relações sociais, no campo da formação política ou técnica.

O Movimento de Mulheres Camponesas no Pará tem potencializado a formação das mulheres também através de cursos de capacitação, no que se refere à área agrícola, alimentação alternativa a partir do que as mulheres possuem na unidade de produção; derivados da mandioca, avicultura, piscicultura entre outros, como nos disse uma de nossas entrevistadas. Fazendo uma relação com a resistência e enfrentamento ao sistema do agronegócio e ao papel historicamente ditado às mulheres, ou seja, é formação para mudar a realidade.

Com estudos e debates no sentido de emancipação das mulheres, feminismo, combate a opressão e discriminação, as mulheres se dão conta que vivem numa sociedade patriarcal. E a partir dessa tomada de consciência procuram sair dessa situação, buscam a sua libertação e construção, enfrentando desafios, saindo do mundo privado ao público, e superando a hierarquização e o dualismo “a ideia de que ‘uns sabem e outros não’, ‘uns são superiores e outros inferiores’. Esta herança cultural é um desafio a ser enfrentado pelo processo de formação das mulheres” (CINELLI, 2012, p. 36).

Freire (1987) sublinha que a prática educativa é uma dimensão necessária da prática social, como a prática produtiva, a cultural, a religiosa e etc. Afirma ainda, que seres indiscutivelmente “programados para aprender”, portanto seres curiosos, sem o que não poderiam saber, mulheres e homens se arriscam e se educam no jogo da liberdade (FREIRE, 1987, p. 34). Assim, as mulheres como sujeito ativo na sociedade, tendo uma perspectiva organizativo-educativa a partir da formação, se





organizam na produção de alimentos saudáveis, transformando-se em protagonistas de suas próprias histórias.

Tanto para Freire (1987), como também para o Movimento de Mulheres Camponesas, a educação se dá através de troca de experiências entre as pessoas, a transformação do sujeito social acontece a partir da educação cotidiana. A educação popular é essencial na organização produtiva e política das camponesas, desta forma se cria a consciência crítica, emancipatória e libertadora.

Freitas e Damasceno (2015) afirmam que no processo de educação popular, que é formação do Movimento de Mulheres Camponesas, há avanços em relação ao conhecimento dos direitos, através da formação nos grupos de base do município, do estado e em nível nacional. As mulheres se capacitam e se sentem mais encorajadas na luta. Cinelli (2016), afirma que a formação e as práticas no MMC, são processos educativos e históricos, relacionados à luta e organização, dessa forma são processuais, contribuindo assim com a conscientização política de classe e feminista.

Em Freitas e Damasceno (2015), é possível compreender como através da formação ocorreu o processo de inserção das mulheres do P.A Reino Encantado no MMC, especificamente em um curso de artesanato realizado com o apoio da CPT e a Cooperativa Mista da Agricultura Familiar do Sul e Sudeste do Pará (COOMAFASP), onde foi feita a apresentação de como funciona o movimento para as mulheres do assentamento. Após isso, as mulheres demonstraram interesse e iniciou-se o primeiro grupo de mulheres no P.A.

Neste contexto, percebe-se a necessidade dos processos de formação, para que as mulheres possam obter mais informações que contribuirá para seu conhecimento e libertação. Assim, podem discutir sobre si mesmas, sendo sujeitas das suas próprias histórias e entender que vivem em um mundo onde é válida a sua contribuição, para construção de uma nova sociedade, sendo libertadora a sua atuação.

[...] o acesso ao estudo foi fundamental para que as jovens e mulheres do movimento comessem questionar, por exemplo, a perda da biodiversidade, o empobrecimento do solo, a padronização da alimentação, o aumento crescente de agrotóxicos e transgênicos, buscando somar forças junto a outros grupos que há mais tempo vem realizando experiências de produção agroecológica (GASPARETO, 2009, p. 115).



Percebemos, a partir das entrevistas, que com a formação no MMC houve uma melhoria na alimentação das famílias, pois as mulheres passaram a produzir mais diversidade de hortaliças, plantas medicinais nos seus quintais, criam animais de pequeno porte, que contribuem na renda e autonomia. Também desenvolvem atividades na parte administrativa da unidade de produção. Algumas mulheres veem a participação na formação como forma de sair de casa e até de lazer, o que é importante na construção da autonomia, pois elas têm uma possibilidade de fazer algo para si mesma e a partir da sua própria vontade.

Nesses espaços ocorre o processo de troca de vivências, na qual muitas delas acabam percebendo que não são as únicas que passam por atitudes opressoras dentro dos lares. Na convivência com outras mulheres, fazem análises de como melhorar a relação com seus companheiros e levam resultados dos processos de formação que participam, pois esses possibilitam que elas possam debater algumas situações utilizando os conhecimentos adquiridos nesses espaços.

De acordo com a pesquisa percebemos que o processo de formação do MMC no Pará tem se dado através das demandas das mulheres a partir da participação nos encontros a nível nacional, estaduais e nas atividades e capacitações locais. O que fica evidente na fala da entrevistada: “os avanços são os direitos que as mulheres tenham adquirido com o conhecimento, através das formações nos grupos de base do município, estado e nacional” (Entrevistada 1).

Freire (1996), confirma que um saber necessário se dá na consciência do inacabamento, “[...] o respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (p. 24).

Freitas e Damasceno (2015), corroboram com a ideia de que com a formação diferenciada a mulher pode ver o mundo de outra forma, deixando de ser massa de manobra para ser sujeito social atuante, consegue intervir diretamente em sua realidade, dessa forma, as autoras, valoriza as experiências de vida das camponesas.

Assim, para o MMC a educação popular se faz indispensável no cotidiano das mulheres camponesas, é nestes ambientes de formação que elas compartilham suas experiências e ao mesmo tempo participam diretamente dos debates, compreendendo criticamente os problemas que as rodeiam, dessa forma passa a enfrentá-los com outra visão.



As relações sociais de gênero é parte fundamental do projeto de construção da agroecologia, aonde o respeito às diferenças e a construção de igualdade entre todos, são formas importantes para consolidar outro modo de vida.

Diante disso, o feminismo tem sido arrolado como uma das dimensões fundamentais no projeto de vida e nos debates que se refere aos processos de educação e organização política do MMC no estado.

Assim, a organização coletiva é fundamental, a agroecologia e o feminismo vão se forjando conjuntamente trazendo novos olhares e novos rumos à vida das mulheres. Neves e Medeiros (2013, p. 225), ao analisarem a organização produtiva das mulheres em diferentes grupos, afirmam que a avaliação das participantes é positiva, “[...] seja porque houve de fato uma mudança significativa em seu dia a dia e no assentamento, [...] Ou simplesmente porque o fato de o grupo existir em meio às dificuldades já é considerado uma vitória”.

Na construção do MMC no Pará a organização de grupos com participação de jovens, motivou o engajamento das mulheres na luta. Com os grupos, o MMC tem realizado vários processos de formação no P.A Reino Encantado, como o da área de Geração de Trabalho e Renda, Relações de Gênero, Criminalização dos Movimentos Sociais, o papel da mulher na preservação da Amazônia, a diversificação da produção baseada nos princípios agroecológicos e a produção de artesanatos de produtos florestais não madeireiros.

A formação vem potencializando a articulação e o protagonismo organizativo das camponesas na construção de um projeto de sociedade, a partir da realidade amazônica, que leve em consideração o debate ambiental, social, econômico/trabalho e renda, especialmente a respeito das relações de gênero. As mulheres têm uma participação direta nas atividades, um exemplo é o curso de alimentação alternativa, realizado no P.A com as participantes do MMC, sobre quais nutrientes contem nos alimentos e o que pode ser aproveitado como sementes, cascas, folhas.

Todas essas formações são baseadas na metodologia da educação popular, respeitando a realidade das mulheres, como afirma Brandão, “[...] os índios e os camponeses realizam, no modo como ensinam o que é importante para alguém aprender, a consciência de que o saber que se transmite de um ao outro deve servir de algum modo a todos” (1981, p. 67).



Uma entrevistada afirma que a capacitação das mulheres vem melhorando o seu desenvolvimento no meio em que vivem, e com isso as mulheres vêm ocupando seus espaços na sociedade. Na sua visão, a formação delas tem contribuído muito no sentido da geração de renda, e na melhoria da vida, assim como no processo de libertação das mesmas.

Entendemos que a educação libertadora está presente quando dizem que se sentem mais livres, sem medo de conversar, de expor suas opiniões e conhecimentos, sabendo que não importa as posições que alguém ocupe na sociedade, são seres humanos com direitos.

Porém, ainda é um desafio para as famílias camponesas perceberem a importância da mulher camponesa, do seu protagonismo no processo de tomada de decisões, sobre a condução/gestão das atividades no estabelecimento agrícola, como também na destinação do uso e aplicação dos recursos financeiros.

Outro desafio é construir uma estratégia específica para ampliar e qualificar a educação infantil no meio rural, como parte das ações voltadas para a superação das desigualdades entre homens e mulheres. Para que nas gerações futuras seja superada a desigualdade de gênero, é necessário trabalhar essa problemática desde a educação infantil, especificamente no campo (LOPES; BUTTO, 2010).

De acordo com Conte (2011), discute-se sobre o mundo das mulheres considerando qual o papel ocupam na sociedade e que autonomia elas têm. Este parece ser um aprendizado para além daquilo que se pode expressar em palavras, mas que as militantes observam nas práticas cotidianas de quem se move e faz o Movimento. Dessa forma, elas sonham com a autonomia, no sentido de que possam decidir o que querem fazer, que tenham decisão própria para suas vidas, que não seja algo imposto.

A libertação no mesmo sentido, quando uma mulher afirma que vai se libertando de várias correntes que vêm aprisionando a submissão e à violência. A libertação e a autonomia vêm acontecendo, ou seja, está num processo de construção, pois sabemos que não há autonomia e libertação plenas numa sociedade capitalista, racista e patriarcal, mas há níveis de autonomia que as mulheres podem e vem conquistando. Uma entrevistada afirma: “a liberdade acontece quando somos mais abertas aos seres que nos rodeiam. Quando procuramos acertar no coletivo, comemorar as vitórias. Tendo ânimo para sair de casa e com isso lutar pelos direitos, com vontade de viver” (Entrevistada 2).



Como podemos observar, a organização e participação no Movimento possibilita um avanço na vida dessas camponesas, tanto no que diz respeito à produção agroecológica e alimentação saudável, quanto ao sair de casa, ao ser sujeitos de suas histórias, ao conquistarem autonomia, por fim, serem feministas.

Na pesquisa de Freitas e Damasceno (2015), aparecem desafios enfrentados pelas camponesas no que se refere à participação nas atividades do MMC, como superar o machismo dos companheiros, por exemplo. Para muitas mulheres participar das atividades do movimento é uma forma de sair de casa, é divertimento, pois como afirma uma entrevistada, ela vai às atividades, pois não vai a “outro lugar”. As mulheres passam assim, a compreender que a vida é mais do que trabalho do cuidar da casa e da família.

## **A produção camponesa e a garantia da renda**

A transição para a agroecologia vem acontecendo a partir do processo de formação e capacitação organizado pelas próprias mulheres do MMC, ocorrendo uma dimensão educativa das camponesas, através das atividades desenvolvidas, isso tem fortalecido e melhorado a vida das camponesas, em relação à produção de alimentos saudáveis, e o bem-estar.

De acordo com a pesquisa de Freitas e Damasceno (2015), o processo formativo possibilitou um avanço significativo nas atividades agrícolas, no que tange à diversificação da produção e comercialização. Pois, estão colocando seus produtos nas feiras da agricultura camponesa, neste sentido podemos afirmar que está ocorrendo uma melhoria na vida das famílias, do P.A Reino Encantado, a partir das atividades desenvolvidas pelas mulheres.



Fotos da Feira da Agricultura Familiar em Tucuruí





Fotos Arquivos MMC/Tucuruí.

Nas imagens vemos a exposição e comercialização dos produtos na feira, que vão desde produtos agrícolas aos artesanatos produzidos por elas, então podemos perceber a variedade e a qualidade dos produtos, a venda é feita diretamente ao (a) consumidor (a), nesse aspecto percebe-se uma melhoria na renda dessas mulheres através da comercialização de produtos da agricultura camponesa.

Planejar suas ações e participações na Feira camponesa, mantendo sua produção e reprodução, definindo os produtos a serem comercializados e a forma de produção, é também uma forma de se organizar em Movimento para não só obter renda, mas também criticar o modelo de comércio imposto, que é pior na fase da circulação onde o capital subordina os camponeses, reproduzindo um sistema contraditório e se apropria do excedente do trabalho. De um lado subordina o trabalho do camponês na circulação e, de outro, o camponês resiste, através do afeto a terra, uso predominante da força de trabalho familiar e controle do processo produtivo, demonstrando a autonomia camponesa (GUIMARÃES; MESQUITA, 2009, p. 7).





Fonte: Arquivos das Pesquisadoras/Autoras





O Movimento de Mulheres Camponesas no Pará vem trabalhando com a produção de alimentos saudáveis, propondo a modificação na estrutura agrária, organização camponesa, políticas públicas para a agricultura camponesa, temas que constantemente estão sendo debatidos. Com o objetivo de potencializar a Soberania Alimentar e a autonomia das camponesas.

De acordo com nossa pesquisa, no P.A Reino Encantado, há uma predominância nas atividades produtivas tradicionais como a roça de toco, que consiste no plantio de culturas anuais (arroz, milho, feijão, mandioca), para o consumo familiar. Segundo as entrevistadas, o excedente da produção é vendido para a garantia da renda familiar, mas não produzem em maior escala por ser difícil o traslado dos produtos até o centro comercial, na cidade.

Dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2010), mostram que são os (as) camponeses (as), que respondem por 70% da produção dos principais itens que compõem a dieta básica da população brasileira.

Nas imagens podemos observar uma pequena amostra da produção camponesa do P.A Reino Encantado, que já são resultados de algumas formações realizadas pelo MMC em parceria com a CPT. Acredita-se que, com o decorrer do tempo, possam aperfeiçoar a diversidade e potencializar a produção a partir dos trabalhos que já foram realizados no assentamento e na região, resgatando o uso de sementes crioulas e incentivando o uso de produtos orgânicos e agroecológicos, renunciando o uso de venenos e a dependência da produção ao mercado de insumos.

Observamos que algumas unidades de produção estão aderindo ao sistema de produção diversificado, com muito esforço das organizações que estão apostando nesta mudança. Pudemos observar a produção de arroz, a produção dos derivados da mandioca (farinha, tapioca, farinha de tapioca, tucupi), produção do açaí nativo que ainda existe nas unidades de produção, e que tem contribuído na renda de algumas famílias, o trabalho com as hortaliças, utilizadas no autossustento, também a criação de pequenos animais, utilizados para o próprio consumo, a criação de gado, e já estão potencializando a produção do leite para a fabricação de queijo, que é de fácil trânsito para o centro comercial na cidade. A diversidade possibilita melhoria na qualidade da produção, da alimentação e em especial melhoria de vida, e é um processo fruto da formação realizada pelo Movimento de Mulheres Camponesas no estado.



As mulheres vêm expondo nas feiras mensais no município de Tucuruí, construindo assim sua autonomia. O MMC tem insistido na implantação do sistema de produção diversificada nas Unidades de Produção, sabendo que se diferenciam a partir das práticas socioculturais das famílias, compreendendo que as camponesas só têm espaço de decisão na construção de um projeto de agricultura camponesa, agroecológico e feminista.

Assim, também a formação proporciona uma conscientização do ser mulher nessa sociedade, apontando para a construção do Feminismo Camponês e Popular, em que estão presentes os elementos do processo histórico de luta e organização das mulheres, na luta pelos direitos. O direito de ser gente, de sair de casa, de ter uma vida digna no campo, com aposentadoria, salário-maternidade, enfim, direitos sociais, agroecologia com a produção de autossustento e renda, e, reconhecer-se enquanto mulher e feminista no coletivo.

## Considerações Finais

Constata-se que as ações desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas colaboram para o processo de autonomia das mulheres. Essas mulheres se reúnem para discutir sobre suas vidas, seus problemas, compartilhando seus sonhos e maneiras de realizar os sonhos, pessoas que tenham os sonhos em comum partilhando e trocando seus anseios, e suas capacidades, com isso, tornando possível e fortalecendo a luta em busca da realização desse sonho, coletivo.

Confirmamos o que Cinelli (2012) afirma, o Movimento de Mulheres Camponesas é um espaço legítimo de participação da mulher camponesa, onde de fato pode se expressar, podendo expor também suas ideias, sendo ouvida e respeitada em sua plenitude, como mulher, importante por ser sujeito de transformações no campo, buscando uma vida digna. A partir da formação e das lutas, as mulheres vão mudando o rumo de suas vidas, pois a luta e a formação andam sempre juntas, as camponesas vão crescendo, avançando, e nessa trajetória também se deparando com contradições e conflitos no P.A Reino Encantado, enfrentando e superando os desafios.

Podemos confirmar que a concepção de formação assumida pelo MMC segue os princípios da educação popular, trazendo o elemento



da história de vida dessas mulheres, levando em conta a vivência dos sujeitos envolvidos.

Sendo um movimento de gênero e classe, o MMC discute e estuda a vida das mulheres a partir da condição de classe trabalhadora camponesa, e através disso, lutam por igualdade dentro das diferenças. Além das diferenças de discutirmos, no conjunto da classe trabalhadora camponesa, as questões étnicas e raciais, que não podem ficar em segundo plano.

Através dessa pesquisa podemos reafirmar que a luta autônoma das mulheres é algo essencial na luta de classes, não sendo algo separado e que, através dela, as mulheres tomam o rumo de suas vidas nas mãos e se libertam das amarras impostas por essa sociedade capitalista, racista e patriarcal em que vivemos. Se fizermos a luta de classes sem pensar nas mulheres, estamos ignorando a metade da classe trabalhadora.

Percebemos, no decorrer da pesquisa, mudanças significativas no modo de vida das mulheres do P.A Reino Encantado após a inserção no MMC. As mulheres passaram a ter autoconfiança, e muitas vezes se desafiam a realizarem atividades diferentes, como representar o movimento em conferências e eventos, como coordenar reuniões, e tendo confiança para falar sobre si mesmas, se assumindo como camponesas, entre outras diversas formas de se afirmarem como mulheres.

Nesta pesquisa, as dificuldades encontradas, que também são grandes desafios a serem superados pelas mulheres, estão em se desafiar, saírem do comodismo e darem os primeiros passos, após isso, conseguirão ir adiante. A convicção da luta por uma vida mais digna é o que motiva a prosseguirem firmes, crendo em seus potenciais organizativos, pois eles existem em cada uma delas.

Em suma, se avalia que o MMC no Tucuuruí vem desenvolvendo iniciativas que promovem a elaboração e a concretização de políticas públicas comprometidas com a realidade amazônica e a inclusão social dos sujeitos que vivem no campo, com a valorização da diversidade social, cultural e ambiental.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com subsídios para a discussão sobre a organização autônoma das mulheres camponesas, para a formação no Movimento de Mulheres Camponesas no Sudeste do Pará, e para todas aquelas que creem na luta e que almejam à transformação das relações, entre os seres humanos, e desses com a natureza.



Reafirmamos que o processo de formação da consciência é algo lento, porém, imprescindível e necessário para que seja construída a sociedade sonhada por aqueles (as) que lutam. Uma sociedade onde os seres humanos não sejam impedidos de realizar seus sonhos e buscar sua liberdade.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL, IBGE. *Censo Agropecuário do IBGE 2010*. Brasília: IBGE, 2010.

CINELLI, Catiane. *O Educativo na Experiência do Movimento de Mulheres Camponesas: Resistência, Enfrentamento e Libertação*. 2016. 186 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CINELLI, Catiane. *Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças: Experiência e Identidades no Movimento de Mulheres Camponesas*. 2012. 117 p. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

CONTE, Isaura Isabel. *Mulheres camponesas em luta: resistência, libertação e empoderamento*. 2011. 156 p. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Antonia Tomé; DAMASCENO, Thaise de Freitas. *Movimento de Mulheres Camponesas: Reflexão e Perspectiva na Formação no Projeto de Assentamento Reino Encantado*. 2015. 100



- p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Marabá, 2015.
- GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth. *As Jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)*. 2009. 178 p. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.
- GUIMARÃES, Roberli Ribeiro; MESQUITA, Helena Angélica de. Feira camponesa: instrumento de luta e resistência das mulheres camponesas em Catalão (GO) In: *Anais... XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária*. São Paulo, 2009. p. 1-12.
- MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS – MMC. *Mulheres Camponesas Construindo Autonomia*. Passo Fundo: ANMC, 2011.
- MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS – MMC. *MMC/SC Uma história de organização, lutas e conquistas*. Chapecó: Gráfica Rota, 2008.
- MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- MURARO, Rose Marie. *Um mundo novo em gestação*. Campinas: Verus, 2003.
- NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Org.). *Mulheres Camponesas, Trabalho Produtivo e Engajamentos Políticos*. Niterói: Alternativa, 2013.
- PINTO, C. J. Ferreira. *Memórias: a luta das mulheres camponesas -Assentamento Primeiro de Março*. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPA, 2010.
- RIBEIRO, Marlene. *Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia emancipação: princípios/fins da formação humana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.





## MULHERES CAMPONESAS E O DIREITO À TERRA: histórias de vida, de luta e resistência

*Iridiani Graciele Seibert*

Neste artigo abordaremos o contexto histórico da situação fundiária e agrária no Distrito Federal e Entorno e a formação da luta por Reforma Agrária na região. Colocando ênfase no processo de luta pela terra e os desafios e resistências das assentadas dentro dos acampamentos e assentamentos, trazendo para isso, relatos feitos em entrevistas com mulheres assentadas e lideranças do MMC, que contam suas histórias de vida na luta pela terra no Distrito Federal e Entorno. Assim, buscamos ressaltar o papel e importância das mulheres na luta dentro dos assentamentos, seus desafios e vivências particulares pela condição de ser mulher.

Também apresentamos a história da construção do Movimento de Mulheres Camponesas nessa região, seu trabalho com as mulheres assentadas e os desafios que se colocam na conjuntura política e econômica que o DF e o país vivem atualmente, de desmonte e precarização da



Política Nacional de Reforma Agrária, da Agricultura Familiar Camponesa e dos Direitos das camponesas e dos camponeses.

Para realização desse artigo, percorremos os debates teóricos sobre a questão agrária brasileira e em especial como ela se expressa no DF e Entorno, depois realizamos entrevistas com 03 mulheres assentadas da reforma agrária no Distrito Federal e entorno, militantes do Movimento de Mulheres Camponesas e com uma servidora pública do INCRA, com o intuito de obter informações a partir das experiências de vida e luta destas mulheres pela Reforma Agrária para dialogar com as bibliografias estudadas, também para refletir sobre a luta e a política de Reforma Agrária com uma perspectiva das mulheres assentadas.

Os nomes utilizados para se referir às informações fornecidas pelas mulheres entrevistadas serão nomes fantasias, para proteger suas identidades e integridade.

## **As desigualdades no acesso à terra no campo brasileiro**

São características históricas da estrutura agrária do Brasil a concentração da terra sob o domínio de uma pequena classe oligárquica e latifundiária, que busca apenas a exploração, apropriação dos recursos naturais presentes nestas terras (minérios, água, biodiversidade) desenvolvendo um modelo econômico baseado na produção agrícola primária para a exportação.

Este modelo de produção no campo promoveu o massacre, a exploração dos povos indígenas, quilombolas e também dos camponeses/as que estão localizados em terras e territórios de interesse de exploração do capitalismo. Estas características se iniciaram com a colonização do país e perduram até a atualidade. A terra é considerada pelas classes dominantes como uma mera mercadoria geradora de riquezas.

Como resultado dessa estrutura agrária produziram-se desigualdades históricas no campo brasileiro entre os diferentes sujeitos que compõem o meio rural, desigualdades no que se refere ao acesso à terra, a condição de vida destes sujeitos no meio rural e as condições para a produção e comercialização dos produtos agrícolas.

Podemos verificar a desigualdade do acesso à terra ao analisarmos os dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária



(INCRA) de 2010 onde “[...] as categorias minifúndio e pequenas propriedades somavam 90,10% do total de imóveis<sup>1</sup>, mas ocupando apenas 23,84% da área total de imóveis” (CARVALHO, 2014, p. 83).

Por outro lado, identificamos que “[...] os grandes estabelecimentos<sup>2</sup> somam apenas 0,91% do total dos estabelecimentos rurais brasileiros, mas concentram 45% de toda a área rural do país [...]” (OXFAM BRASIL, 2016, p. 08)<sup>3</sup>. Assim, um estudo apresentado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2009 conclui que “[...] os camponeses são o grupo social mais atingido pela pobreza extrema no Brasil [...]. Entre as famílias consideradas “extremamente pobres”, 36% tinham como fonte de renda, em 2009, a produção agrícola” (CARVALHO, 2014, p. 83).

Os dados apresentados acima contribuem para demonstrar as desigualdades estabelecidas no campo brasileiro. Essas desigualdades são históricas, em um país marcado pelo latifúndio improdutivo, que só enxergava a terra como reserva de valor e fonte de poder, realidade está aprofunda no Brasil na década de 1960 com a “modernização conservadora” da agricultura que levou “no período 1970–1980, a transferir, para o meio urbano, o equivalente a 30,0% da população rural existente em 1970, ano em que migraram 12,5 milhões de pessoas” (ALVES; SOUZA; MARRA, 2011, p. 81).

- 
- 1 Estabelecimento agropecuário, segundo o IBGE, é todo terreno de área contínua, independentemente do tamanho ou situação (urbana ou rural), formado de uma ou mais parcelas, subordinado a um único produtor, onde se processa uma exploração agropecuária, ou seja: o cultivo do solo com culturas permanentes e temporárias, inclusive hortaliças e flores; a criação, recriação ou engorda de animais de grande e médio porte; a criação de pequenos animais; a silvicultura ou o reflorestamento; e a extração de produtos vegetais (PARENTE, 2015, p. 38).
  - 2 Imóvel Rural, art.4º da Lei 4.504/1964 (Estatuto da Terra), ratificado pelo art. 4º da Lei 8.629/1993 (Lei Agrária), é um prédio rústico de área contínua, qualquer que seja sua localização, que se destine ou possa se destinar à exploração agrícola, pecuária, extrativa, vegetal, florestal ou agroindustrial (PARENTE, 2015, p. 38).
  - 3 Ainda que haja diferença na unidade de análise dos dados das fontes pesquisadas, imóveis rurais e estabelecimentos agropecuários, conforme podemos verificar nas suas definições nas notas 4 e 5, o que levaria a uma mudança nos dados, isso não invalida a comparação, visto que com ambas unidades de medida, os resultados levam a mesma conclusão no sentido da desigualdade do acesso à terra, e da concentração da mesma nas grandes propriedades rurais no Brasil.





Os camponeses/as saíram do campo, pois não eram assistidos pelo Estado através das políticas públicas que incentivassem a produção camponesa e fomentassem a permanência desta população no campo. Pelo contrário, eles foram atraídos para os grandes centros urbanos, para formar os contingentes de um exército de mão de obra disponível e barata para as indústrias nascentes no Brasil naquele período, iludidos por falsas promessas de uma vida melhor na cidade.

Esta modernização privilegiou os interesses das elites, em uma clara aliança entre a elite agrária e a industrial. Como consequência, aprofundou a concentração da terra, e incorporou à produção agrícola, tecnologias que buscavam facilitar a produção em grande escala, como a mecanização, o uso dos adubos químicos, dos agrotóxicos, das sementes híbridas (posteriormente as sementes transgênicas). Assim, o Brasil se torna o “celeiro” do mundo produtor e exportador de alguns poucos produtos agrícolas, as chamadas *commodities*<sup>4</sup>:

[...] nos últimos anos observou-se a seguinte média na participação na pauta de exportações por grupos de produtos de origem rural: soja e derivados 22%; carne e couros 25%; celulose e papel 17%; açúcar e álcool 11%, essa porcentagem variando discretamente em função dos interesses de compra representadas pelos grandes grupos econômicos multinacionais (CARVALHO, 2014, p. 85).

Esse modelo de produção no campo, o agronegócio, se iniciou com a Revolução Verde da década de 1960 e se intensifica com as políticas econômicas neoliberais no Brasil e na América Latina na década de 1980 e 1990 e para poder mascarar o histórico de um latifúndio tradicional, conhecido por ser concentrador, improdutivo e escravocrata constrói-se uma nova roupagem e para isso, o latifúndio se alia a um “complexo agropecuário-comercial-bancário-industrial, integrados aos grandes grupos econômicos, quem exercita o poder de classe e assim mantém o monopólio da terra no Brasil” (SILVA, 2013, p. 123).

---

4 É utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária na bolsa de valores, para se referir a produtos de qualidade e características uniformes, que não são diferenciados de acordo com quem os produziu ou de sua origem, sendo seu preço uniformemente determinado pela oferta e procura internacional. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Commodity>>. Acesso em: 22 fev. 2018.



Essa estratégia também é ideológica do agronegócio, busca apresentá-lo como hegemonia no campo brasileiro, como o único “produtor de riquezas” do país, mas na essência segue mantendo e aprofundando desigualdades e características de um modelo produtivo depredador, explorador e concentrador.

É importante destacar que o agronegócio passou a ser visto como o inimigo dos movimentos do campo, de luta pela Reforma Agrária e por um Projeto de Agricultura Camponesa a partir dos anos 1990, quando os movimentos e os intelectuais defensores dessas lutas, percebem que o agronegócio, segue sendo o mesmo latifúndio, mas com uma nova roupagem e uma nova aliança para garantir a sua expansão e manutenção da sua hegemonia, desta forma, ele está sustentado em suas bases anteriores, como podemos ver na seguinte definição:

Agronegócio é o novo nome do modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária capitalista. Esse modelo não é novo, sua origem está no sistema plantation, em que grandes propriedades são utilizadas na produção para exportação. Desde os princípios do capitalismo [...] esse modelo passa por modificações e adaptações, intensificando a exploração da terra e do homem. Agronegócio é uma palavra nova, da década de 1990, e é também uma construção ideológica para tentar mudar a imagem latifundista da agricultura capitalista (FERNANDES, n/d, p. 01).

Desta forma, o agronegócio não é mais que uma aliança de frações da classe dominante, ligados com setor financeiro internacional dominado e subordinado, especialmente, as multinacionais para “inovar-se” a partir de um discurso de produtividade e tecnologia que, mais uma vez, relegaram aos camponeses/as, indígenas, comunidades quilombolas e tradicionais a pobreza, a invisibilidade e o descaso por parte do Estado e da sociedade brasileira, além da discriminação e esmagamento da identidade camponesa.

Uma das maneiras do agronegócio apresentar números elevados de geração de divisas para o país está nas políticas públicas de incentivo e subsídio à produção do agronegócio, perdão de dívidas junto à União, dos fazendeiros e das empresas, incentivos fiscais e a destinação de altos valores de crédito subsidiado anualmente. Incentivos e subsídios que não são oferecidos pelo Estado de igual maneira para as camponesas e



camponeses, como podemos identificar ao observar os dados dos planos safras dos últimos anos, vemos a grande disparidade dos recursos destinados ao agronegócio em relação à agricultura camponesa.

Na safra de 2016/2017, “o valor das operações do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf<sup>5</sup>) atingiu R\$ 22,7 bilhões”, já para o Plano de Agricultura e Pecuária do MAPA (Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento<sup>6</sup>) foram destinados R\$ 185 bilhões de crédito aos grandes e médios produtores rurais brasileiros para investimento em custeio e comercialização. Há uma opção do Estado brasileiro em fomentar e sustentar o modelo de produção do agronegócio, em detrimento do apoio e fortalecimento do modelo de produção camponesa e agroecológica, visto que estes dois modelos econômicos, sociais e produtivos são antagônicos e não podem conviver em um mesmo espaço.

Este modelo de produção que consiste na concentração da terra e dos recursos financeiros é um modelo conservador das estruturas de dominação da classe capitalista a partir da oligarquia rural, nos aspectos econômicos, políticos, sociais, patrimoniais e culturais, mas que também está aliado às estruturas patriarcais e machistas de dominação e opressão das mulheres, e como um dos resultados desta aliança, há uma desigualdade no acesso à terra por parte das mulheres no campo brasileiro. Segundo informe da OXFAM Brasil (2016, p. 10).

[...] são os homens que controlam a maior parte dos estabelecimentos rurais e estão à frente dos imóveis com maior área: eles possuem 87,32% de todos os estabelecimentos, que representam 94,5% de todas as áreas rurais brasileiras.

Este mesmo informe demonstra que são as mulheres que majoritariamente estão nas pequenas propriedades rurais, em áreas inferiores a 05 hectares (INFORME OXFAM BRASIL, 2016). Acrescenta-se à falta de terra, a dificuldade enfrentada pelas mulheres quando buscam políticas públicas para produção, comercialização e geração de renda.

5 Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/plano-agricola-e-pecuario/plano-agricola-e-pecuario-antigo>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

6 SEAD. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/operacao-c3a7c3b5es-do-pronaf-superam-r-22-bilh%C3%B5es-na-safra-2016-17>>. Acesso em: 26 ago. 2017.



Essa situação, nos leva a outro tema que perpassa cotidianamente a vida das camponesas: a violência. A falta de políticas públicas voltada ao desenvolvimento econômico permite que as camponesas estejam mais vulneráveis a todos os tipos de violência, particularmente a violência doméstica que assola milhares de mulheres camponesas diariamente.

O número de feminicídios no campo tem aumentado substancialmente. São escassos os dados sobre os casos de violência que acometem as mulheres do campo, mas sabemos por meio do relato das mulheres, que suas vidas e das demais mulheres do campo é marcada por todos os tipos de violência. Conforme estudo realizado pela CONTAG (2008), cujos dados, que são alarmantes, foram apresentados em uma cartilha da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Vejamos:

Revelou que 55.2% das entrevistadas sofreram algum tipo de violência - 20.4% declararam ter sofrido violência patrimonial; 27.3%, violência sexual; 51.9%, violência moral; 51.9%, violência física; 73.4%, violência psicológica; 27.6%, ameaça de morte; 11.9%, estupro marital; e 4.3%, cárcere privado. Sessenta e três por cento (63.6%) dos atos de violência foram cometidos pelos maridos e companheiros (BRASIL, 2011, p. 22).

Segundo os dados apresentados, fica evidente a situação de vulnerabilidade das mulheres camponesas a situações de violência que se agravam ainda mais pela falta de estrutura e de políticas de atendimento às vítimas de violência na zona rural e nos municípios do interior do país, no qual, na maioria dos casos não há delegacias especializadas de atendimento à mulher.

Os relatos das mulheres sempre apresentam que mesmo onde existem as delegacias, como também os hospitais, os profissionais não estão preparados para o atendimento e acolhimento das vítimas, e ao contrário, tratam estas situações como casos menores, irrelevantes ou de cunho familiar, se negando a atender as mulheres e às culpabilizando pela violência sofrida.

Assim, essas mulheres têm medo de denunciar, pois são violentadas institucionalmente e julgadas pela comunidade e sociedade local, marcadas por relações sociais conservadoras e patriarcais fazendo com que, algumas vezes, elas mesmas tenham dúvidas se são vítimas ou culpadas.



## O contexto da Reforma Agrária no Distrito Federal e Entorno

O contexto da questão agrária no Brasil, acima relatado, não se apresenta de forma diferente no Distrito Federal e Entorno (DFE). Região marcada historicamente pelo roçado, pela produção de alimentos para autoconsumo das famílias e pela agricultura de toco.<sup>7</sup>

Porém, essas formas de agricultura foram desvalorizadas e substituídas pelas políticas de modernização agrícola da década de 1970, que impulsionou a migração da população do Sul e Sudeste para o Centro-Oeste do Brasil, com o apoio de programas de colonização e “desenvolvimento agrícola”, como o Programa para o Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), criado em 1975 e o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (Prodecer)<sup>8</sup>, constituindo essa região como um grande polo de produção de grãos, em grandes áreas de monocultivos, com objetivo de exportação e com emprego de alta tecnologia.

Assim, os municípios de Luziânia e Cristalina, por exemplo, se tornaram os maiores produtores de grãos com o uso de irrigação de pivôs centrais<sup>9</sup> da América Latina (SAUER, 1999).

---

7 O sistema de cultivo utilizado por pequenos agricultores, chamado de pousio, roça-de-toco ou coivara, constitui uma tradição milenar da maioria das populações indígenas, sendo assimilada pelas populações remanescentes de processos de colonização [...]. O sistema é baseado na derrubada e queima da vegetação, seguindo-se um período de cultivo e, após o declínio da fertilidade do solo, um período de pousio para restauração da fertilidade. (SIMINSKI; FANTINI, 2007, p. 690-691).

8 O discurso sobre o programa era: “Com o objetivo de tornar a área mais produtiva aproveitando todo seu potencial, bem como estimular a migração racional, foi criado o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados – PRODECER. O programa teve início em um comunicado conjunto assinado pelo primeiro-ministro japonês Kakuei Tanaka, e pelo então Presidente do Brasil Ernesto Geisel, em setembro de 1974, que estabelecia a relação entre os dois países sobre o desenvolvimento agrícola. [...] De 1979 a 1999 foram implantados 21 projetos de colonização (PC), sendo 10 projetos piloto e 11 de expansão, assentando 758 famílias numa área de 334.000 ha do Cerrado”. Disponível em: <<http://www.campo.com.br/proceder/>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

9 Pivô central de irrigação é um sistema de agricultura irrigada por meio de um pivô. Nesse sistema uma área circular é projetada para receber uma estrutura suspensa que em seu centro recebe uma tubulação e por meio de um raio que



Segundo dados da Codeplan<sup>10</sup> (2013) o avanço do agronegócio na região geoeconômica de Brasília vem em intensa expansão, entre os anos de 1990 e 2013. A especialidade deste setor abrange a produção de grãos, obtendo, neste período, um crescimento de 1.036,6%, bem mais que o dobro do crescimento observado na região Centro Oeste (417,2%), e quase seis vezes o crescimento do Brasil (184,7%) neste mesmo período (BARATTO, 2017, p. 52).

Os dados da concentração de terras no Centro-Oeste do Brasil, em especial no estado do Goiás, demonstram o resultado desse modelo de ocupação e desenvolvimento agrícola implantado no estado, segundo Sauer (1999, p. 07):

[...] os imóveis com áreas superiores a 200 hectares e menores de 01 mil representam 20,2% do número total de imóveis e possuem 35,16% da área total. Os imóveis com áreas superiores a mil hectares somam 4,9% do total de imóveis e possuem 47,2% da área total dos imóveis. [...]. Os imóveis com áreas inferiores a 10 hectares representam 11,1% do número total de imóveis e detêm 0,25% da área total. A soma de todos os imóveis até 200 hectares resulta em 74,9% do número total, mas representam apenas 17,64% da área total dos imóveis do Estado de Goiás. Esses dados demonstram claramente o nível de concentração fundiária no Estado e na Região Centro Oeste.

O Distrito Federal possui um território pequeno e contou com um processo de planejamento prévio da ocupação e uso do território, em que foram desapropriadas as terras do estado do Goiás para a constituição da Capital Federal, para qual houve a “[...] desapropriação das áreas de 108 fazendas originárias dos municípios de Luziânia, Planaltina e Formosa, totalizando 580.000 hectares, que se constituíram no território distrital” (PARENTE, 2015, p. 29). Terras que passaram a ser do

---

gira em todo a área circular, a água é aspergida por cima da plantação. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Piv%C3%B4\\_central\\_de\\_irriga%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Piv%C3%B4_central_de_irriga%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 20 fev. 2018.

10 Companhia de Planejamento do Distrito Federal é uma empresa estatal do Distrito Federal brasileiro, foi criada em 1964, pela Lei nº 4545, de 10 de dezembro de 1964 com o nome de Companhia do Desenvolvimento do Plano Central - CODEPLAN. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/a-companhia/a-secretaria.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018.



domínio público. Em sua proposta inicial pretendia ser uma ocupação das áreas rurais para a conformação de Núcleos Rurais e Colônias agrícolas para a promoção de uma agricultura de abastecimento de alimentos para a região, por meio de arrendamentos destas terras e com limite das áreas arrendadas.

Contudo, essa proposta foi sendo modificada ao longo dos anos, e na década de 1970, se promove no Distrito Federal outra forma de ocupação das áreas rurais, com “[...] a criação do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD/DF)” (PARENTE, 2015, p. 33), e a partir deste momento se potencializa na região um novo modelo de produção agrícola, nos marcos dos Programas Federais do POLOCENTRO e do PRODECER. Além do acesso à terra nos PADs, o governo também garantia aos produtores rurais:

[...] infraestrutura, crédito e tecnologia as grandes unidades rurais, visando o desenvolvimento de uma agropecuária inserida no mercado que utilizasse insumos industrializados e tecnologia. A escolha do modelo produtivo induziu à seleção de arrendatários originários da Região Sul, em especial os dotados de tradição e experiência em sistemas cooperativistas e tecnologias modernas (PARENTE, 2015, p. 33).

O grande investimento e a atração de migrantes com perfil de empresários agrícolas, por meio destes programas de colonização e desenvolvimento do Centro-Oeste e em particular do DF, acarreta uma elevação nos valores das terras na região, iniciando-se um processo de especulação e, conseqüentemente, de concentração da terra no Distrito Federal, perdendo-se totalmente a proposta inicial para a zona rural, de uma ocupação equilibrada das terras e de um uso para fins de abastecimento.

Inicia-se uma agricultura de produção do agronegócio, basicamente de grãos para exportação, seguindo os rumos da agricultura nacional, hegemônica pelo modelo produtivo do agronegócio.

Podemos verificar a concentração da terra no Distrito Federal ao analisar os dados do Censo Agropecuário de 2006, nos revela que:

A agricultura familiar compreendida por 1.824 estabelecimentos ou 46,1% do total, detém apenas 10.867 ha ou 4,3% da área levantada. Já a agricultura não familiar com 2.131 estabelecimentos ou 53,9% do total, incorpora 240.433 ha ou 95,7% de toda a área (PARENTE, 2015, p. 39).



Estas informações evidenciam um dos maiores problemas sociais e econômicos na região, a concentração e especulação da terra, sobre intensa pressão e disputa dos setores do agronegócio e imobiliário, elementos que dão origem as grandes desigualdades sociais na região, em que as populações camponesas e das periferias urbanas são marginalizadas, levadas a formar os bolsões de pobreza e ocupações irregulares e precárias no entorno de Brasília em busca de uma área para morar ou produzir alimentos, visto que os elevados valores das terras e terrenos impedem estas famílias de aceder a casa ou a terra própria.

A condição fundiária do DF e Entorno foi agravada com a grande migração populacional de outras regiões do país com a implantação da Capital Federal, Brasília. Isto, dentro de uma política de ocupação e exploração do interior brasileiro. Houve uma intensa migração das zonas rurais e das pequenas cidades para as capitais:

[...] de acordo com o Censo Demográfico de 1996, quase 86% da população do Estado de Goiás residia nas cidades. De um total de 4,5 milhões de pessoas apenas 642 mil, ou seja, 14,2% da população do Estado, ainda residiam no campo em 1996 (SAUER, 1999, p. 13).

Esta região ficou marcada também por uma economia dependente do setor de prestação de serviços, “representando mais de 93% de seu PIB” (SILVA, 2017, p. 52). Condições que determinam a constituição de uma aliança de dominação econômica e política, entre o setor da oligarquia agrária da região e o setor imobiliário especulativo. Essa dominação se concretiza como expõe Baratto (2017, p. 57):

A partir da geografia (territorial e política) que inscreve Brasília como uma espécie de centro moderno de circulação de capital, através do poder político. A centralidade de seu território é fundamental para a qualificação de operações financeiras nacionais e internacionais, pois no auxílio do Estado o trunfo necessário para a garantia das transações. O pacto entre o agronegócio e a especulação imobiliária é uma característica predominante da região, pois os dois setores necessitam de territórios para se expandir, guardado seus devidos interesses.

Devido às características da região Centro-Oeste, em particular, dos estados do Goiás e Distrito Federal, considerada uma região de fronteira





a ser ocupada e controlada pelo Estado, promovendo-se uma política de migração para a região e ocupação da mesma, fatores que levou o aumento do valor e do interesse pelas terras, seja na área urbana como na área rural, pois devido às características de ocupação da região, houve uma “supervalorização de suas terras, enquanto bem de produção e reserva de valor” (PARENTE, 2015, p. 35). Assim, se constituem dois fortes setores das classes dominantes, os donos de grandes extensões de terra rural e os especuladores de terras e lotes urbanos para venda e construção de condomínios e áreas residenciais. Dois setores que tem grande poder de influência e determinação dos rumos políticos e econômicos da região



Fonte: arquivos do MMC DFE

Contudo, essa modernização da agricultura na região Centro-Oeste que expulsou grandes contingentes de camponeses/as e posseiros/as de suas terras não se deu sem resistência, sem conflitos surgindo assim, movimentos auto-organizados de camponeses/as, posseiros/as e sem terras, inicialmente vinculados à luta sindical, para buscar a permanência nas terras e no enfrentamento aos grileiros e coronéis presentes na região, movimentos estes que assumem a bandeira da luta pela Reforma Agrária, com o objetivo de promover a democratização do acesso à terra para trabalhadoras e trabalhadores do campo e também da cidade, através da organização dos moradores das periferias de Brasília.

Da luta pela terra foram realizadas ocupações de áreas improdutivas, griladas ou em dívida com a União, pelos camponeses/as organi-



zados na luta sindical e nos movimentos populares de luta pela terra, como o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, que se organiza na região desde o final dos anos 1980.

Identificado a elevada concentração de terra no DF e Entorno, as desigualdades sociais extremas e os conflitos pela terra, históricos, na região, se intensifica a luta por Reforma Agrária, pois como diz Dona Margarida, ex-funcionária do INCRA, uma das nossas entrevistadas, os movimentos sociais entendiam que era importante:

Trazer a luta pela Reforma Agrária para o Distrito Federal, da mesma forma como acontecia no restante do país, não fazia sentido na capital federal não ter luta pela terra e para a constituição de uma Superintendência Regional para o Distrito Federal e Entorno (Dona Margarida, 2018).

Assim, iniciaram-se as ocupações de terras públicas, irregularmente apropriadas, desocupadas ou griladas, e a partir dessa pressão dos movimentos populares, segundo a entrevistada: “foi criada ainda em 1991 como unidade avançada e transformada em superintendência em 1993 a SR28” (Dona Margarida, 2018), para atender os municípios que mais tarde constituiriam a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE)<sup>11</sup>, considerando que os municípios que a compõe estão mais próximos de Brasília do que as capitais de seus estados, Goiânia e Belo Horizonte, havendo uma rápida criação de assentamentos rurais no início dos anos 1990 naquela região.

Como podemos verificar na tabela 01, no município de Padre Bernardo/GO, que fica na microrregião do entorno de Brasília, a aproximadamente 115 km teve seu auge de luta pela terra com ocupações no período entre 1995 a 2008, quando foram criados os 09 projetos de assentamento do município (Ver na tabela a seguir).

---

11 É uma região integrada de desenvolvimento econômico, criada pela Lei Complementar nº 94, de 19 de fevereiro de 1998 e regulamentada pelo Decreto nº 2.710, de 4 de agosto de 1998. É constituída pelo Distrito Federal, e pelos municípios de Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa, no estado de Goiás, e pelos municípios de Buritit, Cabeceira Grande e Unai, no estado de Minas Gerais.



**Tabela 01:** Dados Assentamento município de Padre Bernardo/GO

Nome	Número de famílias	Área ocupada/He.	Data de criação
PA Colônia	24	598,466	15/09/1995
PA Colônia II	23	590	20/06/1997
PA Água Quente	57	2829,3041	17/12/1998
PA Boa Vista	127	4380,0339	17/12/1998
PA Vereda	66	1922,8959	21/12/1999
PA Vereda II	145	3929,4339	23/08/2000
PA Jacinto Durães	60	1623,82	04/10/2000
PA Santa Helena	48	1245,5093	25/11/2005
PA Antônio Juvêncio	75	2201,9671	26/12/2008

Dados: INCRA - Superintendência Regional Distrito Federal e Entorno - SR 28.

Fonte: Autoras.

## Mulheres na luta pela terra

Toda essa realidade apresentada até aqui, é vivenciada por homens e mulheres de forma diferenciada, sabemos que vivemos em um sistema capitalista, patriarcal e racista, e essas características implicam diretamente nas vivências cotidianas das pessoas. Isso também se reflete no processo de luta pela terra, portanto, a partir deste momento iremos analisar com base nos depoimentos das entrevistadas e de acordo com a bibliografia estudada, a condição de desigualdade que as mulheres enfrentam na luta pela Reforma Agrária, seu olhar e avaliação sobre todo o processo de luta pela terra.

A entrada na terra é uma das fases do processo de luta pela Reforma Agrária, de enfrentamentos cotidianos e de muita resistência das acampadas e dos acampados. As mulheres estão presentes desde o início nessa luta, na ocupação da fazenda, na montagem dos barracos, estão com seus filhos e filhas, criando ali as condições mínimas para sua sobrevivência enquanto segue a luta para que a terra seja destinada, a quem de fato precisa dela, via a Reforma Agrária, regularizada, parcelada e



por fim entregue às famílias o contrato de Concessão de uso (CCU)<sup>12</sup> da terra. São muitas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres acampadas como podemos ver no depoimento de Dona Dirce, assentada no P.A Antônio Juvêncio:

A dificuldade mais grande foi ficar 10 anos debaixo do barraco de lona, como foi ali no Antônio Juvêncio, mudando de um lado para o outro, até conseguir passar pra dentro da terra. Foi um sufoco, passando por muitas dificuldades [...] passando por vagabundos, pessoas que não tem o que fazer, sendo achincalhadas por todo mundo [...] ficar com os filhos pequenos de baixo da lona nos dias quentes, foram os momentos mais difíceis (Dona Dirce, 2017).

As mulheres acampadas lutam em pé de igualdade com os homens, elas estão em todos os trabalhos necessários para a manutenção do acampamento e em todos os postos de resistência e de enfrentamento, pois a terra é para elas um direito que, em um país onde a elite agrária tem grande poder econômico e político, sabem que somente com a luta poderão conquistar seu pedaço de chão, como afirma Dona Dina do P.A Veredas II:

As mulheres são ponto fundamental nesta luta, estando sempre prontas para requerer seus direitos por um pedaço de terra para viver e criar suas famílias. Não fugindo da dificuldade que é viver às vezes anos debaixo da lona ou enfrentando os fazendeiros (Dona Dina, 2017).

De igual maneira, Dona Dirce reafirma o papel relevante das mulheres na luta pela terra durante a fase de acampamento, e ao relatar sobre todas as adversidades e ameaças a perda da terra (que haviam ocupado), os enfrentamentos e resistências diárias para alcançar o tão sonhado pedaço de chão para viver, produzir seus alimentos e criar seus filhos:

Antes do INCRA comprar a terra, da gente passar pra dentro da terra, as mulheres defendiam aquelas terras igual os homens, [...] defendendo seu

---

12 O CCU Transfere o imóvel rural ao beneficiário da reforma agrária em caráter provisório e assegura aos assentados o acesso à terra, aos créditos disponibilizados pelo Incra e a outros programas do Governo Federal de apoio à agricultura familiar. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/titulacao>>. Acesso em: 22 fev. 2018.



pedaço de chão, brigando, passavam noites acampadas, vigiando as entradas da fazenda, das pessoas que queriam tomar as terras. Aquelas mulheres tiveram muita coragem de enfrentar tudo por um pedaço de terra (Dona Dina, 2017).

As mulheres camponesas possuem uma relação profunda com a terra, com o território, pois é com a terra que produzem alimentos para sua família, é dela que tiram os frutos de seu trabalho, é nela que vem crescer as plantas, os animais e seus filhos. É da terra que adquirem e produzem seus conhecimentos sobre as formas de produzir os alimentos, dos ciclos das plantas, dos usos das plantas e raízes para tratamentos medicinais, conhecem, multiplicam e conservam as sementes. Logo, adquirem conhecimento sobre a natureza. Existe uma identidade construída pelas mulheres na luta pela terra e na vivência em seu pedaço de chão que as camponesas não querem abrir mão para viverem nos centros urbanos. Assim, elas lutam pela terra e lutam para poder seguir vivendo na terra e da terra.

As mulheres demonstram uma capacidade de resistência perante as dificuldades da vida no acampamento e elas não abrem mão da terra tão facilmente diante das adversidades e dificuldades que são inerentes a todo o processo moroso e conflitivo na Reforma Agrária no Brasil. Assim, Dona Margarida ressalta que:

As mulheres são quem segura o acampamento. A mulher permanece no acampamento. Os homens depois de 01 ano de acampamento e das dificuldades econômicas, já querem sair do acampamento ir trabalhar fora, mas as mulheres não querem sair, deixam os homens ir embora sozinhos. As mulheres veem a terra como fonte de trabalho, de sustento, de educação para seus filhos. Elas não querem sair da terra, porque sabem que a única alternativa é voltar para a periferia, sem trabalho ou para trabalhar de domestica, e elas não querem isso. Então elas resistem na terra e lutam por melhores condições de vida e dignidade nos assentamentos (Dona Margarida, 2018).

É por essa razão que várias mulheres foram pioneiras na constituição dos primeiros acampamentos de luta por Reforma Agrária no DF e Entorno. Foram mulheres da Federação Nacional dos Trabalhadores



e Trabalhadoras na Agricultura Familiar - FETRAF<sup>13</sup>, da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura- CONTAG e do MST que estiveram à frente das ocupações e dos acampamentos. E na atualidade, as mulheres são a maioria das lideranças dos assentamentos e acampamentos dessa região. Elas compreendem que a terra pela qual tanto lutaram e resistiram é o local que lhes garantirá as condições para produzir alimentos saudáveis e diversificados para suas famílias, fonte de trabalho e garantia de um local próprio para viver e criar seus filhos de forma segura e tranquila, diferentemente das poucas perspectivas que elas tinham morando nas periferias de Brasília sem trabalho, sem acesso à saúde, sem moradia própria.

Desse modo, elas se organizam com as demais assentadas/os em associações, grupos e movimentos para reivindicar seus direitos, direito à educação para os/as filhos/as, à saúde, transporte de qualidade e a políticas de incentivo à produção. E no trabalho organizativo nas associações e movimentos, que as mulheres constroem seu espaço de participação política e de participação na tomada de decisão sobre os rumos do lugar onde moram e constroem suas vidas.

Assim que conquistam a terra, as mulheres e suas famílias assentadas, passam para a segunda fase da luta pela implementação de uma reforma agrária integral, passam a lutar pelo acesso às políticas de infraestrutura e de produção, afinal, entrar na terra é só o primeiro passo, pois desenvolver uma produção de alimentos saudáveis e vida digna é necessário mais esforço coletivo e apoio do Estado. Desta forma, são necessárias políticas e programas de instalação e incentivo à produção e comercialização.

Esta fase não é menos morosa e desgastante para as famílias assentadas, pois as políticas de infraestrutura podem demorar décadas para ser implantadas nos assentamentos. São muitos os desafios enfrentados pelos assentados/as da reforma agrária no DF e Entorno como relata Dona Dirce ao falar do dia a dia do PA Antônio Juvêncio, que completará 10 anos desde sua criação:

---

13 Desde 2016 se constituiu em Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar – CONTRAF BRASIL. Disponível em: <<http://contrafbrasil.org.br/conteudo/quem-somos/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.



Nós conseguimos a terra, mas não temos as condições pra poder sobreviver na terra, a luta é diária, [...] tem que trabalhar, tem que plantar, colher, cuidar dos animais, conseguir fazer as feiras para vender o que consegue produzir [...] as mulheres sempre estão na roça trabalhando e também cuidando da casa [...] muitas vezes alguém da família precisa sair trabalhar fora para ajudar [...] a gente ainda não tem energia elétrica, não tem água, não tem acesso a credito [...] estamos puxando água do ribeirão (Dona Dirce, 2017).

Esta é a realidade vivenciada pelas mulheres assentadas, uma situação de abandono e precariedade, compreendendo que estes assentamentos estão a apenas 90 km da Praça dos Três Poderes em Brasília, centro do poder público no Brasil. Se encontram sem energia elétrica e sem água encanada, as mulheres não podem acessar crédito, pois não disponibilizam de infraestrutura mínima, um dos critérios para acessar o crédito rural, não podem organizar sua produção de uma forma planejada e processar seus alimentos, para agregar valor em seu trabalho e produção, pois não tem aonde conservar alimentos, como doces, poupas, farinhas e outros derivados dos frutos do cerrado, trabalhos que elas realizam através do extrativismo e processamento destes produtos.

Além do mais, a produção de processados demanda grande disponibilidade de água potável, um limitante extremo para as mulheres nas suas unidades produtivas, pois devido ao período de seca, somente com irrigação se pode manter uma produção de horta e quintais produtivos permanentemente ao longo do ano. A não liberação dos órgãos ambientais do INCRA não permite a abertura de poços e não chega nesses assentamentos políticas de captação e reserva de água das chuvas, que seria fundamental para a produção e para uma vida mais digna das famílias dos assentamentos. Destacando que o Distrito Federal e Entorno sofrem, nos últimos 02 anos uma grave crise hídrica, com racionamento e escassez de água até mesmo na cidade, no entanto, esse problema que se revela apenas agora tem causas históricas, pois como afirmamos anteriormente, o modelo dominante de produção desenvolvido na região é um:

[...] modelo altamente incorporador de insumos industriais, equipamentos e agrotóxicos, a grande exploração utiliza-se em grande quantidade de um recurso estratégico, a água. Considerando-se que o DF foi implantado no



nascido das grandes bacias hidrográficas, a utilização das águas deveria se dar com base em critérios rígidos (PARENTE, 2015, p. 34).

A política de constituição de assentamentos rurais na região, também tem como objetivo buscar um desenvolvimento sustentável, uma produção de alimentos para abastecimento da grande população urbana que migrou e precisa ainda fazer a preservação do bioma cerrado e das fontes hídricas que se encontram na região e são importantes para todo o país. Porém, os próprios assentamentos sofrem com a falta de água, pois não há política de incentivo à recuperação e preservação das áreas verdes e de fontes de água nos assentamentos, ainda não é possível, nem mesmo garantir vida digna às famílias, imagine desenvolver realmente a região a partir de princípios agroecológicos.

Se o acesso à terra é restrito para os camponeses, quilombolas e indígenas enquanto povos do campo, conforme discutido no início do artigo, pela estrutura agrária e fundiária do país, esta realidade é ainda mais complexa para as mulheres desses povos, observamos uma maior discrepância do acesso à terra pelas mulheres ao ver os dados com um recorte de gênero no Brasil, como podemos identificar “no censo da reforma agrária de 1996, as mulheres titulares da terra eram apenas 12% do total dos beneficiários da reforma agrária” (BUTTO; HORA, 2010, p. 26) e segundo pesquisa da FAO/UNICAMP de 2002, citada por Butto e Hora (2010, p. 26): “87% dos títulos da terra emitidos pelo INCRA destinavam-se aos homens [...]”. A partir de uma maior incidência dos movimentos de mulheres do campo organizados em uma perspectiva feminista começaram a implantarem-se ações afirmativas para as mulheres na política de Reforma Agrária, assim:

Em 2003 com a Portaria nº 981 do INCRA, passou a ser obrigatória a titulação conjunta da terra para lotes da reforma agrária em caso de casamento ou união estável [...] No caso de separação e em que a terra está em processo de titulação a área fica com a mulher, desde que ela tenha a guarda dos filhos em respeito ao código civil (BUTTO; HORA, 2010, p. 28).

Somado a esta portaria, o INCRA instituiu a Instrução Normativa nº 38, a qual prevê a obrigatoriedade da declaração da condição civil para os postulados a título de concessão de uso na Reforma Agrária e a





preferência às famílias chefiadas por mulheres nos critérios de seleção de beneficiários, a partir destas ações, o número de mulheres titulares de terra na Reforma Agrária subiu e alcançou em 2007 um percentual de 55,8% (BUTTO; HORA, 2010). Entretanto, muitas mulheres não aparecem no título de posse da terra de assentamentos mais antigos, como relata Dona Dina:

[...] tem vários lotes cujo homem fica como titular e a mulher fica como se não tivesse nenhum direito, algumas mulheres não são regularizadas na RB, registro de beneficiária do INCRA, então o homem fica oprimindo a mulher como se não tivesse direito nenhum, apesar de trabalhar diuturnamente no lote (Dona Dina, 2018).

Isso acontece pelas relações patriarcais no interior das famílias e a reprodução destas relações nos órgãos de governo, que mesmo hoje, com essas novas orientações técnicas para execução da Reforma Agrária, não ver a mulher como protagonista da luta pela terra e sujeito de tomada de decisão sobre tanto sobre a terra quanto sobre a produção, isso pode ser considerado uma forma de violência institucional que as mulheres assentadas e camponesas enfrentam na busca do acesso aos seus direitos.

Na nossa pesquisa ouvimos muitos relatos que demonstram essa realidade. Nos assentamentos do DFE são enfrentadas situações frequentes de casos de violência doméstica em que as mulheres são obrigadas a sair de suas terras para não continuar sofrendo agressões, resguardar suas vidas e de suas filhas e filhos. Um dos casos que conhecemos, foi da Dona Dina:

Eu sofri aqui a violência, foram 14 anos, sendo ameaçada, chamada de burra, que não tinha direitos, que não sabia nada, que não tinha direito a nada, todos os dias, dia e noite e meus filhos presenciando isso [...] então veio à separação [...] o juiz em Padre Bernardo deu direito a ele, disse que tinha que vender e dividir o valor com ele, e o advogado também convenceu o juiz que eu deveria vender, e dividir o dinheiro, eu expliquei que era terra da União que eu não podia vender, assim ele ficou no lote e eu tive que sair, por quase 3 anos, fiquei lutando com o INCRA para voltar para terra, e ele abandonou o lote [...]. Quando foi solucionado o caso, os fiscais vieram, fiscalizaram, a terra, não o encontram aqui, foram nos vizinhos pegaram testemunhos, todos os vizinhos falando que ele não morava aqui, ele não



trabalhava aqui, mesmo assim eles não me deram o direito, teve representante do INCRA que quis me tirar o direito à terra, que não quis assinar o termo de posse pra mim (Dona Dina, 2018).

Como podemos constatar na fala da entrevistada, as mulheres buscam os órgãos responsáveis e a justiça que não conhecem os procedimentos internos do INCRA, que dão o direito de prioridade de permanência na terra às mulheres e em caso de separação e violência, terra de Reforma Agrária não pode ser dividida, a justiça muitas vezes determina a divisão do lote ou não orienta a mulher para buscar uma medida protetiva. A mulher como não sabe o que fazer, neste caso, para proteger sua vida e a de seus filhos, fugindo dessa situação de violência, se ver obrigada a sair do lote com seus filhos para a casa de um familiar e o homem fica com a terra e, na maioria das vezes, vende.

Quando a mulher consegue e sabe do direito que tem a uma medida protetiva para ela e para os filhos (as) ela busca o INCRA, que toma a medida em afastar o homem da vítima, retirando o agressor do lote da Reforma Agrária. Determinação que está prevista no decreto 8738/2016, artigo 27, parágrafo 4º, que dispõe sobre o processo de seleção das famílias beneficiárias do Programa Nacional de Reforma Agrária, dá outras providências, prevendo que:

Dissolvida a sociedade conjugal, se não for possível o fracionamento do lote, a mulher terá preferência para permanecer no imóvel e assumir os direitos e as obrigações decorrentes do CCU, exceto na hipótese de o homem ficar com a guarda dos filhos menores (BRASIL, 2016)<sup>14</sup>.

As instituições judiciárias e seus profissionais são carregados de práticas patriarcais e machistas, não consideram e não informam as mulheres de seus direitos, pelo contrário, as pressionam sair da terra para beneficiar aos homens na permanência da parcela do assentamento. Somente a organização em movimentos de mulheres possibilitou o acesso ao conhecimento de seus direitos, essas mulheres e toda a pressão sobre os órgãos responsáveis para o cumprimento das normas que garantem esses direitos às mulheres assentadas.

---

14 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/D8738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8738.htm)>. Acesso em: 22 fev. 2018.



Voltando as questões ligadas à produção, o acesso ao crédito permanece um desafio, como demonstra a pesquisa sobre mulheres e reforma agrária:

Apesar de mudanças nas instruções do Pronaf, estabelecendo um mínimo de 30% dos recursos a serem destinados preferencialmente às mulheres (Portaria 121, de 22 de maio de 2001), o acesso das mulheres ao crédito não se alterou. Na safra 2001/2002, as mulheres representavam 10,4% dos contratos realizados e 11,2% do montante financiado. No caso das assentadas, o acesso delas ao Pronaf A significava uma proporção maior, 14% do total de beneficiários/as, mas apenas 2,7% do total de contratos celebrados na modalidade A/C tinham mulheres como titulares (BUTTO; HORA, 2010, p. 25).

Ao longo dos anos esses dados não tem se alterado muito, isso acontece porque as políticas públicas não são pensadas para atender as demandas das mulheres assentadas, são construídas a partir do parâmetro da unidade familiar, destinadas a dialogar com o chefe da família, desconsiderando as desigualdades e hierarquias no âmbito do núcleo familiar, e sabemos que no meio rural, como na sociedade em geral, predominam as relações patriarcais e machistas, em que o homem é o chefe da família, que define os rumos da produção e, sobretudo dos recursos financeiros. O trabalho, a opinião das mulheres, dos jovens fica invisibilizado, desvalorizado e ignorado.

Neste sentido, políticas foram propostas e conquistadas pela organização das mulheres camponesas e assentadas para valorizar e visibilizar o trabalho, a produção e a luta das mulheres pela terra, como a obrigatoriedade de no mínimo 30% de mulheres nos contratos de venda a programas institucionais como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o subsídio e fomento à produção para mulheres assentadas da Reforma Agrária, o Fomento Mulher, e o mínimo de 30% de atendimentos de assistência técnica com grupos de mulheres, dentre outras conquistas dos movimentos organizados de mulheres por políticas públicas e 50% nas chamadas de agroecologia.

Falta ao INCRA uma estrutura com orçamento, capacidade técnica e poder institucional voltado para pensar políticas para as mulheres como ocorria na Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais do extinto MDA.



## Construção do Movimento de Mulheres Camponesas no DFE



Seminário de agroecologia do MMC DFE. Dez. de 2015.

Fonte: arquivos do MMC

A partir dos desafios enfrentados pelas camponesas, como já mencionado acima, as mulheres assentadas no DFE buscaram se organizar por meio de uma organização voltada para construir nova realidade junto com as mulheres, elas estão organizadas faz aproximadamente 05 anos no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres do campo, na luta pela terra, pelo reconhecimento do trabalho das camponesas, pela agroecologia e produção de alimentos saudáveis, de enfrentamento a violência contra as mulheres e de enfrentamento ao capital agrário. Logo, as assentadas consideram que:

O MMC tem um papel importante na luta pelos direitos e na defesa das mulheres do campo porque faz um trabalho de orientação, formação e apoio em vários sentidos para as mulheres camponesas (Dona Dina, 2017). O MMC tem um papel fundamental nessa luta das mulheres, são muitos aprendizados, coisas que nem imaginávamos que existiam ou que eram daquela maneira, pensávamos de uma maneira, hoje temos uma forma diferente de pensar com o MMC. Teve um papel de visibilizar as mulheres dos assentamentos, visibilizar os assentamentos, de dar formação com os cursos, de buscar melhorias para as mulheres, mas também para todos os assentamentos (Dona Dirce, 2017).



O MMC no DFE, a partir das visitas aos assentamentos e reuniões com os grupos de mulheres identificou uma deficiência na formação e informação sobre os direitos das mulheres na Reforma Agrária, na organização para a produção, na organização coletiva do assentamento, muitas divisões entre os assentados/as, e para tratar da superação das dificuldades, o MMC iniciou um processo formativo por meio de encontros, oficinas, reuniões e intercâmbios de experiências, a partir dos temas que o movimento discute, elabora e constrói em sua prática histórica, como a agroecológica para a produção de alimentos saudáveis, diversificados, os frutos e as características do bioma cerrado e de suas plantas e condições para produção, o uso das plantas e ervas medicinais para o tratamento da saúde humana e animal, também sobre os direitos das mulheres, sobre o enfrentamento a violência contra as mulheres no campo e os direitos dos camponeses e assentados da Reforma Agrária. Foi a partir destas formações sobre os direitos das mulheres que Dona Dina conseguiu voltar para seu lote, como ela mesma explica:

[...] desde o início que conhecemos o MMC, das formações, das capacitações falando sobre os direitos, o direito a terra, a saúde, direito de transporte, da mulher, direito a escola, a estudo na roça, aqui no campo, isso fortaleceu muito a busca pelo meu direito a voltar para a terra, e o movimento me acompanhou para o desfecho do meu problema [...]. Quando eu conheci o movimento consegui forças para voltar a estudar, pra encerrar a luta na terra, passei a entender os direitos, realmente a lei de proteção à mulher e isso me garantiu muito (Dona Dina, 2018).

Também foram realizados intercâmbios com experiências de produção de sementes crioulas de milho e feijão no estado do Goiás, as sementes foram doadas e distribuídas para a produção nos assentamentos, para consumo e multiplicação das sementes e para conservação das espécies crioulas, saindo da dependência das sementes híbridas e transgênicas das empresas agropecuárias, construindo autonomia para as famílias na produção agroecológica de sementes.

A produção de alimentos saudáveis e agroecológicos, as pomadas e produtos de higiene pessoal de base medicinal e os artesanatos produzidos pelas mulheres camponesas dos assentamentos do DFE, foram divulgadas e comercializadas em feiras da economia solidária, feiras da



Reforma Agrária e em eventos, seminários e congressos em que as mulheres participaram e levaram sua produção, diversificada e abundante.

Além do que já foi dito, destaca-se ainda a participação e organização de processos de luta pelos direitos das mulheres assentadas e camponesas em defesa da Reforma Agrária, da previdência social, em defesa da democracia, da agroecologia e denunciando os prejuízos do agronegócio para a saúde das pessoas, para a vida no campo e para a existência da própria Reforma Agrária. Vale destacar ainda as lutas das mulheres do DFE, nos marcos de jornadas de luta como o 08 de março; Dia Internacional da Mulher, e o 16 de outubro; Dia de luta pela produção de alimentos saudáveis e pela Soberania Alimentar. Uma pauta defendida pelo conjunto dos movimentos da Via Campesina que é uma articulação de movimentos de camponeses/as de abrangência internacional, da qual MMC é membro:

[...] o conceito de Soberania Alimentar foi postulado inicialmente em contraposição ao conceito de segurança alimentar e pode ser enunciado como “[...] o direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e o direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo (BERTONCELLO *et al.*, 2011, p. 09).

As mulheres camponesas do DFE sempre estiveram mobilizadas em ações de enfrentamento ao capital e de abertura de diálogo com a sociedade dos municípios onde moram, demonstrando a importância dos assentamentos e do trabalho das mulheres nos assentamentos para a economia e vida daqueles municípios.

Há grandes desafios para as mulheres assentadas do DFE no tocante ao acesso à infraestrutura mínima para viver com dignidade nos assentamentos, saúde pública, educação pública do campo e no campo, transporte de qualidade e periodicamente, a energia elétrica, água potável com perfuração de poços e políticas de crédito adequado para a produção.

Parece-nos que estes assentamentos ainda tão fragilizados e esquecidos pelo poder público no que se trata da garantia da infraestrutura básica, as mulheres têm visto a solução destes problemas como cada vez mais distante, pois com os rumos que tem se proposto para a política nacional de Reforma Agrária, que tem apresentado como centralidade a





Reunião das mulheres dos assentamentos do DFE com presidente da SR 28.

Fonte: arquivos do MMC - DFE

titularização das terras vai significar uma contra Reforma Agrária, deixando estes assentamentos ainda mais abandonados, e sem as condições mínimas de vida as assentadas/os apenas com o título da terra e pressionados pelos fazendeiros que os rodeiam, o que levará muitos a venderem as terras, terras que retornarão ao mercado de terras e a reconcentração das mesmas no DFE.

Nesta perspectiva, a luta das mulheres assentadas é pela permanência e fortalecimento da política nacional de Reforma Agrária, dentro de uma perspectiva de Reforma Agrária integral e popular, ou seja, que dê condições de desenvolvimento econômico e social dos assentamentos e garanta o direito em permanecer na terra destas mulheres e homens que por elas tanto lutaram.

## Referências

ALVES, Eliseu; SOUZA, Geraldo da Silva; MARRA, Renner. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 20101. *Revista de Política Agrícola*. Ano XX, n. 2, Abr./Maio/Jun. 2011.

BARATTO, Marco Antonio Ribeiro Da Silva. *Questão Agrária e Luta pela Terra: a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno*. Mar. 2017, 266 p. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.



- BERTONCELLO, Andressa *et al.* *Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Defesa da Soberania Alimentar*. SC: Unochapecó, 2011.
- BUTTO, Andrea; HORA, Karla Emmanuela R. (Org.). *Mulheres e Reforma Agrária: a experiência recente no Brasil*. Brasília: MDA, 2008.
- CARVALHO, Horácio Martins. A contra reforma agrária e o aumento das desigualdades sociais no campo. In: *Questão Agrária e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: ABRA, 2014.
- CODEPLAN, CAMPANHA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. *Agricultura familiar no Distrito Federal: dimensões e desafios*. Brasília/DF, 2015.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *Agronegócio e Reforma Agrária, Universidade Estadual Paulista*. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/AgronegocioReformaAgrariaA\\_Bernardo.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/AgronegocioReformaAgrariaA_Bernardo.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2018.
- OXFAM BRASIL, *Terrenos da desigualdade: Terra, agricultura e desigualdades no Brasil rural*. 2016. Disponível em: <[https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio-terrenos\\_desigualdade-brasil.pdf](https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio-terrenos_desigualdade-brasil.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2018.
- SAUER, Sérgio. *Reforma agrária e o sindicalismo rural: a luta pela terra no “entorno” de Brasília*. Brasília/DF, 1999. Disponível em: <<http://www.contag.org.br/imagens/f783cartilhaprojetocutcontagalutapelaterranoentornodebrasil.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2018.
- SIMINSKI, Alexandre; FANTINI, Alfredo Celso. Roça-de-toco: uso de recursos florestais e dinâmica da paisagem rural no litoral de Santa Catarina. *Revista Ciência Rural*, v. 37, n. 3, 2007, p. 690-696.
- SILVA, Diógenes Luiz da. *Do latifúndio ao agronegócio: os adversários do MST no Jornal Sem Terra*. Ago. 2013. 171 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.





As correntes que fazem árvores caírem estão presas a uma engrenagem. As bombas que sugam incansavelmente as águas dos rios também estão presas à mesma engrenagem.

Os venenos que poluem as terras poluem para a mesma engrenagem. As balas que ceifam vidas partem desta engrenagem. E que engrenagem é essa que derruba árvores, que suga os rios, que polui as terras e que ceifa vidas? Que engrenagem é essa que mutila sonhos, que nos rasga o ventre e que nos impede de viver? Que engrenagem é essa que tritura povos e encharca a terra com o nosso sangue? Que engrenagem é essa que faz a Terra chorar em pranto?

É o modelo que concentra terras, que concentra águas e destrói vidas! É o modelo do monocultivo, da pecuária e das madeiras! É o modelo dos agrotóxicos, da indiferença e da motosserra! É o modelo do latifúndio, do agronegócio e das transnacionais! É o modelo das carvoarias, do trabalho escravo, dos canaviais! É o modelo dos grandes projetos para o capital!

*Plácido Júnior,  
integrante da CPT – Regional NE II*





## AUTORAS

### **Adriana Dantas**

Agrônoma pela Universidade Federal do Cariri (UFCa).

E-mail: [adriana\\_dantas@hotmail.com](mailto:adriana_dantas@hotmail.com)

### **Adriana Maria Mezdri**

Camponesa, estudante de Educação do Campo da UFFS,

Campus Erechim/RS.

E-mail: [adri.mezdri@gmail.com](mailto:adri.mezdri@gmail.com)

### **Antônia Tomé Freitas**

Licenciada no Curso de Educação do Campo habilitada na área de

Ciências Humanas e Sociais, Instituto Federal do Pará (IFPA).

E-mail: [antoniatomé@yahoo.com.br](mailto:antoniatomé@yahoo.com.br)

### **Antônia Maria dos Santos Costa**

Curso de Formação de Professores para o Ensino Primário (1968-

1971). Instituto de Educação Estadual “Fernando Costa”, Presidente



Prudente, SP. Licenciatura e Bacharelado em Geografia- CREA nº 1306679958 (1994-1997) Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - CEUD – Dourados – MS. Curso de Pós-Graduação Latu Sensu em Educação do Campo/SECAD/UAB/ CAPES(2011-2012) Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-SECADI/MEC.  
E-mail: antoniamscosta@yahoo.com.br

**Carmen Lorenzoni**

Educadora popular. Pós-Graduada em Estudos Latinos pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.  
E-mail: carmen.lorenzoni@gmail.com

**Catiane Cinelli**

Docente do Curso de Licenciatura no Campo da Universidade Federal de Rondônia.  
E-mail: katimmc@gmail.com

**Crísea Cristina Nascimento de Cristo**

Técnica em Agroecologia e graduanda de Agronomia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: criseacristina@hotmail.com

**Déborah Murielle de Sousa**

Tecnóloga em Agroecologia e Pedagoga.  
E-mail: murystar@hotmail.com

**Edcleide da Rocha Silva**

Mestranda em Filosofia da Educação PPGE/CEDU-UFAL.  
Licenciatura em Filosofia UFAL.  
E-mail: edcleideprof@gmail.com

**Elisiane de Fátima Jahn**

Educadora Popular. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
E-mail:j.elismmc@gmail.com



**Geovana Castelo Branco**

Graduada em História.

E-mail: geovanabujari@gmail.com

**Glaciene Varreiro Pereira**

Engenheira em Agroecologia/Agronomia (2008-2012) - Instituto Latino-americano de Agroecologia Paulo Freire – Venezuela.

Pós-Graduação em Residência Agrária: Agroecologia, Produção e Extensão Rural (2015).

E-mail: glacivp@gmail.com

**Geneci Ribeiro dos Santos**

Educadora Popular. Camponesa. Feminista. Agroecologista.

Graduada em Tecnologia em Agroecologia pelo Instituto Federal do Paraná. Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável com base na Agroecologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: genecialaa@hotmail.com

**Guiomar Souza Santana**

Professora licenciada em História. Pós graduada em Gestão Pública.

E-mail: guiomar.santana@hotmail.com

**Iridiani Graciele Seibert**

Agrônoma. Mestranda nos Departamento de Estudos

Latino-Americanos da Universidade de Brasília (UNB).

E-mail: iridianigs@yahoo.com.br

**Itamara Almeida**

Formada em Letras – Língua Portuguesa (UERN), mestranda em Literatura e Interculturalidade PPGLI/UEPB.

E-mail: itamaralogos@hotmail.com

**Márcia Cordeiro**

Gestora Ambiental. Estudante MBA em Gestão de Projetos.



**Maria José Cavalcante**

Técnica Agrícola pela Escola de Ciências Agrárias em SATBA/AL.

E-mail: mariaeco06@yahoo.com.br

**Maria Rosângela Saraiva**

Graduada em Biologia.

E-mail: rosangela.bujari@gmail.com

**Mariza Madalena Dahmer**

Graduação em Normal Superior pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS (2005-2008). Especialização em Residência Agrária: Agroecologia, Produção e Extensão Rural pela Universidade Federal da Grande Dourados -UFGD (2013 - 2015).

E-mail: ma\_dahmer@yahoo.com.br

**Justina Inês Cima**

Camponesa, pedagoga, agroecologista, feminista.

E-mail: justinacima@gmail.com

**Michela Calaça**

Agrônoma, mestre em Serviço Social (UFPE), doutoranda em Ciências Sociais da UFCG.

E-mail: michela.calaca@gmail.com

**Odete Maria Ferronato**

Pedagogia, especialista em Administração Escolar (1982-1985), pela Universidade do Oeste Catarinense, SC. Ciências Jurídicas – Direito (1992-1996), pela UNIGRAN, Dourados, MS.

E-mail: draodete57@gmail.com

**Olga Manosso**

Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul –RS. Pós-graduação em Educação pela UFMS polo de Dourados (1976-1980).

E-mail: olga.manosso@yahoo.com



**Rosângela Piovizani Cordeiro**

Camponesa. Estudante de Direito da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: rosangelapiovizani@hotmail.com

**Sandra Marli da Rocha Rodrigues**

Camponesa, Graduada em Pedagogia para Educadores do Campo. Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Sociedade, Cultura e Fronteiras, UNOOESTE, Campus Foz do Iguaçu.

E-mail: darocharodrigues@gmail.com

**Sederli Tudo Bombarda Sobrinho**

Graduada em Ciências Biológicas pela Faculdade de Magsul, Pós-graduação em Ciências Ambientais pela Faculdade de Magsul.

E-mail: sederli@hotmail.com

**Thaise de Freitas Damasceno**

Licenciada no Curso de Educação do Campo habilitada na área de Ciências Humanas e Sociais Instituto Federal do Pará (IFPA).

E-mail: thaisetuc21@hotmail.com

**Teresa Almeida Cruz**

Doutora em História.

E-mail: teresa.almeida.cruz@gmail.com

**Valdete Boni**

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de Santa Catarina. Mestre e Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina Professora Adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó/SC.

E-mail: valdete.boni@uffs.edu.br

**Vanderléia Laodete Pulga**

Doutora e Mestre em Educação com ênfase na Saúde. Docente de Saúde Coletiva do Curso de Medicina, Coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade, Coordenadora do Projeto, Filósofa, UFFS, Campus Passo Fundo/RS.

E-mail: vanderleia.pulga@uffs.edu.br



**Viviane Mallmann**

Licenciada em química pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2009-2013), Mestre em Recursos Naturais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2014-2015) e Doutoranda em Recursos Naturais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2016-2018). E-mail: mallmann.mn@gmail.com

**Yasmin Alcantara Galvão Pereira**

Graduanda em Filosofia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: mynacacio@hotmail.com



## TODAS AS VIDAS

Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau-olhado,  
acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo.

Benze quebranto. Bota feitiço...

Ogum. Orixá. Macumba, terreiro. Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho, seu cheiro  
gostoso d'água e sabão. Rodilha de pano. Trouxa de roupa,  
pedra de anil. Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim a mulher cozinheira. Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito. Panela de barro. Taipa de lenha. Cozinha  
antiga toda pretinha. Bem cacheada de picumã. Pedra  
pontuda. Cumbuco de coco. Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim a mulher do povo. Bem proletária. Bem  
linguaruda, desabusada, sem preconceitos, de casca-grossa,  
de chinelinha, e filharada.

Vive dentro de mim a mulher roceira. Enxerto da terra,  
meio casmurra. Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta.

De pé no chão. Bem parideira. Bem criadeira. Seus doze  
filhos. Seus vinte netos.

Vive dentro de mim a mulher da vida. Minha irmãzinha...  
tão desprezada, tão murmurada...

Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim.

Na minha vida a vida mera das obscuras.

*Cora Coralina*







*Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida e não  
desistir da luta, recomeçar na derrota  
renunciar a palavras e pensamentos  
negativos. Acreditar nos valores  
humanos e ser otimista*

**[Cora Coralina]**